



HAL
open science

Revista Brasileira de Psicanálise

Beatriz Carneiro dos Santos

► **To cite this version:**

| Beatriz Carneiro dos Santos (Dir.). Revista Brasileira de Psicanálise. 2020. hal-02529979

HAL Id: hal-02529979

<https://u-paris.hal.science/hal-02529979>

Submitted on 8 Apr 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Revista Brasileira de Psicanálise

Órgão Oficial da Federação Brasileira de Psicanálise
Volume 52, n. 3 · 2018

Política I

*Revista Brasileira de
Psicanálise*

Indexação

- Psycinfo
- Base de dados LILACS – Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde
- BiViPsi Biblioteca Virtual de Psicoanálisis
- Portal Capes

RBP na internet

- www.rbp.org.br
- www.bvs-psi.org.br
- www.bivipsi.org
- www.internationalpsychoanalysis.net

O conteúdo dos artigos publicados na RBP é de inteira responsabilidade dos autores.

Revista Brasileira de Psicanálise

Órgão Oficial da Federação Brasileira de Psicanálise

Volume 52, n. 3 · 2018

Publicada desde 1967

Trimestral

ISSN n. 0486-641x

1. Psicanálise – periódicos

Editora

Marina Massi

Editor associado

Oswaldo Ferreira Leite Netto

Equipe editorial

Abigail Betbedé, Berta Hoffmann Azevedo, Cláudia Amaral Mello Suannes, Denise Salomão Goldfajn, Gustavo Gil Alarcão, Leda Maria Codeço Barone, Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral, Patrícia Vianna Getlinger, Sonia Soicher Terepins, Suzana Kiefer Kruchin, Tiago da Silva Porto.

Editores regionais

Beatriz Troncon Busatto (SBPRP), Bruno Salésio da Silva Francisco (SPPel), Pedro de Andrade Calil Jabur (SPBSB), Cynthia Peiter (SBPSP), Helena Surreaux (SBPDEPA), Leila Tannous Guimarães (SPMS), Lucia Thaler (SPPA), Mabel Cristina Tavares Cavalcanti (SPRPE), Maria Inês Pinto MacCulloch (SPRJ), Martha Prada e Silva (GEPCampinas), Miguel Calmon du Pin e Almeida (SBPRJ), Roberto Musacchio (APERJ Rio 4), Sérgio Kehdy (SBPMG), Sergio Marcos Teixeira Trunci (GPC) e Sônia Maria Carneiro de Mesquita Lobo (SPFOR).

Coeditoria regional

Alírio Torres Dantas Junior, Celso Halperin, Eva Geiger, Lenita Nogueira Osório Araújo, Luiz Fernando Gallego e Regina Lúcia Braga Mota.

Conselho Consultivo

Anne Alvarez (Inglaterra): Clínica Tavistok

Antonino Ferro (Itália): Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI)

Bernardo Tanis (Brasil): Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Claudio Laks Eizirik (Brasil): Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Elias Mallet da Rocha Barros (Brasil): Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

João Baptista Novaes Ferreira França (Brasil): Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Juan Eduardo Tesone (França): Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e Associação Psicanalítica Argentina (APA)

Leopold Nosek (Brasil): Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Marcelo Marques (França): Associação Psicanalítica da França (APF)

Marilia Aisenstein (França): Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e Instituto de Psicossomática (IPSO)

Olgária Chain Féres Matos (Brasil): Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP)

Plínio Montagna (Brasil): Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Renato Mezan (Brasil): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Instituto Sedes Sapientiae

René Roussillon (França): Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e Universidade Lyon 2

Roberto Schwarz (Brasil): Universidade Yale (EUA) e Universidade de Campinas (Unicamp)

Rosine Jozef Perelberg (Inglaterra): Sociedade Britânica de Psicanálise (SBP)

Sérgio Paulo Rouanet (Brasil): Academia Brasileira de Letras (ABL)

Stefano Bolognini (Itália): Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI)

Assistente editorial: Nubia Brito Bueno

Revisão de texto: Ricardo Duarte Marques

Revisores das línguas estrangeiras: Cristina Young, Darlene Lorenzon, Imyra Bardelotti e Marilei Jorge

Arte e produção gráfica: Mireille Bellelis | Bellelis Comunicação

Impressão: Lis Gráfica e Editora

Copyright © Revista Brasileira de Psicanálise

Publicação trimestral • Published quarterly

Revista Brasileira de Psicanálise

Rua Sergipe, 475 cj. 807 | Consolação

01243-001 São Paulo, SP | Brasil

Tel./Fax 55 11 3661-9473

rbp@rbp.org.br

www.rbp.org.br



Facebook: Revista Brasileira de Psicanálise

Sumário

Editorial

Marina Massi | 13

Diálogo

Laurie Laufer: uma psicanalista inspirada por
Michel Foucault e pelo feminismo | 17
Luiz Eduardo Prado de Oliveira e Beatriz Santos

Política

O sofrimento de origem social | 33
Luís Carlos Menezes

A mente totalitária | 47
Luiz Meyer

Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da
errância? | 61
Caterina Koltai

Psicanálise e política, ou Ubuntu: sou porque somos | 73
Liana Albernaz de Melo Bastos

A clínica psicanalítica: uma prática política | 91
Maria Elizabeth Mori

Interface

Acerca da multidimensionalidade da categoria sofrimento | 109
João Carlos Graça e Rita Gomes Correia

Outras palavras

O espaço entre Gênese intersubjetiva do eu e corporeidade em Anzieu e Merleau-Ponty | 133

Fernanda Brockmann Vanassi e Carlos Augusto Peixoto Júnior

Validação da escuta em supervisão psicanalítica | 149

Luiz Carlos Mabilde

Fazendo supervisão: um espaço compartilhado para pensar a clínica com pacientes de difícil acesso | 167

Denise Salomão Goldfajn e Bartholomeu de Aguiar Vieira

Indicação de tratamento em psicoterapia de família: relato de uma experiência clínica | 181

Maria Angélica de Campos e Rebeca Nonato Machado

História de uma análise interrompida | 197

Julio Hirschhorn Gheller

História da psicanálise

Entrevista com Renato Mezan | 215

Equipe editorial

Projetos e pesquisas

Exílio na cidade: algumas reflexões | 239

Silvia Bracco

Resenhas | 253

Orientação aos colaboradores | 277

Sumario

Editorial

Marina Massi | 13

Dialogo

Laurie Laufer: una psicoanalista inspirada por
Michel Foucault y el feminismo | 17
Luiz Eduardo Prado de Oliveira y Beatriz Santos

Política

El sufrimiento de origen social | 33
Luís Carlos Menezes

La mente totalitaria | 47
Luiz Meyer

Los errantes, un desafío para el psicoanálisis:
¿una clínica de la errancia? | 61
Caterina Koltai

Psicoanálisis y Política, o Ubuntu: Soy Porque
Nosotros Somos | 73
Liana Albernaz de Melo Bastos

La clínica psicoanalítica: una práctica política | 91
Maria Elizabeth Mori

Interface

Sobre la multidimensionalidad de la
categoría sufrimiento | 109
João Carlos Graça y Rita Gomes Correia

Otras palabras

El espacio entre: la génesis intersubjetiva del yo y la corporeidad en los trabajos de Anzieu y Merleau-Ponty | 133

Fernanda Brockmann Vanassi y Carlos Augusto Peixoto Júnior

Validación de la escucha en la supervisión psicoanalítica | 149

Luiz Carlos Mabilde

Haciendo supervisión: un espacio compartido para pensar en la clínica con pacientes de difícil acceso | 167

Denise Salomão Goldfajn y Bartholomeu de Aguiar Vieira

Indicación de tratamiento en psicoterapia familiar: informe de una experiencia clínica | 181

Maria Angélica de Campos y Rebeca Nonato Machado

Historia de un análisis interrumpido | 197

Julio Hirschhorn Gheller

Historia del psicoanálisis

Entrevista con Renato Mezan | 215

Equipo editorial

Proyectos y investigaciones

Exilio en la ciudad: algunas reflexiones | 239

Silvia Bracco

Reseñas | 253

Orientación a los colaboradores | 277

Table of Contents

Editorial

Marina Massi | 13

Dialogue

Laurie Laufer: a psychoanalyst inspired by
Michel Foucault and feminism | 17
Luiz Eduardo Prado de Oliveira and Beatriz Santos

Politics

The suffering from social origin | 33
Luís Carlos Menezes

Totalitarian mind | 47
Luiz Meyer

Wanderers, a challenge for Psychoanalysis:
a clinical practice of “wandering”? | 61
Caterina Koltai

Psychoanalysis and Politics, or Ubuntu: I am because we are | 73
Liana Albernaz de Melo Bastos

Psychoanalytic clinical practice: a political practice | 91
Maria Elizabeth Mori

Interface

On the multidimensionality of the suffering category | 109
João Carlos Graça and Rita Gomes Correia

Other words

The space in between: the intersubjective genesis of ego and corporeity in Anzieu's and Merleau-Ponty's works | 133
Fernanda Brockmann Vanassi and Carlos Augusto Peixoto Júnior

Validation of listening in psychoanalytic supervision | 149
Luiz Carlos Mabilde

Doing supervision: a shared space to reflect on the clinical practice with hard-to-reach patients | 167
Denise Salomão Goldfajn and Bartholomeu de Aguiar Vieira

Indication of treatment in family psychotherapy: a report of a clinical experience | 181
Maria Angélica de Campos and Rebeca Nonato Machado

Story of an interrupted psychoanalysis | 197
Julio Hirschhorn Gheller

History of psychoanalysis

Interview with Renato Mezan | 215
Editorial team

Projects and research

Exile in the city: some reflections | 239
Silvia Bracco

Reviews | 253

Notes to contributors | 277

Sommaire

Éditoriale

Marina Massi | 13

Dialogue

Laurie Laufer: une psychanalyste inspirée par
Michel Foucault et le féminisme | 17
Luiz Eduardo Prado de Oliveira et Beatriz Santos

Politique

La souffrance sociale | 33
Luís Carlos Menezes

L'esprit totalitaire | 47
Luiz Meyer

Les errants, un défi pour la psychanalyse: une clinique
de l'errance? | 61
Caterina Koltai

Psychanalyse et politique, ou Ubuntu: je suis parce
que nous sommes | 73
Liana Albernaz de Melo Bastos

La clinique psychanalytique: une pratique politique | 91
Maria Elizabeth Mori

Interface

A propos de la multi-dimensionnalisation de la
catégorie souffrance | 109
João Carlos Graça et Rita Gomes Correia

D'autres sujets

L'espace entre: la genèse intersubjective du moi et la corporéité
chez Anzieu et Merleau-Ponty | 133

Fernanda Brockmann Vanassi et Carlos Augusto Peixoto Júnior

Rendre l'écoute valable en supervision psychanalytique | 149

Luiz Carlos Mabilde

Faire de la supervision: un espace partagé afin de penser la
clinique de patients d'accès difficile | 167

Denise Salomão Goldfajn et Bartholomeu de Aguiar Vieira

Indication de cure en psychothérapie familiale: récit d'une
expérience clinique | 181

Maria Angélica de Campos et Rebeca Nonato Machado

Histoire d'une psychothérapie interrompue | 197

Julio Hirschhorn Gheller

L'histoire de la psychanalyse

Entretien avec Renato Mezan | 215

Équipe éditoriale

Projets et recherches

L'exile en ville: quelques réflexions | 239

Silvia Bracco

Compte-rendus | 253

Consignes aux collaborateurs | 277

Editorial

A Otavio Frias Filho (*in memoriam*),
por sua luta pela liberdade de expressão.¹

Pode-se reconhecer a necessidade biológica e psicológica do sofrimento para a economia da vida humana e no entanto condenar a guerra nos seus meios e nos seus fins. ... É verdade que as guerras não podem acabar enquanto os povos viverem em condições tão diferentes, enquanto divergirem de tal modo no valor que atribuem à vida individual, e enquanto os ódios que os dividem representarem forças psíquicas tão intensas.
(Sigmund Freud, 1915)

O número *Política 1* foi elaborado no contexto da grave e complexa crise política que estamos vivendo em nosso país. A *Revista Brasileira de Psicanálise* é uma publicação científica de peso internacional que, fazendo jus ao conceito de contemporaneidade² no sentido agambiano, não poderia deixar de revelar e problematizar os importantes acontecimentos que experienciamos no Brasil e, de certo modo, no mundo.

Faz parte da tradição psicanalítica refletir sobre os conflitos internos e externos, não alheios, do ser humano. O inconsciente, de acordo com Freud, é perceptível por suas manifestações em nosso cotidiano, o que já seria por si uma evidência de como somos atravessados por alguma forma de organização de interesses, uma conjugação entre forças, entre a irrupção da pulsão e os mecanismos de recalque, vivemos em nossos corpos e mentes a dimensão do

1 Otavio Frias Filho, diretor de redação do jornal *Folha de S. Paulo*, de 1984 a 2018, faleceu em 21/8/2018.

2 “É uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma associação e um anacronismo” (Agamben, 2009, p. 59).

conflito, mesmo sem termos consciência. Encontramos nos escritos de Freud demonstrações de preocupação e participação da psicanálise nas esferas culturais, sociais e políticas.

Muitos psicanalistas trataram de política, como Erich Fromm, Roger Money-Kyrle, Donald Winnicott, Hanna Segal, Jacques Lacan. Mencionamos esses autores a título de ilustração, a lista de nomes deve ser bem maior, e continua aumentando, o que mostra que a política faz parte do nosso campo de estudo e, também, em permanente diálogo com outros campos do saber.

A política não está distante de nós, encontra-se em tudo que pensamos, fazemos, sentimos, ocultamos e desconhecemos. Não temos a consciência de sua proximidade e nem refletimos que viver é em si um ato político. Em tempos de crise perguntamos: o que nós, psicanalistas, pensamos sobre tudo isso?

Com os artigos deste número, a *Revista Brasileira de Psicanálise* pretende apresentar o que de específico os psicanalistas têm a indagar, questionar, dizer ou mesmo esclarecer na esfera da política, sempre numa perspectiva ética e de respeito à alteridade, à liberdade de pensamento e à verdade.

Quando os leitores estiverem recebendo este exemplar, já teremos um novo presidente eleito. Portanto, o que preparamos para este número trata de preocupações que emanaram do processo de discussão relativo à escolha de um novo presidente e à sua proposta para o país. Este número, porém, transcende a eleição em si, pois traz questões postas pelo momento atual, não só no Brasil, mas no mundo.

Em alguns fragmentos póstumos de sua obra, Hannah Arendt (2004) trabalha a pergunta “O que é política?” com o esforço de uma pensadora original e independente, que se confronta com a experiência política histórica dos sistemas totalitários, como o nazismo e o comunismo no século XX, e nos convoca a refletir sobre o sentido da política, com uma atualidade ainda assustadora. Em sua definição a política se baseia na pluralidade dos homens e trata da convivência entre diferentes. Explica que,

os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças ... a política surge no *entre-os-homens*; portanto, totalmente *fora* dos homens...

A política surge no intraespaço e se estabelece como relação. ... A política organiza, de antemão, as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade *relativa* e em contrapartida às diferenças *relativas*. (pp. 23-24)

Afinal, o que é política? Não ousamos pensar em respostas para tal questão, mas sim reconhecer sua importância para os psicanalistas e dar início a uma nova tradição na RBP de incluir a política como um tema central,

assumindo que as diferenças, as singularidades, as relações *entre-os-homens* são conceitos ou noções que dizem respeito igualmente ao campo psicanalítico, à intersecção com o campo das ciências humanas e a cultura.

Arendt indaga: “Tem a política ainda algum sentido?”. A resposta que ela nos apresenta é: “O sentido da política é a liberdade” (p. 38). Acreditamos que a psicanálise comunga o mesmo sentido – de liberdade – e, por isso, a política também será o tema do nosso próximo número.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo?* (V. N. Honesko, Trad.). Chapecó, sc: Argos.
Arendt, H. (2004). *O que é política?* (R. Guarany, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Marina Massi

Editora

marinamassieditora@rbp.org.br

Diálogo

Apresentação de Laurie Laufer¹

Uma psicanalista inspirada por
Michel Foucault e pelo feminismo

Luiz Eduardo Prado de Oliveira²
Beatriz Santos³

Laurie Laufer é psicanalista, diretora do Centro de Pesquisa em Psicanálise, Medicina e Sociedade da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot, onde é professora. Como tal, está na vanguarda da pesquisa e do ensino de psicanálise na França, contribuindo de maneira importante para suas novas orientações.

LPO: Solicitaram-me, do Brasil, que eu a apresentasse em duas palavras. Respondi que você era professora e feminista, entre Foucault e Lacan. Mas depois, lendo sua bibliografia, notei que Lacan não estava tão presente assim em sua obra. Engano meu? Você trata muito mais da morte e do corpo do que de Lacan, e não parece se apoiar no jargão lacaniano. Como você vê tudo isso?

LL: Psicanalista e feminista me convêm muito bem. Meu percurso é o seguinte: comecei minha tese com Fédida, o qual faleceu pouco depois. A tese era sobre o luto e o desaparecimento. Abordei os discursos normativos em torno do luto; também, a questão das normas, das injunções normativas. Ao preparar minha tese de habilitação para orientar pesquisas, com Alain Vanier,⁴ busquei analisar os efeitos dos discursos normativos sobre a sexualidade.

1 Entrevista realizada em Paris, na casa de Laurie Laufer, em março de 2018.

2 Psicanalista, professor emérito de psicopatologia e diretor de pesquisas no Centro de Pesquisa em Psicanálise, Medicina e Sociedade da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

3 Psicanalista e professora associada no Centro de Pesquisa em Psicanálise, Medicina e Sociedade da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot.

4 Alain Vanier, psiquiatra e psicanalista francês, doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise, ex-presidente do Espace Analytique e atual diretor do Centro de Pesquisa em Psicanálise, Medicina e Sociedade da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot.

Evidentemente, encontrei Foucault. Eu procurava renovar a vocação crítica da posição analítica. O que isso quer dizer? De certa forma, Foucault e Lacan sempre desconstruíram as normas de sua época. Em 1973, Lacan declarou à [rádio] France Culture: “Existem normas sociais em razão da ausência de qualquer norma sexual, eis o que diz Freud”. É isso o que me interessa. Nossa prática se baseia na transferência. Trabalhamos no caso a caso, mas inseridos em nossa época. Acredito que o risco para a prática analítica, se não nos interrogarmos sobre tudo isso, é transformar a psicanálise num discurso comum, ordinário; é reproduzir normas. Para mim, hoje, a vocação crítica da psicanálise implica o feminismo – um feminismo que trabalhe a questão da emancipação das mulheres por meio da psicanálise.

O que também me interessa é ver como o movimento de liberação vai se aproximar dos direitos LGBTQI+ a partir dos direitos civis. O movimento de liberação das mulheres na França, desde os anos 1960 e 1970, se inspirou na psicanálise. Houve a criação, por Antoinette Fouque,⁵ da psicanálise política [*psychépo*], ou seja, da ideia de dar visibilidade à questão política no interior da psicanálise. Essa questão era então relativa ao corpo e à sexualidade das mulheres. O feminismo francês teve algumas fases. A primeira dizia respeito aos direitos civis, à igualdade cívica. Era preciso que as mulheres pudessem votar. A segunda fase, por sua vez, referia-se à liberdade do corpo, à procriação, ao aborto, com efeitos consideráveis sobre a sexualidade, por assim dizer. Isso me interessou bastante.

A noção de liberdade é um pouco estranha para o psicanalista, e no entanto ela se apresenta através da noção de norma sexual. Não sei se estou sendo clara. Frequentei bastante a Escola Lacaniana de Psicanálise, a escola fundada por Jean Allouch,⁶ que é meu amigo. Tenho em relação a Lacan uma grande proximidade transferencial. Mas sempre fui um pouco resistente ao “estilo lacaniano”. Você compreende? Como minha transferência se deu com uma analista lacaniana, o estilo lacaniano é um pouco bizarro para mim. Fui formada num divã lacaniano, por assim dizer. Minha transferência me transformou nesse ponto. A transferência transforma.

BS: Tenho a impressão de que, apesar da extensão de seu trabalho e da importância da questão de gênero para você, seu pensamento é construído com referências lacanianas.

5 Antoinette Fouque (1936-2014), psicanalista francesa, cofundadora do Movimento de Liberação das Mulheres (MLF) na França, ativista e teórica dos direitos das mulheres.

6 Jean Allouch, psicanalista francês, foi aluno e paciente de Lacan.

LL: Certamente. Eu me apoio muito no texto lacaniano, mas ao mesmo tempo sou muito crítica em relação a ele, assim como em relação a Freud. Meu pensamento é próximo ao de Lacan: o RSI, a estrutura, o mais além do Édipo, os complexos familiares, quando a família aparece como uma construção social. Meu pensamento se baseia na questão do amor em Lacan. Por outro lado, tenho muita dificuldade com tudo o que se apresenta como discurso dogmático, seja nos freudianos, seja nos lacanianos – com tudo o que se opõe à emancipação e impede de agir. O poder de emancipação me permite não ser completamente fagocitada pelo dogmatismo freudiano, kleiniano, lacaniano etc. É complicado não ousar criticar os mestres. Isso, diriam alguns, é a posição histórica das feministas. Entendo essa crítica, mas ela me faz rir. É uma crítica sem exterioridade em relação a certo discurso analítico. É complicado, não?

LPO: Sim, por certo. Você frequentou a Escola Lacaniana de Psicanálise, mas não publicou com eles.

LL: Eu publiquei, na revista deles, *L'Unebêvue*, um artigo sobre Sidonie Csillag, a “jovem homossexual” de Freud. Publiquei também, em *Chérir la Diversité Sexuelle*, caderno da *L'Unebêvue*, um texto sobre os trabalhos de Gayle Rubin, antropóloga estadunidense da sexualidade. O livro que estou escrevendo trata precisamente da questão da emancipação. Considero que os teóricos *queer*, *gender*, fizeram uma leitura muito interessante da psicanálise freudiana e lacaniana. É importante que os psicanalistas se abram aos discursos exteriores. Do contrário, fecham-se em algo endógeno. Freud sempre abriu a psicanálise para o exterior, para a literatura, para Leonardo da Vinci etc. Hoje, constatamos os perigos do enrijecimento e do fechamento em si dos discursos psicanalíticos.

BS: Quando meus alunos leem seu artigo sobre a “psicanálise foucaultiana”, sempre perguntam: “Para que uma psicanálise foucaultiana?”. Respondo que seu trabalho é uma crítica a um discurso psicanalítico fechado, rígido, e que você procura algo ligado à confrontação, ao limite, sobretudo no texto “É possível uma psicanálise foucaultiana?”.

LL: Trata-se de uma questão levantada por Jean Allouch.

LPO: Sim, é Allouch quem traz esta noção: a psicanálise levará em conta a contribuição de Foucault ou cessará de existir, pois não terá nenhuma nova contribuição. Isso interessa porque é uma perspectiva que aparece em

diferentes lugares do mundo, sem coordenação institucional. Existe uma convergência que leva a Foucault e a Deleuze.

BS: Para você, Laurie, confrontar os limites da psicanálise com outras teorias, como as relativas ao feminismo e as oriundas de Foucault, é uma maneira de criticar a excessiva normatização da psicanálise, especialmente no que diz respeito ao sexo?

LL: Parti da proposição de Jean Allouch, “Ou a psicanálise será foucaultiana, ou não será mais”, feita em 1998 e retomada em 2015 em nosso colóquio sobre Foucault e a psicanálise. Por que acredito ser importante interessar-se por Foucault? Porque ele foi, a meu ver, um dos primeiros epistemólogos da psicanálise, o primeiro genealogista da psicanálise a provocá-la, a fazê-la avançar. Em *História da loucura*, Foucault lembra que Freud rompeu com a teoria da degenerescência e transformou a abordagem da loucura, o que Lacan, aliás, retoma. O encontro entre Foucault e Lacan é um pouco estranho. Lacan assistiu a vários seminários de Foucault – por exemplo, à conferência “O que é um autor?”. Quando Foucault afirma que Freud e Marx são os *fundadores da discursividade*, imediatamente Lacan elabora sua teoria do discurso. Lacan absorvia tudo, o que por si só é genial. Precisaríamos de uma epistemologia lacaniana. Seria de fato interessante localizar todas as referências a outros autores em Lacan, o qual no entanto não cita, apenas raramente indica suas fontes. Ainda assim, Lacan foi alguém com uma força teórica genial, incrivelmente criativo. Outra coisa importante que Foucault diz acerca da psicanálise relaciona-se à questão da hermenêutica do sentido. Não é apenas Allouch que retoma o termo *erotologia*. Lacan já o havia feito no seminário sobre a angústia: “Não falo de psicologia, mas de erotologia”.

LPO: Mais precisamente, Lacan se refere a “um discurso desta realidade irreal que merece o nome *erotologia*” em 1962, quando desenvolve o grafo do desejo. A realidade irreal é um fio condutor que aparece ao longo do percurso dele e que lhe vem de Melanie Klein. É ela quem fala da realidade irreal do fantasma.

LL: A erotologia não é a *scientia sexualis*, ou seja, não é uma nosografia baseada nas sexualidades. Lacan mostra que as modalidades de transformação do sujeito passam pela questão do amor; ele se refere à invenção freudiana, ao amor de transferência. Lacan dedica um seminário inteiro a essa questão, mas trata disso em vários outros. O livro de Allouch *L'amour Lacan* é muito interessante. A psicanálise é uma forma de pensar o amor. Não a sexualidade, mas o amor. Não é a mesma coisa. Não? [Risos.] Não sei se respondi à sua questão.

BS: Ao mesmo tempo, nesse texto sobre a psicanálise foucaultiana, você volta à afirmação de Foucault: “Não penso que Lacan fosse revolucionário. Jacques Lacan queria ser psicanalista”. Ser psicanalista é por definição ser revolucionário?

LL: Eu me lembro bem dessa afirmação. Foucault diz: “Não penso que Lacan teria gostado que disséssemos que é um revolucionário. Ele queria apenas ser psicanalista, o que já é muito”. Termina observando que Lacan queria fazer da psicanálise uma teoria do sujeito. Lembro ainda que Foucault comenta: “Sou um experimentador de mim mesmo”. É muito interessante. Lacan foi um experimentador da psicanálise e da teoria analítica, e ele sempre a transformava. Talvez seja um pouco excêntrico dizer isso, mas em todo caso, quando leio Lacan, não o levo sempre a sério. Porque ele mesmo, creio, tinha uma relação bastante irônica com seu próprio saber, um pouco como Sócrates... Às vezes, alguns lacanianos levam a sério demais as palavras de Lacan, como se ele fosse um profeta. Na verdade, acho isso complicado. Jean Allouch, por exemplo, com quem converso frequentemente, tem uma relação com o corpo, a voz e o olhar de Lacan, não só com seus textos. Não é a mesma coisa. Allouch foi analisado por Lacan. Então, quando escreve sobre Lacan, não tem a mesma relação transferencial com os textos de Lacan do que aqueles que o leem sem tê-lo conhecido. Eu abro um livro de Lacan e o leio. É diferente relacionar-se com um texto sem pensar no corpo a corpo com ele, sem poder rir dele. Allouch pode rir.

BS: Mas você acha que rir ajuda a compreender melhor o texto?

LL: Ajuda a compreender de maneira diferente. Em 1936, Lacan enviou seu artigo sobre o estádio do espelho a Freud. O que ele disse a Freud foi: “Eu gostaria de conhecê-lo”. Freud nem sequer respondeu; não aceitou o pedido de Lacan de encontrá-lo. Isso foi mais importante para ele do que se Freud o tivesse recebido. Em consequência, Lacan passou a vida “retornando a Freud”, insistindo nesse encontro que não aconteceu. Ele se autoproclamou herdeiro de Freud. Existem muitos analistas que se autoproclamam herdeiros de Lacan, mas pelo motivo contrário: acreditam tê-lo encontrado porque frequentaram seu divã, porque foram de sua família, porque foram não sei o que mais. Percebe?

BS: Sim. Nessa primeira geração, os analistas iam ao seminário de Lacan, mas não havia textos a ler. Então, escutavam Lacan e liam Freud. A segunda geração, por sua vez, lia Lacan, mas não mais Freud.

LL: Ou os jovens estudantes de hoje, que leem Lacan ou Freud a partir dos teóricos de gênero. É você quem dizia isso, o que acho muito interessante. Por exemplo, em sociologia, aqui na França, ou mesmo em psicologia, os jovens estudantes começam por *Problemas de gênero*, de Judith Butler. Com base nela, vão ler Lacan ou Freud. Assim, Lacan ou Freud tornam-se capítulos do livro de Butler. Não se pode dizer que isso não tenha sentido. De fato, nossa epistemologia se complexifica.

BS: E mais: é diferente ler Lacan no original ou traduzido. Em geral, na tradução, há apenas uma versão disponível de Lacan, enquanto na França existem três ou quatro versões, concorrentes, que podemos comparar. A tradução cria fenômenos de sectarismo, me parece.

LPO: Você começa com o luto, Laurie. Pode nos falar mais sobre isso? O que isso trouxe a seu pensamento sobre Freud e Lacan? Porque para nós trata-se de fazer o luto. Quando lemos os livros de Judith Butler, há um luto de Freud, há um luto de Lacan ou, ao menos, de certo Freud, de certo Lacan. E, ainda, Lacan é ambíguo. Afinal, ele faz o luto de Freud ou não? Mas partamos de seu trabalho sobre o luto.

LL: Então, meu trabalho sobre o luto está agora muito distante... Fui obrigada a fazer o luto. Entre as determinações necessárias e os encontros contingentes, não sabemos bem como as coisas se passam. Em dado momento da minha vida, precisei trabalhar essa questão, porque descobri coisas na minha análise, e depois por viver pessoalmente certas coisas. Ao terminar a graduação em psicologia, quis estudar isso, sobretudo a questão do desaparecimento na melancolia. Era isso o que me interessava, foi por isso que busquei naquele momento Pierre Fédida, que escrevera muito sobre a ausência. Em seguida, estudei “Luto e melancolia”. Li também o livro *Erótica do luto: no tempo da morte seca*, de Allouch. Tudo isso começou a se misturar. Fiz então uma tese sobre esse tema, intitulada *Psicopatologia do desaparecimento*. Minha forma de trabalhar o assunto estava mais ligada ao desaparecimento dos corpos, em especial nas guerras, e ao luto vinculado a um desaparecimento, a uma morte traumática, acidental, da noite para o dia, algo de invasor. Abordei a questão do fantasma, da fantasia... Se bem me lembro, eu me inscrevi no doutorado em 2000. Fédida me havia dito: “Trabalhe com Didi-Huberman”,⁷ autor de *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby*

7 Georges Didi-Huberman, filósofo, historiador e crítico de arte francês, professor da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, em Paris.

Warburg.⁸ Fédida tinha umas fulgurâncias. Ele me disse que era esse o meu tema de doutorado. Eu não percebia de forma alguma que trabalhava sobre isso, e então Fédida... Você conheceu Fédida?

Aí encontrei Didi-Huberman, Warburg etc. Fédida morreu dois anos depois, no meio da minha tese sobre o desaparecimento e o luto. O que me interessava muito era a questão da melancolia, essa suspensão temporal, esse momento em que a morte não existe mais, basicamente. Algo bastante paradoxal. Foi isso o que me interessou. Depois, em minha tese, eu me aproximei bastante do pensamento de uma filósofa da imagem, Marie-José Mondzain,⁹ que se tornou uma amiga. Quando terminei o livro sobre o enigma do luto, pedi a Marie-José Mondzain que o prefaciasse, e ela muito amavelmente aceitou. Convidei-a porque tinha me orientado, naquele momento do meu trabalho, por uma de suas frases, que, se bem me lembro, dizia: “É apenas pela visão que o irrepresentável pode ser simbolizado”. Essa frase um pouco enigmática me fez trabalhar, e eu me disse: “Essa frase é RSI”, ou seja, o irrepresentável da morte, que mostra algo de inominável, de impossível, que mostra o real. É a visão que vai mostrar o imaginário, é a simbolização que vai mostrar algo da ordem... Passei então a trabalhar com Freud, levando em consideração o conflito, a ambivalência, a morte etc., mas também com o que se amarra e se desamarra. Comecei a tricotar com meus próprios fios, de fato, o pensamento lacaniano, o pensamento freudiano. Como eu estava na questão da melancolia, obviamente encontrei também tudo o que aparece da crueldade do supereu... Não sei se respondi, mas...

LPO: Sim, sim. Mas e o enigma do luto, o enigma para você?

LL: É uma expressão freudiana: *o enigma do luto*. Freud diz que nunca faremos luto algum. Quando morre sua filha Sophie, diz que jamais substituiremos alguém. Esse é o enigma. A dor do luto permanece um enigma. E é Freud quem o diz. Então, se é Freud, ele tem razão. [Risos.] Mas o enigma... é a pura perda. É isso. A perda seca, na expressão de Allouch. E depois o que se passa? A partir das minhas interrogações, comecei a ler o que diz Judith Butler sobre a melancolia do gênero. Evidentemente, isso me interessa. Penso que ela aborda o assunto de forma muito inteligente; discorre sobre a melancolia em relação ao gênero, à heterossexualidade, à homossexualidade, aos objetos. Trabalhei com essas questões.

8 Aby Warburg (1866-1929), historiador da arte alemão.

9 Marie-José Mondzain, filósofa e escritora francesa, nascida na Argélia.

BS: É interessante pensar que, para Butler, os textos fundadores de Freud são “Luto e melancolia” e *O eu e o isso*. A obra *Problemas de gênero* começa por essas duas leituras psicanalíticas. Segundo Butler, o luto é uma certeza e a melancolia uma questão. Diz ela que Freud distingue o luto, reação a uma perda inevitável, da melancolia, quando o sujeito não sabe o que perdeu. Para Butler, não se trata de um luto do gênero, mas de uma melancolia do gênero. De acordo com ela, não sabemos nada, não sabemos como vamos continuar, não sabemos o que vamos fazer. Uma explicação tal qual Butler propõe, ou seja, pensar o “tornar-se” homem ou mulher através de alguma coisa que perdemos e que não poderemos ter, é isso o que interessa a você? Ou isso lhe parece excêntrico, como a vários psicanalistas que consideram que Butler não compreendeu a psicanálise nessa questão?

LL: Veja, quando leio lacanianos afirmando que Butler não compreendeu Lacan, tenho vontade de acrescentar: Butler não compreendeu o Lacan de vocês; compreendeu outro Lacan. Ela inverte uma proposição: é o tabu da homossexualidade que lhe interessa em primeiro lugar, não o do incesto.

BS: Exatamente. Estou de acordo. O que me interessa é que ela diz que o tabu da homossexualidade antecede o tabu do incesto. É curiosa essa construção teórica da interdição de amar alguém do mesmo sexo para a imagem edipiana advir.

LL: Sim, isso significa que a história do tabu do incesto é a questão da construção da família, a qual seria posterior à questão das “identidades sexuais”; significa que o incesto é um dispositivo familiar – logo, é uma construção que vem depois.

BS: Mas me parece que, se acompanhamos seu trabalho, não é necessário chamar isso de melancolia do gênero para compreender o que ela fala. Para você, a construção do gênero é melancólica?

LL: Creio que não. O que é melancólico é a emancipação, acompanhada pela satisfação. Colocamos a psicanálise excessivamente ao lado do trágico. Há pouco, não lembro onde, li esta frase de Lacan: “O sexual ressalta o cômico”.

LPO: Sim, Lacan diz isso. Talvez não o sexual, mas o falo. O pênis é o falo triste, algo assim. No seminário sobre o RSI, Lacan diz: “O falo é outra coisa, é um cômico como todos os cômicos, é um cômico triste. Quando vocês leem *Lisístrata*, vocês podem pegá-lo pelos dois lados. Rir ou achar amargo. Deve-se

dizer também que o falo é o que dá corpo ao imaginário”. É a lição de 11 de março de 1975.

LL: Mas ele o diz várias vezes e de maneiras diferentes. Diz que é preciso abandonar o trágico, uma espécie de herança, digamos, romântica da sexualidade, da psique, do desejo, da falta etc., como se fosse necessária uma autopeniça melancólica com relação a isso, algo bastante curioso. Por isso, Lacan é muito mais libertador. Penso que ele sublinha muito mais o cômico, contrariando a imagem que usualmente se tem dele, fixada na questão do desejo – na verdade, um tipo de pregação em torno dos dramas da castração, da falta. A clínica é muito mais inventiva que isso. Por exemplo, estou ministrando um curso sobre identidade social e identificação psíquica. Falamos muito da questão da identidade de gênero, da identidade sexual, da sigla LGBT. Fiquei sabendo que existem na França 70 possibilidades de identidade de gênero. Pedro Ambra defendeu uma tese, orientada por mim e por Nelson da Silva Júnior, em que comenta coisas bastante interessantes a respeito desse assunto, uma tese muito criativa. Digo aos estudantes: “Escutem, eu aprendo com vocês. É preciso que vocês me ajudem para que eu aprenda”. LGB, na verdade lésbica, gay e bissexual, corresponde às práticas sexuais de fato, à orientação sexual. Todo o resto, nas siglas, é a questão da identidade de gênero: trans, *queer*, *questioning*, assexual, poliamor, *kink* etc.

BS: E tudo isso se mistura, você tem razão. É possível ser lésbica e trans...

LL: Um estudante me enviou um *e-mail* dizendo: “A senhora nos falou da sigla LGBTQQ. Existe outra, ainda mais longa, que faz referência a outros gêneros: LGBTQQIP2SAA”. Ela reúne lésbica, gay, bissexual, transgênero, *queer*, *questioning*, intersexual, pansexual, dois-espíritos, assexual e aliados. Outro estudante hoje me escreveu: “Não podemos esquecer poliamor e *kink*”.

BS: *Kink* é o oposto de *vanilla*, ou seja, o oposto de práticas sexuais menos perigosas, menos “apimentadas”, mais tradicionais. Mas o que define o que é tradicional é outra questão...

LPO: *Kink* quer dizer simplesmente sexo um pouco sujo, escatológico, talvez um pouco violento, bizarro.

LL: É muito interessante.

BS: É interessante também na sua incoerência.

LL: Certamente. Acho engraçado, cômico. E então ouço lacanianos falando coisas terríveis sobre isso. Dizem: “É a captação imaginária... É a onipotência, blá-blá-blá... É preciso parar... É preciso limitar... Estão dessimbolizando... E a lei... E patati, patatá, e não sei o que mais”. É um jargão. Acho que Lacan não o teria aceitado. Talvez esteja enganada, mas ousou pensar que Lacan teria visto o lado cômico disso tudo.

LPO: Você escreveu sobre a pornografia, sobre o humor e sobre a prostituição. Quais relações você vê entre pornografia e humor?

LL: Fui a um maravilhoso museu em Genebra, a Fundação Bodmer, onde havia manuscritos de Sade (*Os 120 dias de Sodoma*), manuscritos antigos e também uma pequena carta de Freud. Foi lá que me dei conta de que os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e *O chiste e sua relação com o inconsciente* foram escritos ao mesmo tempo, em 1905. Acredito que isso seja importante de um ponto de vista epistemológico. Quanto à pornografia, escrevi o prefácio para um livro de Eric Bidaud¹⁰ sobre pornografia e psicanálise. A respeito da prostituição, eu a abordei num artigo para uma exposição no Museu d’Orsay há dois anos. Alguns fenômenos, como a prostituição e a pornografia, são debatidos de maneira muito dura, violenta, no âmbito do feminismo. Creio ser muito difícil pensá-los. Assim, um pouco de humor... Rir sempre ajuda. O humor é como o amor. O que me interessa no humor é a possibilidade de deslocar o sujeito. Eu utilizo o humor na minha clínica, interpretações que podem parecer divertidas. Evidentemente, isso não é calculado. Com uma gargalhada no momento certo, o que é trágico pode, sem dúvida, se deslocar. Penso que Lacan foi uma pessoa engraçada. E Freud também. Seria preciso retomar as questões relativas ao humor e ao riso do ponto de vista da psicanálise. Porque Freud escreveu dois textos ao mesmo tempo. Então, ele tricotou um com o outro.

BS: Gostaria de falar agora sobre a escrita de casos clínicos. Você fez um seminário sobre isso, e lembro que você chamou Guy Le Gaufey,¹¹ um analista que questiona o uso de vinhetas clínicas e para quem “a maior parte das vinhetas clínicas, em seu valor ilustrativo, longe de serem pragmáticas e ingênuas, por se apresentarem em língua natural, revelam-se mais frequentemente como hinos, saudações, reverências a professores, autores, autoridades quaisquer. São muitas vezes a expressão de transferências maciças e significativamente pouco questionadas”. Você está de acordo?

10 Eric Bidaud, psicólogo clínico e psicanalista.

11 Guy Le Gaufey, psiquiatra e psicanalista francês.

LL: Sobre a escrita de casos clínicos, publiquei na revista *Psychologie Clinique*. Na verdade, evolui bastante a esse respeito. No meu livro *O enigma do luto*, eu me refiro a casos clínicos. Hoje, não o faço mais, porque percebi que era sempre insatisfatório. É difícil escrever acerca dos efeitos da transferência. Pode-se dizer que é uma ficção. Freud, inclusive, sempre disse, ao evocar seus casos, que eram como romances. Talvez esteja enganada, mas acredito que pensar na psicanálise de forma epistemológica tenha um alcance clínico muito maior do que contar o que se passa numa cura. Não tenho talento para isso. É bastante difícil fazê-lo. Lacan expõe um caso clínico, um único caso clínico, o de Marguerite. Na verdade, não o faço porque não consigo fazê-lo e porque, quando o faço, não me transmite nada, não sou criativa. Quando escrevo, tento pensar nos textos de Foucault, Butler, Lacan etc. Eu me transformo mais quando quebro a cabeça com os textos deles, tentando verificá-los na minha clínica, do que quando escrevo um texto pretendendo descrever minha clínica, o que me transforma menos, me faz avançar menos, por assim dizer. A exceção é quando trabalho com um romance, uma narrativa, uma ficção, a autoficção de Jane Sautière, por exemplo. O livro *Nullipare* é uma ficção. Eu me sinto mais à vontade para trabalhar a partir de um romance.

Creio ainda que a escrita de vinhetas clínicas possa ter o efeito de certa violência. Por exemplo, Catherine Millot,¹² que é alguém de quem gosto. A meu ver, ela foi tomada pelo jargão lacaniano de sua época quando lançou um ensaio sobre a transexualidade intitulado *Horsexe*. Eram os anos entre 1975 e 1985. Para as pessoas de que trata, a leitura desse livro é extremamente agressiva. Lembro-me de um colóquio coorganizado pela Escola Lacaniana e por uma associação de transgêneros que hoje não existe mais, Caritig, creio. Nunca vi um colóquio tão violento. Catherine Millot estava lá, e também Marie-Hélène Bourcier¹³ (na época) e Tom Reucher, um psicoterapeuta transgênero. Catherine Millot foi fuzilada, foi insultada a ponto de ter que deixar o anfiteatro. E por quê? Porque seu livro era uma aplicação dogmática da língua lacaniana à transexualidade.

BS: Sim, com certeza. Mas penso que, entre o que fez Catherine Millot e o que pode fazer alguém como Ken Corbett,¹⁴ que é um analista *gay*, ou Tim Dean,¹⁵ que não é psicanalista, mas escreve sobre e a partir da psicanálise...

12 Catherine Millot, psicanalista e escritora francesa.

13 Marie-Hélène Bourcier, socióloga francesa, conhecida por seu ativismo na comunidade LGBT.

14 Ken Corbett, psicanalista e professor assistente na Universidade de Nova York.

15 Tim Dean, filósofo inglês, autor conhecido no campo das teorias *queer*.

LL: O grupo de trabalho que juntas vamos iniciar, com você, Thamy Ayouch e outros, terá por objeto o que é o saber localizado para um psicanalista. O que isso quer dizer? Não é simplesmente explicitar de onde falamos. É mais complexo. O que nos faz hoje propor essa questão? De fato, é muito complicado. Atualmente, nos Estados Unidos, vemos um momento um pouco difícil, em que tudo pode ser vivido como uma *cultural appropriation*, como uma apropriação cultural. Por exemplo, Kathryn Bigelow, que fez *Detroit*. Não sei se vocês viram esse filme sobre a violência perpetrada contra os negros nos anos 1960, nos Estados Unidos. Ela foi interpelada: como uma mulher branca, burguesa, de classe média alta etc. podia fazer um filme sobre negros pobres, violentados, descendentes de pessoas escravizadas? Nas palavras de Jean Allouch: “Agora, calma! Isso quer dizer o quê? Isso quer dizer que só as tartarugas podem falar das tartarugas?”. É complicado, muito complicado. Um pouco ridículo, caricatural. Parece afirmar que nós essencializamos as posições. Entretanto, isso também põe em cena a questão da legitimidade do discurso. Que discurso é legítimo para dizer algo pelo outro, do outro ou no lugar do outro? Houve um verdadeiro confisco da palavra das ditas minorias. Agora há uma reapropriação da palavra pelas pessoas envolvidas. Evidentemente, poderiam me replicar que um psicanalista não fala no lugar do paciente, a menos que escreva algo fazendo-o falar. Então, é complexa essa questão da escrita de caso. É complexa. Não é simplesmente uma pequena transcrição clínica... É uma edição, você escolhe momentos... Estou falando demais... [Risos.]

LPO: Não, não. Eu diria que você é uma das raras psicanalistas a dizer coisas complexas sem enquadrá-las nos discursos tradicionais, segundo Freud ou segundo Lacan. Penso ser Winnicott quem diz que a psicanálise deve apresentar paradoxos cujo destino deve permanecer insolúvel. É bem oriental...

LL: Isso é um elogio, eu vou tomar como um elogio.

LPO: Sim, exatamente. Isso abre as portas ao invés de fechá-las.

LL: A emancipação para mim é isso; ela é válida tanto no que diz respeito à clínica quanto no que diz respeito à teoria. Tudo o que teoricamente abre as portas me parece importante, na verdade. Tenho uma experiência bastante singular no exercício da psicanálise. Não é simplesmente fazer uma psicanálise, mas exercer a psicanálise. Apesar de tudo, é um ofício divertido. É preciso levá-lo à sério, mas não muito. Ou levar a sério esse ofício, mas sem se levar a sério. Não é uma tarefa fácil.

LPO: Você abre portas. Fiz uma pesquisa sobre os assuntos que você abordou e me deparei com este site: lavieenqueer.wordpress.com. É um *blog* muito interessante, aprendi um monte de coisas. Existe um debate a respeito de como se dirigir a alguém segundo seu gênero. Aprendi a palavra *mégenrer*, por exemplo. Há um *link* para um dicionário de gênero... Como você vê o ensino da psicanálise na França hoje?

LL: É uma questão que ultrapassa a própria disciplina universitária. Hoje é uma questão política. Aliás, o ensino da psicanálise sempre foi uma questão, desde Freud. Como ensinar psicanálise? Como transmiti-la sem ser tomado pelos discursos universitários, dogmáticos, de escola, sem estar em uma mitologia do caso etc.? Apesar da impossibilidade de seu ensino, creio ser importante a psicanálise estar presente na universidade. É uma questão de estratégia, ou de tática, diante das ditas ciências cognitivas, do ensino de terapia cognitivo-comportamental (TCC) etc. Há na França uma verdadeira aversão à psicanálise na universidade. É um bom sinal e é por isso que é preciso ampliar sua presença. Existem ainda verdadeiras questões epistemológicas quanto à afiliação do “campo disciplinar”. Nos Estados Unidos, a psicanálise não é ensinada dentro da psicologia. E na França? Deve-se ensiná-la com as ciências da vida? Como ciência humana? Em suma, Freud e Lacan acertaram: ela é intransmissível e indeterminável [*inassignable*]. Então, continuemos a ensiná-la.

LPO: Era uma posição geral de Freud: a psicanálise é impossível, mas continua-se a ensiná-la; é impossível, mas continua-se a praticá-la; os charutos seriam o melhor remédio para o tumor na boca... Você acha que propõe novos paradigmas?

LL: Não tenho a pretensão de dizer que proponho. O que tento é pensar a extensão, a miscigenação, o hibridismo (peço emprestado esse termo a meu amigo Thamy Ayouch), o apatridismo da psicanálise. Como exercer a psicanálise num mundo globalizado? O que me interessa é o diálogo com Foucault, Deleuze, Laclau,¹⁶ os pensadores da teoria *queer* e dos estudos de gênero, que impulsionam o questionamento da psicanálise nos pontos que me atraem a atenção. Freud inventou as ferramentas para ultrapassar a psicanálise. É possível uma psicanálise para além do Édipo, como quis Deleuze? Para além da diferença sexual? Pode a psicanálise sobreviver fora do dispositivo discursivo da sexualidade, aquele mesmo que a viu nascer? Essa foi uma tentativa de Lacan, que queria, segundo dizia, “renovar o domínio de Eros”. Há muito ainda para pensar.

16 Ernesto Laclau (1935-2014), teórico político argentino pós-marxista.

A ferramenta do gênero favorece a atualização do saber como um campo que constitui uma verdade partilhada, com normas, usos, lugares-comuns, notadamente sobre a diferença sexual. Quer isso se dê pela noção de *indecidibilidade* de Derrida, de *problema* de Butler, de *análise discursiva dos dispositivos disciplinares* de Foucault, de *dilema insolúvel* de Joan Scott,¹⁷ de *práxis do irrepresentável* de Françoise Collin,¹⁸ como repensar todas essas questões? Freud dizia que a psicanálise deveria ser *open to revision*. Então, como evitar uma psicanálise “fechada”?

LPO: Você poderia nos falar um pouco da articulação entre as questões ligadas à ética e as questões relativas às mulheres, para além de qualquer moralismo? Creio que se tenha confundido muito ética e moralismo em psicanálise. Houve aqui uma lacanagem de posições contrárias aos homossexuais – por exemplo, ao casamento deles.

LL: Sempre pensei que a psicanálise teve uma história paralela à dos movimentos feministas, inclusive com alguns cruzamentos; que a psicanálise foi um método de emancipação. Não sei como articular ética e feminismo. Houve, sim, essa confusão da qual você fala. Prefiro às vezes, no lugar do termo *ética*, o termo *técnica*. Talvez a liberação da palavra das mulheres tenha trazido algo à técnica analítica, mas é bastante curioso dizer isso, porque essencializa essa palavra. É algo que lida mais com a questão dos subalternos (tratada por Gayatri Spivak).¹⁹ Houve um confisco da palavra das mulheres e do uso de seu corpo. O que se passa hoje diante desta ou daquela forma de emancipação de tal palavra e de tal uso do corpo? Quais efeitos isso produz nos desejos, na vida em coletividade, na sexualidade, nas políticas de emancipação? É isso o que me interessa hoje na articulação entre psicanálise e emancipação.

LPO: Obrigado, Laurie. Espero que tenhamos a oportunidade de retomar nossa conversa a respeito desse assunto com os leitores brasileiros.

Tradução Vinícius Armilato

17 Joan Scott, historiadora estadunidense, trabalha com a história das mulheres a partir da perspectiva de gênero.

18 Françoise Collin (1928-2012), romancista, filósofa e feminista belga que viveu em Paris.

19 Gayatri Spivak, crítica e teórica feminista indiana.

Política

O sofrimento de origem social¹

Luís Carlos Menezes²

Resumo: Para além dos sofrimentos causados pelas forças da natureza e pela fragilidade do corpo, há aqueles causados no interior das relações sociais em que estamos inseridos desde o início da vida. Os valores que constituem uma cultura operam em sistemas de crenças socialmente partilhados, sendo introjetados pelos sujeitos como ideal do eu. Tanto as crenças como os valores cimentam a organização social e ordenam as relações entre seus integrantes, mas são suscetíveis de sofrer mudanças pela capacidade crítica e inovadora do pensamento, o que Freud chama de trabalho da cultura e de impulso à liberdade, em particular quando voltado para crenças e valores percebidos como causa de sofrimento social. Ocorre então uma reviravolta, em que estes passam a ser entendidos como preconceitos e intolerâncias, animados pelo ódio primário ao diferente, sendo questionados num processo político no interior da sociedade. Isso porque um período de mutação é desestabilizador e desperta reações regressivas violentas, que encontram uma descrição útil na noção de posição ideológica radical, de René Kaës. A conquista da cidadania nas democracias ocidentais, as mudanças no lugar da mulher e a evolução das mentalidades sobre a vida sexual, como a exigência da virgindade e a normatividade estrita sobre as orientações sexuais, ilustram o tema deste artigo.

Palavras-chave: intolerâncias, crenças, valores, diferenças sexuais, ideologias

Depois de mencionar os sofrimentos causados pelas forças da natureza e os que decorrem da fragilidade do corpo, Freud dedica o essencial da obra *O mal-estar na civilização* ao sofrimento relacionado com nossa inserção

1 Versão revista de um trabalho apresentado no 26.º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Fortaleza (CE), em novembro de 2017.

2 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

social, submetidos que somos às “normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade” (1930/2010a, p. 43). Na difícil busca por felicidade, como nos arranjamos – cada um de nós – com essas normas que, uma vez interiorizadas, passam a operar em nossa vida psíquica como ideais que regulam a maneira de convivermos uns com os outros e, mais que isso, tornam possível esse convívio?

Os ideais, como valores, dependem do conjunto de representações e crenças partilhadas em cada cultura e promovidas pelos sistemas religiosos, morais e políticos vigentes, num processo passível de evolução histórica, ou seja, potencialmente aberto a transformações.

A palavra *civilização* ou *cultura* [Freud escreve *Kultur*] designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si. (p. 49)

É no ordenamento das relações sociais que Freud parece encontrar o germen, como que a questão essencial, do que seja o cultural: “Talvez possamos começar afirmando que o elemento cultural se apresentaria como a primeira tentativa de regulamentar essas relações” (p. 56). A instituição de formas de poder inscritas numa ordem legal, com direitos e deveres aos quais todos devem se submeter, é o que tenta circunscrever a lógica da força bruta nas relações sociais.

A evolução cultural enquanto processo histórico é expressão daquilo que se faz sentir como impulso à liberdade, liberdade evocada nesse contexto como capacidade de revolta contra uma injustiça presente e que, apesar de violenta, se inscreve numa dinâmica que Freud considera compatível com a civilização, por propiciar uma maior evolução cultural.

Por outro lado, pode haver movimentos contrários à civilização, que são expressão de hostilidade contra ela, como recusa em submeter-se à ordem legal. Nesse caso, não se trata da revolta contra o sofrimento infligido a um grupo social, mas do modo de agir de um indivíduo ou um grupo de indivíduos que restaura a lógica da força bruta, da prepotência, em ações predatórias e violentas, que ignoram o respeito aos demais. Age-se com uma liberdade ilimitada, desregrada, pré-cultural, que Freud qualifica de *sem valor*; para ele, a única liberdade efetiva é aquela exercida no interior de uma ordem cultural partilhada.

É, pois, como revolta contra um sofrimento que lhe esteja sendo infligido pela sociedade que um indivíduo ou um grupo de indivíduos exercem de forma sustentada a liberdade. Isso só é factível na medida em que ele(s) se diferencia(m), saindo de uma condição massificada, acrítica, aderente a

crenças sociais naturalizadas, e alcança(m) uma capacidade de discernimento e de nomeação, que lhe(s) permite reconhecer essas crenças como fonte de hostilidade e de destruição para suas possibilidades de vida, de modo que elas sejam destituídas, que percam o peso social de verdades partilhadas, nutridoras dos juízos e dos imperativos que pesam sobre os sujeitos. Vemos por que essa liberdade tem valor para Freud: porque ela acontece no interior da cultura, como trabalho fermentativo do pensamento portador de inovação e de ganhos civilizatórios.

É nessa perspectiva que encontramos a reflexão freudiana acerca do sofrimento causado no campo das relações sociais pela rejeição, pela intolerância e pelos preconceitos. Sendo em essência o terreno em que se negociam os conflitos, a cultura é criada e atravessada por eles, em particular pelos que dizem respeito às normas e aos valores como crenças coletivas, determinantes das maneiras de ser previstas e das que são socialmente admitidas. Essas crenças estão nos fundamentos do convívio social e são sólidas como tem que ser um alicerce.

No entanto, é próprio do trabalho da cultura ousar transgredir a “proibição de pensar” e chegar a um juízo lúcido que leve à renovação de valores, sempre que estes forem percebidos como opressivos e injustificados. Quando algo dos valores estabelecidos entra em crise, desestabilizado pela aptidão crítica para pensar de outro modo ao que até então fora objeto de crença coletiva, surgem tensões políticas no campo social e movimentos capazes de propiciar conquistas civilizatórias de novas configurações culturais, de forma que tais crenças, uma vez ultrapassadas, deixem de ser causa de sofrimento.

De fato, a desestabilização dessas referências desperta intensas reações na sociedade. Muitos se sentem vivamente ameaçados pela perda da velha crença, do “valor” transformado em “preconceito”, ao ser esvaziado de sua razão, de seu poder de evidência. Uma das consequências é um rearranjo que envolve perda da ascendência de uns sobre outros, em razão do declínio da linha de demarcação valorativa, com uma quebra desestabilizadora no horizonte das certezas.

“Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais” (Freud, 1930/2010a, p. 58). Essas passagens são, portanto, zonas de turbulência na evolução cultural que assustam, causam medo, angústia e violência, com embates que envolvem mudanças no interior do tecido social de crenças e valores.

Nosso tempo, se o pensamos incluído no que vem acontecendo nos últimos dois ou três séculos nas sociedades ocidentais, é rico em transformações dessa natureza. Antes de tudo, o poder irrestrito dos monarcas e da nobreza deu lugar à cidadania democrática. Essa conquista permanece um

objeto de embate no interior da cultura, nos desdobramentos políticos de nossa história, em que a restauração de formas tirânicas de poder, em nome de ideais redentores, tem sido uma constante.

No ambiente atual de nosso país, temos podido ver com minúcia e em extensão indivíduos e grupos que, dentro do Estado e na interface com ele, vêm há muito tempo agindo em ruptura com o pacto cultural, de um modo predatório, baseado na lei do mais forte, deixando de se orientar pelo ideal democrático do respeito e da consideração pelas necessidades do conjunto da sociedade.

Outro eixo importante das grandes transformações históricas reside na queda do poder das religiões, especialmente o da Igreja Católica. As pessoas passaram a dispor de uma liberdade nova em sua vida privada, graças à atenuação das ideologias morais das igrejas e dos costumes severos que impregnavam os espíritos assombrados pelo obscurantismo religioso. A evolução cultural liberalizante, que tornou a vida mais respirável nas últimas décadas, foi com certeza determinante para o viés mais ameno do discurso e dos costumes religiosos tradicionais.

Um fio significativo nessa evolução foram os embates e ganhos sociais em torno dos direitos das mulheres. O “equilíbrio cultural” diminuiu as restrições a que elas estavam submetidas, como seres da casa e dos filhos, abrindo-lhes a possibilidade de participar no debate e na ação política, com o direito de votar e de ser votadas para cargos de poder, assim como a possibilidade de ter interesses profissionais num leque crescente de atividades, dispondo das mesmas escolhas que os homens.

A erosão progressiva das crenças sociais que sustentavam a moral sexual, particularmente estrita no que dizia respeito às mulheres, levou a uma grande reviravolta na revolução contracultural do fim dos anos 1960, da qual resultou uma mudança irreversível nas concepções que regravam o lugar da mulher e do homem na família. Desde então, a estrutura familiar tendeu a se democratizar. O poder excessivo, quase total, do homem sobre a mulher e os filhos foi perdendo sua força. A família passou a ser vista, pelas pessoas e pelas leis, como um grupo formado por dois adultos que desejam viver juntos e que, se têm filhos, devem cuidar deles, de suas necessidades e de seu bem-estar, com obrigações basicamente iguais.

Como expressão da transformação de crenças que por muito tempo tiveram grande força sobre o espírito das pessoas, o tabu e a exigência da virgindade da mulher para poder casar deixou de existir em nosso modo de pensar, e o divórcio, outro tabu, tornou-se legal. São evoluções das mentalidades na cultura que desfizeram causas de sofrimento, vistas hoje como obtusas e desnecessárias, ao menos para a grande maioria da sociedade. A tendência ao afrouxamento do controle social rígido sobre a sexualidade de modo geral,

mas sobre a sexualidade das mulheres em especial, tem dado margem a mudanças também no juízo preconceituoso, ou seja, condenatório, de orientações sexuais consideradas desviantes da norma, aviltantes e degradantes, as chamadas *homossexualidades*.

São todos padrões ordenadores que, com base nos ideais normativos comuns, decidem se a pessoa será aceita na família e nos diferentes espaços sociais ou se será rejeitada. Esses ideais, introjetados como formações de ideal no superego, tornam-se além disso causa de conflitos intrapsíquicos, pois neles está contida a verdade sobre como as coisas são e como elas devem ser. Se uma pessoa se vir numa condição diferente da prevista socialmente, ela não só sofrerá a crítica de si, a desqualificação e a rejeição como objeto de escândalo, de zombaria, de censura e de punição pelos outros – isso podendo ocorrer desde a infância e a adolescência, na família e na escola –, como ela própria se sentirá culpada e envergonhada de si mesma.

A repressão social veiculadora dessas normas poderá deixar o sujeito, por muito tempo, perdido e confuso por não encontrar no repertório do discurso familiar e social em que vive a consideração, como parte dos possíveis, de modalidades de ser mais condizentes com a que se apresenta para ele, por exemplo, na elaboração psíquica e no entendimento de sua sexualidade. A evolução cultural, fruto do trabalho da cultura, na expressão de Freud, e de lutas políticas no campo social, ao deslocar crenças morais arraigadas em favor de possibilidades de pensamento mais abertas e flexíveis, capazes de reconhecer uma diversidade até então negada e recusada, aumenta a tolerância das normas sociais para acolher uma diversidade nos modos de ser inerente à vida e à humanidade das pessoas.

Lembro, a propósito, esta passagem de Freud:

O mesmo pai (ou instância parental) que deu a vida ao filho e o protegeu dos perigos dessa vida mostrou-lhe também o que deve e o que não deve fazer, instruiu-lhe a aceitar determinadas restrições a seus desejos instintuais, fê-lo saber que considerações pelos pais e irmãos se esperam dele, para que se torne *um membro tolerado e bem-visto* [itálico meu] do círculo familiar e, depois, de círculos mais amplos. (1933/2010b, pp. 329-330)

Sua segurança na vida, acrescenta Freud, depende disso.

De fato, a intolerância social é não só fonte de violência infusa e de exclusão moral do “desviante” como inviabilizadora de muitas de suas possibilidades de vida em sociedade, tornando-o objeto inclusive de agressão física, até mesmo mortal. Estão em jogo aí tanto a diversidade de tradições religiosas e culturais quanto as diferenças étnicas, sexuais e de condição social.

Podemos, agora, nos questionar sobre a natureza das disposições psíquicas implicadas nas crenças constituintes da organização social, assim como na intolerância que delas decorre, sobretudo quando entram em declínio e tendem a se transformar.

O fundo conformista que nos modela como iguais aos demais e a aspiração a ser “mesmos”, parte de um todo, nos grupos sociais foi o fio condutor que, num trabalho anterior, segui na interrogação sobre os movimentos que envolvem atos de lucidez alcançados pela força do julgamento e que se fazem à contracorrente do apelo massificador de base, cimento da formação social (Menezes, 2006).

A esse propósito, lembro a afirmação de Freud de que “a psicologia da massa é a mais velha psicologia humana; aquilo que, negligenciando todos os vestígios da massa, isolamos como psicologia individual, emergiu somente depois, aos poucos, e como que parcialmente ainda, a partir da velha psicologia da massa” (1921/2011, pp. 85-86).

A questão se desloca agora para a condição psicopatológica das pessoas e dos grupos sociais quando um valor de referência solidamente estabelecido se desfaz. Com isso, as formas corriqueiras da hostilidade socialmente partilhada contra os desviantes tornam-se agressividade franca, aberta, agora injustificada, contra membros do grupo social que estão deixando de ser considerados desviantes.

Já não mais socialmente camuflado como parte do que até então fora tido por natural, o ódio vem à tona como tal, ou seja, como a tendência mais arcaica no funcionamento narcísico do eu e que, segundo o mito freudiano de *Totem e tabu* (1913/2012), é o objeto crucial do pacto fraterno que dá origem ao cultural e o sustenta em torno de um ideal comum.

De fato, antes de introduzir no psiquismo a concepção de uma pulsão de morte, tendente à redução das diversidades e das complexidades engendradas pela vida e pelo pensamento, Freud já havia chegado à teoria de uma condição primeira na economia narcísica em que apenas o que coincidisse com o próprio eu seria aceitável, sendo o restante, o que não fosse eu, rechaçado e aniquilado como causa de desprazer e de ameaça ao eu, nisso consistindo o ódio. O ódio e o diferente coincidiriam, pois, nesse nível mais arcaico de nosso funcionamento (Freud, 1915/2013). Em outro plano, as comunidades culturais reforçam os laços sociais, em torno de um ideal comum, pelo ódio votado em conjunto contra o estrangeiro, contra o diferente, contra todo aquele em descompasso com esse ideal, mesmo que ele faça parte da comunidade (Freud, 1921/2011).

Deixo de lado os desenvolvimentos dessa problemática em Freud, retomada principalmente por Melanie Klein e depois por Lacan, para mencionar alguns aportes de René Kaës, baseados em experiências com terapia de grupo,

iniciadas por Pichon-Rivière e Bleger na Argentina, e seguidas por Foulkes, Rickman e Bion na Inglaterra.

Essa abordagem permitiu o estudo de funcionamentos primários, de natureza psicótica, induzidos pela inserção de um indivíduo na vida de um grupo, que mostra ter uma dinâmica específica. Tais funcionamentos envolvem o surgimento de certezas violentas e redutoras, partilhadas pelos integrantes, movimentos flagrados como que *in statu nascendi*, dando origem a elaborações e formulações teóricas específicas, como o conceito de *posição ideológica*, de Kaës (1980/2016).

Vou me ater a essa configuração. Ela dá uma medida da natureza do que está em jogo nas transformações dos valores culturais de que falamos, e também do que as torna tão difíceis, inquietantes e disruptivas para muitos, suscitando tensões sociais e reações fortemente agressivas.

Na formulação do conceito mencionado, Kaës aproveita o que foi elaborado por Freud em relação ao supereu como depositário dos ideais culturais. Na 32.^a das *Novas conferências introdutórias à psicanálise*, ele afirma que o supereu é portador “da tradição, de todos os constantes valores que assim se propagaram de geração em geração”, acrescentando que “o passado, a tradição da raça e do povo, prossegue vivendo nas ideologias do supereu, e apenas muito lentamente cede às influências do presente, às novas mudanças” (1933/2010b, pp. 205-206)

O uso da palavra *ideologia* aparece nessa passagem marcando a divergência de Freud com a ideologia marxista. Há de fato uma reflexão bem mais ampla de Freud, em sua obra, voltada para os sistemas religiosos e filosóficos e para as visões de mundo, para as funções que estas atendem e para os ideais sociais que prescrevem. A 35.^a conferência começa com uma tentativa de definir o que é uma visão de mundo, tentativa essa que pode ser considerada uma primeira aproximação do que Kaës desenvolve como posição ideológica:

Uma visão de mundo é uma construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas de nossa existência, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta, e tudo que nos concerne tem seu lugar definido. (Freud, 1933/2010b, p. 322)

O conjunto de representações estabelecidas pela tradição e inscritas no supereu inclui prescrições reasseguradoras como formações de ideal e como visão de mundo, que orientam “sobre a que devemos aspirar e como alocar da maneira apropriada os nossos afetos e interesses” (p. 322). As prescrições e os sistemas de premiação e castigo das ideologias religiosas são o seu modelo principal.

A ideologia assim entendida corresponde ao vínculo social nas comunidades culturais, e sempre que esse vínculo fica ameaçado de ser rompido ou alterado a posição ideológica é reforçada, pois a mudança ameaça por sua vez a identidade pessoal apoiada nessa ligação, baseada em crenças comuns a todos (Kaës, 1980/2016).

O entendimento que encontramos num artigo de Adam Phillips (2008) segue nesse sentido. De acordo com o autor, a exacerbação dos fundamentalismos religiosos – entre os quais tem se destacado, na atualidade, o furor fanático islâmico – corresponde a uma reação contra a cultura científica e secular que se impôs no Ocidente e transformou o mundo. Trata-se de uma guerra santa, de uma luta de vida ou morte pela reafirmação dos costumes, das crenças e da moral islâmica contra mudanças que despertam o sentimento catastrófico de aniquilamento. Nesse movimento, dominado pelo fanatismo, verdadeira loucura do ideal, a desconfiança torna-se generalizada, voltando-se até mesmo para povos islâmicos mais tradicionais, também tratados como ameaça mortal em razão de pequenas diferenças culturais ou pessoais, sendo igualmente visados pela violência brutal e imediata da guerra santa.

A posição ideológica é modulada por Kaës entre a referência ao eu ideal, no registro do narcisismo primário, descrito antes como amor de si mesmo, o qual, sob o primado exclusivo do princípio do prazer, leva ao ódio mortal daquilo que o contraria e ameaça, por não coincidir com ele, e a referência ao ideal do eu. Este supõe a capacidade de reconhecimento das próprias insuficiências, toda realização tendo que passar por identificações com as pessoas amadas. A posição ideológica fundada sobre o ideal do eu tem um papel decisivo na vida relacional das instituições e das comunidades culturais; é aberta aos processos de transformação e à negociação de compromissos, baseados no princípio de realidade.

Diferente é o que Kaës descreve como posição ideológica radical. Esta é regida pela lógica de funcionamento do eu ideal. Fundada em certezas absolutas, não tolera nenhuma transformação. Afirma-se contra a incerteza e o desconhecido, como um pensamento contra o pensar ou como

uma autêntica inaptidão a pensar; nela há uma prevalência dos mecanismos de recusa da percepção da realidade e do desmentido. Comanda uma ação e a justifica. É imperativa, desconfiada, não admite nenhuma diferença, nenhuma alteridade, e impõe proibições de pensamento. Está subentendida por angústias de aniquilamento iminente e por fantasias grandiosas de tipo paranoico. É também uma medida defensiva contra os momentos caóticos. (1980/2016, pp. VII-VIII)

Podemos perceber esses dois modelos de funcionamento operando em nós, entre nós, tensionados um em relação ao outro, o predomínio de um ou

de outro favorecendo ou desfavorecendo o trabalho da cultura. Temos, assim, alguns elementos para pensar a raiz das reações sádicas e destrutivas em nós e entre nós contra as pessoas que se mostram diferentes, fora dos padrões correspondentes aos ideais normativos da cultura em que vivemos, e contra os movimentos de oposição no plano social, quando a evolução cultural passa a tornar inaceitável humilhar, discriminar e estigmatizar certos modos de ser.

Consideremos o caso da chamada homossexualidade, estigma social criado com base nas fantasias e na aversão em relação a flutuações da orientação sexual, quando o desejo sexual e a ligação amorosa ocorrem entre pessoas do mesmo sexo. O psicanalista Jurandir Freire Costa dedica o livro *A face e o verso* à problematização de uma pergunta suscitada pela palavra *homossexualidade* em nossa cultura:

O que nos faz ... dizer, reconhecer, saber, definir ou descrever alguém como homossexual? E o que faz com que alguém que se identifique ou seja identificado como homossexual venha a ser visto como uma espécie de homem à parte? Homens que só conseguimos perceber, julgar, avaliar pondo em primeiro plano suas inclinações eróticas. O que nessa figura do sujeito captura tanto o nosso imaginário? (1995, p. 53)

O autor, curiosamente, não inclui as mulheres, cuja orientação sexual confronta-se com as mesmas questões.

Na sequência, Costa realiza uma interpelação exigente, solidamente argumentada, ao que está no centro dessas interrogações. Seu estudo volta-se para a contextualização histórica do surgimento da palavra *homossexual* e do “ser” que ela constitui ao designar, efeito que é questionado pelo autor. Acompanhando o levantamento feito por ele, vemos que o “ser homossexual” foi objeto de inúmeros trabalhos psicanalíticos ao longo do século xx, todos impregnados pelo preconceito social que implica a certeza de haver algo muito errado a ser explicado e tratado em pacientes com essa orientação sexual, o que aliás aparece nas hipóteses teórico-clínicas. As honrosas e poucas exceções na literatura, segundo o autor, além de Freud, claro, são seus contemporâneos Ferenczi, Rank e Brill e, no período posterior a ele, Marmor, Stoller e Lacan, basicamente.

A menção ao livro de Costa, publicado em 1995, nos interessa aqui não só por dizer respeito diretamente a nossa comunidade de trabalho, mas por ser uma ilustração impressionante do poder de convicção que uma formação preconceituosa pode ter sobre o pensamento – no caso, levando-o a ir na contracorrente do próprio método psicanalítico, baseado na escuta das singularidades do analisando, sejam elas quais forem, embora saibamos que os preconceitos do analista são uma das causas de sua resistência na escuta; e também

levando-o a ir na contracorrente das descobertas profundamente inovadoras sobre a sexualidade humana feitas por Freud nos primeiros tempos de sua obra.

Desde 1905, Freud mostrou que o desejo inconsciente, que move o psiquismo, é a encarnação das pulsões sexuais, as quais não trazem em si os objetos de sua satisfação, sendo estes criados, achados, mudados, numa história em aberto, a ser traçada no interior do complexo de Édipo. Segundo essas formulações, a escolha por alguém do outro sexo é tão problemática quanto a escolha por alguém do mesmo sexo, não havendo, portanto, nada de automático, de natural, de preestabelecido definindo que a preferência sexual seja por pessoas do outro sexo. O que há é uma condição dos ideais sociais que leva à (auto)valorização quando a tendência dominante se volta para o outro sexo, e à (auto)depreciação quando ocorre o contrário.

Durante todo o século xx, as crenças preconceituosas envolvendo essa orientação da vida amorosa e sexual fundamentaram a recusa, vivida como natural, em admitir tais colegas na comunidade psicanalítica e em reconhecê-los como aptos para exercer a psicanálise. Dois artigos recentes, publicados um na revista *Ide* (Martins, Leite, Porto & Leite Netto, 2014) e o outro na *Revista Brasileira de Psicanálise* (Leite Netto, 2014), são bastante ilustrativos e informativos sobre isso entre nós. No primeiro deles, somos lembrados de que foi somente em 2002 que a Associação Psicanalítica Internacional desfez a norma de exclusão, ao aprovar uma *regra de não discriminação* (!), formulada assim: “A seleção de candidatos para o treino em psicanálise será feita somente com base em qualidades diretamente concernentes à sua habilidade de aprender e funcionar como psicanalista” (citado por Bulamah & Kupermann, 2013, p. 161).

A simplicidade e a lógica evidente dessa formulação, até então submetida entre tantos psicanalistas e por tanto tempo ao que Freud chama de *interdição de pensar* (*Denkverboten*), dá a medida do poder de recalcamento da crença preconceituosa. E alguém de grande prestígio entre os psicanalistas, o próprio Freud, já o havia dito 81 anos antes, numa carta de teor semelhante, enviada para Jones em 1921 e assinada também por Otto Rank, opondo-se à decisão apoiada por Jones de recusar uma pessoa que pretendia ser analista sob a alegação de que “seu homossexualismo era intratável”: “Querido Ernest, no que diz respeito à filiação de homossexuais, consideramos o assunto e discordamos de você. ... A decisão em tais casos deve depender de um exame acurado de outras qualidades do candidato” (citado por Costa, 1995, p. 52).

Com certeza, nesse meio-tempo, as ideologias psicanalíticas variaram de um lugar para outro e de um analista para outro em sua prática clínica. Vimos que o modo de inserção de cada um na relação com os preconceitos culturalmente dominantes pode ser bastante diferente. Em 1965, a psicanalista Judd Marmor questionou a tendência, segundo ela frequente na época, de delinear o que seria uma “personalidade homossexual”:

O sofrimento de origem social

Certas generalizações de características de personalidade dos homossexuais virão a ser compreendidas como parte de uma tessitura total, que inclui um tipo específico de costumes e valores sociais, o qual reprova e condena o comportamento homoerótico e faz a vida mais difícil e arriscada para os homossexuais. (citada por Costa, 1995, pp. 284-285)

Em seguida, ela pergunta se essas pessoas teriam os mesmos caracteres se vivessem numa sociedade que os tivesse em alta estima.

Apesar do fechamento das instituições psicanalíticas, impregnadas por esse preconceito, a sensibilidade para o sofrimento psíquico de causa social que daí provinha expressava-se aqui e ali entre psicanalistas, assim como na intimidade de seu consultório e de sua escuta, testemunhando o trabalho da cultura, que, apesar de todas as mudanças alcançadas pela ação política, é condição para a erosão de posições ideológicas que permanecem bastante vivas sobre essa questão.

El sufrimiento de origen social

Resumen: Además de los sufrimientos causados por las fuerzas de la naturaleza y por la fragilidad del cuerpo, existen aquellos causados en el interior de las relaciones sociales en las cuales nos encontramos insertados desde el inicio de nuestras vidas. Los valores que se constituyen en una cultura operan en sistemas de creencias socialmente compartidos, siendo introyectados por los sujetos como ideal del yo. Tanto las creencias como los valores consolidan la organización social y ordenan las relaciones entre sus integrantes, pero son susceptibles a sufrir cambios por la capacidad crítica e innovadora del pensamiento, lo que Freud llama de trabajo de la cultura y de impulso a la libertad, particularmente cuando están dirigidas a las creencias y valores identificados como causa de sufrimiento social. Ocurre entonces un giro en el que pasan a ser entendidas como prejuicios e intolerancias, animadas por el odio primario a lo diferente, siendo cuestionadas en un proceso que es político en el interior de la sociedad. Esto sucede porque un período de mutación es desestabilizador y despierta reacciones regresivas violentas, que encuentran una descripción útil en la noción de posición ideológica radical de René Kaës. La conquista de la ciudadanía en las democracias Occidentales, los cambios en el lugar de la mujer, la evolución de las mentalidades sobre vida sexual como la exigencia de la virginidad y la norma estricta sobre las orientaciones sexuales ilustran el tema de este artículo.

Palabras clave: intolerancias, creencias, valores, diferencias sexuales, ideologías

The suffering from social origin

Abstract: There are, beyond sufferings that result from the forces of nature and the fragility of the body, those sufferings that are experienced within social relationships of which we have been part since the beginning of our lives. Cultural values operate in systems of beliefs which are socially shared. These values are introjected by subjects as the ego's ideal. Both beliefs and values consolidate social organization and they order relationships among the members of society. These beliefs and values, however, are likely to suffer changes due to the innovative and critical ability to think (i.e. thinking skills) which Freud called the work of culture and the drive to freedom, especially when it comes to beliefs and values that are perceived as the cause of social suffering. And then a turnaround happens: they turn out to be understood as prejudice and intolerance, which are strengthened by the primary hatred of what is different. At this point, they are questioned in a political process within society. This happens because a time of change destabilizes and causes regressive violent reactions, of which one may find a useful description in René Kaës's concept of radical ideological position. The achievement of citizenship in Western Democracies, changes in women's place, the evolution of ways of thinking about sexual life as the mandatory virginity and the strict rules about sexual guidance illustrate the subject of this work.

Keywords: intolerance, beliefs, values, sexual diversity, ideologies

La souffrance sociale

Résumé: Au-delà des souffrances entraînées par les forces de la nature et par la fragilité du corps, il y a celles produites au sein des rapports sociaux dans lesquels nous sommes insérés depuis le commencement de notre vie. Les valeurs qui se constituent dans une culture agissent dans des systèmes de croyances socialement partagées, dont l'introjection est faite par les sujets en tant qu'un idéal du moi. Aussi bien les croyances que les valeurs cimentent l'organisation sociale et ordonnent les rapports parmi ses éléments constitutants, mais elles sont susceptibles de souffrir des changements en raison de la capacité critique et innovatrice de la pensée, ce qui Freud appelle le travail de la culture et l'impulsion vers la liberté, en spécial lorsqu'elles s'adressent à des croyances et à des valeurs entendues comme la cause de la souffrance sociale. Il se passe alors un revirement, où elles commencent à être vues comme des préjugés et des intolérances, animées par la haine primaire contre ce qui est différent, questionnées dans un processus politique au sein de la société. Tout cela est dû au fait qu'une période de mutation est déstabilisante et elle réveille des réactions régressives violentes dont on trouve une description utile dans la notion de position idéologique radicale de René Kaës. La conquête de la citoyenneté dans les démocraties Occidentales, les changements du rang de la femme, l'évolution des mentalités concernant la vie sexuelle, telles

O sofrimento de origem social

que l'exigence de la virginité et la normativité stricte sur les orientations sexuelles, illustrent le sujet de cet article.

Mots-clés : intolerances, croyances, valeurs, différences sexuelles, idéologies

Referências

- Bulamah, L. C. & Kupermann, D. (2013). Notas para uma história de discriminação no movimento psicanalítico. *Estudos da Língua(gem)*, 11(1), 147-164.
- Costa, J. F. (1995). *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2010a). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2010b). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 123-354). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos* (P. H. Tavares, Trad.). São Paulo: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)
- Kaës, R. (2016). *L'idéologie: l'idéal, l'idée, l'idole*. Paris: Dunod. (Trabalho original publicado em 1980)
- Leite Netto, O. F. (2014). Psicanalistas diante da questão homossexual: perplexidade? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 81-92.
- Martins, E. S. T., Leite, R. L., Porto, T. S. & Leite Netto, O. F. (2014). Psicanálise e homossexualidade: da apropriação à desapropriação médico-moral. *Ide*, 57(36), 163-177.
- Menezes, L. C. (2006). Preservem as flores selvagens: aderência, adesão e lucidez. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 40(2), 73-81.
- Phillips, A. (2008). Sobre o fundamental. *Ide*, 31(47), 16-23.

Recebido em 17/9/2018, aceito em 1/10/2018

Luis Carlos Menezes
 Rua Deputado Lacerda Franco, 300/134
 05418-000 São Paulo, sp
 luismzes@hotmail.com

A mente totalitária¹

Luiz Meyer²

Resumo: Partindo das reflexões de Hannah Arendt, o autor descreve, do ponto de vista psicanalítico, a formação e o funcionamento da mente totalitária, isto é, daquela que orientou a ação dos regimes hitlerista e stalinista. Busca caracterizar a estrutura psíquica sem a qual a mente totalitária não se organiza e cuja presença a torna operacional. Apresenta a hierarquia necessária à existência dela e as diferentes formas que assume (mentor, aderente e vítima). A compreensão da estrutura e do funcionamento da mente totalitária é fundamentalmente baseada em Melanie Klein, Wilfred Bion, Donald Meltzer e André Green.

Palavras-chave: totalitarismo, terror, destrutividade, onipotência, narcisismo, identificação projetiva, desobjetalização, vínculo

O título deste texto contém implícita a sugestão de nos debruçarmos sobre o funcionamento psíquico dos sujeitos que, após a Primeira Guerra Mundial, construíram e/ou participaram dos regimes totalitários surgidos na Europa – basicamente, nazifascismo e stalinismo. Contém ainda a ideia de que a forma de atuar desses regimes era particular, que eles se organizaram social e politicamente de modo original, e que a mentalidade dos que os conceberam também devia estar organizada de maneira inédita.

Em *Origens do totalitarismo* (1989), Hannah Arendt aborda o problema por meio de indagações que seguem essa mesma linha. Seria o regime totalitário um arranjo improvisado, um *mix* dos métodos historicamente empregados

1 Trabalho apresentado no 48.º Congresso Internacional de Psicanálise (Praga, 2013), da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

2 Membro da efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

pelos regimes autoritários já conhecidos, como a tirania, o despotismo e a ditadura militar? Teria ele emergido oportunisticamente diante do fracasso das formas tradicionais de governo (liberal, conservador, republicano, monarquista etc.)? Ou haveria algo que se poderia chamar de *natureza* do governo totalitário, que lhe daria uma essência própria? Se for este o caso, se existir uma experiência básica que encontra expressão no domínio totalitário, diz a autora, deverá ser uma experiência que nunca antes servira como organizadora para uma estrutura política, que nunca antes permeara e dirigira o tratamento das coisas públicas, e portanto, na esfera que nos interessa, nunca antes controlara o psiquismo humano dessa maneira. Estaríamos, assim, diante da promoção e da criação de formas inteiramente novas e inauditas de organização social. O que pretendo discutir é a face psíquica – segundo o viés psicanalítico – desse fenômeno social desconforme.

O ponto de vista que adotamos para descrever a formação e o funcionamento da mente totalitária não passa pela análise e pela compreensão das relações que os sujeitos identificados com ela mantiveram e/ou mantêm com seus objetos primários, isto é, não nos valeremos dos perfis psicológicos mencionados nos vários e aprofundados estudos psicanalíticos sobre o nazismo e o antissemitismo – por exemplo, Frosh (2009) –, em que as figuras do pai castrador e da mãe dominadora, a presença de conflitos edípicos não resolvidos, a dominância oral e/ou anal, a identificação feminina e/ou a fusão com a mãe, a rejeição pelos pais, a frieza e a hostilidade vigente entre eles, e assim por diante, são apontadas como determinantes para a formação da personalidade de tais sujeitos.

Nosso objetivo é tratar de uma estrutura psíquica específica, inerente à mente totalitária, sem a qual ela não se organiza e cuja presença a torna operacional. Dito de outro modo, há uma exigência lógica a ser satisfeita, necessária à construção e à funcionalidade dessa mente. Procuramos trabalhar no interior dessa lógica, mostrando as consequências dela.

O primeiro passo para realizar essa proposta é caracterizar o totalitarismo naquilo que, sendo-lhe essencial, de certo modo contém e antecipa o germe da configuração psíquica que ele irá desenvolver.

Um traço distintivo, nuclear, do totalitarismo é seu empenho em explicar de modo absoluto e completo o curso da história (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1998). Ele despreza a experiência e a verificação factual para construir vicariamente um mundo fictício e logicamente coerente, apresentado como modelar e propositivo. Tal construção é balizada por uma ideologia persuasiva, assimilada como crença, destinada a gerar nos sujeitos deste mundo uma convicção inabalável nas mensagens que lhes são dirigidas. Toda essa organização se sustenta e se mantém pelo terror, que é onipresente e arbitrário. A função dele, mais do que punir os desviantes da ideologia, é criar

e recriar objetos de terror, que possam ser caracterizados como desviantes e, então, eliminados.

O corolário do funcionamento dessa estrutura não é somente “destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública” (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1998, p. 1248), mas sobretudo suprimir os grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, o qual, em consequência, é destituído de seu próprio eu, tornando-se estranho ao mundo. Essa destituição e as formas que ela assume, nas mais variadas dimensões e estratos, constituem a face psíquica a que aludimos. A escolha do termo *face* indica o quanto o funcionamento do sujeito e o do segmento político em que está inserido, o totalitarismo, são inextricáveis.

Embora a dinâmica processual da mente totalitária demonstre o caráter unívoco de seus procedimentos, para facilitar a compreensão de seu funcionamento, vamos situá-lo em três categorias: o mentor, o aderente (ou seguidor) e a vítima, classificação ancorada numa separação que Hannah Arendt faz entre *mal banal* e *mal radical*.

O mal radical seria produto da personalidade dos construtores e mentores do regime, e estaria ancorado na onipotência individual que despreza as verificações fáticas. O mal banal, por outro lado, decorreria da ação dos seguidores, dos companheiros de estrada, e se caracterizaria por uma forma particular de alienação (*mindlessness*), conseqüente à entrega da própria mente, com a memória e a capacidade de autorreflexão, ao regime e seu líder.

Essa divisão é algo redutora, pois a estrutura totalitária funciona concentricamente, organizando seus membros em camadas circulares, sobrepostas, de modo que para cada uma delas haja sempre outra que a precede e outra que a sucede. Assim, os mentores da camada mais central, praticantes do mal radical, terão como seguidores praticantes do mal banal, aqueles que compõem a camada subsequente. Estes, por sua vez, serão a representação do mal radical para a camada que vem a seguir. Tudo se passa como se a brutalidade do escalão que compõe cada círculo do mal radical pudesse ser relativizada pela presença vizinha do mal banal. Na verdade, trata-se de uma manobra para dissolver as responsabilidades, uma vez que é a articulação harmônica das duas modalidades que mantém a eficácia do sistema.

○ mentor

Para compreender o funcionamento do *self* totalitário do mentor, vou postular a existência de um objeto com cujas características peculiares ele se identificará. Esse objeto é construído através de operações sucessivas e irredutíveis de negação psíquica, excisão e identificação projetiva, que o vão

modelando, de modo que, ao fim e ao cabo, ele possa se oferecer como contínuo, conflitivo, autoexplicativo, autoconfirmativo, isto é, sem brechas ou nuances, uma permanente afirmação.

Ao término dessas operações, o que se decanta é um objeto que representa a essência do narcisismo, sua célula matricial e difusora. O caráter de ideal, obtido por meio dessa burilagem contínua, faz com que ele se oponha a qualquer indagação, de pronto ignorada e desprezada. Ele não é só modelar; é também O Modelo, incontestável, puro e absoluto; o objeto-princípio (Oliveira, 1999) e, *ipso facto*, universal.

Em decorrência, o que for particular torna-se perigoso para ele e aciona a racionalização paranoide que justifica sua eliminação. Esse particular nem precisa confrontar o objeto; basta existir, isto é, não ser um reflexo imediato, para converter-se em discordância e atrair desclassificação e, conseqüentemente, perseguição.

A autoafirmação repetitiva de seus atributos e a inflexibilidade de seu procedimento criam uma impermeabilidade que, para a finalidade pretendida, de ser o ideal (um ser com completa autonomia), lhe confere eficácia e coesão. Apoiado nessa impermeabilidade, ele age impedindo a existência de qualquer outro objeto que tenha uma aura de privacidade, ou seja, que abrigue um interior controverso, gerador de ambivalência.

Sendo o todo, nada pode ou deve complementá-lo. Integrar-se seria uma traição à sua natureza. Daí ele só se relacionar com objetos que endossem sua configuração e que formem uma comunidade na qual a ilusão de normalidade é criada pela comunhão na crença.

Assim, é sob a égide da institucionalização do desprezo à realidade que esse objeto vai estabelecer suas relações. É esse aspecto de inteireza, essa promessa de inviolabilidade, que o torna admirável aos olhos do *self*. E é com esse objeto que o *self* totalitário, o mentor do totalitarismo, vai se identificar.

Em 3 de outubro de 1933, no Congresso de Juristas Alemães, Adolf Hitler afirmou que o Estado totalitário não toleraria diferenças entre direito e moral, abolindo assim o conceito de direito natural e assinalando o fim da mentalidade inaugurada pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (Faye, 1996). Basicamente, Hitler estava anunciando que não toleraria a distinção entre regras e princípios. Estes, segundo a teorização do jurista nazista Carl Schmitt, seriam ditados pelo líder, cuja fala corresponderia à lei: “Soberano é quem decide sobre o estado de exceção” (2006, p. 7). Ora, a consciência do *self* totalitário é dominada por um soberano cujo perfil é o do objeto que estamos descrevendo. As decisões que vier a tomar, contra qualquer razoabilidade, visarão sempre perpetuar sua liderança e seu poder.

Em consonância com o objeto com que está identificado e ao qual serve, o *self* totalitário não busca a regulação ou a restrição da liberdade, mas

a sua abolição. Os mentores do regime formam uma comunidade marcada pela firme crença na onipotência humana (Arendt, 1989). Esta abre caminho para a construção de um mundo caracterizado pelo excesso, em que tudo é permitido e tudo é possível. Nada almejado pelo *self* do mentor precisa ser circunscrito, nenhuma individualidade precisa ser respeitada. Salta aos olhos que o discurso do *self* totalitário *precisa* ser mentiroso, porque ele opera apenas a partir do universo fictício que criou.

Desse modo, ele se torna partícipe e formador de um mundo indisputável, coerente, eternamente idêntico a si mesmo (Adorno & Horkheimer, 2006), representação da onipotência que emana de sua estrutura psíquica pétrea e indivisa, em contínuo funcionamento, o que não implica crescimento. O horror ao vácuo, descrito na física, encontra aqui seu correspondente psíquico: o medo do surgimento de um hiato, de uma descontinuidade, que ameaçaria o aspecto compactado e impenetrável de sua identidade. Qualquer falha eventualmente vislumbrada vai ser mandatoriamente colmada, desfigurando e falsificando a realidade. É justamente a possibilidade de confronto com uma falha que impulsiona o *self* a uma contínua varredura do mundo, estruturando um modo de ser paranoide e o controle compulsivo dos objetos através do terror. A (auto)afirmação é, a um só tempo, acionada pela paranoia e seu resultado reflexo.

Essa forma de ser do *self* totalitário, cujo epítome é o *self* do líder supremo, torna-se o modelo pelo qual todas as categorias são pensadas e avaliadas. A função da mencionada varredura paranoide é também detectar a emergência de áreas de privacidade e espontaneidade humanas, a fim de forçá-las a ceder lugar ao modelo único. Trata-se de uma estrutura psíquica na qual a assembleia de objetos internos, referida por Melanie Klein, coalesce em torno de um único objeto. Ao encarná-lo, juntamente com a crença no poder ilimitado, que lhe é inerente, o *self* do mentor atua tanto o aspecto triunfante do objeto quanto a negação maníaca de quaisquer laços libidinais de dependência (Rosenfeld, 1989a, 1989b). Estes, assim como os objetos que os revelam, precisam ser sistematicamente nulificados. Tal anulação não é vital somente para a sobrevivência do *self* totalitário, isto é, para a alimentação de sua crença e ideologia; ela serve ainda para comprovar as teorias que compõem a sua autorrepresentação (completude, onipotência, onisciência) e a posse do poder absoluto, que desafia o reconhecimento de todo limite. Compreende-se, pois, que o terror – o instrumento da destruição – seja inerente ao funcionamento desse *self*, na medida em que é o dispositivo que impede contestar qualquer traço de sua identidade.

Para a manutenção de seu funcionamento, o psiquismo totalizante também requer que seus procedimentos e sua versão de mundo sejam institucionalizados e naturalizados. À semelhança do que diz Freud em *Psicologia*

de grupo e a análise do ego (1921/1969), os objetos que o envolvem passam a ter como função a sua manutenção, enquanto ideal. O *self* totalitário, assim cultuado, confunde-se com a lei, tanto na dimensão reguladora quanto na dimensão protetora, que ele mesmo prescreve.

Esse *self* sem partes escindidas, sem conflitos internos, governado por um narcisismo absoluto, estabelece relações que têm como princípio único a exigência de lealdade completa. A lealdade obriga os objetos que com ele se relacionam a se esvaziar de qualquer veleidade pessoal e a se tornar apenas a confirmação de sua grandiosidade. É uma lealdade que impede a existência de solidariedades pessoais, bloqueando a vida privada desses objetos (os aderentes, de quem falaremos adiante). Estes devem voltar-se de maneira transparente para a satisfação das exigências do *self* totalitário, cuja representação máxima é o líder. Para o aderente, o seguidor, só há um outro e só há lugar para esse outro. A autorrepresentação do *self* totalitário passa então a ser coletivamente consensual: um ser incastrável, cujas ações são incontestáveis. Essa posição o autoriza a emitir um discurso messiânico, que promete de forma repetitiva um mundo novo, ideal, que será construído por meio de procedimentos que o próprio discurso naturaliza. Ele não governará: comandará; ele não negociará: agirá; ele não se oporá: sabotará; ele não discutirá: monologará.

O aderente

Já mencionamos a descrição que Hannah Arendt (1989) faz da estratificação do regime totalitário, afirmando que os membros do partido são rodeados por um mundo normal de simpatizantes, e as formações de elite pelo mundo normal dos partidários comuns. Para cada categoria, há um círculo externo menos radical, que representa o mundo normal. A astúcia dessa organização reside na aparente pasteurização do radicalismo totalitário, que sempre terá um referente externo concebido como mais conciliador. Observemos o funcionamento desse referente, o partidário comum, o aderente, o companheiro de estrada.

Vimos que o regime totalitário se propõe a impedir a autodeterminação do sujeito, ao mesmo tempo que o pressiona para dissolvê-la, como forma de defesa. A fim de se encaixar nesse perfil, o aderente, o partidário comum, liquida sua consciência moral, e a responsabilidade desaparece por trás da necessidade de se orientar constantemente pelo regulamento a ele imposto. Adorno e Horkheimer (2006) definem a consciência moral por meio de um enunciado facilmente assimilável ao modelo kleiniano da posição depressiva, descrevendo-a como a capacidade de fazer seu o verdadeiro interesse dos outros. Evidentemente, a angústia da posição depressiva não é experimentada

pelo sujeito aderente, porque ele vive confinado num mundo caracterizado pela ausência de conflitualidade. À coesão grupal, marca registrada do mundo do aderente, deve corresponder uma compactação psíquica interna, uma ausência de hesitação e de incongruência, uma tal submissão à verdade que a presença de objetos continentais se torne supérflua, surgindo em seu lugar objetos reguladores.

Habitualmente, um *self* é formado por identificações variadas, que terminam por compor uma fratria, cujos membros estabelecem entre si relações de cunho diverso. No caso do *self* do aderente, essa estrutura é substituída por uma massa amorfa, destinada apenas a espelhar os ditames do *self* do mentor. Tal conjuntura foi brilhantemente abordada em livros que se tornaram referência sobre o tema: *Ordinary men: reserve police battalion 101 and the final solution in Poland* [Homens comuns: o 101.º batalhão de reserva da polícia e a solução final na Polónia], de Christopher Browning (1998), e *Hitler's willing executioners: ordinary Germans and the Holocaust* [Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto], de Daniel Goldhagen (1997). Eles descrevem como o regime induz e organiza no aderente a não diferenciação, a ambição (ou melhor, a necessidade) de ser como os demais, de ser parecido com os membros do grupo ao qual pertence, impulsionando-o a despir-se de motivações pessoais e, naturalmente, de espontaneidade.

O regime totalitário necessita de um seguidor que tenha uma identidade “contínua”. Dito de outro modo, a ausência de conflitualidade social, obtida pela institucionalização da crença na ideologia, propicia a extinção da conflitualidade interna, privando o seguidor de um psiquismo original (Laval, 2002). Seu *self* torna-se mecânico e, se vier a experimentar algum conflito, será sempre dentro do campo proposto e delimitado pela ideologia – um conflito pré-formado. O conformismo do *self* do seguidor é coextensivo ao totalitarismo do *self* do mentor.

O mundo administrado pelo totalitarismo deveria provocar no aderente um sentimento de claustrofobia generalizado (Adorno, 1995). Entretanto, o enclausuramento não é percebido, porque, como vimos, é naturalizado. Viver aderido ao sistema, preso a ele, torna-se o modo natural de vida. Essa adesão configura a modalidade defensiva *princeps* do aderente, e toma a forma de um mimetismo ritual, expressão simultânea da anulação de sua capacidade de se contrapor e do desaparecimento de sua intimidade. Uma vez que o ato de ponderar é vedado ao aderente, e que simultaneamente lhe é bloqueado o acesso ao espaço que abriga a virtualidade de conflito, as percepções dele passam a ser uma simples mimese do modelo de apreensão designado pelo *self* totalitário. Para tanto, o aderente vai sempre procurar o “bom ajustamento”, a posição que melhor reflita a superfície do *self* do mentor. Como dizem Adorno e Horkheimer, “o percebido não se encontra mais presente no processo de percepção” (2006, p. 166).

Essa dinâmica evoca a descrição que Meltzer (1994) faz da identificação adesiva. Com efeito, o aderente não pode se relacionar em profundidade com o *self* do mentor porque este não é penetrável, não oferece interioridade. Como o próprio nome indica, o que resta para o aderente é a adesão ao que é aparente, externo, bidimensional. Coline Covington (2012) denomina isso de *alienação (mindlessness)*.

Desse modo, além de funcionar como defesa contra a possível emergência de uma individualidade que atrairia o terror, o mimetismo permite ao aderente uma participação, mesmo que vicariante, no mundo idealizado do *self* do mentor. Para isso, ele terá que se desfazer de qualquer particularização, tornando-se uma encarnação da alienação. Por esse ângulo, o comportamento do aderente evoca o grupo de pressuposto básico, de Bion (1961), cujos componentes seguem o pressuposto sem questioná-lo, a fim de manter a segurança e a estabilidade. Os direitos são dispensados em nome dos privilégios.

O mimetismo, porém, requer a autorização do mentor para que o aderente se aproxime dele. Isso porque as ações do aderente que ecoam as do mentor devem sempre ser praticadas com a finalidade de confirmar a onipotência deste (Bauman, 1998). *A mimetização é, assim, erigida em virtude moral.*

A vítima

Vimos até agora o modo de funcionamento do *self* totalitário, tanto no nível do mentor, identificado com o objeto interno ideal, quanto no nível do aderente, caracterizado pela adesão mimética à superfície comportamental do *self* totalitário. Resta falar da vítima, do alvo cuja *forma* de destruição sustenta e ilustra o tipo de racionalidade inscrito na ideologia do *self* totalitário.

As teorias de André Green (2005) sobre a objetualização e a desobjetualização são de grande valia para apreender como essa forma destrutiva opera e por que é eficaz. Basicamente, as funções de objetualização e desobjetualização estão ligadas à dualidade pulsional. Enquanto a função objetualizante parece ser uma interessante elaboração daquilo que Freud chama de Eros, a função desobjetualizante está ligada às pulsões de destruição. Essas funções não têm como foco unicamente os objetos. Green afirma que a função objetualizante não se limita às transformações do objeto, mas eleva funções psíquicas ao *status* de objeto, com a condição de elas serem sempre o veículo de um investimento significativo. Com isso, sublinha o fato de que funções psíquicas, vistas como objetos, também podem ser alvo da desobjetualização. Com efeito, não é só a relação de objeto que se vê atacada pela desobjetualização; o investimento, na medida em que sofreu o processo de objetualização, isto é, converteu-se num objeto, também se torna alvo. A desobjetualização passa a atacar e destruir a própria

função de investir o objeto. Se compararmos com a operação descrita por Bion em “Attacks on linking” [Ataques ao vínculo] (1959/1987), perceberemos que a manobra desobjetalizante visa criar um mundo em que nem mesmo existam vínculos para atacar. Bion descreve essa situação dizendo que o *self* totalitário, imbuído do sentimento de que “possui todas as qualidades da existência”, volta-se para o objeto, a vítima, e passa a funcionar como uma “força ejetora, isto é, ele pode entrar num objeto ‘existente’ para ejetar a ‘existência’” (p. 108). Estabelece-se, assim, uma conjunção constante entre a percepção da vítima pelo *self* totalitário e a nulificação dela.

Essa conjuntura permite que o executor se organize para tornar-se um estrangeiro absoluto em relação ao objeto, à vítima (Kristeva, 2012), de modo que a eliminação dela se naturalize, assim como a desobjetalização.

A vítima passa a ter uma experiência – a de viver como um não ser – da qual não tem registro psíquico e que não se vincula a nenhum resto diurno. A vivência de não ser um outro para ninguém não é passível de simbolização, e termina por envolvê-la num clima inédito de irrealidade. O vácuo de representação (Viñar, 2005) que ela experimenta é tão intenso que a própria representação do terror é impedida. Não se trata, pois, apenas de destruição física. O desinvestimento do objeto age capilarmente na comunidade das vítimas, criando um grupo de fantasmas, de seres que vivenciam a si mesmos como carentes de substância, perdidos de si próprios.

Para os que compartilham da ideologia do universo totalitário, a ação dos mentores parece calculada, metódica, racional. Entretanto, para a vítima, estranha a esse universo, este é totalmente carente de lógica e de pragmatismo, de modo que a intenção do algoz, além de imprevisível, é incompreensível.

Primo Levi perguntou para um guarda do campo de concentração: “Mas por quê?”. E ele respondeu: “Aqui não tem ‘Por quê?’” (1989, p. 22). A vítima vive imersa num clima de absurdo, para o qual ela procura desesperadamente um referente, sem se dar conta de que o universo de relações no qual foi enclausurada não é passível de ser interpretado com os elementos de sua experiência anterior. Para a vítima, a existência do mal radical é acompanhada pela experiência da ausência radical de sentido.

À guisa de conclusão

Como visto, o regime totalitário realiza uma operação dupla e simultânea: no nível macro, ela uniformiza o comportamento dos sujeitos, de modo que eles deixam de pertencer a classes sociais (estas acabam dissolvendo-se); no nível micro, ela esvazia os sujeitos de seus conteúdos internos singulares. O que resulta é A Massa, que vai agir e pensar seguindo a lógica do mentor e

do seguidor, perene e indiferentemente conferindo às coisas um sentido fixo (Herrmann, 1997). O terror onipresente, que adensa A Massa, aciona defensivamente a paixão pela mentira, que aprisiona os sujeitos que a compõem. Através da biografia desses homens e de seu comportamento, filtram-se os traços da estrutura que descrevemos aqui. Vejamos o exemplo de Fritz Stangl, comandante dos campos de Sobibor e Treblinka.

Nascido em 1908 na Áustria, perdeu o pai aos 8 anos. Para ajudar a manter a família, aprendeu a tocar e a dar lições de cítara. Mais tarde, fez um curso de tecelão. Desapontado, porém, com as possibilidades de ganho nesse ofício, alistou-se na polícia, frequentando uma academia em Linz em 1930. No ano seguinte, tornou-se membro do Partido Nazista e obteve promoções em sua carreira policial. Em 1938, com o Anschluss, foi nomeado para servir no Departamento de Assuntos Judaicos de Linz. No mesmo ano, juntou-se à ss. Em 1940, passou a trabalhar no Aktion T4, o programa nazista de eutanásia. Em 1942, aceitou participar da Operação Reinhardt, codinome dado pelos nazistas à operação que visava assassinar todos os judeus que viviam no Governo Geral (na Polônia), o primeiro passo para a liquidação sistemática dos judeus na Europa. Posteriormente, foi indicado por Himmler para ser o primeiro comandante de Sobibor, campo que ele tornou operacional. Na segunda metade de 1942, foi nomeado comandante de outro campo de extermínio, Treblinka.

Stangl afirmou que sua dedicação nada tinha a ver com ideologia ou ódio aos judeus. Ele via os prisioneiros mais como o motivo de seu trabalho do que como pessoas, e via seu trabalho da mesma forma que veria qualquer outro. Afirmava que era sua profissão, que gostava dela e que ela o preenchia; também, que era ambicioso. Nesse posto, ele aceitou e foi se acostumando com a mudança, percebendo os prisioneiros não como humanos, mas como cargas que deveriam ser destruídas; ele admitiu o extermínio dos judeus como um fato.

Para dizer a verdade, a gente tinha se acostumado com aquilo. ... Eles eram cargas. Acho que tudo começou quando vi pela primeira vez o campo de morte [a área de extermínio] em Treblinka. Eu me lembro de Wirth ali de pé, ao lado das valas cheias de cadáveres azul-escuros. Aquilo não tinha nada a ver com a humanidade. Não podia ter. Era uma massa, uma massa de carne apodrecendo. Wirth disse: "O que vamos fazer com esse lixo?". Acho que, inconscientemente, isso me levou a pensar neles como cargas. Eu raramente os via como indivíduos. Eram sempre uma massa informe. Algumas vezes, eu ficava junto à parede e os via no corredor [que levava às câmaras de gás]. Eles estavam nus, correndo, encurralados, sendo conduzidos por chicotes. (Sereny, 1974/2013, p. 287)

Órfão, tocador de cítara, tecelão, policial, burocrata da eutanásia, administrador de campos de extermínio. Aos olhos de Stangl, sua participação em ambos os escalões da prática totalitária, o mal banal e o mal radical, justificava-se por uma lógica que esclarecia o sentido de suas ações. Nos depoimentos que deu a Gitta Sereny, dos quais resultou o livro *Into that darkness* [No meio das trevas] (1974/2013), Stangl revelou ter se oferecido a Odilo Globocnik (o general da SS responsável pela criação dos campos de extermínio da Operação Reinhardt) para pôr ordem no campo de Treblinka, particularmente no que se referia ao desvio de valores que os judeus, ali executados em massa, deixavam. Como em falas anteriores Stangl havia reiterado que seu maior desejo era afastar-se desses campos, Sereny perguntou-lhe por que se voluntariara. Ele respondeu que agia estritamente como policial. Sereny retrucou lembrando que ele afirmara saber que o trabalho feito nesses campos era criminoso.

Era uma questão de sobrevivência, sempre de sobrevivência. ... O que eu tinha de fazer, enquanto continuava em meus esforços para sair de lá, era limitar minhas ações a aquilo pelo que, segundo minha consciência, eu podia me responsabilizar. Na escola de polícia nos ensinaram que a definição de um crime deveria preencher quatro requisitos: deve haver um sujeito, um objeto, uma ação e uma intenção. Se falta qualquer um desses quatro elementos, então não estamos lidando com uma contravenção passível de punição. *Eu só poderia viver se compartimentasse meu pensamento* [itálico nosso]. Desse modo, eu poderia aplicar esses ensinamentos à minha situação: se o sujeito era o governo, o objeto os judeus, a ação a morte na câmara de gás, eu podia dizer a mim mesmo que o quarto elemento, a intenção, estava faltando. (p. 287)

La mente totalitaria

Resumen: Partiendo de las reflexiones de Hannah Arendt, el autor describe, desde el punto de vista psicoanalítico, la formación y el funcionamiento de la mente totalitaria, es decir, aquella que orientó la acción de los regímenes hitleriano y estalinista. Busca caracterizar la estructura psíquica sin la cual la mente totalitaria no se organiza y cuya presencia la hace operativa. Presenta la jerarquía necesaria para su existencia y las diferentes formas que asume (mentor, adherente y víctima). La comprensión de la estructura y el funcionamiento de la mente totalitaria está basada, fundamentalmente, en Melanie Klein, Wilfred Bion, Donald Meltzer y André Green.

Palabras clave: totalitarismo, terror, destructividad, omnipotencia, narcisismo, identificación proyectiva, desobjetalización, vínculo

Totalitarian mind

Abstract: The author uses Hannah Arendt's reflections as underlying ideas to describe, from a psychoanalytic perspective, the development and functioning of a totalitarian mind, i.e. the mind that was behind both Hitler's and Stalin's regimes. The author's purpose is to characterize the mental structure that enables the totalitarian mind to operate. Without this structure, he explains, the totalitarian mind cannot be even organized. He presents the hierarchy that is vital to this totalitarian mind and the different roles it may play (mentor, adherent, or victim). The comprehension of the structure and functioning of the totalitarian mind is mainly based on Melanie Klein's, Wilfred Bion's, Donald Meltzer's, and Andre Green's work.

Keywords: totalitarianism, terror, destructivity, omnipotence, narcissism, projective identification, "de-objectalization", bound

L'esprit totalitaire

Résumé: L'auteur décrit, du point de vue psychanalytique, partant des réflexions de Hannah Arendt, la formation et le fonctionnement de l'esprit totalitaire, c'est-à-dire, de celui qui a orienté l'action des régimes hitlérien et stalinien. Il cherche à caractériser la structure psychique sans laquelle l'esprit totalitaire ne s'organise pas et dont la présence permet qu'il devienne opérationnel. L'auteur présente la hiérarchie nécessaire à son existence et les différentes formes qu'il prend (mentor, adhérent et victime). La compréhension de la structure et du fonctionnement de l'esprit totalitaire est fondamentalement basée sur Mélanie Klein, Wilfred Bion, Donald Meltzer et André Green.

Mots-clés: totalitarisme, terreur, destructivité, omnipotence, narcissisme, identification projective, désobjectalisation, lien

Referências

- Adorno, T. W. (1995). *Educação e emancipação* (W. L. Maar, Trad.). São Paulo: Paz e Terra.
- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (2006). *Dialética do esclarecimento* (G. A. de Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Arendt, H. (1989). *Origens do totalitarismo* (R. Raposo, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bauman, Z. (1998). *Modernidade e Holocausto* (M. A. Penchel, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups*. London: Tavistock.
- Bion, W. R. (1987). Attacks on linking. In W. R. Bion, *Second thoughts* (pp. 93-109). London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1959)
- Bobbio, N., Matteucci, N. & Pasquino, G. (1998). Totalitarismo. In N. Bobbio, N. Matteucci & G. Pasquino, *Dicionário de política* (C. C. Varriale et al., Trads., 11.ª ed., Vol. 2, pp. 1247-1259). Brasília: Universidade de Brasília.

A mente totalitária

- Browning, C. R. (1998). *Ordinary men: reserve police battalion 101 and the final solution in Poland*. New York: Harper Perennial.
- Covington, C. (2012). Hannah Arendt, evil and the eradication of thought. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93(5), 1215-1236.
- Faye, J.-P. (1996). Terror. In *Enciclopédia Einaudi* (M. B. de Figueiredo et al., Trads., Vol. 22, pp. 317-341). Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- Freud, S. (1969). Psicologia de grupo e a análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Frosh, S. (2009). *Hate and the Jewish science: anti-Semitism, Nazism and psychoanalysis*. London: Palgrave Macmillan.
- Goldhagen, D. J. (1997). *Hitler's willing executioners: ordinary Germans and the Holocaust*. New York: Vintage Books.
- Green, A. (2005). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis* (A. Weller, Trad.). London; New York: Routledge.
- Herrmann, F. (1997). *Psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kristeva, J. (2012). Le mal, le pourquoi et la psychanalyse: limites et pouvoirs. *Julia Kristeva*. Recuperado em 25 ago. 2018, de www.kristeva.fr/le_mal_le_pourquoi.html.
- Laval, G. (2002). *Psychanalyse du meurtre totalitaire*. Paris: PUF.
- Levi, P. (1989). *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi.
- Meltzer, D. (1994). *Sincerity and other works*. London: Karnac.
- Oliveira, A. Q. B. de. (1999). Sobre e sob o encantamento do totalitarismo: Eichmann, o exterminador, com Kant, Sade e o Outro. *Percurso*, 12(22).
- Rosenfeld, H. (1989a). Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In E. M. da R. Barros (Org.), *Melanie Klein: evoluções* (A. M. Leandro & L. R. Aratangy, Trads., pp. 229-250). São Paulo: Escuta.
- Rosenfeld, H. (1989b). Introdução à discussão sobre “Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e morte?”. In E. M. da R. Barros (Org.), *Melanie Klein: evoluções* (A. M. Leandro & L. R. Aratangy, Trads., pp. 217-228). São Paulo: Escuta.
- Schmitt, C. (2006). *Teologia política* (E. Antoniuk, Trad.). Belo Horizonte: Del Rey.
- Sereny, G. (2013). *Au fond des ténèbres* (C. Audry, Trad.). Paris: Texto. (Trabalho original publicado em 1974)
- Viñar, M. N. (2005). Especificidade da tortura como trauma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39(1), 59-74.

Recebido em 14/8/2018, aceito em 28/8/2018

Luiz Meyer
 Rua Santa Cristina, 217
 01443-020 São Paulo, SP
 luimeyer@uol.com.br

Os errantes, um desafio para a psicanálise

Uma clínica da errância?

Caterina Koltai¹

Resumo: Neste artigo, a autora aborda um dos aspectos mais sombrios da globalização neoliberal, a presença cada vez maior de refugiados e errantes, assim como a particularidade de uma escuta analítica do traumatismo vivido por essas pessoas, que aceitaram morrer para poder viver. Seria possível falar de uma clínica da errância?

Palavras-chave: globalização, refugiado, trauma, errância

Com frequência, temos ouvido falar das dificuldades da psicanálise na contemporaneidade. Ainda que certamente existam, elas não me parecem maiores do que as enfrentadas por Freud e seus primeiros discípulos. Essa velha senhora, já centenária, testemunha das duas guerras mundiais, do totalitarismo, do colonialismo e do imperialismo, vem de fato enfrentando percalços. Prefiro, porém, abordá-los como desafios, o que me convoca a manter a curiosidade aguçada para as novas questões que se apresentam no mundo, e conseqüentemente para a psicanálise. Mais do que nunca, é hora de ousar avançar clínica e teoricamente, à margem das categorias e dos conceitos teóricos de que dispomos, para dar conta de nossa experiência. Não é demais lembrar que uma das características de um trabalho de análise é nos permitir pensar, desconstruir certezas, modificando assim nossa maneira de ver o mundo e situar-nos nele.

1 Professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), socióloga e psicanalista. Autora dos livros *Psicanálise e política: o estrangeiro* (Escuta, 2000) e *Totem e tabu: um mito freudiano* (Civilização Brasileira, 2010).

A meu ver, o fato de o inconsciente ignorar o tempo – passado, presente e futuro – não significa que a psicanálise se situa fora do tempo; tampouco que o analista pode se permitir ignorar a configuração sociopolítica que caracteriza determinada época. Antes, o analista deve estar à escuta de seu tempo e levar em conta as transformações e os conflitos que o perpassam, assim como as atrocidades sociais e políticas que se desenrolam incessantemente no espaço que partilha com outros humanos. Isso porque tais transformações acarretam outras tantas no campo clínico e em suas práticas.

Não estou dizendo nada de original: a percepção de que tanto a clínica quanto a teoria psicanalítica não podem prescindir de uma leitura do social e do político já se tornou praticamente um consenso, como atestam este número da revista e vários encontros que vem sendo realizados.

Muitos têm se debruçado sobre o mal-estar de nossa sociedade neoliberal e globalizada, afirmando que seu funcionamento e sua racionalidade estão presentes em todos os campos da vida social, inclusive em nossas formas de amar e sofrer, com o que concordo. A meu ver, o sintoma é sempre histórico, muda com o tempo, acompanhando as transformações do outro, tanto no plano pessoal quanto no coletivo, e sendo a maneira singular pela qual o sujeito enfrenta o discurso de seu tempo.

É o que vou tentar mostrar aqui, atendo-me a um aspecto específico da globalização neoliberal, talvez o seu lado mais obscuro: a presença cada vez maior de refugiados, exilados e errantes no mundo. Ao mesmo tempo, vou tratar da possível escuta analítica do traumatismo vivido por essas pessoas, que aceitaram morrer para poder viver. Seria possível falar de uma clínica da errância? Não sei ainda. Sei apenas que o refugiado, seja ele político, econômico ou climático, é uma das principais figuras de nosso século.

O número de pessoas forçadas a deixar seu local de origem por causa de conflitos, perseguições, violência ou violação de direitos humanos é o maior da história. O último relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) a que tive acesso, referente ao ano de 2016, expõe um panorama aterrorizante: 65,6 milhões de refugiados, com 40,3 milhões de deslocados internos. Metade desse número global é composta de crianças. Ao contrário do que poderíamos supor, a grande maioria dos refugiados foi acolhida por países em desenvolvimento, como Turquia, Jordânia e Líbano. No Brasil, a demanda por refúgio cresceu 148% de 2010 para cá. Por essas contas, uma em cada 113 pessoas do planeta seria um refugiado (Acnur, 2017).

Entendo por *refugiado* alguém que foi obrigado a deixar seu país natal e procurar abrigo em outro país. Desprovido de cidadania, é ao mesmo tempo um incluído e um excluído, na medida em que está inscrito no direito, mas sob a forma da exclusão. Novo habitante dos limites, o refugiado encarna a figura absoluta do estrangeiro que solicita a hospitalidade de uma nova comunidade

política. Sobrevive como um resto, representa o que resta da condição humana, e é sobretudo isso o que me interessa abordar neste trabalho.

De acordo com Ruiz (2014), a invisibilidade dos refugiados e exilados é uma forma de esconder a barbárie das estruturas econômicas e políticas que a produzem, o que personifica a afirmação de Benjamin de que não há monumento da cultura que não seja também um monumento da barbárie.

Tal realidade vem sendo estudada pela sociologia, pela economia, pelo direito e pela filosofia. A simples existência desses seres humanos, que vivem no exterior de uma ordem que não os reconhece como cidadãos de pleno direito, tem o poder ético e político de interpelar a ordem internacional atual. Já interpelara, aliás, Hannah Arendt, a primeira a relacionar a existência dos direitos humanos à ideia de Estado-nação, prevendo que o desaparecimento deste acarretaria o fim daqueles. Desde muito cedo, ela se deu conta de que os refugiados viriam a representar o paradigma de uma nova consciência histórica, tornando-se, de certa maneira e concomitantemente, a vanguarda de seus povos e a figura emblemática dos povos futuros.

Giorgio Agamben (1997), ao reler Arendt, avançou na questão e constatou que, em nossos dias, com a erosão dos Estados-nação (por exemplo, Iraque e Líbia) e das categorias políticas legais, o refugiado vem se tornando a própria figura do homem moderno, a condição futura de todos nós, a única categoria pela qual será possível imaginar os limites e as formas da comunidade política que virá. Segundo ele, a periferia interroga e põe em evidência os limites de nossas instituições, a ponto de a própria sobrevivência política do homem só ser possível se o cidadão entender que ele próprio é um refugiado.

Agamben estabelece uma analogia entre o processo de desumanização posto em prática pelo projeto nazista e a evolução das sociedades contemporâneas ocidentais, que vem multiplicando os lugares e as circunstâncias do que ele chama de *estado de exceção*, cujo paradigma é, em sua opinião, o campo de concentração e extermínio. A leitura de seus textos nos permite pensar o refugiado contemporâneo como um *homo sacer*, essa figura do direito romano arcaico que se materializa no humano que pode ser morto sem nenhum ritual e em toda a impunidade, o humano em relação ao qual não se aplica a proibição do assassinato. O *homo sacer* encarna a vida nua (*zoé*) e remete aos milhões de vidas exterminadas durante os genocídios, àqueles que foram abandonados tanto pelos deuses quanto pelos homens (Zaltzman, 1999).

Agamben propõe uma interrogação radical da própria definição de vida humana e de suas possibilidades, reencontrando questões que já nos haviam sido postas pela chamada *literatura de testemunho*, em obras como *A espécie humana*, de Robert Antelme, *É isto um homem?*, de Primo Levi, e *Contos de Kolimá*, de Varlam Chalámov, que descortinaram a figura da testemunha sobrevivente. Todos esses livros foram escritos em nome de uma exigência

comum: não trair os mortos. Chalamov (1986) observa que o escritor escreve na língua daqueles em nome de quem escreve, os mortos, correndo o risco de não ser entendido por aqueles para os quais escreve, os vivos. O fato é que esses autores se perguntaram o que significa pertencer à espécie humana, o que é ser um homem e como permanecer sendo um.

Num artigo publicado em 16 de agosto de 2018 no jornal *Le Monde*, Etienne Balibar dá um passo à frente ao questionar a quem efetivamente nos referimos ao falar de refugiados e emigrantes, sugerindo antes incluí-los numa categoria mais ampla, a dos errantes. A seu ver, e concordo com ele, a maneira como nomeamos essa população define os direitos que lhe reconhecemos e aqueles dos quais a privamos. Cita como exemplo o fato de o governo de diferentes países usar a categoria *refugiado* não para acolher os que fogem da crueldade de sua existência, mas para deslegitimar os que não correspondem a alguns critérios formais ou que não sabem responder a um interrogatório. Por essa razão, prefere chamá-los de errantes e falar de errância migratória no lugar de migração.

Balibar diz que os errantes não são uma classe nem uma raça; tampouco representam a multidão. Para ele, os errantes são a parte móvel da humanidade, acossada pela violência do desenraizamento e da repressão; são a parte da população cuja condição concentra os efeitos de todas as desigualdades do mundo em que vivemos. Tendo novamente a concordar com ele, razão pela qual me pergunto se também não poderíamos dar um passo à frente e falar de uma clínica da errância.

Para tentar responder a essa pergunta, preciso formular, se não propriamente uma hipótese, uma nova pergunta, a saber: a atual crise migratória, com seus milhões de refugiados, não nos apresentaria, enquanto analistas, e guardadas as proporções, questões da mesma ordem que a Primeira Guerra Mundial e a desilusão causada por ela apresentaram a Freud, e que a Segunda, com seus campos de extermínio, apresentou a Lacan? Se é que a comparação se sustenta, de que modo o sofrimento dos refugiados interpela a escuta do analista, ainda que não necessariamente em seu consultório? Minha experiência de apátrida na infância me sensibilizou desde cedo para essas questões, nas quais fui me aprofundando ao longo do tempo, como supervisora de um belo trabalho feito com migrantes em São Paulo por um grupo de jovens, competentes e implicadíssimos analistas paulistas. Outra fonte para minha reflexão são os analistas da associação *Paroles Sans Frontières*, que há mais de duas décadas vêm desenvolvendo um importante trabalho em Estrasburgo, patrocinados pela Comunidade Europeia.

Vejamos. Freud remanejou constantemente sua teoria em função daquilo que lhe ensinava a grande história. Já em 1915, apenas seis meses após a eclosão da Primeira Guerra, escreveu “Considerações atuais sobre

a guerra e a morte” (1984b). Ao refletir sobre a crueldade humana e seu desejo de destruição do outro, foi obrigado a constatar que o mal estava na essência do humano e que nenhum progresso era possível na vida psíquica da humanidade. Nesse texto, Freud diz que, quando os mortos são tantos que já não podem ser reconhecidos individualmente, torna-se impossível nomear a morte e viver o luto, o que por sua vez não tem como não acarretar uma mudança na humanidade da ordem da transformação da linguagem. Como se previsse o que viria, perguntou-se se a humanidade, constituída no crime e pelo crime, não estaria se dirigindo inevitavelmente para a destruição, questão cada vez mais atual.

A Primeira Guerra Mundial, com seus 9 milhões de mortos, questionou a maioria dos psicanalistas da época, como podemos constatar nos anais do 5.º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Budapeste em 1918, numa Europa recém-saída da guerra, num momento em que o armistício nem sequer fora assinado. Ali reunidos em torno de Freud, eles tentaram entender os efeitos da guerra sobre sua prática e sua teorização. As contribuições de Ferenczi, Abraham, Simmel e Jones, editadas sob o nome de *A psicanálise e as neuroses de guerra* (1921/2017), continuam bastante atuais, e são especialmente relevantes para o caminho que estou tentando trilhar neste trabalho, o do traumatismo, entendido não como o acontecimento em si, mas como sua consequência psíquica – a maneira pela qual o acontecimento foi acolhido e elaborado pelo psiquismo – e como o conjunto de suas consequências sintomáticas.

Obrigados a reconhecer que as neuroses de guerra e as neuroses traumáticas divergiam das neuroses de transferência em vários aspectos, os autores mencionados, apesar do mal-estar provocado neles, avançaram por essas manifestações psicopatológicas, em que a dimensão sexual parecia ausente. Insistiram em entender os novos sintomas e logo se deram conta de outra diferença importante: em vez da já conhecida amnésia das neuroses de transferência, nos novos casos encontravam um excesso de memória. O problema dos pacientes traumatizados residia justamente em não poderem esquecer nem a cena nem os acontecimentos aos quais foram expostos, que não cessavam de assombrá-los, tanto em sua consciência quanto em seus sonhos. A conclusão foi que, na neurose traumática, o vivido traumático inicial não é recalcado, nem entra em ressonância com a rede simbólica que caracteriza nesse momento a posição e a estrutura do sujeito. A lembrança permanece presente, sem modificações e sem se fragmentar em vários fantasmas.

Quanto a Freud, a necessidade de integrar as particularidades clínicas e psicopatológicas das neuroses de guerra o levou a reelaborar toda a sua teoria, o que desembocou na introdução da pulsão de morte e de um novo dualismo pulsional. O conflito entre Eros e Tânatos passou a

atravessar tanto o processo civilizatório quanto o desenvolvimento individual. Particularmente no que se refere ao trauma, a partir de *Além do princípio do prazer* (1920/1984a) surgiu em Freud uma nova concepção do traumatismo, na qual fica claro que, o que a neurose de transferência recalca, a neurose traumática torna presente, uma presença terrível, que faz o sujeito não cessar de reviver a cena traumática, razão pela qual, em vez da angústia como mecanismo de proteção contra o perigo, o afeto predominante é o pavor, o terror, visto que o acontecimento traumatizante atinge um psiquismo não preparado para ele, e portanto mais vulnerável.

Nas neuroses traumáticas, a dimensão do atual parece ocupar toda a cena, a temporalidade se modifica, e o traumatizado deixa de se inscrever numa continuidade histórica em que o presente se tece de impressões deixadas pelo passado e de projeções no futuro. O acontecimento traumático introduz um corte radical entre um passado que se tornou inacessível, em que a vida era normal, e um presente que se eterniza, sem nenhuma possibilidade de antecipar o futuro. Todas essas questões se reatualizam na escuta dos refugiados. Voltarei a isso adiante. Por ora, sinto a necessidade de seguir um pouco mais nas questões que a grande história apresentou aos analistas e me debruçar sobre as reformulações teóricas que desencadearam.

Freud reformulou sua teoria com as lições da Primeira Guerra, mas não viveu o bastante para tirar conclusões da Segunda Guerra, com seus 70 milhões de mortos; da morte científica e programada dos campos de extermínio nazistas, nos quais morreram duas de suas irmãs. Outros o fizeram em seu lugar. Entre eles, gostaria de destacar Jacques Lacan, Nathalie Zaltzman e Anne-Lise Stern.

Lacan (1968) foi o primeiro a chamar a atenção para a mudança que representou para a subjetividade a passagem de um mundo organizado em torno da religião para um mundo organizado em torno da ciência. Percebeu muito rápido que o nazismo, com seus campos de extermínio racional e tecnologicamente organizados, anunciava o que estava por vir. Para ele, a tragédia do Holocausto, longe de ser um acidente único na história, que nunca mais se repetiria, mostrava que “nosso futuro de mercados comuns seria necessariamente contrabalanceado por uma extensão cada vez maior dos processos de segregação” (p. 29).

Zaltzman (1999), por sua vez, explicitou melhor que ninguém o fato de que, ao atacar a noção de espécie humana, o regime nazista demonstrou que valores considerados definitivamente inscritos na história podiam se desfazer de uma hora para outra, levando a humanidade a adentrar um novo patamar do mal, de que ainda somos os tristes herdeiros, uma vez que a realidade totalitária e concentracionária nos pôs diante de um acontecimento maior, coletivo e individual, posterior à metapsicologia freudiana da psicologia das massas:

o desmoronamento da civilização ocidental em sua função de proteção do indivíduo contra o reino do assassinato, desmoronamento esse que passou a integrar cada um de nós e a herança da realidade humana.

Os milhões de refugiados que circulam pelo mundo interpelam a ordem internacional de nossos dias, vivendo na fronteira do direito, num espaço em que o direito jurídico permite que a exceção, no sentido agambeniano do termo, se torne a regra e que sua vida se reduza à de um simples ser vivo, ao qual é negada a condição de humano.

A terrível situação vivenciada por esses seres humanos, forçados a fugir e a abandonar seu país, sua casa, sua língua, para errar por um mundo cada vez mais inóspito, esperando acolhimento lá onde só encontram muros, interpela ética e politicamente nosso mundo. O refugiado, quer tenha fugido da miséria, quer tenha sido banido por suas crenças ou ideologias, seja ele um apátrida fruto do desaparecimento de certas nações, um imigrante clandestino ou um exilado, situa-se sempre na fronteira do direito, interrogando a própria validade dele; é obrigado a sobreviver no limiar da exclusão de direitos, na fronteira exterior das instituições modernas, como um elemento estrangeiro, tolerado mas não integrado, sem que se lhe reconheçam os mesmos direitos que aos demais.

Dito isso, não posso deixar de considerar que a mera existência desses refugiados também nos interpela, enquanto analistas, e exige de nós uma clínica inventiva, que nos impeça de cair numa antropologia de quinta categoria, enclausurando-os numa personalidade étnica.

Para nos mantermos analistas e pensarmos como tudo isso incide na teoria e na clínica psicanalítica de nossos dias, temos que aceitar o desafio de acolher e ouvir pessoas que vivem o sentimento de terem sido excluídas do pertencimento à espécie humana. Se ousar formular a questão dessa maneira, que pode parecer pouco analítica para alguns, uma vez que espécie não é exatamente um conceito psicanalítico, é porque tenho em mente tanto o já mencionado livro de Antelme, no qual ele afirma que “o questionamento da qualidade de humano provoca uma reivindicação quase biológica de pertencimento à espécie humana” (2010, p. 11), quanto um comentário de Zaltzman (1999) sobre a literatura de testemunho, segundo o qual essa literatura evidencia a existência de uma referência inconsciente que, em situações extremas, assume a forma consciente ou não de que cada vida representa, de modo impessoal, a vida humana, a condição humana em seu conjunto. Tal pertencimento foi nomeado por ela de *identificação sobrevivente*, remetendo ao que resiste no humano, não perde o rumo, não descola de sua inscrição na realidade, mesmo quando esta deixou de ser inteligível nos termos legados pela história humana.

Volto agora à última analista antes citada, Anne-Lise Stern. No livro *O saber-deportado* (2004), escrito no *après-coup* de Auschwitz, ela chama a

atenção para a longa resistência dos analistas em ouvir o inominável da solução final, surdez essa que talvez persista hoje em dia na escuta de outras tragédias e de outros horrores, que acompanhamos cotidianamente, nas imagens dos refugiados em seus barquinhos, tentando acostar em terra firme, ou atravessando planícies e se deparando com muros e cães.

A verdade é que os refugiados, em sua grande maioria, passaram por acontecimentos de uma violência ímpar, no limite do humano, o que nos propõe outra questão: como adaptar a psicanálise ao acolhimento de sujeitos envergonhados de viver? Bertrand Piret se fez essa questão em 2011 e foi um dos primeiros a procurar adaptar a psicanálise ao acolhimento de sujeitos tomados por uma vergonha primordial e fundamental. Ele tentou evitar a surdez apontada por Stern buscando entender melhor essa vergonha, que parece ser o afeto comum ao conjunto das situações traumáticas, muito mais visível e audível que a angústia ou a culpa, e anterior a elas. O autor a situa no momento da formação do eu no olhar do outro, tratando-se de um desnudamento do humano, no sentido agambeniano de vida nua, uma destruição do sentimento de humanidade no humano, a qual o reduz a uma existência quase biológica, desatada das filiações simbólicas, que são o próprio do humano.

A vergonha ressentida por eles tem pouco a ver com o pudor e suas raízes sexuais. Segundo Piret, corresponderia ao momento arcaico em que o eu ainda não se separou do outro, o que talvez explique por que nessas situações podemos constatar um vai e vem entre a vergonha de si, a vergonha do outro e a vergonha pelo outro. Nesses casos, a transferência, se e quando ela se estabelece, representa muitas vezes um apelo lançado ao outro para reintegrar o laço social. A fim de sustentá-la, creio ser fundamental articular a escuta da história que ouvimos com a da história do mundo. Caso contrário, contribuiremos para criar no analisando o sentimento ilusório e tóxico de o estar abandonando a uma solidão de exceção. Mas como fazê-lo?

Em primeiro lugar, é preciso ter em mente a já mencionada distinção do traumatismo próprio das neuroses de transferência, em que encontramos basicamente o eco do infantil, daquele no qual a sintomatologia traumática é desencadeada por um acontecimento que desperta desejos tão inconfessáveis que os fantasmas por ele reativados permanecem isolados do sujeito (síndrome do sobrevivente ou sentimento de culpa, sentimento de que a morte do companheiro foi desejada) – sobretudo daquele que mais me interessa aqui, em que o sujeito é exposto a uma dimensão do real inassimilável, submetido a um além do que é possível representar, mesmo em fantasia. Não por acaso, os refugiados se sentem abandonados pela humanidade e, frequentemente, se vivem como mortos-vivos.

Pode-se imaginar o quanto o acolhimento e a escuta dessas neuroses traumáticas são peculiares, o quanto exigem do analista, que precisará saber

acolher uma palavra hesitante, quase sempre envergonhada e centrada nos acontecimentos desencadeadores, quando não apenas em queixas corporais. A transferência é difícil, e o vivido do acontecimento costuma justificar uma lógica avassaladora da evidência, em que nenhum saber para além da evidência do horror vivido pode ser interrogado. Isso não ocorre por acaso. Como lembram Davoine e Gaudillière (2006), toda catástrofe implica uma perda de confiança radical nas leis que regem os humanos e, por conseguinte, uma ruptura da confiança na palavra e no outro, principalmente nos casos em que o Estado se torna cúmplice do terror.

Por isso, para que algo aconteça nesses encontros terapêuticos, diante de sujeitos que estão à espera de um reconhecimento simbólico do outro, o analista (ou o terapeuta, se preferirem) não pode se proteger atrás de uma neutralidade absoluta e um silêncio glacial, não pode se contentar em sentar-se na poltrona do analista – triste caricatura de analista. Muito pelo contrário, precisa estar presente e deixar claro que o outro é importante para ele.

Não há nada de novo no que estou dizendo. Isso já foi ressaltado por todos os que se dispuseram a escutar esses sofrimentos extremos, a começar por Ferenczi, talvez o primeiro a chamar a atenção para um tipo de traumatismo que, como aponta Pestre (2014), frequentemente produz uma sintomatologia repertoriada por ele, que lembra muito aquela com a qual nos deparamos no tratamento dos refugiados.

Em seu belíssimo livro *História e trauma* (2006), Davoine e Gaudillière afirmam que o trauma se refere menos aos horrores vividos do que à sensação de ter sido traído pelos seus, e que a falta de palavras remete menos à possibilidade de dizê-las do que à ausência de alguém para escutá-las. Nos casos em que o sujeito se vive identificado com o dejetivo, tendo sido atingido tanto na construção de sua imagem de humano quanto na significação simbólica de seu pertencimento à humanidade, a responsabilidade de que algo aconteça cabe ao analista, ao seu desejo e à sua curiosidade em face de um paciente que se vive de forma tão negativa, de um paciente que nem consegue imaginar que possa interessar a alguém. Acredito que, enquanto analistas, não podemos hesitar em manifestar nosso desejo e nossa crença no poder da palavra. Cada um de nós precisa encontrar a justa distância que permita evitar reduzir o paciente a seus sintomas.

Na escuta de seres que viveram um desmoronamento dessa ordem, parece-me fundamental, como diz Zaltzman (1999), que o analista trate o homem, o ser psíquico, o sujeito, como sujeito da condição humana, portador de uma realidade psíquica, que é concomitante à sua e à do conjunto humano ao qual pertence, e que faz dele o que ele é.

Todo esse percurso me serviu para retornar a certa articulação entre a psicopatologia individual e seus múltiplos determinantes históricos, sociais e

políticos, mostrando a importância de tal fato. Antes de concluir, gostaria de chamar a atenção para uma última questão no que diz respeito aos refugiados e que ilustra perfeitamente a imbricação entre o social, o político e o psicanalítico. Desde sempre, os humanos fugiram (ou tentaram fugir) das perseguições, partindo à procura de refúgio para eles e para sua família, sabendo que, de certo modo, podiam contar com a milenar instituição do asilo. Esta, nos dias de hoje, parece funcionar de maneira inversa ao que foi um dia sua finalidade. Na maioria dos países, o Estado vem ampliando o exercício do poder de rejeitar e expulsar o estrangeiro de seu território, estrangeiro esse cada vez mais estigmatizado, visto como um refugiado-criminoso, quando não como um invasor-mentiroso (Pestre, 2014).

Para integrar essas pessoas em suas diferenças, Balibar (2018) propõe uma reformulação do direito internacional, no sentido do reconhecimento da hospitalidade como um direito fundamental, o que limitaria a aparente obsessão de vários países em reprimir a chamada *imigração clandestina*, que acaba produzindo refugiados sem refúgio, condenados a um eterno vagar entre um acampamento e outro.

A proposta de Balibar é de uma real oferta de hospitalidade, que obrigaria os Estados soberanos a levar em consideração a dignidade e a segurança dos errantes e daqueles que os ajudam. Disso podemos concluir que a clínica com os refugiados tem suas particularidades. É uma clínica da errância e da hospitalidade, na qual o analista terá

que emprestar ao paciente seu aparelho de pensar, suportando ao mesmo tempo os riscos que isso acarreta, os momentos de tensão nos limites do tolerável, nos limites do humano. Ele terá que resistir à destrutividade maciça da qual se faz receptáculo para encarnar uma superfície de projeção a partir da qual o paciente seja capaz de sentir afetos. (Pestre, 2014, pp. 257-258)

Em outras palavras, ao se dispor a escutar pacientes que viveram um desmoronamento absoluto do seu ser, que abandonaram todos os seus investimentos anteriores, o analista deverá imaginar o inimaginável. Como disse Fédida em seu último seminário, não imaginar significa negligenciar que o horror possa ter acontecido.

Los errantes, un desafío para el psicoanálisis: ¿una clínica de la errancia?

Resumen: Este artículo aborda uno de los aspectos más sombríos de la globalización neoliberal, la presencia cada vez mayor de refugiados y errantes, así como la particularidad de una escucha analítica del trauma sufrido por estas personas que aceptaron morir para poder vivir. ¿Podríamos tal vez hablar de una clínica de la errancia?

Palabras clave: globalización, refugiados, trauma, errancia

Wanderers, a challenge for Psychoanalysis: a clinical practice of “wandering”

Abstract: This article addresses one of the darkest aspects of neoliberal globalization, i.e. the increasingly massive presence of refugees and migrants. The author writes about the particularity of an analytic listening to the trauma that has been experienced by those who have agreed to die in order to live. Perhaps we could speak of a clinical practice of “wandering”?

Keywords: globalization, refugee, trauma, wandering

Les errants, un défi pour la psychanalyse: une clinique de l'errance?

Résumé: Le présent article se penche sur l'un des aspects les plus sombre de la mondialisation néolibérale, celui de la présence chaque fois plus massive de réfugiés et d'errants, ainsi que sur la particularité d'une écoute analytique du traumatisme enduré par ces personnes qui ont accepté de mourir pour pouvoir vivre. Pourrions-nous parler d'une clinique de l'errance ?

Mots-clés: mondialisation, réfugié, trauma, errance

Referências

- Agamben, G. (1997). *Homo sacer 1: le pouvoir souverain et la vie nue* (M. Raiola, Trad.). Paris: Seuil.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2017, 19 de junho). Guerra, violência e perseguição elevam deslocamentos forçados a um nível sem precedentes. *Acnur Brasil*. Recuperado em 8 set. 2018, de www.acnur.org/portugues/2017/06/19/guerra-violencia-e-perseguiacao-elevam-deslocamentos-forcados-a-um-nivel-sem-precedentes/.
- Antelme, R. (2010). *L'espèce humaine*. Paris: Gallimard.
- Balibar, E. (2018, 16 de agosto). Pour un droit international de l'hospitalité. *Le Monde*. Recuperado em 8 set. de 2018, de www.lemonde.fr/idees/article/2018/08/16/etienne-balibar-pour-un-droit-international-de-l-hospitalite_5342881_3232.html.
- Chalámov, V. (1986). *Récits de Kolyma* (C. Fournier, Trad.). Paris: Fayard.

- Davoine, F. & Gaudillière, J.-M. (2006). *Histoire et trauma: la folie des guerres*. Paris: Stock.
- Ferenczi, S., Abraham, K., Simmel, E. & Jones, E. (2017). *Psychoanalysis and the war neurosis*. Project Gutenberg. (Trabalho original publicado em 1921). Recuperado em 8 set. 2018, de www.gutenberg.org/ebooks/55443.
- Freud, S. (1984a). Au-delà du principe de plaisir. In S. Freud, *Essais de psychanalyse* (A. Bourguignon, Trad., pp. 41-115). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1984b). Considérations actuelles sur la guerre et sur la mort. In S. Freud, *Essais de psychanalyse* (A. Bourguignon, Trad., pp. 7-39). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1915)
- Lacan, J. (1968). Proposition du 9 octobre 1967. *Scilicet*, 1, 14-30.
- Pestre, E. (2014). *La vie psychique des réfugiés*. Paris: Payot.
- Piret, B. (2011a, 11 de junho). Approche psychanalytique du traumatisme: de l'irruption du réel à l'errance psychique. *Paroles Sans Frontières*. Recuperado em 8 set. 2018, de www.parole-sans-frontiere.org/spip.php?article297.
- Piret, B. (2011b, 18 de junho). Narration, histoire, récit: quelle élaboration dans la cure? *Paroles Sans Frontières*. Recuperado em 8 set. 2018, de www.parole-sans-frontiere.org/spip.php?article296.
- Ruiz, B. (2014). Les réfugiés, seuil éthique d'un nouveau droit et d'une nouvelle politique. *La Revue des Droits de l'Homme*, 6. Recuperado em 8 set. 2018, de journals.openedition.org/revdh/993.
- Stern, A.-L. (2004). *Le savoir-déporté*. Paris: Seuil.
- Zaltzman, N. (1999). Homo sacer: l'homme tuable. In N. Zaltzman (Ed.), *La résistance de l'humain* (pp. 5-24). Paris: PUF.

Recebido em 23/8/2018, aceito em 06/9/2018

Caterina Koltai
 Rua Ministro Gastão Mesquita, 419, Perdizes
 05012-010 São Paulo, SP
caterina.koltai@gmail.com

Psicanálise e política

Ou Ubuntu: sou porque somos

Liana Albernaz de Melo Bastos¹

Resumo: Trechos do filme *Praça Paris*, da diretora Lúcia Murat, são usados como disparador para discutir as relações entre psicanálise e política. Recorre-se a aspectos históricos da reforma urbanística do Rio de Janeiro, entendendo-a como continuação de políticas de Estado excludentes, iniciadas no Brasil com a colonização portuguesa e mantidas até os dias atuais. O crescimento da população dos excluídos, submetida quotidianamente a situações traumáticas, traduz-se no Atlas da Violência 2018. Busca-se, via psicanálise, articular a teoria do trauma e da constituição subjetiva com a rede social. A psicanálise, tomada como ciência da singularidade, é teoria/prática política. Psicanalistas dispõem de instrumentos para ajudar a dar destinos criativos à espiral de violência resultante da exclusão social.

Palavras-chave: exclusão social, trauma, desmentido, violência, psicanálise, política

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Mestre em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em ciências humanas e da saúde pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora adjunta da Faculdade de Medicina da UFRJ.

*O bicho não era um cão,
 Não era um gato,
 Não era um rato.
 O bicho, meu Deus, era um homem.*
 (Manuel Bandeira, “O bicho”)

O honroso convite da *Revista Brasileira de Psicanálise* para que eu escrevesse sobre psicanálise e política lançou-me num mar de desafios. O prazo exíguo e a grave turbulência política do país fizeram-me perceber a urgência que temos em pensar e buscar contribuir – com a possibilidade instrumental da psicanálise – para os caminhos democráticos no Brasil atual. Na onda conservadora e fascistizante que nos assola, corremos o risco de ver afogada a liberdade necessária não apenas à nossa prática profissional, mas à nossa condição de cidadania. “Nós, brasileiros, somos um povo em ser, impedido de sê-lo” (Ribeiro, 1995, p. 447). É preciso pensar nas tempestades. Navegar é preciso...

Foi pelos mares que chegaram os colonizadores portugueses. Foi também por eles que milhões de negros escravizados foram para cá trazidos e reunidos aos indígenas já escravizados.² Ao genocídio dos brasileiros nativos, dizimados pelas doenças e pelas armas dos europeus, juntou-se o dos africanos. O borrão não foi apagado com a espuma da água do mar. Pelo contrário: ele se espalhou e hoje o vemos espreado na iníqua desigualdade social no Brasil, que exclui imensa parcela da população de seus direitos humanos.

Precisaríamos de instrumentos muito esquisitos para avaliar a capacidade dos “excluídos” ou “desfiliados” ou “desconectados” de construir territórios subjetivos a partir das próprias linhas de escape a que são impelidos, ou dos territórios de miséria a que foram relegados, ou da incandescência explosiva em que são capazes de transformar seus fiapos de vida em momentos de desespero coletivo. (Pelbart, 2003, citado por Reis & Gondar, 2017, p. 23)

Buscar esses instrumentos esquisitos na psicanálise é uma tarefa política. *Praça Paris* (2017), filme da diretora Lúcia Murat, nos ajuda nessa proposta.

2 A forte presença de africanos escravizados não significou a não utilização de mão de obra escrava indígena. No norte do país, sobretudo no Grão-Pará, os indígenas eram mais utilizados do que os africanos (Santos, 2017).

Praça Paris: o lugar

*Nunca houve um monumento da cultura que não fosse
também um monumento da barbárie.*

(Walter Benjamin)

O Rio de Janeiro, antes de 1902, estava longe ser a Cidade Maravilhosa. Era conhecido como Porto Sujo ou Cidade da Morte. Pela falta de planejamento urbano e de infraestrutura sanitária, era foco de inúmeras doenças. Com a imigração europeia e a migração de escravos recém-libertos, a população urbana cresceu significativamente. O caos na ocupação do espaço favoreceu a disseminação de doenças, tornando a cidade insalubre, panorama que se refletia na economia do país (Suppia & Scarabello, 2014).

Por conta desse cenário, o governo federal e municipal deflagrou o processo de reforma do Rio de Janeiro. Com o objetivo de sanear a cidade, controlar a propagação de doenças e modernizar o tráfego e a comunicação entre as regiões da cidade, a Reforma Pereira Passos (1902-1906) consistiu numa demolição de casas, particularmente dos cortiços, que se multiplicavam (Suppia & Scarabello, 2014).

Uma iniciativa de modernização excludente, a Reforma Pereira Passos criou a imagem de uma cidade moderna pela destruição de trechos urbanos e pelo deslocamento da população que ali vivia, em nome da higiene e do embelezamento.

Não se trata de negar a necessidade de saúde pública ou de criação de ambientes urbanos aprazíveis. Mas, por outro lado, creio que não se podem louvar essas intervenções justificando os danos colaterais provocados como se fossem questão de menor importância. (Castro, citado por Suppia & Scarabello, 2014)

A adequação funcional e formal do centro da cidade, em particular da área portuária, atendeu principalmente à necessidade de inserir o país no mercado internacional. Todo o processo de gentrificação foi a expressão de interesses e valores das oligarquias dominantes daquele período.

O plano de reformas do Rio de Janeiro fez parte de um projeto nacional – oligárquico e excludente – de elevação da capital a um ideal europeu de civilização. Derrubar o Rio colonial, destruindo sua imagem feia e insalubre, era imperativo para impulsionar o papel do Brasil na economia internacional. Saneou-se e embelezou-se a capital com a abertura de avenidas e praças, a modernização do sistema de iluminação, o abastecimento de água e esgoto, a construção de prédios novos e a reforma do porto. Simultaneamente, o Estado

passou a controlar práticas consideradas perigosas e insalubres, como o comércio de rua, a prostituição e o Carnaval. Foi um plano para domesticar a cidade material e moralmente (Cantisano, 2016).³

A Praça Paris, no Rio de Janeiro, foi feita no âmbito da Reforma Pereira Passos. Considerada uma obra-prima dos últimos tempos da *Belle Époque* carioca, tomou como padrão arquitetônico Paris. Com projeto do urbanista francês Alfred Agache, foi construída sobre um aterro na antiga Praia da Glória. Nela, há um grande monumento de bronze representando Pedro Álvares Cabral, feito por Rodolfo Bernardelli em homenagem aos 400 anos do Descobrimento do Brasil. Cabral está em posição de júbilo e de vitória, com os braços abertos, desfraldando na mão esquerda a bandeira portuguesa.

Bens culturais tem uma origem sobre a qual não se pode refletir sem horror, diz Walter Benjamin (1940/1987b). Eles devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à corveia anônima de seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse ao mesmo tempo um monumento da barbárie. Se a cultura não é isenta de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão da cultura.

Segundo Benjamin, pode-se dizer que há duas formas de barbárie: a que se aproveita da crise econômica e da sombra das guerras, e a que enlouquece por não conseguir falar quando a violência invade o cotidiano. A barbárie não é o contraponto da cultura, não é o avesso da civilização, nem está no seu exterior, mas é um de seus pressupostos. O bárbaro é aquele que se vê impelido, pela pobreza da experiência, a ir em frente e começar de novo a construir com pouco, de maneira implacável, sem olhar para os lados nem para trás (Benjamin, 1933/1987a). Todos os que vencem participam de um cortejo triunfal, em que os dominadores espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Há um preço de infâmia em cada monumento da civilização.

Quando menina, eu brincava na Praça Paris, e era capaz de dizer a data do Descobrimento do Brasil e quem o fizera, Pedro Álvares Cabral. A história, bem sabemos, é contada pelos vencedores. A outra história, a dos vencidos, fica foracluída. Desmentida, permanece produzindo mortíferos efeitos, como violência traumática.

É pela história contada no impactante filme *Praça Paris* (Murat, 2017) que abordarei alguns aspectos da violência traumática e de suas consequências sociais.

3 A mesma lógica excludente e de atendimento a setores privilegiados da sociedade, ainda vigente em políticas públicas atuais, aplicou-se recentemente à Cracolândia em São Paulo: expulsar e encarcerar os despossuídos para o “embelezamento” e a “segurança” da cidade.

Praça Paris: o filme

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.

(Walter Benjamin)

Camila (Joana de Verona), uma psicóloga portuguesa, está fazendo sua tese na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Atende Glória (Grace Passô), ascensorista da Uerj, nas dependências da universidade. Ambas são jovens; Camila é branca, de classe média, moradora da zona sul; Glória é negra, pobre, moradora da favela.

A mãe de Glória abandonara o marido alcoólico e os dois filhos pequenos. Glória diz que o pai não era mau, mas em seguida conta que, durante anos, fora repetidamente estuprada por ele. Fala da impotência do irmão mais novo diante dos abusos. Agora, o irmão está preso por tráfico de drogas, e ela vai regularmente visitá-lo na prisão. Leva-lhe comida – frango desfiado com quiabo –, a mesma de que, como recorda o irmão, o pai tanto gostava. Amorosa com o irmão, sempre é lembrada por este de que só ele cuida dela.

Aos poucos, a morte do pai vai sendo revelada. O irmão o teria matado, com uma barra de ferro, quando ele, mais uma vez, a estuprava. O irmão fora preso e enviado a um reformatório, de onde acabou fugindo. Glória fala da cabeça do pai esmigalhada e do sangue jorrando. Em outro momento, afirma que o irmão o golpeará, mas que fora ela que, com um tijolo, esmigalhara a cabeça do pai. O irmão assumira a culpa.

Com os relatos de Glória, entreabrem-se para Camila as cortinas de um impensável mundo de horror. Seu mundo, até então, parecia estar no lugar. Em meio ao passeio que faz com o namorado à Praça Paris, às fotos que tira, à imagem do monumento de Pedro Álvares Cabral ao fundo, Camila segue seu caminho como se a barbárie só existisse no mundo de Glória.

Voltando de uma visita ao irmão na penitenciária, Glória é detida por vários policiais militares. Eles a interrogam e a espancam. Glória falta à sessão.

Na sessão seguinte, com o rosto ferido, relata a Camila a violência policial. A psicóloga fica indignada; diz que Glória deveria denunciar o ocorrido. Com riso irônico, Glória afirma que a questão já fora resolvida. Ela não se instalou no lugar de vítima. Uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) fora atacada, com um policial morto e outro ferido. No noticiário, aparece que a ordem do ataque viera de dentro do presídio.

No celular de Glória, esquecido na sala de atendimento, Camila encontra o vídeo de um estupro coletivo cometido contra uma mulher por jovens negros e armados. Ao confrontar Glória, esta lhe diz que contara ao irmão que

uma mulher a chamara de puta, e o irmão, que sempre a defendia, dera uma lição nela. Exagerara um pouco; não precisava tanto. Glória compartilhara o vídeo na internet porque já se passara algum tempo do acontecido. Não entende por que Camila se horroriza.

Camila começa a ter/viver pesadelos de perseguição. Ao ser procurada em sua casa por Glória, alerta-a de que não pode atendê-la fora do consultório. Como conseguira seu endereço? As fronteiras arrombadas/estupradas do *setting* lançam-na num clima paranoide.

Camila decide romper o contrato e encaminhar Glória para outra terapeuta, mas o que já está rompido é certa ordem do mundo: a dos jardins de Versalhes no Rio de Janeiro. Estamos em tempos de queda da Bastilha. As leis do mundo “civilizado” já não valem mais. Os bárbaros – nome inventado pelos gregos para os estrangeiros, que vinham de fora de sua cultura, de sua ordem, de sua lei – não reconhecem limites e fronteiras.

Não adiantarei o restante do filme, em seu crescendo emocional. Para efeito desta discussão, já temos vários elementos a considerar.

○ pacto social

*Apesar de sofreremos com o nosso corpo “destinado à ruína e à dissolução”
e com a fúria destruidora da natureza, diante da qual s
omos impotentes, são os vínculos com os outros seres
humanos nossa maior causa de sofrimento.*
(Sigmund Freud)

Desde sempre, os filósofos da tradição ocidental preocuparam-se com a governabilidade, isto é, com as formas de organizar a sociedade para controlar o ódio entre os homens.

Na modernidade, Maquiavel inaugurou o realismo político divorciando a virtude laica do príncipe da moralidade religiosa. Não se tratava mais de pensar uma sociedade ideal (como Platão fizera) ou as virtudes morais dos homens e dos governantes, mas a realidade das sociedades. A ele, seguiram-se Hobbes, com a guerra de todos contra todos e o contrato social, Spinoza, com a liberdade do autogoverno democrático, e Kant, com a insociável sociabilidade humana e a paz.

A história foi trazida à filosofia por Hegel, com a dialética do progresso até a liberdade racional, Marx, com a luta de classes entre a burguesia e o proletariado, e Tocqueville, com o futuro igualitário da democracia e o controle da corrupção. No Romantismo alemão, Schiller e Goethe fundaram o

classicismo de Weimar, buscando a salvação poética da sociedade pela cultura, numa crítica ao Iluminismo pelo sacrifício da sensibilidade à razão.

O pacto social que Freud propõe vincula-se a essa tradição filosófica. A racionalidade iluminista foi ferida em seu âmago com a descoberta do inconsciente. O amor e o ódio, expressões do dualismo pulsional, fazem do humano um ser de afetos, indissociado e indissociável da rede social. Sociedade, história e psique humana não podem ser entendidas separadamente (Castoriadis, 1999).

Em *Totem e tabu* (1913/1986c), Freud nos conta a saga dessa indissociação. Ainda sem o suporte teórico da pulsão de morte, ele mostra como o amor e o ódio encontram-se fusionados no assassinato do pai e na refeição totêmica. Estão presentes aí, ao mesmo tempo, o aniquilamento do pai e a identificação com ele na apropriação de sua força por meio da incorporação. O mito freudiano da horda primitiva, ao conferir centralidade aos processos afetivos, implode o otimismo de uma sociedade racionalmente organizada e sem conflitos.

Na esteira dessa teoria, e considerando o segundo dualismo pulsional, em *O mal-estar na civilização* (1930/1986a), ao tratar a ética humana como derivada do sentimento de culpa, Freud rompe com as teorias contratualistas (Hobbes, Locke, Kant) que justificavam o pacto social pela razão. A ambivalência afetiva em relação ao pai da horda, amado e odiado, e seu assassinato, com a culpa subsequente, criam o lugar da lei como expressão da vontade da fratria, o que não significa paz.

Há uma luta permanente na cultura humana, gregária, entre a força unificadora de Eros e a hostilidade entre seus membros. Essa luta revela a presença da pulsão de morte, ainda que mitigada e controlada por uma consciência moral, o superego. A renúncia à pulsão agressiva – um derivado e principal sub-rogado da pulsão de morte – seria a condição de formação da coesão dos grupamentos (função de Eros) e se constituiria na fonte pulsional da consciência moral.

A cultura se faz a partir da renúncia pulsional. A história genética da consciência moral é o que determina a ética humana. Se não há no homem, desde sempre, a distinção entre o bem e o mal, há, desde o início, o amor e ódio. Na gênese do sentimento de culpa reside a compreensão da constituição dos grupamentos humanos. A agressividade projetada no pai totêmico, ao levar ao parricídio, é introjetada sob a forma de sentimento de culpa ou consciência moral, o que dá origem ao superego.

Poderíamos dizer, retomando o filme *Praça Paris*, que era este o mundo que Camila habitava, o de todos os sujeitos igualmente subordinados à lei, até Glória trazer à luz o seu estranho aterrorizador.

O estranho (*Unheimliche*)⁴ pertence à ordem do terrorífico, daquilo que excita angústia e horror; é um terror que remonta a alguma coisa antiga, familiar (*heimlich*): o duplo. “Quando se borram os limites entre a fantasia e a realidade, quando aparece diante de nós algo que tínhamos como fantástico, quando um símbolo assume a plena operação e o significado do simbolizado, irrompe a estranheza aterrorizadora” (Freud, 1919/1986b, p. 244).

A violência traumática

*Esses polícia é tudo covarde mermo, dando baque no feriado,
com geral na rua, em tempo de acertar uma criança.
Tem mais é que encher esses cu azul de bala. Papo reto.
(Geovani Martins, O sol na cabeça)*

Há uma confusão de línguas entre Camila e Glória. Elas partilham um tempo e um espaço. Ambas trabalham, cumprem horários, cuidam de suas casas. Contudo, rompida essa intersecção, surgem diferenças brutais. A violência, que apenas tangencia Camila, está o tempo todo no mundo de Glória, aquele dos banidos das Praças Paris desde os tempos da colonização do Brasil. No tempo e no espaço de Glória, há uma dimensão traumática dessubjetivadora, a da exclusão social. Para pensá-la, vamos recorrer a Ferenczi (1932/1990, 1934/1992).

O modelo ferencziano do evento traumático é o abuso sexual acontecido. Enquanto Freud, em 1895, atentou para a problemática edípica,⁵ a teoria ferencziana do trauma trabalha com o pré-edípico, tendo como operador central a questão narcísica.

Além de abordar diferentes momentos da estruturação psíquica do sujeito, a teoria ferencziana põe acento na relação objetal. Freud estudou a dinâmica intrapsíquica do trauma. Ferenczi estudou as relações intersubjetivas. É na forma como se relacionam o sujeito e os objetos que o trauma deve ser compreendido. O trauma é relacional. A rede relacional indica o destino do traumático como estruturante ou patogênico.

O elemento fundamental que produz um trauma desestruturante é o desmentido. Este, no modelo do trauma sexual, é a negação ou a indiferença de um adulto diante de uma criança quando ela o procura para simbolizar uma experiência pela qual passou. Os danos provocados pelo desmentido são catastróficos se ainda não está pronta a constituição narcísica do sujeito.

4 É no prefixo *un* de *Unheimliche* que está marcada a negação do recalcado.

5 Embora evidentemente, em 1895, Freud ainda não tivesse formulado o complexo de Édipo.

A estrutura do desmentido é triangular: há um adulto agressor, uma criança agredida e outro adulto ao qual a criança pode recorrer. É esse segundo adulto que pode emprestar sentido à experiência da criança. A experiência vivida pela criança, incompreensível para ela, é dotada de tal intensidade que a criança não consegue metabolizá-la por si só. É pura angústia. Ao buscar amparo com um adulto, este pode acolhê-la e significar o acontecido ou falhar nessa função, desmentindo.

Tanto em Freud como em Ferenczi, o trauma é um excesso pulsional inassimilável, no limite das possibilidades narrativas, sem sentido em si. Enquanto Freud considera os contrainvestimentos intrapsíquicos que permitem sua inscrição psíquica, Ferenczi, ao colocar um terceiro em cena, atribui a possibilidade de contenção do excesso pulsional – a pura angústia – e sua representação ao contexto relacional. O desfecho subjetivador ou dessubjetivador do trauma é definido numa rede complexa, que contempla os aspectos intra e interpessoais. A rede social é de suma importância (Bastos, 2016).

O paradoxo do trauma se sustenta assim: seu destino subjetivador ou dessubjetivador depende do processo de afetação com o mundo, isto é, tanto do sujeito quanto da função terceirizante da rede social que o cerca. O trauma é, portanto, um conceito que está na interface do interno e do externo, do sujeito e da cultura.

A rede de afetação positiva permite processos introjetivos, trocas sensoriais, afetivas e linguageiras, garantindo a impressão de marcas psíquicas, base da potência criativa. Quando a rede de base – que envolve o sujeito e o social – deixa de prover essa possibilidade, o que se vive é o horror manifesto como violência.

Aos indivíduos transtornados pelo trauma, não basta refazer a história do passado recalçado. Eles querem descobrir o que fazer agora, como furar a névoa da banalização e do conformismo. Muitas vezes, isso os leva a deflagrar movimentos de destruição e morte (Reis & Gondar, 2017).

A história de Glória serve, no contexto deste trabalho, como dramática alegoria para pensar as dimensões sociais dos traumas repetidos, presentes no silenciamento (no desmentido) da profunda desigualdade social, geradora de milhões de excluídos no Brasil. Por não oferecer possibilidade narrativa, a exclusão social transforma sujeitos em invisíveis, em irrepresentáveis. A recusa, uma negação perversa, cliva partes do corpo social. A exclusão social produz sujeitos clivados, os quais, por sua vez, produzem sociedades de exclusão. Esse fenômeno, que afeta direta e silenciosamente os mais vulneráveis, coloca-nos a todos em vulnerabilidade, na medida em que todos somos parte do corpo social.

A parte de nós excluída, clivada, é defensivamente projetada no outro. O mal reside nele. O outro é meu inimigo e deve ser violentamente combatido.

A repetição compulsiva da exclusão social faz da violência uma espiral crescente e revela que políticas repressivas são socialmente ineficazes. De acordo com Butler, aí residiria a importância da psicanálise: “Uma reflexão sobre a formação do sujeito é fundamental para entender as bases de uma resposta não violenta à agressão, tanto como para uma teoria sobre a responsabilidade coletiva” (2004, citada por Reis & Gondar, 2017, p. 223).

Atlas da Violência 2018

*Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos
E outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados*

...

*O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui*

*E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino do primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal*

...

*E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres, e todos sabem como se tratam os pretos*

...

O Haiti é aqui

O Haiti não é aqui.

(Caetano Veloso e Gilberto Gil, "Haiti")

Dados divulgados em 5 de junho de 2018, no Atlas da Violência 2018, uma realização do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelam que 553 mil pessoas foram assassinadas entre 2006 e 2016, das quais 324.697 tinham entre 15 e 19 anos. O perfil da grande maioria era homem, negro, sem ensino fundamental completo. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes em 2016 foi de 30,3, 10 vezes a da Europa e a maior já registrada no país. Em 2016, houve 62.517 homicídios no país, uma alta de 14% em relação a 2006. Das pessoas assassinadas, 71,5% eram negras ou pardas. De 2006 a 2016, a taxa de homicídios entre negros cresceu 23,1%, enquanto entre não negros caiu 6,8%; especificamente entre mulheres negras, a taxa de homicídios aumentou 15,4%, ao passo que entre mulheres não negras diminuiu 8% (Letieri, 2018).

Psicanalistas não lidam com estatísticas, mas esses dados aterradores obrigam a pensar o país. Que genocídio é esse que se perpetua desde a colonização?

O assassinato de Marielle Franco em março de 2018, ainda não elucidado pelas autoridades, denuncia o ódio aos defensores dos direitos sociais e humanos. Por uma lógica perversa, Marielle foi considerada defensora de bandidos, bandida ela também. O Haiti é aqui.

“Bandido bom é bandido morto”, diz aquele que se crê mocinho. Um banguê-banguê de polícia e ladrão. Uma excitante ficção para exterminar o mal, que naturalizado fica encarnado nos pobres/pretos. Direitos humanos para bandido? Bandido merece bala. Esse discurso perigosamente disseminado – e que, na boca de um presidenciável, tem o apoio de cerca de 15% da população – atende à lógica narcísica do *ou eu, ou ele*. O bom é o eu. O não eu é mau. Assim, extermina-se o inimigo, isto é, o não eu, o qual, porém, nada mais é do que nossas partes clivadas projetadas no outro.

Nas abordagens policiais em favelas ou periferias, todos tratam de mostrar a carteira de trabalho (ainda que, nestes tempos do Brasil, poucas estejam assinadas). O pobre/preto busca identificar-se como trabalhador. Vadiagem é coisa de bandido.

A prisão por vadiagem foi instituída legalmente após a abolição da escravatura. Os ex-escravos, sobretudo os urbanos, abandonados à própria sorte, caso não se engajassem no mercado de trabalho, eram detidos, de acordo com uma política de Estado. Pobres que não trabalhavam eram encarcerados. Já os brancos que não trabalhavam mas tinham posses permaneciam livres.

Ao longo de quase 400 anos de escravidão, cerca de 4 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil (Schwarcz & Starling, 2015). O tráfico transatlântico de africanos escravizados foi uma das empresas mais lucrativas do mundo (Santos, 2017). O Estado legalizava não apenas o tráfico, mas a compra, a venda e as práticas punitivas exercidas pelos senhores. Encarregou-se, inclusive, da execução de chibatadas – bastando para isso a solicitação dos senhores –, construindo um local especialmente para punir escravos, o Calabouço, erguido no século xvii no Morro do Castelo, no Rio de Janeiro. A memória apagada dessa infâmia, seu significado, deixou um rastro no significativo. Foi nessa região que se construiu o restaurante Calabouço, palco do assassinato do estudante Edson Luiz, em 1968, pelas forças repressoras do Estado (Thomson-Deveaux, 2018).

As políticas de Estado sempre atenderam aos interesses econômicos das elites. No período colonial, o tráfico de africanos para o Brasil era legal pela necessidade de mão de obra para o cultivo da cana e para os engenhos de açúcar. A riqueza produzida pelos escravos era enviada à Europa, enriquecendo Portugal e os bancos ingleses que financiavam a armada portuguesa. Quem produzia não ficava com nada.

A Igreja também participou de forma ativa do tráfico,⁶ concedendo aos portugueses o direito de praticá-lo. Cada negro feito escravo era batizado e marcado. Com isso, perdia seu nome e tinha negadas sua religião, sua língua, sua história e sua cultura. Fazia parte do processo escravista a dessubjetivação, o apagamento/desmentido de suas condições de humanidade. Tornava-se uma peça.

Ao ciclo da cana-de-açúcar seguiu-se o da mineração. Holandeses haviam começado a produzir açúcar nas Antilhas, e Portugal já não detinha o monopólio desse produto na Europa. No século xvii, com a descoberta de ouro pelos bandeirantes paulistas em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, abriu-se uma nova demanda de trabalho escravo. As condições de vida nas

6 Emitida pelo papa Nicolau v, a bula *Romanus Pontifex*, de 8 de janeiro de 1454, autorizava os portugueses a conquistar territórios não cristianizados e a consignar a escravatura perpétua a quaisquer infiéis que capturassem. Nela se lê: “Não sem grande alegria chegou ao nosso conhecimento que o dileto filho infante D. Henrique, incendiado no ardor da fé e do zelo da salvação das almas, se esforça por fazer conhecer e venerar em todo orbe o nome gloriosíssimo de Deus. ... Tudo declaramos pertencer de direito *in perpetuum* aos mesmos D. Afonso e seus sucessores, e ao infante. Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir estas determinações, seja excomungado” (citado por Ribeiro, 1995, pp. 39-40). Em 1537, o papa Paulo iii publicou uma bula que permitia escravizar apenas os indígenas que não houvessem sido convertidos pela catequese. Os indígenas eram almas pagãs. Já os guinéus (como eram chamados os africanos) eram infiéis. Apesar da proibição papal, os indígenas continuaram sendo escravizados (Santos, 2017).

minas eram tão precárias que, em média, cada escravo sobrevivia por cinco anos. A história oficial fez dos bandeirantes heróis da integração do país. Por outro lado, a história dos negros seviciados e mortos foi silenciada.

A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, coincidiu com o início do período de maior tráfico, em decorrência do surgimento das lavouras de café. Entre 1808 e 1850, houve um crescimento de 600% no número de africanos trazidos ao Brasil para trabalhar nas lavouras (Cruz, 2017). Mais uma vez, uma política de Estado foi usada para servir à elite, os barões do café.

No Brasil Império, diante do movimento abolicionista e de inúmeras revoltas de escravos, foram promulgados decretos que condenavam à força os escravos insurgentes. Mesmo após a assinatura da Lei Áurea – sendo o Brasil um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão –, o racismo estrutural continuou a se manifestar.

Na República, promoveram-se políticas de embranquecimento da população, estimulando-se a imigração europeia (Cruz, 2017). A mistura de cores incomodava, e ainda incomoda, a muitos.

A teoria racial, hoje reconhecida como falsa, hierarquizava as “raças” fundando-se numa concepção de ciência que traz sua marca ideológica. A ideia de pureza da raça ariana levou ao genocídio perpetrado pelos nazistas, e também fundamentou – e continua a fazê-lo – a inferioridade dos não brancos no Brasil. Quanto mais preto, mais discriminado.

Recentemente, a escolha da artista Fabiana Cozza para viver D. Ivone Lara num musical foi questionada. Pressionada por causa da cor de sua pele – não suficientemente negra –, Fabiana renunciou ao papel. A crítica do movimento negro é que artistas de pele mais clara são escolhidas em detrimento das que têm a pele mais escura; na TV, as que ganham protagonismo são as mais “branquinhas”. Poderíamos indagar se Meghan Markle, sem a cirurgia no nariz e o alisamento do cabelo, e com uma pele mais escura, teria se tornado duquesa de Sussex.

O racismo, não apenas o individual, mais facilmente identificável, mas o estrutural, aparece naturalizado entre nós – por exemplo, nos quartos de empregada, escuros e pequenos, ao lado da cozinha de casas e apartamentos das classes média e alta.

Psicanalistas, quase todos brancos, atendem em seus consultórios a pessoas quase todas brancas. Essa tem sido a prática habitual de quase todos nós. Até pouco tempo atrás, havia certo desprezo por psicanalistas que trabalhavam em instituições; eram vistos como fracassados em seu *métier*. Nós, psicanalistas, quase todo o tempo, circulamos num mundo europeu, o da Praça Paris, ou no seu simulacro americano, a Disneylândia. Certamente, o Haiti não é aqui.

Psicanálise e política

O que proponho ... é uma reconsideração da condição humana do ponto de vista privilegiado de nossas mais novas experiências e nossos temores mais recentes. ... O que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo.

(Hannah Arendt)

A maneira como o Brasil vem sendo sacudido e revirado nos últimos anos confrontou os psicanalistas com questionamentos que, para muitos até então, não lhes diziam respeito.⁷

A oportuna e necessária criação do Observatório Psicanalítico pela Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) abriu um fecundo espaço de diálogo entre nós. Nele, temos nos manifestado sobre vários temas que nos afligem, com primorosas e relevantes contribuições. O mar de lama que nos sufoca não é exatamente a corrupção, ainda que ela esteja presente e deva ser combatida; é antes a desigualdade social. A lama – água e terra – nos misturou a todos: fez o Haiti ser aqui e ali. A tragédia ambiental de Mariana, o desastre em Barcarena e as fotos de Sebastião Salgado me vêm à mente. Sociedade, história e psique humana não podem ser entendidas separadamente.

No Brasil, porém, nem sempre se pensou assim a psicanálise. Durante a ditadura militar/empresarial, além do horror do envolvimento de psicanalistas nas torturas e da perseguição aos que combatiam o regime, a psicanálise fechou-se defensivamente em teorias que privilegiavam o mundo interno.⁸ Essa observação em nada desmerece a contribuição kleiniana para nossa área. O que queremos mostrar é que essa escolha não pode ser vista somente como modismo.

Não se pode ingenuamente acreditar que a ciência, como um conjunto de conhecimentos (ciência-disciplina) e de atividades (ciência-processo), seja algo independente do meio social, alheio a influências estranhas e neutro em relação às várias disputas que envolvem a sociedade. Analisada por qualquer um de seus dois ângulos, a ciência representa um corpo de doutrinas gerado ou em geração num meio social específico e, obviamente, sofrendo a influência dos fatores que compõem a

7 Gramsci compreendeu que a mediação que deve existir entre os intelectuais e as classes sociais que lhes dão suporte é a mesma que existe entre a infra e a superestrutura, ou seja, os intelectuais não são reflexos mecânicos das classes de que se originam ou que deveriam representar. Essa contradição, quando levada ao extremo, pode conduzir à ruptura de parcelas da intelectualidade com a classe da qual provém e à adesão ao projeto político de outras classes sociais (Buonicore, 1991).

8 A insuficiência da dicotomia entre mundo interno e mundo externo para pensar experiências radicais, como tortura e guerra, é apontada por Viñar (2005).

cultura de que faz parte. Produto da sociedade, influi nela e dela sofre a influência. (Maia, 1998, p. 128)

A psicanálise estaria sujeita às mesmas influências sócio-histórico-culturais que Maia assinala na ciência?

A psicanálise não se enquadra no que a epistemologia francesa demarca como ciência, mas o critério dessa epistemologia para estabelecer fronteiras entre ciência e não ciência é criticado por Stengers (1993). Segundo a autora, considerar a ciência um domínio autônomo em relação às demais práticas humanas é desqualificar o que fica de fora: o contexto social, a política, a ação humana no sentido de uma práxis. Excluídos da ciência, esses campos seriam destituídos do poder de colocar em risco os enunciados científicos.

O enfoque autônomo da ciência estabelece a dicotomia entre sujeito e objeto, restringe o conhecimento à representação, e o campo emocional e seu caráter errático são excluídos. Por outro lado, pela perspectiva de sua singularidade, as ciências são vistas como processos contingentes, políticos, instáveis por natureza e marcados por uma deriva intrínseca (Moraes, 2001-2002).

Assim, os debates em torno de a psicanálise ser ou não ciência prendem-se a um estilo epistemológico de analisar as ciências. Os fundamentos da psicanálise construídos por Freud e as contribuições de muitos de seus seguidores (Ferenczi, Winnicott, Lacan, Castoriadis, Green, Roussillon e tantos outros) anteciparam uma ampliação do campo científico, incluindo nele a singularidade, como propõe Stengers.

Nesse sentido, podemos dizer que a psicanálise é uma ciência que se singulariza como uma prática intrassubjetiva e intersubjetiva – pois todos os modos de sofrer são subjetivos e singulares –, imersa no social e no político, mantendo relações de devir (e não de autonomia) com outras práticas: antropologia, história, sociologia, filosofia e artes. Não se trata de ver tais práticas como modelos a seguir, mas de “dar aos diferentes tipos de prática uma existência legítima, fora de uma hierarquia” (Stengers, 1993, p. 7). Pensar o que estamos fazendo é pensar nossa condição humana.

Nós, psicanalistas, com nossos instrumentos esquisitos, podemos ajudar a reconstruir os territórios subjetivos dos excluídos; podemos propiciar que angústias traumáticas se transformem em narrativas e que histórias desmentidas sejam contadas, compondo-se assim uma rede social de reconhecimento.⁹ A espiral de violência gerada pela desigualdade e pela exclusão social, uma vez inscrita e significada, alimentará destinos criativos.

Essa pode ser a contribuição política da psicanálise.

9 Deixo registrado que colegas vêm desenvolvendo trabalhos primorosos com algumas populações de maior vulnerabilidade. Não os cito para não cometer a injustiça de omitir algum.

Psicoanálisis y política, o Ubuntu: soy porque nosotros somos

Resumen: Se utilizan fragmentos de la película *Praça Paris* (2017), de la directora Lúcia Murat, como punto de partida para discutir las relaciones entre psicoanálisis y política. Se recurre a los aspectos históricos de la reforma urbanística de Rio de Janeiro, la cual se interpreta como continuación de políticas de Estado excluyentes, que tuvieron inicio en Brasil durante la colonización portuguesa y se han mantenido hasta los días actuales. El crecimiento de la población excluida sometida diariamente a situaciones traumáticas se traduce en el Atlas da Violência 2018. Se busca, a través del psicoanálisis, la articulación de la teoría del trauma y la constitución subjetiva con la red social. El psicoanálisis tomado como ciencia de la singularidad es teoría/práctica política. Los psicoanalistas poseen instrumentos para ayudar a dar destinos creativos a la espiral de violencia que resulta de la exclusión social.

Palabras clave: exclusión social, trauma, desmentido, violencia, psicoanálisis, política

Psychoanalysis and politics, or Ubuntu: I am because we are

Abstract: The author uses excerpts from the movie *Paris Square* (*Praça Paris*, 2017), directed by Lucia Murat, in order to spark a debate about the relationship between Psychoanalysis and Politics. She brings historical aspects of the urban remodeling of Rio de Janeiro. The author considers this urban remodeling a continuation of public politics of exclusion, which first started in Brazil with Portuguese colonization and have persisted ever since. The 2018 Atlas of Violence shows an increasing number of socially excluded people who are daily exposed to traumatic situations. The purpose of this paper is to connect, through Psychoanalysis, the theory of trauma and subjective constitution to social network. Psychoanalysis, as science of singularity, is political theory and practice. Psychoanalysts have tools to help in the construction of creative destinies to the violence spiral that results from social exclusion.

Keywords: social exclusion, trauma, disclaimer, violence, Psychoanalysis, Politics

Psychanalyse et politique, ou Ubuntu: je suis parce que nous sommes

Résumé: Des extraits du film *Praça Paris – Place Paris* –, de la réalisatrice Lúcia Murat, sont employés comme démarreurs pour discuter les rapports entre psychanalyse et politique. On fait appel à des aspects historiques de l'aménagement urbanistique du Rio de Janeiro, que l'on entend comme la suite de politiques d'Etat d'exclusion, qui débutent au Brésil avec la colonisation portugaise et qui demeurent jusqu'à nos jours. On peut constater sur l'Atlas de la Violence 2018 la croissance de la population d'exclus, soumise quotidiennement à des situations traumatiques. On cherche, par la voie de la psychanalyse, articuler la théorie du trauma et de la constitution subjective avec le réseau social. La psychanalyse, prise comme une science de la singularité, c'est de la théorie / pratique politique. Les psychanalystes

disposent d'outils pour aider à créer des destinations créatives à la spirale de la violence résultant de l'exclusion sociale.

Mots-clés: exclusion social, trauma, démenti, violence, psychanalyse, politique

Referências

- Bastos, L. A. de M. (2016). Sedução, trauma e representação: de Freud a Ferenczi. *Berggasse* 19, 2(1), 135-142.
- Benjamin, W. (1987a). Experiência e pobreza. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (S. P. Rouanet, Trad., pp. 114-119). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1933)
- Benjamin, W. (1987b). Sobre o conceito de história. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (S. P. Rouanet, Trad., pp. 222-232). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1940)
- Buonicore, A. C. (1991). Ideologia e hegemonia na obra de Gramsci. *Princípios*, 21, 79-85. Recuperado em 9 ago. 2018, de <http://revistaprincipios.com.br/artigos/21/cat/2166/ideologia-e-hegemonia-na-obra-de-gramsci-.html>.
- Cantisano, P. J. (2016). Direito, propriedade e reformas urbanas: Rio de Janeiro, 1903-1906. *Estudos Históricos*, 29(58), 401-420. Recuperado em 9 ago. 2018, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862016000200401.
- Castoriadis, C. (1999). *Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto* v (L. do Valle, Trad.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Cruz, I. (Dir.). (2017). *Brasil negro: escravidão e preconceito* [Documentário]. Brasil: tv Alerj.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4, pp. 109-117). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934)
- Freud, S. (1986a). El malestar en la cultura. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 21, pp. 57-140). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1986b). Lo ominoso. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 17, pp. 215-251). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1986c). Tótem y tabú: algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 13, pp. 1-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913)
- Letieri, R. (2018, 6 de junho). Atlas da Violência: 30 de cada 100 mil são mortos no Brasil. *Jornal do Brasil*. Recuperado em 9 ago. 2018, de <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2018/06/06/atlas-da-violencia-30-de-cada-100-mil-sao-mortos-no-brasil/>.
- Maia, N. F. (1998). *A ciência por dentro*. Petrópolis: Vozes.
- Moraes, M. O. (2001-2002). Sobre a noção de rede e a singularidade das ciências. *Documenta*, 8(12-13), 57-70.
- Murat, L. (Dir.). (2017). *Praça Paris* [Filme]. Brasil: Cepa Audiovisual; Fado Filmes; Rede Telecine; Taiga Filmes.
- Reis, E. S. & Gondar, J. (2017). *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Santos, Y. L. (2017). *História da África e do Brasil afrodescendente*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Schwarcz, L. M. & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Stengers, I. (1993). *L'invention des sciences modernes*. Paris: La Découverte.
- Suppia, A. & Scarabello, M. (2014). As reformas do Rio de Janeiro no início do século xx. *Pré-Univesp*, 39. Recuperado em 9 ago. 2018, de <http://pre.univesp.br/as-reformas-do-rio-de-janeiro-no-inicio-do-seculo-xx#.Ww7dp0gvzDe>.
- Thomson-Deveaux, F. (2018). Nota sobre o Calabouço. *Piauí*, 140, 30-33.
- Viñar, M. N. (2005). Especificidade da tortura como trauma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39(1), 59-74.

Recebido em 21/6/2018, aceito em 5/7/2018

Liana Albernaz de Melo Bastos
Rua Dr. Sousa Lopes, 55, ap. 201
22231-060 Rio de Janeiro, RJ
lianaambastos@globo.com

A clínica psicanalítica

Uma prática política¹

Maria Elizabeth Mori²

Resumo: A autora propõe pensar a clínica psicanalítica como uma prática política. A clínica, ao debruçar-se com cuidado sobre o sofrimento subjetivo e sociopolítico, busca produzir desvios nos modos de ser instituídos que produzem esse mal-estar. A crise política no Brasil e no mundo contemporâneo fragmenta, segrega e exclui sujeitos, dá origem a estados emocionais turbulentos e disruptivos. Somos então convocados para uma escuta sensível à política e para novas maneiras de fazer psicanálise: a clínica do social, a clínica institucional e a clínica das ideias.

Palavras-chave: psicanálise, clínica, política

No século passado, com o advento das duas grandes guerras mundiais, o ser humano, ao cometer atrocidades contra outros humanos, demonstrou uma capacidade destrutiva sem precedentes na história da humanidade. Freud (1915/2010b) recorre à imagem do *torvelinho* – uma tempestade de vento em forma de espiral – para melhor traduzir a sensação causada por um tempo de guerra de intensidade desmedida. “O indivíduo que não se tornou um combatente, e portanto uma partícula da enorme máquina de guerra, sente-se perplexo quanto a sua orientação e inibido em sua capacidade de realização” (p. 210).

1 Reflexões preliminares foram apresentadas na mesa “Psicanálise, política e educação” durante o 26.º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Fortaleza (CE), em novembro de 2017. O texto foi parcialmente publicado com o título “A clínica como uma práxis política” em dezembro de 2017: *Jornal Associação Livre*, 6(8), 4-7.

2 Psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB), psicóloga e mestre em psicologia clínica pela Universidade de Brasília (UNB), analista institucional e participante do projeto Psicanálise na Rua.

Ao ler essa passagem em “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, faço uma associação com a imagem do *sorvedouro*, utilizada recentemente por uma paciente ambientalista ao se referir aos tempos atuais no mundo e em nosso país:

Um redemoinho de água que leva todas as coisas para o fundo, um turbilhão sem volta. Me sinto num abismo, à beira de um precipício; numa completa turbulência emocional, que tem me deixado paralisada e com medo do que virá.

No contexto mundial de violência de um contra o outro, temos visto governos autoritários incitar o ódio contra o imigrante, com a criação de barreiras físicas e morais para impedir o movimento do outro, do diferente, do estrangeiro em busca de melhores condições de vida. No Brasil, também vivemos um momento de transbordamento emocional, com acirramentos, polarizações, ataques de ódio e crescimento da violência social para a exclusão do diferente. Nós nos sentimos perdidos diante “do significado das impressões que se abatem sobre nós e quanto ao valor dos julgamentos que formamos” (Freud, 1915/2010b, p. 210).

O país está sob o comando de um presidente acusado de corrupção, com o apoio de um Parlamento composto, em sua maior parte, de deputados e senadores envolvidos em processos criminais, contando com a parcialidade da “grande mídia” e a leniência do Poder Judiciário. Quase que diariamente, temos acompanhado a violação da Constituição de 1988, no âmbito dos direitos humanos, por grupos que perderam seu lugar de soberania no poder, historicamente mantido no Brasil, e que tiveram seu projeto político derrotado nas últimas eleições. Pela incapacidade de elaboração do luto, algo fundamental nos processos depressivos, oriundos de eventos de castração tão comuns à vida humana, não se deram tempo para cuidar de si; em vez disso, atuaram um contra-ataque sem ética para se manter no poder. Na perspectiva psicanalítica, podemos dizer que se instaura um confronto político na população entre uma perspectiva de viver a vida segundo modos de *atuação neurótica* e outra segundo modos de *atuação perversa*, que não se submete às leis e torna o diálogo quase impossível.

No campo jurídico, segundo a advogada de direitos humanos Mariana Mei (comunicação pessoal), as normas extraídas das decisões judiciais, muitas vezes casuísticas, tomadas em casos concretos pelo Poder Judiciário, têm se sobreposto às leis gerais e abstratas formuladas por meio do processo legislativo, que envolve o Poder Legislativo e o Executivo, cujos representantes, ao contrário dos do Poder Judiciário, são eleitos pelo povo. O direito passa a ser o que os tribunais decidem, ainda que em contrariedade com a lei, ou apesar da lei. Se pensarmos que o cidadão escolhe os governantes (membros do Executivo) e

os parlamentares (membros do Legislativo), mas não os juízes, perceberemos que a vontade popular está sendo substituída pela tutela judicial.

Também presenciamos o desinvestimento em políticas sociais que realizaram mudanças importantes na vida da população, desassistida ao longo de nossa história. Intensificam-se a repressão à liberdade de expressão nas universidades e o cerceamento policial nas manifestações populares, num contexto geopolítico e geoeconômico de entrega de bens e riquezas. O momento é delicado e abre espaço para uma forma de organização política, social e econômica que alimenta valores conservadores contra novos modos de viver e de sofrer. A psicanálise nos ensina que a ruptura com o pacto civilizatório leva à barbárie.

Diante desse cenário, lanço mão do pensamento do psicanalista Christian Dunker, que é professor na Universidade de São Paulo (USP) e que tem sido um importante protagonista na intersecção da política com a psicanálise. Dunker (PsiBr, 2016b) nos lembra que existem pessoas que sofrem caladas e sozinhas, outras que tomam sua insatisfação como fonte de inspiração para a transformação, e outras ainda que, no desprezo por seu próprio mal-estar, dedicam-se a explorar o sofrimento alheio. Para ele, o Brasil vem deslocando os afetos do medo e da inveja, característicos da cultura do condomínio, para os do ódio e da intolerância, constituindo assim uma nova política para o sofrimento. Empobrece-se o modo de fazer política; há um apelo por instituições mais fortes e mais duras ou por líderes desejosos de poder.

Tomada pela insatisfação do que se passa no país, considero-me parte do segundo grupo apontado por Dunker. Tal como outros, tenho me inspirado para colaborar na transformação sociopolítica, fazendo eco à pergunta apresentada por ele: “Qual é a contribuição da psicanálise na política brasileira?”.

Nós, psicanalistas, somos um grupo de profissionais com representação social importante, longa formação e dedicação aos assuntos de interesse coletivo. A psicanálise tem sido um campo de pensamento sobre as diversas configurações psíquicas que se mostram na contemporaneidade, e com isso tem desenvolvido diferentes modelos teóricos. Os colegas Ney Marinho e Daniel Delouya, nos textos de apresentação do último Congresso Brasileiro de Psicanálise, afirmam que, em tempos de enurdecimento para a posição do outro, para o livre associar da palavra, temos o que dizer e algo a contribuir, mesmo reconhecendo nossas diferenças no interior do campo psicanalítico.

A política na clínica psicanalítica

Segundo Caterina Koltai, “o que enlouquece é o laço social” (PsiBr, 2016a). Para ela, toda psicanálise é política, porque sofremos dos males do

nosso tempo produzidos no encontro com o outro. Nesse sentido, o sintoma é social e político; não é o tipo de público atendido clinicamente pelo psicanalista que transforma a psicanálise em política.

O termo *política* tem origem no grego *politikós*, derivação de *pólis*, que designa o que é público. A filósofa Hannah Arendt diz que a “esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros”. Público significa o próprio mundo, na medida em que “é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele”. A autora afirma que não há “nenhuma substância política original”. A política surge no *entre* os homens, na “pluralidade dos homens”, sendo portanto produzida pelos homens em suas diversas relações. Ela organiza “as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade relativa e em contrapartida às diferenças relativas” (1958/2002, pp. 23-24). Os homens se coordenam politicamente para realizar certas coisas em comum.

Como ciência de governar um Estado ou uma nação em relação a temas sociais e econômicos de interesse público, a política se expressa por meio de ações voltadas para os diversos setores da sociedade civil. Como arte de negociar, busca compatibilizar os diferentes interesses existentes e adotar medidas compartilhadas, seguindo o princípio democrático.

A palavra *democracia* se origina no grego *demokratía*, composto de *demos* (povo) e *kratos* (poder). Numa democracia, os cidadãos escolhem seus dirigentes em eleições periódicas. É um regime em que todas as importantes decisões políticas estão com o povo. Numa política democrática, é preciso exercitar o diálogo entre os diferentes interesses. Os conflitos se manifestam pela palavra, sem censura, e são igualmente negociados por meio dela. Com essa condição, suspende-se a violência produzida pelos homens, a guerra, “um acontecimento que destrói bens preciosos da humanidade, confunde inteligências das mais lúcidas e degrada tão radicalmente o que era elevado; até a ciência perde sua desapaixonada imparcialidade” (Freud, 1915/2010b, p. 211).

Etimologicamente, a palavra *clínica* remete ao ato de inclinar-se sobre o leito de quem sofre. *Clínica* é ao mesmo tempo o grego *linikós* (inclinar-se, acolher) e o latim *clinamen* (produzir desvios). A intervenção clínica procura, portanto, causar efeitos na subjetividade, promover desvios, equivocacertezas, abrindo espaço para que a livre palavra manifeste os diferentes afetos, as múltiplas vozes que constituem o psiquismo do sujeito, até então silenciadas e produtoras de sintomas.

O pensamento freudiano, desde sua criação no fim do século XIX, deve ser considerado um acontecimento político, por intervir no modo operante do pensamento científico de seu tempo, nos aspectos epistemológico, ontológico e metodológico. A elaboração freudiana abalou a concepção científico-cultural de verdade universal de sua época, propondo conceitos inovadores como pulsão sexual e inconsciente (Herzog, 1996). Em face dos desafios das

manifestações históricas, aos quais a ciência instituída não dava uma resposta adequada, Freud questionou a maneira padronizada de exercer a clínica médica, provocando uma ruptura na forma de clinicar. Adotou a escuta das pessoas que se queixavam das dores de seu sofrimento, não visíveis à suposta neutralidade do olho nu por serem sintomas relacionados a outra realidade, desconhecida, esquecida: *a realidade psíquica*.

A psicanálise parte do mesmo princípio democrático que a política: o conflito entre os diferentes desejos deve ser apresentado em livre palavra, sem censura prévia, e tratado por ela, numa experiência de intimidade com um outro, o analista, nos diversos lugares de cada processo analítico. O estabelecimento de uma relação analítica é o que nos permitirá pensar e intervir na vida, no encontro com o outro, num contexto social de busca de sentidos e de saídas criativas. No trabalho com o inconsciente, o analista procura denunciar o sistema de crenças e escolhas de uma realidade imposta, que se contrapõe à vida e a torna contrariada.

Desde Freud, muitos de nós, psicanalistas, por meio do estranhamento dos poderes estabelecidos pelas famílias ou pelas sociedades, temos nos implicado no processo de produção das subjetividades e da cultura. Ao propor a escuta da histórica, no lugar de vê-la através de seu sintoma físico claudicante, a paralisia, Freud descentra a consciência – lugar privilegiado da razão – e propõe outra forma de compreender o vínculo entre pensamento e realidade, impondo um novo olhar tanto à ciência quanto à cultura, um desvio, uma ruptura em relação ao saber positivista da época, que privilegiava a racionalidade, segundo o modelo biomédico que, ainda hoje, entende saúde como ausência de doença orgânica.

“O analista desconcertado: mal-estar e clínica” e “A psicanálise e suas clínicas” foram os eixos norteadores do 1.º Simpósio Bienal SBPSP: *O mesmo, o outro: psicanálise em movimento*. Nesse evento, Bernardo Tanis (2018) apresentou uma reflexão sobre o futuro da psicanálise e de suas instituições, e sobre as tarefas que precisamos realizar para sobreviver com vitalidade no século XXI.

Em “Caminhos da terapia psicanalítica” (1919/2010a), Freud explicita a importância de preparar-se para o futuro da psicanálise. Enfatiza a necessidade de continuar contribuindo, na transferência, para que as pessoas ampliem o conhecimento de si, por meio do entendimento dos impulsos inconscientes reprimidos e resistentes, da natureza composta dos conflitos e da impossibilidade de viver a vida condicionada ao princípio do prazer, algo tão singular e complexo. Preocupa-se com a abundância de miséria neurótica que há no mundo e com o fato de a ação terapêutica não ser muito extensa.

Somos apenas um punhado de pessoas, e cada um de nós, mesmo trabalhando esforçadamente, pode se dedicar apenas a um número escasso de doentes. ... Além disso, as condições de nossa existência nos limitam às camadas superiores de nossa sociedade, que escolhem à vontade seus próprios médicos, e nessa escolha são afastadas da psicanálise por todo gênero de preconceitos. Para as amplas camadas populares, que tanto sofrem com as neuroses, nada podemos fazer atualmente. (p. 291)

No comentário de Freud sobre a dimensão política da psicanálise e sua função social, a extensão do tratamento para todas as pessoas ganha destaque. Para isso, seria fundamental que o Estado garantisse o cuidado clínico (físico e psíquico) da população por meio do sistema de saúde público. Considerando que “talvez demore muito para que o Estado sinta como urgentes esses deveres”, sugere que nos organizemos para ofertar tratamentos gratuitos (p. 291).

No Brasil, há 40 anos, o movimento da reforma da saúde e da luta antimanicomial levou à criação do Sistema Único de Saúde (SUS), cujos princípios – universalidade, igualdade e equidade – foram definidos na Constituição Federal. O artigo 196 reconhece a saúde como direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos, bem como ao acesso universal e igualitário a ações e serviços voltados para a promoção, a proteção, o tratamento e a reabilitação. Constitucionalmente assegurado, o SUS é o maior “plano de saúde” público do mundo.

A Reforma Sanitária Brasileira (RSB) partiu de um movimento sociopolítico e histórico que articulou ciência, ética e política, integrando os saberes da medicina à saúde pública e ambos ao social. Pretendeu, portanto, muito mais do que uma reforma setorial. Representou a concepção de um projeto de reforma social, tendo como utopia um modo de vida comum a todos, considerando as necessidades e responsabilidades sociais (Schraiber, 2008).

Nesse sentido, a reforma psiquiátrica (Lei n.º 10.216, 2001) redireciona o modelo assistencial em saúde mental, estabelecendo direitos às pessoas com transtornos mentais e regulamentando as internações involuntárias. Trata-se de um processo social complexo, com novos pressupostos técnicos e éticos, e que se pauta pela reestruturação da assistência promulgada pela Declaração de Caracas, de 1990.

Domingos Alves (s.d.), médico sanitário, observa que os três níveis gestores do SUS – federal, estadual e municipal – buscaram soluções efetivas, sustentadas pelo movimento social e com diretrizes pactuadas nas edições de 1987, 1992, 2001 e 2010 da Conferência Nacional de Saúde.

Entre os desafios da reforma, há consenso sobre a necessidade de a sociedade conviver de forma mais harmônica com os diferentes e o reconhecimento da potencialidade dessas pessoas, que não estão à margem do projeto de nação, com

capacidade de trabalhar e produzir. Trata-se de um processo de mudança na assistência que só terá sustentação se essas pessoas não forem excluídas da comunidade em que vivem ou não se tornarem um fardo para seus familiares.

A lei antimanicomial enfatiza a humanização da atenção, com a gradativa desativação dos manicômios existentes no país e a implementação da Política Nacional de Saúde Mental (PNSM), que cria a Rede de Atenção Psicossocial (Raps), composta de Centros de Atenção Psicossocial (Caps), de hospitais-dia e do serviço Residências Terapêuticas, fundamentais no processo de desinstitucionalização e reinserção social dos egressos dos hospitais psiquiátricos.

O saber psicanalítico, presente em Caps e hospitais, tem interferido e produzido efeitos nas formas instituídas de viver, por contemplar o encontro entre sujeitos: a política. Ninguém sai indiferente de um encontro. Segundo Cleusa Pavan, ele pode “propiciar potência no sujeito em perseverar no ser, desejoso de criar e recriar o mundo, como [acontece na] clínica psicanalítica, que interfere em modos de produção de subjetividade” (Cultura no Divã, 2018). Há clínicas, porém, nas quais o encontro com o outro reduz a potência do sujeito, contribuindo para seu mal-estar constitutivo, “que não se dissipa, seja por medicação, seja por técnicas manipuladas ou de autoajuda” (Tanis, 2018).

Por isso, toda clínica é política. Não somos neutros quando nos propomos a criar espaços para

os novos modos de viabilizar os verbos da vida: amar, trabalhar, sofrer, modos mais ligados a processos de desassujeitamento a padrões, a ideais, impostos de maneira autoritária pela cultura, pelo sistema, pelos imperativos da atualidade, como o consumo, o uso do outro. (Cultura no Divã, 2018)

Entretanto, de acordo com Herrmann (2003), a institucionalização da psicanálise em grupos de formação, fragmentados em sistemas doutrinários, fez a teoria psicanalítica se adaptar à prática terapêutica, reduzindo-a a uma psicologia individual. Por meio de acordos políticos institucionais, que determinaram os centros do poder psicanalítico, regulou-se o trabalho analítico e emoldurou-se o tratamento. Estabeleceu-se uma teoria padrão, com uma clínica padrão das sessões, das interpretações e das atitudes, rituais de um modo de clinicar que fizeram muitos dos encontros analíticos realizados em consultório perder seu encanto, o que contribuiu para o surgimento de asserções sobre o “fim da psicanálise”.

Freud entendia que a extensão da clínica a toda a população exigiria uma adaptação das técnicas às novas condições. “O acerto de nossas hipóteses psicológicas impressionará também os incultos, mas teremos de buscar a mais simples e palpável expressão para as nossas teorias”, e com isso seremos

obrigados “a fundir o puro ouro da análise com o cobre da sugestão direta”. Independentemente de como “se configure essa psicoterapia para o povo, quaisquer que sejam os elementos que a componham, suas partes mais eficientes e mais importantes continuarão a ser aquelas tomadas da psicanálise rigorosa e não tendenciosa” (1919/2010a, p. 292).

A epistemologia (concepção de inconsciente), a ontologia (concepção de sujeito) e o método (associação livre) assumem primazia em relação à técnica. Esta é sempre passível de mudança: “Devo enfatizar que essa técnica se revelou a única adequada para minha individualidade. Não me atrevo a contestar que uma personalidade médica de outra constituição seja levada a preferir outra atitude ante os pacientes e a tarefa seja cumprida” (Freud, 1912/2010c, p. 148)

Atualmente há uma multiplicidade de práticas desenvolvidas a partir da abordagem psicanalítica, como tentativas de responder às diferentes formas de sofrimento humano, “mostrando a riqueza de uma clínica de maior complexidade em seu alcance terapêutico e em suas teorias explicativas” (Tanis, 2018).

A seguir, tratamos de âmbitos de atuação clínica para além dos consultórios.

A clínica institucional

Como analistas institucionais, intervimos no sofrimento sociopolítico produzido nas instituições, nos processos de trabalho enrijecidos, cristalizados, que capturam os modos de subjetivação, impondo-lhes um modelo padrão baseado na centralização do poder, do saber e do prestígio.

No período de 2004 a 2014, com colegas psicanalistas e outros profissionais de saúde, atuei como analista institucional do Ministério da Saúde (MS). Participamos da formulação da Política Nacional de Humanização da Atenção e da Gestão do SUS (PNH), definindo princípios, diretrizes, dispositivos e um método de cogestão, a roda de conversa ou *paideia*, que “objetiva ampliar a capacidade de direção dos grupos, aumentando sua capacidade de analisar e operar sobre o mundo” (Campos, 2005, p. 185). Para apoiar a implantação de outras políticas e de outros programas do MS, intervimos em serviços de saúde do SUS, em todo o território nacional, cujos usuários adoecidos enfrentavam barreiras de acesso produzidas por processos de trabalho pautados por corporativismo profissional e gestão centralizada e burocrática, com pouco espaço de abertura ao diálogo com o diferente.

Essa intervenção analítica parte da ideia de que todo grupo é uma instituição, criada em determinado momento histórico-político-organizacional, fixando certas formas de existir, na articulação do saber e do poder. O prestígio de certas categorias profissionais sobre outras estabelece um

mal-estar entre os trabalhadores do campo da saúde; um campo de forças, de tensão, entre movimentos instituídos (padrões, procedimentos e protocolos) e instituintes. Esse modo de trabalhar normatizado paralisa os coletivos de trabalhadores, adoecendo-os. O sofrimento os leva a buscar estratégias de sobrevivência, com atuação de mecanismos de defesa (negação, projeção), com comportamentos persecutórios, arrogantes, onipotentes, com ataques de inveja ao novo que produz diferenças. Assim, oferece-se uma clínica degradada, baseada no modelo biomédico (queixa-conduta-medicação), com uma atuação reducionista de saúde e práticas hospitalocêntricas, medicalizantes e médico-centradas.

A escuta analítica realizada nas instituições procura implementar a democracia institucional, com a inclusão do saber de todos por meio da adoção de dispositivos de cogestão e clínica ampliada (Campos, 2005). O analista institucional apoia os grupos na desobstrução da comunicação e no desvelamento dos não ditos institucionais, que dificultam o estabelecimento e a consecução de objetivos comuns.

A psicanálise no espaço público

A clínica implicada, engajada, pública, aberta, na praça, na rua tem sido uma oferta de escuta psicanalítica. Psicanalistas se organizam coletivamente em espaços públicos, fora da lógica do mercado, intervindo na produção de subjetividades. Sem hora marcada com antecedência ou pagamento na saída, rompem as muralhas do *setting* tradicional e realizam atendimentos semanais gratuitos, por acreditarem que a psicanálise deve ser acessível a todos. Pretende-se que a transferência se estabeleça prioritariamente com o dispositivo, e não com o analista específico que realiza o atendimento. Em geral, são atendidos crianças, jovens, adultos, casais e famílias. Trata-se de uma resposta à convocação de Freud (1919/2010a), de ampliação do acesso à psicanálise, num contexto de sofrimento sociopolítico em nosso país.

Entre 2009 e 2010, psicanalistas se puseram à disposição para conversar, nas tardes de sexta-feira, com frequentadores do Centro Cultural São Paulo (CCSP). A experiência ficou conhecida como Fale com o Analista, “um misto de instalação e *performance*, que abriu para todos os participantes a possibilidade de uma experiência vital transformadora” (Nosek, 2017, p. 93). As regras estabelecidas foram: proibição da interpretação e encontros de uma única sessão, sem retorno e sem encaminhamento para outras atividades regulares da psicanálise.

Para os analistas, o mais surpreendente, a cada dia, era a intensidade da carga emocional envolvida nas conversas, de uma forma raramente vista no cotidiano

da clínica. Inesperada também foi a frequência com que as pessoas se mostravam profundamente agradecidas pela oportunidade de falar de si e contar sua história. Algo mudou com aquelas “poltronas para conversar”. (p. 94)

A Clínica Pública de Psicanálise começou seus trabalhos em 2016. É um lugar para conversar sobre a vida, desabafar, falar de coisas difíceis que estão acontecendo. O coletivo também estabeleceu algumas regras para a experiência: o primeiro contato ocorre num plantão de atendimento aos sábados; são distribuídas senhas por ordem de chegada; os psicanalistas e as pessoas que vierem conversar decidem se haverá continuidade. Há pessoas que frequentam a clínica desde o início. Outras vieram apenas para uma conversa-desabafo. Há quem venha quando pode vir, ou quando precisa.

As maneiras como o trabalho acontece são diversas porque cada pessoa, cada encontro, tem sua própria história. Com base nessa experiência de atendimentos cotidianos, os profissionais se permitem rever alguns deles, modificá-los, construir novos acordos. Acreditam que a psicanálise é uma criação conjunta, coletiva, e se localizam num espaço público, popular e comunitário. O coletivo faz esse trabalho por um desejo político e clínico. Está ali porque quer e porque acredita que a psicanálise deve ser democratizada. Com convicção e afeto, dedica algumas horas de seu dia para a clínica. Outros acordos que auxiliam a realização do trabalho encontram-se na página do grupo no Facebook.³

A Psicanálise na Praça Roosevelt também anuncia o atendimento psicanalítico em sua página do Facebook.⁴ Faz atendimentos individuais, por ordem de chegada, aos sábados.

Psicanalistas que compõem esta clínica encontram-se em um tempo de acúmulo de experiências e troca de saberes, que torna necessário afirmar uma posição sobre o lugar que ocupam no território, na cidade e diante de discursos reacionários que avançam no país. A partir do reconhecimento de seus antecedentes e dos pilares que sustentam sua prática, afirmam seu posicionamento político, tendo por referência a experiência psicanalítica como uma ética. A clínica psicanalítica nos convida a uma experiência com o inconsciente, que se assenta na direção de uma subversão. ... O coletivo está, como outras experiências de psicanálise em espaços públicos, comprometido com as desigualdades, que produzem segregação, não apenas do acesso a uma experiência psicanalítica e sua extensão, e que também geram sofrimento. ... Encontram-se como psicanalistas na praça, sem pretender substituir ou tamponar a precarização de direitos sociais conquistados. Encontram-se na praça como forma

3 www.facebook.com/clinicapublicadepsicanalise.

4 www.facebook.com/PsicanaliseNaPracaRoosevelt.

de resistência política, a fim de que esse esforço contribua para fazer do público um espaço em que cada um possa estar. (Psicanálise na Praça Roosevelt, 2018)

Desde 2017, tenho participado do coletivo Psicanálise na Rua. Como anunciado em sua página no Facebook,⁵ trata-se de um coletivo autônomo de psicanalistas, com diferentes formações, unidos na proposta de sustentar a escuta psicanalítica em espaços públicos de Brasília com ampla circulação e ocupação popular. O oferecimento de escuta na rua é entendido como uma intervenção pública, tanto na extensão do acesso à psicanálise para além do reduto dos consultórios particulares quanto no fomento do debate político na psicanálise do Distrito Federal. O coletivo realiza ainda reuniões periódicas de supervisão clínica, estudos teóricos e cogestão.

Para encontrar os analistas e os espaços de atendimento, gratuito e por ordem de chegada, basta procurar pelas cadeirinhas de praia: às sextas-feiras, na Praça Zumbi, no Conic, das 16h30 às 19h; aos sábados, no mezanino da Rodoviária, das 10h às 12h.

A clínica das ideias

Em 2017, participei da criação do Observatório Psicanalítico (OP), da Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC) da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) (Albuquerque, 2017).

O OP propõe-se como um dispositivo de atenção psicanalítica para os fatos, os fenômenos socioculturais e políticos do Brasil e do mundo, buscando incrementar o diálogo dos psicanalistas com a sociedade por meio das redes sociais. Psicanalistas são convidados a escrever sobre os acontecimentos que dizem respeito ao encontro dos humanos na esfera pública. Assim, o OP constitui uma estratégia de intervenção clínico-política, fundamentada na psicanálise.

Os psicanalistas, ao se debruçar analiticamente (*klínikós*) sobre os sintomas que atravessam a vida contemporânea, procuram produzir desvios (*clínamen*), chamando a atenção para os modos instituídos que afetam o processo de subjetivação e que demandam significação pelo sujeito. A psicanálise, então, interfere na potência dos indivíduos de se tornarem sujeitos da própria vida.

Para manter esse encontro dialógico do psicanalista com a sociedade, os ensaios (textos breves, em torno de 500 palavras) são publicados na página do Facebook da Febrapsi,⁶ cujo acesso tem aumentado em razão do interesse do

5 www.facebook.com/psinarua.

6 www.facebook.com/febrapsi.org.

público, e no sítio da Febrapsi.⁷ Os textos também são compartilhados num grupo de *e-mails* formado por psicanalistas, que se inscrevem espontaneamente para receber as postagens e debater os temas abordados. A reação positiva dos colegas ao OP, como um espaço de conversa e troca de experiências, tem potencializado a grupalidade dos psicanalistas da instituição psicanalítica, tornando-a viva, com novos modos instituintes.

O OP vem se tornando um lugar criativo para a elaboração de ideias sobre a vida sociopolítica, oferecendo respostas dos psicanalistas às demandas sociais de novos olhares para os velhos problemas do encontro entre os sujeitos. Também tem oferecido oportunidade à psicanálise para que ocupe seu lugar de potência crítica na (da) cultura, por meio da escuta dos diversos aspectos da vida cotidiana, expressos nos eventos sociais comemorativos relacionados aos valores culturais, como Dia do Amigo, Dia dos Pais e Dia dos Namorados.

Sabemos que, aos poucos, “as grandes análises freudianas da cultura, da literatura, dos mitos deram lugar a uma prática clínica muito estreita” (Herrmann, 2003, p. 169). Nesse sentido, o dispositivo se propõe a recuperar a prática política de falar acerca das coisas da vida, intervindo sobre os fatos humanos, que emergem num contexto contemporâneo de grande complexidade.

A essa abordagem, de dar significado às coisas como um ato político, chamarei de *clínica das ideias*. Sob o aspecto de um observatório, ela sinaliza e intervém por meio do olhar atento e da livre palavra iniciada pelo psicanalista sobre as formas de viver, bem como sobre os ataques sociopolíticos que produzem desconforto subjetivo – desigualdade socioeconômica, preconceito, discriminação de gênero, classe, raça, crença religiosa etc. Pela observação dos modos que produzem estancamento e paralisam sujeitos e coletivos, desvelam-se conflitos e abrem-se possibilidades de pensamento sobre os encontros humanos, reduzindo o sofrimento e o assujeitamento.

Um retorno ao cenário atual

Hoje no Brasil vivemos a véspera das eleições presidenciais. Assusta-nos o protagonismo de pessoas (oriundas da velha política neoliberal, mas que se apresentam como novas no cenário nacional) que incitam o ódio e marcam a não aceitação das diferenças. Pautadas por valores humanos divergentes, pessoas da mesma família encontram-se de lados opostos. O discurso totalizante transforma o outro em inimigo. O antigo amigo se torna inimigo. Aquilo que não se suporta em si, o estranho, o estrangeiro, é eliminado e projetado

7 www.febrapsi.org.

no outro. O ódio, a inveja, o ressentimento predominam. Em vez do domínio da pulsão de vida, com atitudes de inclusão, reconhecimento e integração das diferenças, o que tem prevalecido é a pulsão de morte, com atitudes de banimento, segregação, exclusão e aprisionamento dos diferentes. Simbolicamente, ataca-se a democracia, o pacto entre irmãos. Agride-se em defesa do que se considera *o seu território*. O mal intencional contra o outro e o prazer que se obtém com esse mal é humano, demasiado humano.

Até mesmo a pessoa que diz não se interessar por política, sem se dar conta, tem sua subjetividade atacada por movimentos sociopolíticos conservadores, os quais reivindicam, produzem e aplaudem: o controle da sexualidade; o retrocesso nas políticas públicas sociais, de educação e de saúde; o cerceamento dos diferentes modos de ocupação do próprio corpo; a censura de artes, mídias, ideias e pensamentos; o ideal de uma educação sem partido (leia-se, não política); as mudanças nas leis trabalhistas, com tentativas de retorno ao trabalho escravo; o racismo; a misoginia; as perseguições e delações obtidas de maneira coercitiva; entre outras práticas abusivas.

A judicialização, realizada por juízes, pessoas não escolhidas pelo voto popular, vem causando um impacto negativo nas políticas e nos programas de saúde. Atua contra o ideário do SUS e da reforma psiquiátrica, que entende que a internação de longa permanência em serviços hospitalares traz sérios prejuízos à vida dos usuários. Para nós que trabalhamos no campo da saúde mental, o distanciamento do paciente de sua vida familiar e societária prejudica a recuperação da saúde.

Em seu compromisso ético e político de recusa do poder no encontro analítico, e em sua função social, na relação com o outro e com a sociedade que habita, o psicanalista, desde Freud, tem se posto disponível para pensar sobre os modos culturais de nossa vida societária que produzem exclusão e segregação da palavra. Contribuí assim para o sentido e a significação do vivido, um ato político nas diferentes clínicas. De maneira extensiva, dentro e fora do consultório, procura-se realizar uma escuta do diferente, uma atitude analítica de não saber, para que novos territórios do ser e a alteridade (o outro que está fora e aquele que nos habita) possam se expressar; afinal, essa última está na raiz do processo de constituição subjetiva (Tanis & Khoury, 2009).

Finalizo com o que diz Freud (1915/2010b): as guerras (entre países, ou as fratricidas, no âmbito de nossa sociedade) somente acabarão se o pacto civilizatório perseverar, contendo o ódio, assegurando o valor da vida e fazendo prevalecer os direitos humanos e a justiça social – um ideário contemporâneo para a psicanálise política.

La clínica psicoanalítica: una práctica política

Resumen: Se propone reflexionar sobre la clínica psicoanalítica como práctica política. La clínica, al contemplar con cuidado el sufrimiento subjetivo y sociopolítico, busca producir desvíos en los modos de ser instituidos que producen ese malestar. La crisis política en Brasil y en el mundo contemporáneo fragmenta, segrega y excluye sujetos, produce estados emocionales turbulentos y disruptivos. Estamos llamados a una escucha sensible a la política y a nuevos modos de hacer psicoanálisis: la clínica de lo social, la clínica institucional y la clínica de las ideas.

Palabras clave: psicoanálisis, clínica, política

Psychoanalytic clinical practice: a political practice

Abstract: The author proposes a reflection on the psychoanalytic clinical practice as a political practice. When clinical practice carefully deals with subjective and sociopolitical suffering, its purpose is to produce deviations from the established ways of being that cause this malaise. The political crisis, not only in Brazil but in the entire contemporary world, fragments, segregates, and excludes subjects. This crisis leads to turbulent and disruptive emotional states. We are, therefore, called to develop a sensitive listening to Politics and to the new ways of practicing Psychoanalysis, namely the clinical practice of the social issue, the institutional clinical practice, and the clinical practice of ideas.

Keywords: Psychoanalysis, clinical practice, politics

La clinique psychanalytique: une pratique politique

Résumé: On propose une réflexion concernant la clinique psychanalytique en tant que pratique politique. En se penchant attentivement sur les souffrances subjectives et socio-politiques, la clinique cherche à produire des déviations des manières d'être instituées qui produisent ce malaise. La crise politique, dans le Brésil et dans le monde contemporain, fragmente, discrimine et exclut les sujets, produit des états émotionnels troublants et disruptifs. Nous sommes donc invités à une écoute sensible de la politique et de nouvelles modalités de faire de la Psychanalyse: la clinique du social, la clinique institutionnel et la clinique des idées.

Mots-clés: psychanalyse, clinique, politique

Referências

- Albuquerque, C. X. (2017). *op? O que é isso?* *Jornal Associação Livre*, 6(8), 10-11.
- Alves, D. S. N. (s.d.). Reforma psiquiátrica. In *Memória da loucura*. Recuperado em 23 set. 2018, de www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/mostra/reforma.html.

A clínica psicanalítica

- Arendt, H. (2002). *O que é política?* (R. Guarany & K. Sontheimer, Trans.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1958)
- Campos, G. W. S. (2005). *Um método para análise e cogestão de coletivos*. São Paulo: Hucitec.
- Cultura no Divã. (2018, 30 de agosto). *Sobre as dimensões políticas da clínica psicanalítica* [Vídeo]. Recuperado em 23 set. 2018, de www.youtube.com/watch?v=MQENk1FRvQQ.
- Freud, S. (2010a). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 279-292). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010b). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 209-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010c). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 147-162). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Herrmann, F. (2003). A travessia da incerteza: sobre a clínica extensa no consultório. *Jornal de Psicanálise*, 36(66-67), 167-194.
- Herzog, R. (1996). Psicanálise e verdade. In L. F. S. Couto (Org.), *Pesquisa em psicanálise* (pp. 7-13). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Recuperado em 23 set. 2018, de www.anpepp.org.br/acervo/Colets/v01n16a003.pdf.
- Lei n.º 10.216. (2001, 6 de abril). Recuperado em 23 set. 2018, de www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm.
- Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. São Paulo: Perspectiva.
- PsiBr. (2016a, 14 de abril). *Psicanálise e política: Caterina Koltai* [Vídeo]. Recuperado em 23 set. 2018, de www.youtube.com/watch?v=S0BcKngn19s.
- PsiBr. (2016b, 20 de maio). *Psicanálise e política: Christian Dunker* [Vídeo]. Recuperado em 23 set. 2018, de www.youtube.com/watch?v=liDEeKkI_8o.
- Psicanálise na Praça Roosevelt. (2018, 28 de maio). Psicanálise na Praça Roosevelt [Postagem no Facebook]. Recuperado em 23 set. 2018, de www.facebook.com/PsicanaliseNaPracaRoosevelt/posts/375383666281967.
- Schraiber, L. B. (2008). Prefácio. In J. S. Paim, *Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica* (pp. 9-19). Salvador: Edufba; Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Tanis, B. (2018). *A psicanálise e suas clínicas*. Trabalho apresentado no 1.º Simpósio Biental SBPSP, São Paulo.
- Tanis, B. & Khoury, M. G. (2009). *A psicanálise nas tramas da cidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em 10/9/2018, aceito em 24/9/2018

Maria Elizabeth Mori
 SHIN QL 01 conjunto 02 casa 15 – Lago Norte
 71505-025 Brasília, DF
 beth.mori@gmail.com

Interface

Acerca da multidimensionalidade da categoria sofrimento

João Carlos Graça¹
Rita Gomes Correia²

Resumo: O sofrimento constitui uma realidade complexa, devendo ser distinguido da dor e demandando um tratamento interdisciplinar. São nele identificáveis dimensões várias, nomeadamente físicas, psíquicas, culturais, políticas e socioeconômicas, sendo todavia plenamente legítimo considerá-lo um fato social. As tendências para a tecnologização das respostas ao sofrimento, nomeadamente a psiquiatrização, impõem elas próprias uma abordagem de pendor sociológico, nalguns casos vincando mesmo diversos traços estritamente políticos. Tanto os aspectos atinentes à cultura e à vida religiosa quanto as questões relativas à economia são relevantes na consideração dessa problemática. Em particular, torna-se necessário sublinhar a importância do consumo competitivo e sinalizador de status. Esse relevo do consumo pode, nalguns casos, contribuir para reforçar as desigualdades sociais, do que por sua vez se ressentem o bem-estar social geral. Esse reconhecimento, porém, não constitui garantia de que medidas de redistribuição igualitárias sejam consideradas desejáveis, mesmo do ponto de vista dos seus beneficiários.

Palavras-chave: sofrimento, dor, multidimensionalidade, medicalização, cultura

Introdução: sofrimento e dor

Sufrimento e dor são realidades muito complexas, a cujo estudo toda uma multiplicidade de dimensões (físicas, psíquicas, socioculturais, políticas,

- 1 Professor do Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa (ISEG-UL). Investigador do Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, Universidade de Lisboa (Socius/CSG-UL).
- 2 Pesquisadora do Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, Universidade de Lisboa (Socius/CSG-UL).

econômicas...) deve ser referida. À guisa simultaneamente de distinção e de introdução podemos, duma maneira muito geral, referir sofrimento a qualquer sensação que provoca dor, mal-estar, desconforto ou infelicidade ao indivíduo, tanto no nível físico quanto no nível emocional. Embora seja razoavelmente clara a necessidade de definição exata do conceito de sofrimento, passando desde logo por distingui-lo relativamente a noções como desgosto e dor, esse empreendimento revela-se na verdade assaz espinhoso.

Em todo caso, e seguindo quanto a esse assunto a formulação sugerida por Paula Sapeta (2007), apesar de reconhecer estarem aqueles conceitos profundamente relacionados, importaria salientar que sofrimento não é o mesmo que dor. O sofrimento consiste na experiência da dor em cada indivíduo. Todavia, a dor física é apenas uma das dimensões e das causas potenciais envolvidas. De acordo com Manuela Fleming (2003), podemos dizer que ambos os termos, dor e sofrimento, designam emoções e afetos básicos, compreendidos entre a experiência mental e a experiência física. Entretanto, etimologicamente, sofrimento remete de forma predominante a uma condição generalizada e a uma capacidade de tolerância e resistência à experiência vivida, ao passo que dor é diretamente associado a um mal-estar com características e grau de intensidade determinados, sem levar em conta qualquer nível de tolerância a ele.

O fato de que, num largo número de casos, o sofrimento pode intensificar e prolongar situações de dor tende realmente a configurar uma inseparabilidade de conceitos, embora, em rigor, seja possível a existência de sofrimento sem dor e de dor sem sofrimento. Acresce ainda que, não sendo passível de estudo direto em laboratório nem de medição exata, o sofrimento apresenta-se como um fenômeno dependente de inúmeras variáveis. Podemos saber que determinado indivíduo sofre, mas não com que grau de intensidade. A dor não apresenta evidências, ela é simplesmente sentida. Por outro lado, deve-se sublinhar que, enquanto as experiências de prazer e de alegria são predominantemente consideradas normais, as situações de sofrimento ou dor tendem, pelo contrário, a revestir-se dum caráter de estranheza, frequentemente induzindo uma mudança nos hábitos de cada indivíduo, e não raro uma perda do interesse dispensado por este ao seu entorno social. De certo modo, é como se a consciência da existência de cada um tendesse então a sobrepor-se a tudo, suspendendo os controles exercidos pelos indivíduos relativamente às relações sociais (Le Breton, 2007).

Previsibilidade e controle são, de fato, inquestionavelmente aspectos importantes na consideração desse problema, segundo o que foi evidenciado por estudos feitos com animais e mostrado num texto de Jay M. Weiss (1972; cf. Graça & Correia, 2015), que descreveu os resultados de experiências realizadas com ratos de laboratório. Weiss submeteu dois ratos a choques elétricos

de idêntica duração e intensidade, e apenas a um deles eram facultados meios de previsão e controle dos choques. Significativamente, e de acordo com o que esse investigador pôde então observar, o rato que não dispunha de meios de previsão e controle revelava uma perda de peso mais significativa, bem como úlceras gástricas e alterações neuroendocrinológicas, configurando um agravamento do estado de saúde global associado à apreensão da sua situação de impotência perante uma dor percebida como imprevisível e incontrolável.

Ainda quanto a esse grupo de temas, e seguindo a argumentação de Léo Pessini (2002), poderíamos definir a dor como uma perturbação, uma sensação no corpo, ao passo que o sofrimento constituiria um conceito mais abrangente e complexo. Em particular, no caso de doença, este corresponderia a “um sentimento de angústia, vulnerabilidade, perda de controle e ameaça à integridade do eu” (p. 60). Por conseguinte, é possível existir dor sem sofrimento e sofrimento sem dor: apenas cada um pode, em cada caso, senti-lo, e também aliviá-lo. Admitido isso, deve-se reconhecer que certo nível de dor e sofrimento pode ser tolerado, sendo na verdade utópico dizer que o alívio de toda dor e todo sofrimento deveria constituir um objetivo apropriado para o sistema de saúde.

A vulnerabilidade provocada pela doença exige uma resposta, chamada cuidado. Um dos principais perigos em negligenciar a distinção entre dor e sofrimento no contexto clínico é a tendência de os tratamentos se concentrarem somente nos sintomas físicos, como se fossem a única fonte de angústias para o paciente. (p. 60)

Esse fato resulta com frequência “na situação de pacientes que estão fisicamente mais confortáveis por causa da terapia da dor, mas cujo sofrimento continua presente” (p. 60). Mais amplamente, num contexto de crescente tecnologização do cuidado, seria portanto imperativo e urgente “o resgate de uma visão antropológica holística, que cuide da dor e do sofrimento humanos nas suas várias dimensões, ou seja, física, social, psíquica, emocional e espiritual” (p. 51).

Dimensões: física, psíquica, cultural, política, socioeconômica

Assumido que os indivíduos não são apenas corpos, mas também mentes (o que, embora possa parecer uma banalidade, é frequentemente esquecido), torna-se obviamente importante adotar uma abordagem transdisciplinar na reflexão sobre a problemática do sofrimento. Como diz Pessini, “ser gente é possuir um corpo, é ter um psiquismo e um coração, é conviver com os outros,

cultivar uma esperança e crescer na perspectiva da fé em valores humanos” (2002, p. 66). Desse modo, o sofrimento assume por princípio múltiplas dimensões para além da meramente física (e mais diretamente referível à dor), dado que pode afetar o conceito que os indivíduos têm de si próprios e da sua ligação com os outros e com o mundo em geral.

Parece fazer sentido distinguir várias dimensões associadas ao sofrimento. Podemos, a princípio, considerar uma *dimensão física*. Trata-se da dimensão mais facilmente observável, resultando numa lesão corporal, momentânea ou progressiva, do indivíduo, a qual põe em causa o seu habitual desempenho físico e, conseqüentemente, a sua interação social. A dor, que em si mesma constitui um sistema fundamental de alarme sobre o funcionamento do corpo, em determinados contextos pode afetar um indivíduo em toda a sua globalidade (Pessini, 2002). Ela constitui na verdade uma resposta neurofisiológica complexa, que consiste na percepção de uma atividade produzida, através de estímulos, no sistema nervoso, que conduz à sensação de real ou potencial lesão nos tecidos (Sapeta, 2007).

Em simultâneo, existe aqui também, inegavelmente, uma *dimensão psíquica*. Trata-se numa dimensão complexa, com múltiplas causas possíveis e de difícil identificação e mensuração. Como assinala Pessini, essa dimensão surge habitualmente associada a “sentimentos caracterizados por mudança de humor, sentimentos de perda do controle sobre o processo de morrer, perda de esperanças e sonhos ou necessidade de redefinir-se perante o mundo” (2002, p. 61).

Devemos destacar que essa dimensão do sofrimento se encontra intimamente associada à problemática da medicalização. Essa tendência corresponde à propensão para a abordagem das questões do sofrimento essencialmente no plano individual, considerando as vertentes de imprevisibilidade e de conflito “como meras abstrações psicanalítico-filosóficas”. Os sofrimentos tornam-se, nesse âmbito, predominantemente “codificados em termos de uma nomenclatura própria do discurso médico, que se socializa amplamente e passa a ordenar a relação do indivíduo com sua subjetividade e seus sofrimentos”. Nesse contexto ainda, a produção de saber sobre o sofrimento psíquico, bem como o tratamento dele, passa a estar profundamente associada “à produção da indústria farmacêutica de remédios, que promete aliviar os sofrimentos existenciais”. Admitamos, quanto a isso, o que é absolutamente inegável: o uso dos psicofármacos trouxe importantes oportunidades de tratamento num significativo número de casos. Todavia, perante “o consumo em larga escala dos medicamentos e o crescimento exponencial da indústria farmacêutica”, é necessário evidenciar também “os efeitos de um discurso que banaliza a existência, naturaliza os

sofrimentos e culpabiliza os indivíduos por seus problemas e pelo cuidado de si (racionalização própria da economia neoliberal)” (Guarido, 2007, p. 159).

João Matheus Acosta Dallmann (2013), depois de assinalar que assistimos a uma difusão social do conceito da doença através da sistemática mediatização dos sintomas, subscreve também a importante tese segundo a qual essa difusão visa propiciar que o próprio paciente possa diagnosticar-se, assim sugerindo ao médico os tratamentos a adotar. A propaganda tenderia, desse modo, a inculcar na generalidade das pessoas a noção de que medicar é equivalente a tratar, pelo que o bom médico seria aquele que medica: “Com os medicamentos psicofármacos, essa relação não será diferente” (p. 24).

Segundo Dallman, essa inclinação para a medicalização massiva teria ramificações políticas inegáveis, estando intimamente ligada à evolução das desigualdades sociais. Hoje em dia, sublinha o autor, quaisquer sinais de sofrimento psíquico tenderiam a ser considerados como passíveis de ser tratados, tomados enquanto mera patologia, cuja terapêutica ocorreria por excelência através da administração de psicofármacos. A referida tendência experimentou tal ampliação que poderíamos mesmo falar duma generalizada medicalização do social. Isso está, entretanto, muito longe de ser politicamente neutro, ou inocente. Na verdade, diante da impossibilidade de o Estado capitalista anular ou mesmo atenuar, por meio de políticas sociais ativas e bem-sucedidas, as profundas desigualdades sociais que constituem a origem dum inesgotável sofrimento das camadas sociais por elas mais atingidas, teríamos, como alternativa, a aceitação ou mesmo a escolha deliberada da trajetória da medicação em larga escala. A opção psicofarmacológica permitiria assim, de algum modo, sustentar o mal-estar dos sujeitos condicionalmente vinculados a uma política de governo.

Intimamente associada a essa propensão para a medicalização do sofrimento, ocorreria também, segundo Ceres Victora (2011), uma dificuldade cultural crescente em enfrentar o desafio apresentado pela indissociabilidade das dimensões físicas, psicológicas, morais e sociais do sofrimento, fato esse que suscitaria problemas significativos às formas usuais de lidar com uma componente importante dos fenômenos humanos. Na verdade, segundo corroborado por Eduardo Guedes Leal, o sofrimento incluiria tanto um aspecto somático como um outro, eminentemente psíquico, apesar do caráter artificial dessa distinção, visto que finalmente “o corpo é um lugar privilegiado, se não o único, para a manifestação do padecer psíquico” (2005, p. 56). Qualquer que seja a delimitação considerada mais adequada, genericamente o sofrimento manifestar-se-ia sempre de forma ativa, impondo-se ao indivíduo, sendo essa faceta passiva daquele que sofre contemplada precisamente na própria acepção comum do termo sofrimento.

Em todo caso, a inclinação para a psiquiatrização da vida afigura-se nos nossos dias amplamente consolidada, sendo muito amplo o conjunto das razões que motivam tal evolução. É verdade que, do lado dos psiquiatras, se expandiram as possibilidades de inclusão de realidades muitíssimo vastas dentro dos quadros da patologia. Por outro lado, há que levar em consideração igualmente os pacientes, da parte dos quais se registra outrossim “uma maior procura e uma aceitação de que seu sofrimento é do volume requerido para ser chamado de doença”. Desse modo, tanto da perspectiva acadêmica quanto da perspectiva leiga, registrar-se-ia uma clara redução, e mesmo um declínio consistente, das noções tradicionais de angústia moral e/ou existencial. A súpula das ideias contemporâneas corresponderia às interrogações: “Sofrer para quê? Não posso tomar uma medicação e abolir isso que me incomoda?”. Uma consequência possível dessa psiquiatrização da vida seria o aumento da “incidência de doenças mentais observada na clínica institucional e também em pesquisas”. A configuração fundamental da resposta subjetiva atual diante do sofrimento corresponde, em brevíssima síntese, ao seguinte quadro: 1) considera-se a maior parte dos sofrimentos “catalogável e tratável como doença psiquiátrica”; 2) fica consagrada uma menor resistência ao sofrimento, ocorrendo uma apreciável redução das dimensões daquilo que é entendido como tolerável; 3) aumenta a automedicação, ocorrendo uma significativa identificação com os modelos de doença apontados no primeiro item, e portanto também o autodiagnóstico; 4) tem lugar uma busca de modelos culturais inatingíveis e, na maior parte dos casos, meramente idealizados, um fato que pelo seu lado “pode acionar o item anterior” (Leal, 2005, pp. 59-60).

Ainda segundo Leal, devemos igualmente registrar, a psicanálise tenderia a proceder de modo consideravelmente diverso dos processos típicos da psiquiatria. Estando interessada em considerar de forma exaustiva quaisquer casos específicos, ela daria pouca importância às possibilidades de elaboração duma teoria geral qualquer, pretensamente aplicável a outros casos de configuração semelhante. Na verdade, e de acordo com a famosa doutrina iniciada por Freud, genericamente o sofrimento tem origem em causas muitas vezes não acessíveis ao sujeito em virtude duma série de motivos e condições. Mais radicalmente, essa realidade mesma do sofrimento “nunca chegou a se constituir como verdade, e precisa ser criada”. Assim, a própria possibilidade de nos referirmos a essa irracionalidade, da qual o sofrimento seria uma das expressões, “demanda uma tecnologia especial chamada linguagem, que subverte a experiência original, deixando o usuário da língua faltante ou, no mínimo, nostálgico” (p. 64). A questão fundamental, implicada pela clínica, interpela assim dois aspectos fundamentais:

Qual é o sofrimento (seu grau e qualidade) do indivíduo que é impermeável à palavra? E, não menos importante e mais suscitador de dúvidas, qual é o tipo de sofrimento imposto aos outros (sobretudo aos familiares) em razão da conduta do indivíduo em que a intervenção psicofarmacológica se faz indispensável? (p. 67)

Na formulação de Cristiane Daniel e Mériti de Souza (2006), a medicina habitual, por contraste, tendo as suas práticas fundadas no princípio de racionalidade, procura assim usualmente um grupo de causas ditas racionais, as quais são oficialmente explicáveis de forma científica, visando elucidar os males humanos. Essa atitude resultaria da assunção duma visão do homem como ser fundamentalmente consciente e racional. Nessa perspectiva, a medicina pensa o sofrimento humano enquanto doença, apelando a referenciais biológicos como forma de explicá-lo: “No caso específico da psiquiatria, vê-se que a preocupação principal é encontrar as causas biológicas para as psicopatologias e desenvolver formas de tratamento ideais calcadas no uso de psicofármacos”, fato do qual resultaria uma tendência consistente para desconsiderar a singularidade enquanto “aspecto constitutivo da existência humana” (p. 118).

Por confronto, a psicanálise adotaria uma concepção de sujeito como entidade perpassada pelo desejo, o sujeito do chamado inconsciente, o qual é constituído no meio duma realidade psíquica e social. Dessa outra perspectiva, a psicanálise enquanto teoria relativa à constituição subjetiva reporta-nos “os modos de organização psíquica e como os sintomas são produzidos na interação do psíquico com o social, ou seja, do homem com o outro” (Daniel & Souza, 2006, p. 118).

A *dimensão cultural e religiosa* do sofrimento decorre do fato de que os indivíduos necessitam encontrar uma explicação, um motivo e, mais amplamente, um sentido para as diversas circunstâncias com que se defrontam ao longo da vida, entre as quais a morte. Como nem sempre é possível alcançar tal desiderato, emerge um sofrimento que resulta da “perda de significado, sentido e esperança” (Pessini, 2002, p. 62). Na verdade, deve-se sublinhar que para os diversos sistemas religiosos o sofrimento humano é parte da explicação da maneira como o universo está organizado e opera. A sua vivência encontra-se, desse modo, associada a uma constante busca de significado, ou luta pelo significado. As formas como os sistemas religiosos operam são, todavia, muitíssimo variáveis. A tradição cristã, por exemplo, tende a relacionar o sofrimento e a dor com o pecado original, encarando-os assim como uma fatalidade inerente à própria condição humana. O sofrimento e a dor não constituem um castigo divino, sendo antes uma oportunidade de purificação da alma e de estreitamento da relação dos indivíduos com Deus. Para o islã, entretanto, o sofrimento e a dor constituem provações destinadas

a medir a fé no Criador e, perante os desígnios da divindade, o ser humano deve submeter-se pacientemente. À semelhança do que se passa na tradição cristã, o sofrimento não é visto como castigo, mas, enquanto a tradição cristã é propensa a considerá-lo como natural e próprio da condição humana, o islã tende a percebê-lo como fruto da predestinação divina para um indivíduo, visando determinado objetivo, ainda que na maior parte dos casos tais objetivos e os seus encadeamentos factuais escapem ao entendimento humano.

Sobre esse assunto, deve-se registrar que já durante o século XIX, e no contexto simultaneamente dos conflitos de classe na Europa e do embate com outras civilizações induzido pela expansão colonial europeia, tanto Arthur Schopenhauer (1788-1860) quanto Friedrich Nietzsche (1844-1900), inicialmente seu discípulo, cultivaram um sentimento de admiração pela sociedade tradicional da Índia, ou seja, o sistema de castas e a correspondente crença hinduísta/budista na reencarnação. Segundo a interpretação desses filósofos, esse quadro configuraria o contrário do que acontecia com variedades ocidentais da religiosidade, nomeadamente o judaísmo e o cristianismo, nas quais identificaram uma inclinação escatológica fundamental relativa à história universal, a qual poderia ser considerada uma precursora de todas as teorias do progresso, aliás veiculando tendencialmente também uma ascensão de pontos de vista sociais igualitários. Se Schopenhauer retirou de tudo isso conclusões oficialmente pessimistas e uma atitude quietista em face da vida (a qual já levou comentadores a considerá-lo sobretudo um “genial farsante”), Nietzsche fez questão de confrontar explicitamente as implicações políticas de tais *démarches* filosóficas. Nesse sentido, quer as noções e crenças cristãs quer a variedade secularizada das mesmas disposições, isto é, fundamentalmente os ideários democráticos e socialistas, foram consideradas por ele uma expressão da canalha ou ralé, essencialmente denotando ressentimento, ou seja, as inconfessas e inconfessáveis inclinações vingativas por parte dos inadaptados, as quais teriam estado nos fundamentos de toda a agitação social nos últimos séculos, incluindo naturalmente a Revolução Francesa e os subsequentes ideários democráticos e socialistas. A essas inclinações macro-históricas, Nietzsche contrapôs as suas próprias noções, ou mais exatamente os seus mitos: o eterno retorno do mesmo, o super-homem e a necessidade de viver perigosamente, como formas simultaneamente de afirmação de tudo aquilo que é vital e merecedor de permanência (daí a fundamental filosofia do *sim*, correspondente à ideia de que toda alegria quer a profunda eternidade) e dum sempre vigilante evitamento do que se encontra meramente inclinado para a rotina, invariavelmente denotando cristalização, declínio e decrepitude (Losurdo, 2002).

Quanto a essas cogitações, e independentemente da carga vastamente (e algo descontroladamente) especulativa delas, vale a pena sublinhar que,

em todo caso, diferentes culturas tendem a perceber o sofrimento sob formas também muito diferenciadas. Uma pessoa vivendo hoje em dia num país do chamado Terceiro Mundo, por exemplo, está usualmente mais habituada a um modo de vida com recursos muito limitados. Por conseguinte, uma escassez de comida de curto prazo, ou mesmo a destruição de habitações, é não raro reconhecida como um evento relativamente normal, ao passo que as populações dos países mais desenvolvidos normalmente consideram qualquer escassez de alimento e/ou de habitação como ocorrências excepcionais, as quais são percebidas enquanto estrito sofrimento. Torna-se, todavia, muito difícil distinguir aquilo que pode com propriedade ser reportado a traços culturais mais perenes, nomeadamente as orientações religiosas predominantes na população, daquilo que corresponde a mudanças de atitude induzidas pelo próprio processo de desenvolvimento econômico (ou de enriquecimento) dos diversos países. A mesma inclinação religiosa de base pode, por conseguinte, induzir níveis muito diversos de resistência ao sofrimento, usualmente consoante o nível de riqueza e rendimento de cada sociedade.

O conceito de *dimensão ético-política* é especialmente utilizado por áreas como a psicologia, o serviço social ou a educação. Visa destacar acima de tudo as ideias de que o sofrimento não é apenas psíquico, que não se cinge ao aspecto individual e que os processos afetivos ocupam um lugar central na compreensão dos processos de sociabilidade. Na sequência da adoção desse tipo de abordagem, têm aliás sido fomentadas “intervenções mais comprometidas com a transformação da sociedade e ações mais voltadas às ações coletivas que colaborassem com o aumento da potência [ou empoderamento] das pessoas” (Bertini, 2014, p. 68).

Dimensões políticas do sofrimento foram sublinhadas por vários autores. Maria Cristina Rocha Barreto (2001) observa que ele assenta num conjunto de problemas e emoções, resultando das injustiças percebidas a que uma multiplicidade de forças sociais pode (e tende a) submeter a experiência humana. Como exemplo disso, é possível assinalar que certas ações do poder político, econômico e institucional influenciam o surgimento de determinados tipos de resposta a problemas sociais. A própria percepção do sofrimento, entretanto, varia significativamente consoante o poder de que dispõe aquele que sofre, tendo repercussões óbvias no processo de redefinição de limites entre o que se considera público e o que se considera privado: “O sofrimento social, com frequência, está associado às ações dos poderosos e tem a sua visibilidade na esfera pública, contrastando com aquele sofrimento que se desenrola dentro da esfera privada e tem o indivíduo como seu principal sujeito” (p. 17).

Segundo a mesma autora, assistiríamos na nossa época a um processo de hipertrofia do espaço público relativamente ao privado, acompanhado dum

simultâneo esvaziamento de sentido da vida pública. Conflito e sofrimento, destaca, deveriam ser considerados formas de sociabilidade produzidas por essa conjugação de processos. Ocorrendo uma simultânea dispersão e fechamento do “espaço da individualidade”, aumentaria o “espaço do individualismo, enquanto sofrimento socialmente expresso”, ao mesmo tempo que o indivíduo, enquanto ser único, tenderia a recolher-se “às suas esferas mais íntimas” (Barreto, 2001, p. 30).

A *dimensão social*, em sentido muito estrito, está comumente associada a situações de dificuldade na interação social, nomeadamente casos de afastamento, isolamento, estigmatização, dependência ou perda do papel social (Pessini, 2002). Todavia, devemos registrar que a noção de sofrimento social ganhou importância crescente nas últimas décadas. Em concreto, segundo o que foi argumentado por Chiara Pussetti e Micol Brazzabeni, trata-se dum instrumento analítico particularmente apropriado para considerar “as relações profundas entre a experiência subjetiva do mal-estar e os processos históricos e sociais mais amplos” (2011, p. 468). De fato, enquanto sentimento humano, o sofrimento teria sido durante muito tempo imaginado como uma pretensa “experiência inata, ligada ao corpo natural e, portanto, universal – fenômeno pan-humano e pré-cultural, associado aos lugares simbólicos da interioridade –, pouco interessante, nesse sentido, e ainda menos acessível aos métodos da análise sociocultural” (p. 468). No entanto, considerando o assunto de forma mais atenta, descobrimos estar aqui perante um fato especificamente social. A noção de que o “mal-estar não pode ser observado e explicado independentemente das dinâmicas sociais e dos interesses políticos e econômicos que o constroem, reconhecem e nomeiam” (p. 468) surgiu oficialmente pela primeira vez em 1997, numa obra de Arthur Kleinman, Veena Das e Margaret M. Lock acerca da temática do sofrimento social. A narrativa do sofrimento, argumenta-se aí, necessita sempre ser interpretada tendo presente o contexto de relações de poder em que se insere, nomeadamente no que concerne à posição dos interlocutores e às ideologias predominantes nas diversas categorias. O sofrimento social decorre da ação da própria estrutura social, e não apenas de um indivíduo ou grupos de indivíduos, nomeadamente mediante as desigualdades patentes nas relações de poder das quais emergem inúmeros problemas que condicionam diretamente os indivíduos e as suas vivências quotidianas.

O mal-estar social deriva, portanto, daquilo que o poder político, econômico e institucional faz às pessoas e, reciprocamente, de como tais formas de poder podem influenciar as respostas aos problemas sociais. O sofrimento social é o resultado, em outras palavras, da limitação da capacidade de ação dos sujeitos e é através da análise das biografias dos sujeitos que podemos compreender o impacto da violência estrutural no âmbito da experiência quotidiana. (Pussetti & Brazzabeni, 2011, p. 469)

Quanto à *dimensão econômica*, várias componentes têm sido destacadas por múltiplas investigações, realizadas em diversos domínios disciplinares. Desde logo, uma clara correlação ficou evidenciada entre bem-estar e condição socioeconômica, a recuperação de eventos traumáticos importantes sendo mais lenta nos estratos inferiores de rendimento. O sofrimento bem como o *stress* que lhe está associado induzem também frequentemente à adoção de estilos de vida destrutivos, incluindo alcoolismo, tabagismo, abuso de drogas, inatividade física e alimentação de má qualidade, o que aumenta a propensão para a ocorrência de várias doenças crônicas.

Tomados em conjunto, esses acontecimentos devem ser considerados um fato social, na medida em que se trata iniludivelmente de algo que é generalizado e repetitivo, mas devemos registrar que eles tendem a ser percebidos pelos intervenientes diretos enquanto formas estritamente privadas de sofrimento. Por outro lado, as escolhas erradas feitas em resposta a condições de sofrimento e ao correlativo *stress* influenciam a condição psicossocial dos indivíduos, particularmente por promoverem condições de isolamento. Exercem igualmente uma influência negativa na trajetória dos indivíduos, em especial no que diz respeito a aspectos profissionais, promovendo até mesmo, em certas circunstâncias extremas, a perda quer de controle quer de recursos, incluindo negócios, investimentos e poupanças.

Economia e consumo: utilidade, felicidade e sofrimento

É igualmente importante, em qualquer discussão dos conceitos de dor e sofrimento, colocá-los em contexto e em confronto (lógico, psicológico e sociológico) com noções como prazer e utilidade, frequentemente tomadas pela tradição da ciência econômica oficial, ou *mainstream economics*, como variável ou variáveis que o chamado agente racional deveria tender a maximizar, ou era suposto maximizar na sua conduta. Reconhecidamente, o modelo analítico da *economics* constitui uma simplificação abusiva e redutora, e de resto as próprias noções centrais de prazer e utilidade só de forma muito rara e pontual são analiticamente escalpelizadas de forma cuidadosa. É óbvio, num certo sentido, que uma pessoa “normal” deverá tender mais a buscar o prazer do que a dor, mas isso nem sempre é assim, pelo menos de forma inequívoca, e no sentido de incluir mesmo as exceções notórias a tendência prevalecente da *economics* corresponde à afirmação de que a função utilidade é simplesmente assumida e registrada pelo economista, através da observação da chamada procura manifesta dos agentes, sem que a sua formação das preferências, ou da referida função, seja objeto de mais considerações. Noutros termos, “gostos

não se discutem”, ou pelo menos a *mainstream economics* não os discute e declara abertamente não pretender discuti-los.

Nesse âmbito, entretanto, várias questões espinhosas tenderam inevitavelmente a emergir. Entre outras, refiramos as seguintes: será que os setores mais ricos duma sociedade qualquer obtêm em geral mais prazer (ou mais utilidade, ou mais satisfação) do que os mais pobres? Que relações existem entre a evolução econômica geral num país e os progressos da satisfação da sua população? E que conclusões retiraremos nessas matérias procedendo a comparações entre países? Numa obra que ficou justamente famosa, *The joyless economy* (1992), Tibor Scitovsky mostrou que, apesar do crescimento do PIB per capita observado nas décadas anteriores nos EUA, o nível geral de satisfação declarado da população norte-americana tinha permanecido aproximadamente o mesmo, e que um padrão de maior satisfação declarada continuou também a ocorrer no segmentos mais opulentos, por comparação aos mais pobres.

Quanto ao primeiro aspecto, a tese central de Scitovsky consiste em relacionar a satisfação não com o nível absoluto de riqueza, que toma como equivalente aproximado da noção de conforto, mas com o processo de saída de situações de desconforto para outras, ditas de conforto. Noutros termos, a fonte de verdadeira satisfação corresponderia não em permanecer num certo nível de riqueza, mas no processo de enriquecer, com o que se passaria dum desconforto relativo para uma situação de conforto acrescido. Essa tese, só por si, tem implicações já bastante significativas, porque sugere a necessidade dum crescimento continuado da riqueza e/ou do rendimento, medido através do PIB, como forma de simplesmente manter níveis gerais de satisfação, não de os aumentar. Entretanto, a simples permanência num nível de rendimento constante já tende a induzir um mal-estar crescente, e, por maioria de razão, as situações de retrocesso da capacidade aquisitiva implicam quase invariavelmente um enorme sofrimento.

Por outro lado, sublinha Scitovsky, esse mal-estar, associado a um nível mais elevado (mas apenas estável) de conforto, promove frequentemente o surgimento de práticas como o jogo fútil, o consumo meramente passivo e preguiçoso, e em geral a disposição para o confronto com outros, por vezes mesmo para práticas agressivas e violentas, associadas a uma margem de risco (pequeno, mas presente), do qual se aprende todavia a tirar prazer, sob a forma de um sentimento de, precisamente, ter sido capaz de evitá-lo em termos práticos, ter sido capaz de *get away with it*: de ter prosseguido a referida conduta nociva e arriscada sem chegar a sofrer quaisquer retaliações por isso.

Esse traço comportamental é posto por Scitovsky em relação direta com o aumento de tendências para a violência e o crime na sociedade norte-americana, frequentemente correspondendo a segmentos de rendimento não

muito elevado, mas em todo caso bem acima do limiar absoluto da pobreza, e não raro associados a setores ociosos, como desempregados e jovens em situação de insucesso escolar e subsequente exclusão do sistema de ensino. Mas Scitovsky sublinha que, noutros contextos institucionais, como as sociedades europeias da Idade Moderna, por exemplo, tal ociosidade produziu outrossim práticas violentas e competitivas, que nessa altura costumavam ser associadas à prática política então considerada “normal” e às correspondentes lutas pela obtenção do poder. Noutro sentido, embora não seja essa a linha principal da investigação do autor, poderíamos decerto estender essas sugestões de pesquisa à análise do chamado crime do colarinho branco, hoje em dia tantas vezes referido, sobretudo no contexto das tendências mais recentes de irrupção de crises financeiras, com toda a componente de conduta lesiva (e não raro mesmo criminosa em sentido estrito) que lhes está normalmente associada. Que fazer com essa ociosidade cada vez mais frequente, que, em parte por desconforto e tédio, pode conduzir ou fazer propender a práticas agressivas?

Outra dimensão importante do estudo de Scitovsky é a que se refere à discussão das desigualdades. Reconhecidamente, os mais ricos estão em geral numa situação em que experimentam um maior nível de satisfação, o que em parte expressa uma mera satisfação de status, mas em parte também uma satisfação profissional: “quer o estímulo que o trabalho fornece, quer a autoestima que o trabalho bem desempenhado fornece”, escreve o autor (1992, p. 136). Noutros termos, geralmente os grupos mais ricos apreciam a posição que ocupam diretamente (pela condição elevada ou status a ela associado), mas também indiretamente, pelo maior envolvimento profissional genuíno que habitualmente pode acompanhar tais situações.

Todavia, acrescenta Scitovsky, a maior satisfação traduz na verdade sobretudo uma trajetória social ascendente. Noutros termos, são aqueles cuja situação relativa experimentou uma melhoria que produzem juízos positivos nessa matéria. Por quê? A explicação reside na importância do hábito e da viciação:

Muitos confortos são satisfatórios de início, mas depressa se tornam rotina e são considerados como garantidos. A procura do consumidor por eles não sofre redução, mas o motivo originário, o desejo de satisfação adicional, é substituído pela nova e muito diferente motivação de evitar a dor e a frustração de ter de desistir duma prática a que nos habituáramos. A inferência a partir do comportamento de mercado observável nunca revelará essa mudança na motivação, mas a justaposição duma significativa melhoria no bem-estar material com a escassa mudança na felicidade autoatribuída sugere a presença e a relevância de tal fator. (Scitovsky, 1992, p. 137)

Esses aspectos, conclui o autor, destacariam a importância do assunto que é a novidade, todavia um tema habitualmente desconsiderado no discurso econômico. Assim, estaremos perante uma componente incontornável de inveja na conduta humana? É esse, em boa medida, o tema abordado por Robert Frank em *Falling behind: how rising inequality harms the middle class* (2007), obra na qual discute algumas das consequências do aumento das desigualdades nos EUA, em particular a sobrecarga de esforço imposta a vários segmentos usualmente designados como classe média, cuja posição estaria ameaçada de várias perspectivas, seja em termos econômicos, seja em termos de prestígio. As duas dimensões, de resto, estão estreitamente ligadas na análise de Frank, a qual porém remete menos para uma genérica componente de inveja, enquanto pretendo traço da condição humana, do que para o contexto concreto da evolução da sociedade norte-americana nas últimas décadas, sobretudo desde a chegada ao poder de Ronald Reagan em 1980, e o subsequente triunfo das concepções neoliberais em matéria de política econômica.

A argumentação de Robert Frank encontra-se estruturada em torno dos seguintes pontos fulcrais, enunciados pelo próprio autor: 1) as pessoas dão mais importância ao consumo relativo nalguns campos do que noutros (ou seja, a importância daquilo a que Frank chama bens posicionais é maior nalguns aspectos da existência do que noutros); 2) as preocupações com o consumo relativo levam a uma corrida armamentista posicional, ou a gastos com uma corrida armamentista centrada em bens posicionais, ou bens indicadores duma posição social relativa; 3) as corridas armamentistas posicionais fazem divergir recursos de bens não posicionais, causando significativas perdas de bem-estar; 4) para as famílias da classe média, as perdas provocadas por corridas armamentistas posicionais foram significativamente agravadas pelos níveis de desigualdade crescentes observados na economia e na sociedade norte-americana.

O bem posicional típico na análise de Robert Frank é a habitação, cuja dimensão média tendeu a crescer de forma muito significativa, sobretudo em virtude da sua condição de bem indicador de *ranking* social. A importância simbólica da habitação teria levado vários segmentos da classe média norte-americana a uma afetação excessiva de recursos nesse setor, conduzindo-os a descuidar outros aspectos, como os gastos com a educação dos filhos, habitualmente prezados em nome duma possível mobilidade social ascendente destes ou, pelo menos, do evitamento da sua mobilidade social descendente. Também teria levado à crescente aceitação (ou mesmo adoção voluntária) de rotinas de trabalho excessivas e esmagadoras, comprometendo diversos aspectos da existência dos referidos membros da classe média, incluindo as suas possibilidades de trajetória social ascendente a longo prazo. E veio, enfim, diretamente associada a uma diminuição significativa dos níveis de bem-estar.

Essas interessantíssimas observações de Robert Frank (cf. também Powdthavee, 2007) devem ser consideradas num contexto já bem diverso daquele da obra de Scitovsky: nomeadamente, a convicção quanto às possibilidades dum crescimento econômico continuado, indefinido, é agora bem menor, e também é menor a própria possibilidade assumida de ascensão social. Contudo, podemos facilmente acoplá-las, fazendo-as completar-se: aceitando-se genericamente o quadro intelectual de Scitovsky, o panorama aludido por Frank enuncia facilmente uma descida acentuada dos níveis de bem-estar, e mesmo um aumento vertiginoso dos níveis de pura e simples percepção de miséria pelos próprios norte-americanos, pelo menos os norte-americanos médios.

Mais amplamente, as cogitações de Scitovsky e de Frank se afiguram para nós como podendo e devendo ser reportadas ao próprio conceito de sofrimento psíquico (e social), que é, mais recentemente e num âmbito acadêmico muito diverso, avançado por Breno Bittencourt Santos (2017). Esse conceito visaria sublinhar acima de tudo o sofrimento subjetivo do indivíduo em face da nova organização social contemporânea, a qual tenderia a exigir graus crescentes de adequação dos indivíduos às normas sociais, desse modo gerando tensão nas relações entre indivíduo e sociedade. Essa noção estaria, assim, fundada no argumento de que,

para além de componentes biológicos, o sofrimento pode ter como causa as mudanças decorrentes da emergência da modernidade, marcada sobretudo pelo paradoxo existente entre, de um lado, o fortalecimento do individualismo, ou seja, a exigência para que o indivíduo aja por si mesmo, tome suas próprias decisões, tenha autodomínio e, logicamente, que seja responsável pelas consequências de seus atos, e, por outro lado, a ausência dos meios para a realização de sua subjetivação, especialmente nas situações de exclusão social. (Santos, 2017, p. 320)

Nesse contexto, a crescente importância da dimensão simbólica do consumo nas sociedades contemporâneas poderia e deveria ser pensada mais amplamente enquanto passagem duma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores. Se na sociedade de produtores o trabalho é considerado o fulcro da autonomia dos indivíduos, o trabalho sendo representado como o principal fator de integração dos indivíduos (dado que a lógica da sociedade de produtores corresponde ao desempenho, por cada indivíduo, dum papel produtivo na sociedade, sob pena de deslegitimação enquanto cidadão, no caso de não conseguir ocupar uma posição profissional socialmente aceita e legitimada dentro da hierarquia social), na sociedade de consumidores o lugar social ocupado por cada um tenderia “a ser determinado principalmente a partir da capacidade de consumo do indivíduo, sobretudo dos itens de maior

valor social, isto é, aqueles mais desejados, em virtude especialmente dos apelos publicitários que são veiculados sobre eles” (Santos, 2017, p. 323).

Considerando esse assunto com mais atenção, porém, facilmente verificaremos que o sofrimento psíquico potencialmente experimentado na sociedade de consumidores não está confinado aos consumidores falhados, isto é, aos indivíduos desprovidos dos recursos monetários necessários para a sua manutenção na condição de consumidores ativos. De fato, o “sofrimento psíquico proveniente da exigibilidade do consumo pode abranger um universo muito maior de indivíduos, inclusive aqueles que estão permanentemente engajados no consumo, gerando assim uma espécie de segundo grupo de portadores de sofrimento psíquico” (Santos, 2017, p. 325).

Ainda de acordo com o autor, o ato de consumir, sem embargo de constituir uma poderosa fonte de prazer e de satisfação pessoal, pode também no limite – dado o fato de se tornar uma obrigação heteroimposta enquanto determinante da organização social contemporânea, mas ao mesmo tempo percebida como autoimposta – induzir diversas formas de sofrimento psíquico, particularmente a depressão e a compulsão,

seja pelo mal-estar causado aos indivíduos que não têm os meios necessários para satisfazer a condição de consumidores, existindo aí uma clivagem de classe social, seja pelo fato de o consumo significar um processo orientado para um fim cujo término nunca ocorre, tornando-se o consumo uma fonte de compulsões e de comportamentos repetitivos devido à impossibilidade de satisfação plena. (Santos, 2017, pp. 325-326)

Nesse sentido, apesar de o consumo constituir o principal meio para a aquisição e a demonstração de sucesso pessoal, simultaneamente e de modo radicalmente contraditório ele encontra-se também impossibilitado de conduzir os indivíduos a qualquer estado de satisfação plena, e isso precisamente em virtude da própria dinâmica interminável da acumulação capitalista, “realimentando de forma permanente o ciclo de desejo-aquisição-desilusão-desejo renovado, ... em que a satisfação de uma necessidade sempre leva, imediata e necessariamente, ao desejo de satisfação de outras necessidades, num processo inesgotável de geração de insatisfações e frustrações” (Santos, 2017, p. 326).

Dessa forma, bem longe de significar a possibilidade de alcance da plenitude por meio da aquisição de “objetos de desejo constantemente criados e recriados pela indústria”, a repetição dos atos de consumo pode facilmente desembocar, pelo contrário, em situações de verdadeiro sofrimento psíquico. A aquisição de bens materiais e simbólicos socialmente valorizados somente é tornada possível aos indivíduos através da obtenção de recursos financeiros adicionais, que por sua vez apenas são alcançáveis por meio de cargas de trabalho

adicionais. “Isso significa que o indivíduo deve trabalhar cada vez mais para tentar obter mais recursos para a satisfação de suas necessidades de consumo, o que pode acarretar consequências prejudiciais ao próprio consumidor diligente.” Para além da própria insatisfação suscitada pelos produtos obtidos, dado que é impelido pela obsessão com a novidade, desejando sempre outros, defrontará também a diminuição do tempo livre, potencialmente fragilizando as suas relações com familiares e amigos, “tornando-o ainda mais isolado, dedicado somente às funções produtivas e de consumo” (Santos, 2017, pp. 325-326).

Na verdade, embora sem a mencionar, dir-se-ia que Breno Santos tem em mente a noção de heterogonia de objetivos (*Heterogonie der Zwecke*), discutida pelo economista Joseph A. Schumpeter (1943/1976) – a partir da obra de Wilhelm Wundt – como alegação a favor da ideia de vitalidade do capitalismo, precisamente em virtude das possibilidades abertas por mercados de consumidores reciprocamente invejosos e competitivos, perpetuamente insatisfeitos, permitindo, por isso mesmo, um crescimento incessante das atividades produtivas. Nesse regresso à consideração da *economics*, uma breve referência é devida aos estudiosos da chamada economia da felicidade, os quais têm sublinhado em diversos trabalhos recentes aspectos interessantes dessa problemática.

Segundo Richard Layard, numa sociedade moderna, em condições de ausência de fiscalidade, as pressões sociais competitivas rapidamente produziriam não a felicidade, mas a infelicidade coletiva: “Existe já evidência suficiente para demonstrar para além de qualquer dúvida que, na ausência de impostos, a rivalidade e o hábito levariam a um esforço excessivo e autodestrutivo” (2005, p. 17). Já Patrick Trumphy garante-nos que a hipótese de um acréscimo marginal continuado (embora decrescente) da felicidade, como consequência dos aumentos continuados de rendimento, contrasta com a evidência empírica, a qual sugere em vez disso “planaltos de felicidade depois de um certo nível” (2008, p. 66).

Por sua vez, Oded Stark e You Qiang Wang (2007) asseveram que a existência de desigualdades econômicas, associada às componentes psicológicas normalmente correlativas dos hábitos de consumo (nomeadamente as componentes sinalizadoras de status), conduz por princípio a um acréscimo de práticas de segregação recíproca, cada um tendendo a conviver habitualmente com os seus pares. Perguntando-se se poderíamos viver vidas mais felizes, Richard A. Easterlin declara apoiar-se nos dados da pesquisa para fornecer ele mesmo a solução: “A resposta aproximativa, baseada na evidência disponível, é, sugiro, a seguinte: a maioria das pessoas poderia aumentar a sua felicidade dedicando menos tempo a obter dinheiro, e mais a motivos não pecuniários, como vida familiar e saúde” (2004, p. 16).

Enfim, Bruno S. Frey e Alois Stutzer, debatendo a eficácia maior ou menor de diversas medidas de apoio social, umas apontando para subsídios aos pobres, outras para a provisão pública de empregos, optam decididamente por essa segunda variedade. A política fiscal deve, é verdade, levar em consideração em que medida os vários grupos sociais são por si afetados, pelo que os seus resultados no nível geral de felicidade são frequentemente duvidosos. Entretanto, se defrontarmos diretamente a questão de como podem os mais pobres ser ajudados, a resposta é:

Se o rendimento baixo é causado por desemprego, a pesquisa sugere que o resultado obtido é escasso se procedermos provendo um rendimento adicional às pessoas. Em vez disso, a política deveria ser dirigida ao fornecimento a essas mesmas pessoas de oportunidades de emprego adequadas. (Frey & Stutzer, 2002, p. 14)

Notas conclusivas

À maneira de breve sùmula conclusiva, devemos pois destacar do conjunto das considerações feitas:

- Dor e sofrimento são realidades muito complexas, do estudo das quais as dimensões psíquicas, socioculturais, políticas e econômicas não devem nunca ser apartadas.
- A tendência para a medicalização, incluindo o uso de psicofármacos, é nos nossos dias inegável, devendo a sua consideração ter lugar no contexto da competitividade exacerbada e das compulsões para o consumo que também caracterizam o nosso tempo.
- Tais realidades são eminentemente gerais, ou repetitivas, pelo que se impõe um diagnóstico delas enquanto fatos sociais.
- Os grandes sistemas de crenças de índole religiosa (*lato sensu*) não devem ser desconsiderados no tratamento desses temas, mas tampouco devem ser tomados como realidades estanques, imutáveis e/ou impermeáveis a diversas outras dinâmicas sociais.
- A promessa de felicidade associada ao consumo pode bem resultar predominantemente ilusória, danosa e mesmo contraproducente, tendo em conta as dificuldades de várias das economias contemporâneas (pelo menos, nos chamados países ocidentais e do Primeiro Mundo) em observar ritmos de crescimento constantes e continuados.

- As questões relativas às desigualdades sociais são absolutamente fulcrais para esse tema, o aumento delas sendo, por princípio, correlativo de maiores níveis gerais de infelicidade.
- A alínea anterior deve ser considerada tendo em conta, em particular, as pressões exercidas sobre a chamada classe média, associadas à compulsão para o consumo dos bens posicionais, nomeadamente a habitação.
- Ao mesmo tempo, meras medidas de redistribuição econômica dos recursos através de políticas sociais afiguram-se longe de poder ser consideradas satisfatórias, parecendo mais recomendável uma aposta na promoção da realização pessoal generalizada, nomeadamente através da garantia do pleno emprego, ou da consagração material do chamado direito ao trabalho.

Sobre la multidimensionalidad de la categoría sufrimiento

Resumen: El sufrimiento constituye una realidad compleja, debiendo ser distinguido del dolor y demandando un tratamiento interdisciplinario. En él se identifican varias dimensiones en particular físicas, psíquicas, culturales, políticas y socioeconómicas, siendo plenamente legítimo considerarlo un hecho social. Las tendencias para la tecnología de las respuestas al sufrimiento, en particular la psiquiatrización, imponen por si mismas un enfoque de pendiente sociológico, en algunos casos viniendo incluso a varios rasgos estrictamente políticos. Tanto los aspectos relativos a la cultura y la vida religiosa como las cuestiones relativas a la economía son relevantes en la consideración de esta problemática. En particular, es necesario subrayar la importancia del consumo competitivo y el indicador de estado. Este relieve del consumo puede, en algunos casos, contribuir a reforzar las desigualdades sociales, de lo que a su vez se resiente el bienestar social general. Este reconocimiento, sin embargo, no garantiza que las medidas de redistribución igualitarias se consideren deseables, incluso desde el punto de vista de sus beneficiarios.

Palabras clave: sufrimiento, dolor, multidimensionalidad, medicalización, cultura

On the multidimensionality of the suffering category

Abstract: Suffering is a complex reality, which we ought to distinguish from pain. Various dimensions, namely physical, psychological, cultural, political and socio-economic, being identifiable, an interdisciplinary treatment is thus required. It is fully legitimate to consider it a social fact. Trends towards rendering responses to suffering a merely technical issue, namely *psychiatrization*, impose themselves a sociologically inclined approach, and in some cases even the consideration of strictly political traits. Both cultural aspects (including those related to religious

life) and the economic facets are relevant to the consideration of this problem. Particularly, it is necessary to underline the importance of competitive consumption as a form of status signalization. This importance of consumption may, in some cases, contribute to reinforce social inequalities, which in turn may have negative repercussions in the general social welfare. This recognition, however, does not warrant that egalitarian redistribution measures are perceived as desirable, even from the point of view of its beneficiaries.

Keywords: suffering, pain, multidimensionality, medicalization, culture

A propos de la multi-dimensionnalisation de la catégorie souffrance

Résumé: La souffrance constitue une réalité complexe qui doit être distinguée de la douleur et qui demande un traitement interdisciplinaire. On y identifie plusieurs dimensions, à savoir physiques, psychiques, culturelles, politiques et socio-économiques. Néanmoins il est parfaitement légitime de la considérer comme un fait social. Les tendances pour rendre les réponses à la souffrance technologiques, telles que celles de la psychiatrie, imposent elles-mêmes une approche de penchant sociologique, dans certains cas marquant même plusieurs traits strictement politiques. Les aspects liés à la culture et à la vie religieuse, ainsi que les problèmes liés à l'économie, sont des questions majeures pour l'examen de ce problème. En particulier, il devient nécessaire de souligner l'importance de la consommation compétitive et qui sert à signaler le statut. Cet accent mis sur la consommation peut, dans certains cas, contribuer à renforcer les inégalités sociales dont, à leur tour, le bien-être social général éprouve les conséquences. Cette reconnaissance, cependant, n'est pas une garantie que des mesures de redistribution égalitaires seront considérées comme souhaitables, même du point de vue de leurs bénéficiaires.

Mots-clés: souffrance, douleur, multidimensionnalité, médicalisation, culture

Referências

- Barreto, M. C. R. (2001). Individualismo e conflito como fonte de sofrimento social. *Política & Trabalho*, 17, 16-32.
- Bertini, F. M. A. (2014). Sofrimento ético-político: uma análise do estado da arte. *Psicologia & Sociedade*, 26(número especial 2), 60-69.
- Dallmann, J. M. A. (2013). O mal-estar que sinto: a medicalização do sofrimento em camadas populares. Trabalho final para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- Daniel, C. & Souza, M. (2006). Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. *Psicologia em Revista*, 12(20), 117-130.
- Easterlin, R. A. (2004). The economics of happiness. *Daedalus*, 133(2), 26-33.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome: pensar o sofrimento*. Porto: Afrontamento.
- Frank, R. H. (2007). *Falling behind: how rising inequality harms the middle class*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press.
- Frey, B. & Stutzer, A. (2002). The economics of happiness. *World Economics*, 3(1), 25-41.

Acerca da multidimensionalidade da categoria sofrimento

- Graça, J. C. & Correia, R. G. (2015). Suffering. In F. F. Wherry & J. B. Schor (Eds.), *The SAGE encyclopedia of economics and society* (p. 1545). California: SAGE; Thousand Oaks.
- Guarido, R. (2007). A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na educação. *Educação e Pesquisa*, 33(1), 151-161.
- Layard, R. (2005). Rethinking public economics: the implications of rivalry and habit. In L. Bruni & P. L. Porta (Eds.), *Economics and happiness: framing the analysis* (pp. 147-169). Oxford: Oxford University Press.
- Leal, E. G. (2005). Os limites do sofrimento. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 18(183), 55-71.
- Le Breton, D. (2007). *Compreender a dor* (M. Anta, Trad.). Alfragide: Estrela Polar.
- Losurdo, D. (2002). *Nietzsche, il ribelle aristocratico: biografia intellettuale e bilancio critico*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Pessini, L. (2002). Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. *Bioética*, 10(2), 51-72.
- Powdthavee, N. (2007). Economics of happiness: a review of literature and applications. *Chulalongkorn Journal of Economics*, 44(1), 55-59.
- Pussetti, C. & Brazzabeni, M. (2011). Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Etnográfica*, 15(3), 467-478.
- Santos, B. B. (2017). Cultura do consumo: da promessa de felicidade ao sofrimento psíquico. *Latitude*, 11(1), 295-333.
- Sapeta, P. (2007). Dor total vs. sofrimento: a interface com os cuidados paliativos. *Dor*, 15, 16-20.
- Schumpeter, J. (1976). *Capitalism, socialism and democracy*. London: Unwin University Books; George Allen & Unwin. (Trabalho original publicado em 1943)
- Scitovsky, T. (1992). *The joyless economy: the psychology of human satisfaction and consumer dissatisfaction*. New York: Oxford University Press.
- Stark, O. & Wang, Y. Q. (2007). Towards a theory of self-segregation as a response to relative deprivation: steady-state outcomes and social welfare. In L. Bruni & P. L. Porta (Eds.), *Economics and happiness: framing the analysis* (pp. 223-242). Oxford: Oxford University Press.
- Trumpy, P. (2008). Economics of happiness. *The Saskatchewan Economics Journal*, 7, 53-67.
- Victora, C. (2011). Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da antropologia. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 5(4), 3-13.
- Weiss, J. M. (1972). Psychological factors in stress and disease. *Scientific American*, June, 104-113.

Recebido em 28/10/2018, aceito em 30/10/2018

João Carlos Graça
 Instituto Superior de Economia e Gestão
 Rua do Quelhas, 6
 1200-781 Lisboa, PT
 jogra1958@netcabo.pt

Rita Gomes Correia
 Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações
 Rua Miguel Lupi, 20, Edifício Bento Jesus Caraça, Gab. 203
 1249-078 Lisboa, PT
 ritagomescorreia@yahoo.com

Outras palavras

O espaço entre

Gênese intersubjetiva do eu e corporeidade em Anzieu e Merleau-Ponty

Fernanda Brockmann Vanassi¹
Carlos Augusto Peixoto Júnior²

Resumo: Neste artigo, os autores procuram compreender o papel da experiência corporal na constituição da subjetividade à luz dos conceitos de eu-pele e corpo próprio. Ao lançar mão das teorias de Anzieu e Merleau-Ponty a respeito da corporeidade, buscam resgatar seus aspectos essenciais e evidenciar a relação entre elas. Seu estudo do corpo próprio e do eu-pele mostrou que a dimensão da corporeidade, fundamental ao desenvolvimento psíquico, emocional, cognitivo e social, pressupõe a experiência do outro. Dessa forma, concluem que tanto Anzieu quanto Merleau-Ponty explicam a psicogênese pela ótica da intersubjetividade, que é marcada pela experiência sensível, compartilhada num espaço intercorporal e interpessoal, um mundo comum do qual podem emergir as subjetividades.

Palavras-chave: corpo próprio, eu-pele, subjetividade, intersubjetividade, corporeidade

Introdução

Segundo Courtine, “o corpo, de fato, é uma invenção teórica recente: antes da virada do século xx, ele não exercia senão um papel secundário na cena do teatro filosófico, em que, desde Descartes, a alma parecia exercer o papel principal” (2013, p. 12). Para o autor, a invenção teórica do corpo no século xx se iniciou com a psicanálise, quando Freud escreveu sobre o inconsciente que fala através do corpo, em seus *Estudos sobre a histeria*.

1 Mestranda em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

2 Psicólogo, psicanalista, professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Devemos lembrar que Freud (1923/2011), na segunda tópica, desenvolveu a ideia do eu corporal e, *grosso modo*, defendeu ser o eu um derivado das sensações oriundas da superfície do corpo. Tal ideia influenciou muitos psicanalistas e os levou a centrar seus estudos na corporeidade. Um deles foi Didier Anzieu (2000), que fez uma releitura do conceito freudiano de eu corporal, identificando-o com o que ele chamou de *eu-pele*: a representação de si mesmo do bebê a partir das experiências da superfície do corpo.

Essas ideias de corpo na psicanálise são muito semelhantes a certas proposições elaboradas por Merleau-Ponty no campo da filosofia. De acordo com ele, o corpo está em constante contato com o mundo e é sede de todos os significados. Apesar das semelhanças entre a filosofia de Merleau-Ponty e os conceitos desenvolvidos no campo da clínica psicanalítica, é preciso salientar que as interrogações do filósofo têm um caráter ontológico. Ele procura compreender o sujeito enquanto ser-no-mundo, pensando a existência como uma encarnação perpétua e dando ênfase ao corpo na fundamentação de sua filosofia existencial. A esse respeito, Peixoto Júnior afirma:

A fenomenologia, por exemplo, teve o mérito de considerar o corpo no mundo. Nesse caso, não se trata de uma perspectiva terapêutica (embora tenha dado origem a toda uma escola psiquiátrica), mas do estudo do papel do corpo próprio na construção do sentido. A noção de corpo próprio compreende, ao mesmo tempo, o corpo percebido e o corpo vivido; em suma, o corpo sensível. (2008, p. 134)

Percebemos uma tentativa de resgate da corporeidade, tanto na psicanálise de Anzieu quanto na fenomenologia ontológica de Merleau-Ponty, pondo-a no centro do debate sobre a origem do psiquismo e da subjetividade.

Freud diz que “o eu é a parte do id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do *Pcp-Cs*, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície” (1923/2011, p. 31). Assim, deixa clara sua ideia de que o psiquismo tem origem na corporeidade, sendo o corpo um meio de troca e comunicação com o mundo externo.

Merleau-Ponty empreende um movimento semelhante na filosofia, considerando o corpo uma abertura permanente para o mundo, sendo a percepção o meio pelo qual “aderimos à tese do mundo” (2011, p. 11). Segundo ele, a relação entre corpo e mundo caracteriza-se por uma “dialética viva de um sujeito concreto” (1975, p. 201).

Se, refletindo na essência da subjetividade, eu a encontro ligada à essência do corpo e à essência do mundo, é porque minha existência como subjetividade é uma e a mesma que minha existência como corpo e com a existência do mundo, e porque finalmente o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui e deste mundo-aqui. (Merleau-Ponty, 2011, p. 547)

O outro como referência

Um aspecto essencial dessa relação com o mundo é a intersubjetividade. A esse respeito, a psicanálise tem muito a contribuir. Principalmente quando nos referimos às fases iniciais da vida, caracterizadas a partir de um período de dependência absoluta, a experiência do outro se mostra constitutiva do eu. Desde antes do nascimento, estabelecemos contato com o meio em uma relação de troca de sinais através da pele (Anzieu, 2000). Nos recém-nascidos, o contato corporal entre mãe e bebê, numa relação simbiótica, é essencial para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. O círculo maternante é o “mundo” do bebê. Por meio dele, o bebê pode interagir com o ambiente em geral.

O círculo maternante é assim chamado porque ele “circunda” o bebê com um envelope externo feito de mensagens e que se ajusta com certa flexibilidade, deixando um espaço disponível ao envelope interno, à superfície do copo do bebê, lugar e instrumento de emissão de mensagens: ser um eu é sentir a capacidade de emitir sinais ouvidos pelos outros. (Anzieu, 2000, p. 87)

Dessa forma, além de nos inserir no mundo mediante as sensações e o contato direto com os objetos, o corpo é um “sistema de proteção de nossa individualidade, assim como primeiro instrumento e lugar de troca com o outro” (Anzieu, 2000, p. 17). Portanto, o corpo é não somente a abertura permanente para o mundo, mas também o mediador de nossa experiência, inclusive a experiência do outro. Anzieu diz que a instauração do eu-pele só é possível pelo contato com a pele da mãe nas fases iniciais da vida: “O eu-pele, como representação psíquica, emerge dos jogos entre o corpo da mãe e o corpo da criança, e também das respostas da mãe às sensações e emoções do bebê” (2000, p. 133). O comunicar de pele a pele, a experiência primária do tocar, possibilita a construção de uma representação do próprio eu e de uma imagem corporal.

No começo da vida, o bebê não só é destituído de estrutura psíquica como também de limites corporais e psíquicos. Ele é incapaz de distinguir entre o dentro e o fora, entre o eu e o não eu; em resumo, encontra-se num estado de não diferenciação psíquica. (Montagu, 1988, p. 243)

Dessas considerações, aprendemos algo fundamental sobre a relação entre o bebê e a mãe nas fases iniciais da vida. Segundo Anzieu, antes de assimilar a mãe como um objeto, o pequeno vivencia uma simbiose, uma indivisão entre o corpo da mãe e o seu. Isso significa que, a princípio, a criança percebe a si mesma e à mãe como parte de uma totalidade. O autor explica

essa fusão através da imagem de uma pele comum, que serve de interface entre mãe e filho, unificando os dois.

[Tal interface é] representada sob a forma de uma pele comum à mãe e ao filho, interface tendo de um lado a mãe e de outro o filho. A pele comum os mantém ligados, mas com uma simetria que esboça sua separação futura. Essa pele comum, abarcando-os um ao outro, assegura entre os dois parceiros uma comunicação sem intermediário, uma empatia recíproca, uma identificação adesiva: tela única que entra em ressonância com as sensações, os afetos, as imagens mentais, os ritmos vitais dos dois. (Anzieu, 2000, p. 88)

Essa interface possibilita que o aparelho psíquico do bebê se transforme gradativamente num sistema mais aberto, mantendo a conexão entre mãe e filho, mas preparando os dois para um funcionamento independente. A fim de que o bebê passe para a etapa seguinte, é necessário que essa fantasia da pele comum desapareça, permitindo ao bebê perceber uma pele que lhe é própria e, da mesma forma, um eu que lhe é próprio. No entanto, a interface não desaparece propriamente, mas é interiorizada como estrutura do eu-pele.

A criança adquire um eu-pele que lhe é próprio de acordo com um processo de dupla interiorização: a) da interface, que se torna um envelope psíquico continente dos conteúdos psíquicos (de onde a constituição, segundo Bion, de um aparelho para pensar pensamentos); b) do círculo maternante, que se torna o mundo interior dos pensamentos, das imagens, dos afetos. (Anzieu, 2000, p. 89)

Em resumo, a ingerência materna permite a “organização gradativa da percepção, do afeto e dos novos conjuntos funcionais da criança” (Volich, 2013, p. 164), contribuindo para o desenvolvimento da imagem corporal e para a instauração do eu-pele.

Quando passamos para uma investigação de teor filosófico-ontológico a respeito da intersubjetividade, encontramos Merleau-Ponty afirmando que, para compreender a gênese da subjetividade, é necessário considerar nossa experiência mais íntima, a saber, a experiência afetiva. O autor descreve a afetividade como a experiência a partir da qual “um objeto ou um ser põe-se a existir para nós pelo desejo ou pelo amor” (2011, p. 213). Isso significa que a afetividade é uma maneira de ser afetado pelo outro ou pelo mundo ambiente, entendida como um aspecto da dimensão sensível. A leitura da obra de Merleau-Ponty permite dizer que o filósofo procurou fundamentar sua fenomenologia muito mais na experiência da alteridade, entre o sujeito e o outro, do que na experiência baseada na diferença entre sujeito epistemológico e objeto. Nesse

sentido, as experiências sensíveis são compreendidas enquanto abertura para o outro, como condição de possibilidade para a intersubjetividade.

De acordo com Merleau-Ponty (2011), a sensibilidade é uma forma de estar e de se relacionar com o mundo; é um aspecto fundamental, que delimita todas as nossas vivências afetivas, tenham elas sido estabelecidas com outro sujeito ou outro objeto. Além disso, através da psicanálise e da fenomenologia, constatamos que a afetividade abrange a esfera da fantasia e do desejo. Por conseguinte, podemos dizer que toda experiência intersubjetiva é, por excelência, uma experiência afetiva e sensível.

Com base na leitura do resumo dos cursos que Merleau-Ponty ministrou na Sorbonne (1990), em especial as passagens sobre a experiência do outro pela criança, podemos afirmar que o filósofo procurou definir a totalidade do fenômeno perceptivo para além da ideia de uma soma de estímulos. Ele diz que “a percepção de um corpo fenomenal não é um mosaico de sensações visuais e táteis” (1975, p. 192), mas uma construção intersubjetiva.

Existe um espaço intercorporal e interpessoal entre a minha percepção e a do outro, uma espessura entre o meu corpo e o mundo, que é delineada pela sensorialidade e vivenciada como afetividade. Em termos merleau-pontianos, o que ocorre na experiência intersubjetiva é uma comunhão entre dois mundos individuais, formando um mundo comum. O filósofo visa estabelecer a existência de um mundo único, do qual resultam a minha subjetividade e a dos outros, o que chamamos de *horizonte de experiência*.

Esse outro que me invade é todo feito de minha substância. Meu mundo privado deixou de ser apenas meu; é agora instrumento manejado pelo outro, dimensão de uma vida generalizada que se enxertou na minha. Os mundos privados se comunicam entre si, cada um deles se dá a seu titular como variante de um mundo comum. A comunicação transforma-nos em testemunhas de um mundo único. (Merleau-Ponty, 2014, p. 23)

Nessas observações, notamos que, segundo o autor, há um intercâmbio entre o meu vivido corporal e o do outro. Assim, é correto afirmar que a minha experiência perceptiva participa da mesma carne que a experiência perceptiva do outro. Em outras palavras, elas fazem parte e estão reunidas num mesmo sensível (Merleau-Ponty, 2014). Esse horizonte de experiência é o fundo afetivo em direção ao qual nós nos jogamos, em que a comunhão com o outro e com o mundo se consuma.

O autor diz ainda que nosso corpo tem uma intencionalidade espontânea, independente do pensamento, à qual ele chama de *intencionalidade motora*. É através dela que podemos nos relacionar com o mundo. Levando

em conta o que foi dito até aqui a respeito da sensorialidade, acreditamos que a intencionalidade motora da qual o autor fala não deixa de fazer parte da esfera sensível, visto que ela é uma maneira de estar no mundo e de se relacionar com o outro, independentemente de qualquer ação reflexiva. Tal intencionalidade unifica o mundo e a vida do sujeito antes que a assimilação da distinção epistemológica entre sujeito e objeto se efetue.

Para o fenomenólogo francês, podemos nos relacionar com outro objeto ou com outro sujeito sem que isso se reduza a uma relação de representante e representado. Desse modo, podemos considerar o próprio desejo uma forma de relação pré-reflexiva. São essas afirmações que levam Merleau-Ponty a declarar que a afetividade e o contato emocional entre a criança e seu meio explicam a dialética entre a ordem humana do desejo e a ordem puramente vital da necessidade (1975, p. 211).

Retomando a ideia merleau-pontiana de mundo intersubjetivo, é possível aproximá-la da ideia de pele comum enquanto interface entre o bebê e a mãe, como concebida na psicanálise de Anzieu. De acordo com o filósofo, o mundo inter-humano é simultaneamente uma superfície de separação entre mim e o outro e um lugar de nossa união. Numa de suas notas de trabalho, publicadas postumamente, Merleau-Ponty observa:

É em direção a essa superfície de separação e união que se dirigem os existenciais de minha história pessoal, ela é o local geométrico das projeções e introjeções, a charneira invisível sobre a qual minha vida e a vida dos outros giram para balouçar de uma para outra a membrura da intersubjetividade. (2014, p. 214)

Constatamos, assim, que a constituição do psiquismo na criança pressupõe uma abertura para o outro. A ideia do desamparo original assinala essa intersubjetividade fundamental, a qual se realiza na presença da mãe ou de seu substituto, que vem para suprir a carência do bebê. Devemos compreender que essa presença se mostra, num primeiro momento, como uma presença encarnada. Em seguida, com o processo de simbolização da mãe como um objeto externo, essa presença pode passar a ser imaginada. Isso significa que a mãe, não estando de fato presente, pode ser experimentada virtualmente pelo pequeno.

A relação que o bebê estabelece com a mãe servirá de modelo a todas as outras relações objetais que ele construir, mesmo na vida adulta. A esse respeito, Merleau-Ponty afirma:

Com o primeiro contato, o primeiro prazer, há iniciação, isto é, não posição de um conteúdo, mas abertura de uma dimensão que não poderá mais vir a ser fechada, estabelecimento de um nível que será ponto de referência para todas as experiências daqui em diante. (2014, p. 146)

Ou seja, a dimensão intersubjetiva não só possibilita o desenvolvimento psíquico e afetivo infantil como define todas as outras experiências humanas.

Como na psicanálise, na fenomenologia merleau-pontiana a percepção do corpo próprio é posterior à percepção do corpo do outro; é uma construção secundária viabilizada pela alteridade. Isso se deve ao fato de que o outro, mais especificamente seu corpo, é o ponto de referência para a experiência que eu tenho de meu corpo próprio. Quando consideramos a relação entre a mãe e o bebê a partir da teoria de Anzieu, a ideia de que a mãe funciona como um objeto-suporte para que a criança desenvolva um eu-pele se aproxima muito da ideia merleau-pontiana do outro como ponto de referência para a construção do corpo próprio.

Além da experiência do corpo materno, os objetos externos também são pontos de referência para a constituição de meu corpo e meu mundo vividos. Se pensamos na teoria dos objetos transicionais, podemos compreender melhor essa afirmação. Retomando a teoria winnicottiana, Anzieu diz que os objetos transicionais são indispensáveis para o desenvolvimento do eu-pele, porque permitem uma gradativa passagem do estado de fusão entre o bebê e a mãe para um estado de relativa autonomia. Essa passagem possibilitada pelos objetos transicionais é concomitante à experiência já descrita da mãe percebida pelo bebê como um objeto distinto de si mesmo. É importante frisar que os objetos transicionais estão situados num espaço potencial, localizado entre o exterior e o interior, o individual e o interpessoal.

Na análise do objeto transicional, Widlöcher (2007) observa que ele é tanto uma parte da mãe quanto uma parte do bebê e, nesse sentido, a teoria do eu-pele, ao tratar dessa ambiguidade fundamental, nos oferece um modelo de aparelho psíquico que assegura a realidade psíquica marcada por tal ambiguidade. Com isso, compreendemos que a relação entre mãe e bebê, eu e outro, é paradoxal: ao mesmo tempo que há uma proximidade, há uma distância irreparável. Dizemos que essa distância é irreparável porque, entre o eu e o outro, é preciso existir um espaço em que se possam projetar as percepções, as visões de mundo, os mundos individuais. Esse espaço pode ser comparado ao espaço potencial elaborado por Winnicott, que será visto adiante.

O eu-pele e o corpo próprio: estrutura em duas dimensões

Quando aproximamos essas constatações sobre a experiência intersubjetiva da teoria merleau-pontiana, verificamos que a noção de *carne*, para o autor, dá conta de ilustrar essa relação paradoxal. Segundo Merleau-Ponty, a carne é o tecido que une todas as coisas, o entrelaçamento entre o sujeito e o mundo. Ela é o espaço que me põe em relação com o outro, ao mesmo tempo

que nos diferencia. No entanto, podemos apenas formular interpretações pretensiosas a respeito da ideia de carne em Merleau-Ponty, porque o autor faleceu antes de completar a obra *O visível e o invisível* (2014), na qual elabora esse conceito.

Ainda assim, é possível arriscar uma aproximação dessa noção com a ideia winnicottiana de espaço potencial. Para Winnicott (1975), existe um espaço que se desenvolve de acordo com as experiências de vida da criança na relação com o outro maternante, espaço que não está localizado nem no mundo interno nem na realidade externa. O espaço potencial é o espaço entre ambos, entre o bebê e a figura materna. Concebido como uma área intermediária entre o sujeito e o objeto, o espaço potencial “tanto une quanto separa o bebê da mãe” (p. 163).

Nessa medida, se pensamos a carne como uma fronteira entre o bebê e a mãe, entre o interior e o exterior, podemos aproximá-la da ideia de interface, ou de barreira de contato, elaborada por Anzieu para explicar o funcionamento do eu-pele. Na estrutura topográfica do aparelho psíquico concebida por Anzieu, o eu-pele se constitui como um envelope dupla-face: uma face está voltada para o mundo externo e funciona como um para-excitação, sendo encarregada de proteger o aparelho psíquico dos excessos de excitação advindos do mundo externo, ao mesmo tempo que deixa passar uma parte dos estímulos; a outra face está localizada no interior e pode ser compreendida como uma superfície de inscrição (Cupa, 2006). A interface possibilita um funcionamento que assegura os limites do eu, pois situa a realidade psíquica do indivíduo no lado de dentro e a do outro no lado de fora, embora as mantenha em contato.

[As atividades referentes aos cuidados maternos investidos no bebê] conduzem progressivamente a criança a diferenciar uma superfície que comporta uma face interna e uma face externa, isto é, uma interface que permite a distinção do de fora e do de dentro, e um volume ambiente no qual ela se sente mergulhada, superfície e volume que lhe trazem a experiência de um continente. (Anzieu, 2000, p. 58)

Ao que parece, Merleau-Ponty teve a mesma intuição ao dizer que o corpo próprio é um ser de duas dimensões: como uma folha de papel, o corpo é um ser de duas faces, que “pelo mesmo movimento comunica às coisas sobre as quais se fecha essa diferença sem contradição, essa identidade sem superposição, essa distância do interior e do exterior” (2014, p. 132). Aqui, mais uma vez, atestamos a ambiguidade da experiência subjetiva, a qual oscila entre identidade e diferença, proximidade e distância, dentro e fora, eu e outro. Nessa dinâmica, o espaço intersubjetivo está sempre implicado, a carne como espessura entre a coisa e o sujeito, bem como seu meio de comunicação.

Falar de camadas ou faces é, ainda, achatar e justapor, sob o olhar reflexivo, o que coexiste no corpo vivo e ereto. Se o que se quer são metáforas, seria melhor dizer que o corpo sentido e o corpo que sente são como o direito e o avesso, ou ainda como dois segmentos de um único percurso circular, que, do alto, vai da esquerda para a direita e, de baixo, da direita para a esquerda, constituindo todavia um único movimento em suas duas fases. (p. 134)

Essa citação não apenas traz o aspecto da dupla camada da experiência corporal, mas também introduz a concepção da reflexividade da experiência sensível. Em Merleau-Ponty, essa concepção se traduz na imagem do vidente-visível, do tocante-tocado, na qual o sujeito da percepção vivencia os dois lados da experiência perceptiva: o que sente e o que é sentido. O que o autor quer dizer com essa ideia é que nunca somos apenas o sujeito de uma percepção. Isso porque, para ter a experiência da visibilidade, por exemplo, precisamos primeiramente aderir ao visível, fazer parte dele. O mesmo ocorre com a experiência do tocar. Segundo Anzieu, “a sensibilidade tátil tem dupla estrutura: dupla-face e reversibilidade. Uma zona da pele pode ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de um contato” (2002, p. 42).

Retomemos um exemplo que Merleau-Ponty apresenta em *O visível e o invisível*, no qual ele descreve a experiência paradoxal da mão esquerda que toca a mão direita. Entre elas existe um cruzamento e uma confusão de quem toca e quem é tocado, uma vez que a mão esquerda também faz parte do universo tangível e pode ser sentida pela mão direita. Essa bipolaridade, que caracteriza toda experiência humana, inclusive a experiência intersubjetiva, já havia sido constatada por Freud:

O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. É visto como outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensação, um dos quais pode equivaler a uma percepção interna. (1923/2011, p. 31)

Com relação a isso, Merleau-Ponty (2014) afirma que, em toda experiência corporal, existe uma espécie de narcisismo fundamental de toda visão e de toda percepção. O corpo próprio é “um si por confusão, por narcisismo, inerência daquele que vê ao que ele vê, daquele que toca ao que ele toca, do sentiente ao sentido” (Merleau-Ponty, 2004, p. 17). Encaminhando-nos para uma maior aproximação entre essas observações e aquelas formuladas por Anzieu em relação à reflexividade da experiência sensível, podemos destacar um trecho bastante objetivo e preciso, no qual o autor descreve a experiência tátil:

O tocar é o único dos cinco sentidos externos que tem uma estrutura reflexiva: a criança que toca com o dedo as partes de seu corpo experimenta as sensações complementares de ser um pedaço de pele que toca e, ao mesmo tempo, de ser um pedaço de pele que é tocado. Sobre esse modelo da reflexividade tátil se constroem as outras reflexividades sensoriais (escutar, emitir sons, aspirar seu próprio odor, se olhar no espelho) e a reflexividade do pensamento. (Anzieu, 2000, p. 87)

Logo, é preciso poder ver-se, sentir-se, ouvir-se para poder pensar. A reflexividade da pele é considerada por Anzieu um modelo para a reflexividade do pensamento. Em sua última obra, *O pensar* (2002), a qual veio coroar a teoria do eu-pele, o autor afirma que o primeiro objeto do pensar é o corpo e depois, por analogia ao corpo próprio, as ideias.

Em resumo, ambos os autores acreditam que o pensamento reflexivo se desenvolve com base na experiência corporal que temos desde antes de nascer. Anzieu (2002) observa que todo pensamento é pensamento tanto do corpo próprio quanto dos outros corpos. Da mesma forma, Merleau-Ponty diz que “é preciso ver ou sentir de alguma maneira para poder pensar, que todo pensamento que conhecemos advém de uma carne” (2014, p. 141). Até aqui conseguimos destacar muitas similitudes entre o pensamento de Anzieu e o de Merleau-Ponty, mas acreditamos poder ir mais além se levarmos em conta as noções de espaço psíquico e espaço corporal.

Topografias: o espaço psíquico, o espaço corporal, a carne

Voltando nossa atenção para a estrutura do aparelho psíquico elaborada por Anzieu, devemos notar que ela se constitui por uma topografia organizada em envelopes psíquicos. O envelope psíquico pode ser associado a uma membrana flexível, cuja primeira função é diferenciar o dentro e o fora e, ao mesmo tempo, permitir a troca entre os dois espaços (Doron, 2013). Consequentemente, o “eu-pele obriga a levar em consideração um princípio de diferenciação interna e um princípio de contenção, ambos pressentidos por Freud” (Anzieu, 2000, p. 19).

Essa concepção foi construída a partir do modelo espacial freudiano de um aparelho dividido em três registros (consciente, pré-consciente e inconsciente), bem como a partir da ideia de um compartimento dos pensamentos semelhante ao modelo bioniano do aparelho de pensar. Segundo Widlöcher (2007), o modelo topográfico do eu-pele representa um espaço virtual, um modelo formal, ou mesmo uma metáfora que nos ajuda a pensar o trânsito contínuo de conteúdos que ocorre em nosso psiquismo. O autor diz que

podemos conceber a estrutura do aparelho psíquico como um espaço mental tanto por suas funções como por seus conteúdos.

Ainda de acordo com Widlöcher, o modelo da vesícula criado por Freud nos ajuda a entender estes dois registros: um que representa os compartimentos nos quais se situam os conteúdos conscientes e inconscientes, e outro que representa as funções que regulam o aparelho psíquico. É preciso lembrar que Anzieu se baseia nessas elaborações para criar o conceito de eu-pele como um continente psíquico. Consideramos o eu-pele um sistema dinâmico que intervém na relação bebê-círculo maternante, englobando a ambos e criando “uma realidade psíquica nova de natureza topográfica”, que Anzieu chama de *envelope* (2000, p. 85). A partir desses enunciados, o autor afirma:

O eu-pele é uma estrutura intermediária do aparelho psíquico: intermediária cronologicamente entre a mãe e o bebê, intermediária estruturalmente entre a inclusão mútua dos psiquismos na organização fusional primitiva e a diferenciação das instâncias psíquicas, que corresponde à segunda tópica freudiana. Sem as experiências adequadas no momento oportuno, a estrutura não é adquirida ou, com maior frequência, encontra-se alterada. (Anzieu, 2000, p. 19)

O conceito criado por analogia à imagem da pele não apenas explica o apoio do psiquismo nas experiências corporais, mas deixa explícito que o eu é a pele psíquica – um espaço fechado por um limite, diferenciando dois espaços topologicamente separados. No interior desse espaço estão os conteúdos psíquicos, as representações: afetos, cognições, pensamentos. Do lado de fora está o mundo físico, natural, e também os outros indivíduos e a realidade cultural (Doron, 2013).

É importante reforçar a ideia de que o enfoque dado por Anzieu ao corpo e à pele demonstrava a urgência em criar um modelo que abrangesse os continentes psíquicos, além de seus conteúdos. Nessa perspectiva, o conceito de *envelope* nos permite descobrir novos territórios psíquicos, que se organizam segundo uma articulação entre a experiência sensorial do corpo e a elaboração psíquica (Doron, 2013).

Vale observar ainda que a representação de um espaço somente se constrói diante da implementação de um limite, o qual, além de diferenciar o interior e o exterior desse espaço, dá forma às conexões possíveis entre suas variadas partes. Lembramos mais uma vez que, para Anzieu, esse limite é resultante da experiência afetiva do contato corporal. Além disso, a concepção desse espaço permite uma cartografia das trocas entre o mundo psíquico do sujeito e o mundo exterior (Doron, 2013).

Ao analisar tais formulações, Widlöcher (2007) apresenta a seguinte questão: é realmente possível falar de um espaço psíquico, assim como de um

espaço corporal? Se seguirmos nossas reflexões baseadas nas teorias de Anzieu e Merleau-Ponty, responderemos afirmativamente a essa questão. Segundo o filósofo francês, “o corpo é para a alma seu espaço natal e a matriz de qualquer outro espaço existente” (2004, p. 31), o que nos mostra que o espaço psíquico depende do espaço corporal que o contém – ele não existe sem o corpo. O eu-pele, entendido como um eu-corporal, continente dos outros espaços psíquicos, pode ser assim legitimado.

Trata-se, portanto, de considerar que, em ambas as teorias, o corpo é concebido como um ser intermediário, ao mesmo tempo dentro e fora, o que possibilita estabelecer a partir dele um espaço transicional entre o eu e o mundo (Anzieu, 2002). Vimos antes que, para Merleau-Ponty, essa transição, esse entrelaçamento, ocorre através da carne, enquanto para Anzieu as trocas entre o exterior e o interior se dão por meio das barreiras de contato.

Desse modo, o eu-pele não deve ser compreendido apenas como um continente ou uma “bolsa” recipiente dos conteúdos psíquicos, mas como uma superfície em constante troca com o meio. Da mesma forma, de acordo com Merleau-Ponty, o corpo próprio é abertura permanente para o mundo. Por mais que ele tome distância dos objetos, enquanto estiver vivo, não poderá jamais se fechar completamente para o mundo.

Posso fechar os olhos, esticar-me, escutar meu sangue que pulsa em meus ouvidos, fundir-me a um prazer ou a uma dor, encerrar-me nesta vida anônima que subtende minha vida pessoal. Mas, justamente porque pode fechar-se ao mundo, meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação. (Merleau-Ponty, 2011, p. 228)

Considerações finais

Por meio da análise da experiência intersubjetiva, Anzieu e Merleau-Ponty ensinam que o eu não é anterior ao outro, da mesma forma que o outro não precede o eu. São dimensões concomitantes, derivadas de uma elaboração interpessoal e intercorporal, na qual há “confirmação do outro por mim e de mim pelo outro” (Merleau-Ponty, 2011, p. 252). Se aceitarmos a tese de que a gênese do outro é simultânea à do eu, concordaremos que a fenomenologia merleau-pontiana e a psicanálise de Anzieu realizam, em certa medida, uma genealogia arcaica da intersubjetividade. Ressaltando o aspecto relacional de nossa subjetividade, Merleau-Ponty cita, nas últimas linhas da *Fenomenologia da percepção*, a seguinte frase de Saint-Exupéry: “O homem é só um laço de relações, apenas as relações contam para o homem” (2011, p. 612).

A esta altura do trabalho, cabe salientar que o modelo do eu-pele permite compreender a maneira como o sujeito constrói sua personalidade. De forma semelhante às proposições merleau-pontianas acerca do corpo próprio na constituição da subjetividade, esse modelo assinala a ligação entre o desenvolvimento do aparelho psíquico e a experiência corporal. Levando em consideração as ideias a respeito da corporeidade e da subjetividade, entendemos que as representações afetivas e cognitivas se organizam progressivamente no tocar, no contato corporal dinâmico pele a pele (Doron, 2013).

Em *O pensar*, Anzieu nos presenteia com uma observação sucinta, porém bastante pertinente, a partir da qual atestamos sua concordância com as formulações merleau-pontianas acerca da experiência corporal. Nas palavras dele, “o corpo é o que há de mais profundo no espírito”, porque o espírito se constrói sobre sua experiência corporal. Consequentemente, o psiquismo se estrutura e se organiza como um “aparelho analógico do corpo vivo” (2002, pp. 24-25).

Essa afirmação, quando considerada com as elaborações merleau-pontianas sobre o corpo, justifica a ideia de que não existe nada no espírito “que não tenha passado pelos sentidos e pela motricidade” (Anzieu, 2002, p. 25). A postura ativa do corpo o põe em constante troca material e simbólica com o mundo. Nessa troca, a apreensão do sentido passa primeiramente pela dimensão da corporeidade. Podemos nos reportar ao comentário de Doron (2013) sobre essas questões. O autor sublinha o fato de que o homem age no mundo usando, em primeiro lugar, seu próprio corpo como mediador; através do corpo, cria e utiliza objetos concretos tanto para pensar como para agir no mundo.

Segundo Merleau-Ponty (2011), a criação de nosso espaço corporal passa inevitavelmente pelo gesto, o qual pode ser compreendido como um movimento carregado de sentido, que desenha em pontilhado um objeto intencional a ser desvendado pelo outro que o testemunha. Além disso, para o filósofo, o gesto é a evidência de que o corpo faz parte do mundo no gerúndio, não no presente do indicativo. Ele *é existindo, sendo, estando*.

É oferecendo seu corpo ao mundo que o pintor transforma o mundo em pintura. Para compreender essas transsubstanciações, é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão e movimento. (Merleau-Ponty, 2004, p. 16)

Tanto Anzieu quanto Merleau-Ponty afirmam que o eu se constitui a partir da experiência sensível e defendem a ideia de que é tarefa do corpo organizar os dados sensoriais, dando sentido às experiências. Além disso, para eles, não é possível pensar a subjetividade fora de seu contexto social. Acreditamos que o diálogo entre psicanálise e filosofia baseado nesses autores nos ajuda a

pensar o sujeito contemporâneo em estreita ligação com a cultura e, conseqüentemente, a considerar os sintomas derivados dessa relação. Em última análise, como bem enfatizou um comentador de Merleau-Ponty, o sujeito “não poderia de modo algum responder subjetivamente ao mundo se não tivesse corpo e não poderia dar qualquer resposta subjetiva tipicamente humana se não tivesse um corpo tipicamente humano” (Matthews, 2011, p. 71).

El espacio entre: la génesis intersubjetiva del yo y la corporeidad en los trabajos de Anzieu y Merleau-Ponty

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender el papel de la experiencia corporal en la constitución de la subjetividad, basado en la teoría del yo-piel y del cuerpo propio. Buscamos destacar los aspectos esenciales y mostrar la relación entre las teorías de Anzieu y Merleau-Ponty acerca de la corporeidad. Nuestro estudio sobre el cuerpo propio y el yo-piel ha mostrado que la dimensión de la corporeidad, fundamental para nuestro desarrollo psíquico, emocional, cognitivo y social, presupone otra: la experiencia del otro. Por lo tanto, concluimos que tanto Anzieu como Merleau-Ponty explican la psicogénesis mediante la dimensión de la intersubjetividad, la cual está marcada por la experiencia sensible, compartida en un espacio intercorporal e interpersonal, un mundo común donde pueden surgir las subjetividades.

Palabras clave: cuerpo propio, yo-piel, subjetividad, intersubjetividad, corporeidad

The space in between: the intersubjective genesis of ego and corporeity in Anzieu's and Merleau-Ponty's works

Abstract: The purpose of this article is to understand the role our bodily experience plays in the constitution of subjectivity from the perspective of the concepts of skin-ego and body-subject. We intend to evoke the essential aspects of Anzieu's and Merleau-Ponty's theories about the body while we emphasize their similarities. Our study on body-subject and skin-ego has shown that corporeity, which is fundamental to our psychological, emotional, cognitive, and social development, presupposes another underlying factor: the experience of the other. We suggest as a conclusion that both Anzieu and Merleau-Ponty may explain psychogenesis from the perspective of intersubjectivity. As such, it is marked by our sensitive experience and it is shared in an interbody and interpersonal space, i.e., a common world from which subjectivities can emerge.

Keywords: body-subject, skin-ego, subjectivity, intersubjectivity, corporeity

L'espace entre: la genèse intersubjective du moi et la corporéité chez Anzieu et Merleau-Ponty

Résumé: Cet article vise à comprendre le rôle de l'expérience corporelle dans la constitution de la subjectivité, à la lumière des concepts de moi-peau et corps propre. En nous appropriant les théories d'Anzieu et Merleau-Ponty concernant la corporéité, nous cherchons à racheter leurs aspects essentiels et à mettre en évidence le rapport entre elles. Notre étude du corps propre et du moi-peau a démontré que la dimension de la corporéité, fondamentale à notre développement psychique, émotionnel, cognitif et social, présuppose une autre: l'expérience de l'autre. De cette manière, nous arrivons à la conclusion qu'Anzieu, aussi bien que Merleau-Ponty, explique la psychogenèse par l'optique de l'intersubjectivité, laquelle est marquée par l'expérience sensible, partagée dans un espace intercorporel et interpersonnel, un monde commun d'où peuvent émerger les subjectivités.

Mots-clés: corps propre, moi-peau, subjectivité, intersubjectivité, corporéité

Referências

- Anzieu, D. (2000). *O eu-pele* (Z. Y. Rizkallah & R. Mahfuz, Trads.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anzieu, D. (2002). *O pensar: do eu-pele ao eu-pensante* (Z. Y. Rizkallah, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Courtine, J.-J. (2013). *Decifrar o corpo: pensar com Foucault* (F. Morás, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Cupa, D. (2006). Une topologie de la sensualité: le moi-peau. *Revue Française de Psychosomatique*, 29(1), 83-100.
- Doron, J. (2013). Du moi-peau à l'enveloppe psychique. In D. Anzieu et al., *Les enveloppes psychiques* (pp. 1-17). Paris: Dunod.
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Matthews, E. (2011). *Compreender Merleau-Ponty* (M. Penchel, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Merleau-Ponty, M. (1975). *A estrutura do comportamento* (J. de A. Corrêa, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros.
- Merleau-Ponty, M. (1990). *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos* (C. M. César, Trad.). Campinas: Papirus.
- Merleau-Ponty, M. (2004). *O olho e o espírito* (P. Neves & M. E. G. G. Pereira, Trads.). São Paulo: Cosac Naify.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2014). *O visível e o invisível* (J. A. Gianotti & A. M. d'Oliveira, Trads.). São Paulo: Perspectiva.
- Montagu, A. (1988). *Tocar: o significado humano da pele* (M. S. M. Netto, Trad.). São Paulo: Summus.
- Peixoto Júnior, C. A. (2008). *Singularidade e subjetivação: ensaios sobre clínica e cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras; PUC-Rio.
- Volich, R. M. (2013). *Psicossomática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Widlöcher, D. (2007). Espace psychique, espace corporel. *Le Carnet psy*, 117(4), 29-33.

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 6/2/2017, aceito em 5/5/2018

Fernanda Brockmann Vanassi
Rua Silveira Martins, 140/403
22221-000 Rio de Janeiro, RJ
fernanda.brockmann@gmail.com

Carlos Augusto Peixoto Júnior
Rua Marquês de São Vicente, 225, sala 201L
22453-900 Rio de Janeiro, RJ
cpeixotojr@terra.com.br

Validação da escuta em supervisão psicanalítica

Luiz Carlos Mabilde¹

Resumo: Neste trabalho, o autor discute as implicações teóricas e práticas que suscita o processo de supervisão. A partir de suas bases conceituais e de sua experiência, procura superar o impasse epistemológico posto pelo termo supervisão e esclarecer como pode e deve ser validado esse processo. Para demonstrar, na prática, os elementos estruturais e dinâmicos envolvidos, o autor apresenta material clínico de uma sessão de supervisão, no qual teoria e técnica se reúnem como corolário de sua argumentação.

Palavras-chave: supervisão psicanalítica, escuta analítica, técnica de supervisão, ensino em psicanálise

1. Introdução

Além dos modelos oficiais de formação analítica da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) – Eitingon, francês e uruguaio –, que incluem padrões de supervisão, existem vários outros, padronizados ou não, praticados por grupos, escolas e institutos psicanalíticos.

Em trabalhos anteriores (Mabilde, 1998a, 1998b, 1998c, 1998d, 2002, 2003, 2007; Mabilde, Berlim, Faria, Machado & Pechansky, 2000; Mabilde, Berlim, Gus & Nogueira, 2007), discuti aspectos distintos da formação psicanalítica, entre os quais sempre esteve presente a supervisão. Num deles (Mabilde, 2007), apresentei uma proposta de sistematização dos critérios de avaliação das supervisões empregados pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica

1 Analista didata, professor e ex-diretor do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

de Porto Alegre (SPPA), o que, juntamente com material clínico de supervisões, serviu de base para uma apresentação e uma discussão no Pré-Congresso Didático em Berlim, como parte do End of Training Evaluation Project (Etep), o qual vem sendo desenvolvido há dez anos pela Sociedade Britânica de Psicanálise. Pelas minhas conclusões, os critérios empregados na SPPA seriam:

- *Institucional*: relativo às regras estabelecidas pelo regulamento do Instituto para a atividade de supervisão. Por exemplo: frequência, forma de apresentação do material clínico, número de horas exigidas etc.
- *Processual*: relativo ao processo analítico, no qual ganham importância itens como avaliação e indicação de análise, contrato, *setting* e desenvolvimento da análise.
- *Técnico*: relativo ao uso da transferência, da contratransferência e das interpretações transferenciais como meio de desenvolver o processo analítico.
- *Clínico*: relativo à sintomatologia distônica (neurótica produtiva) e sintônica (caracterológica) do paciente e à sua evolução na análise.
- *identificatório*: relativo à atitude e à função analítica como aquisições fundamentais do candidato para manter o processo, tolerar percalços e atingir os objetivos da análise.

Neste trabalho, meu propósito se modifica. Busco o oposto da visão global da prática institucional. Agora, procuro sistematizar a tarefa de implantar, desenvolver e avaliar o processo de supervisão individual, colaborando assim para o ensino da psicanálise clínica. Para tanto, vou recorrer a três pilares sobre os quais estabeleço os critérios de avaliação: processo de supervisão, teoria utilizada para entender e aplicar a técnica de supervisão, e método de validação da supervisão.

2. Processo de supervisão

A supervisão se insere no conceito global de ensino-aprendizagem, que pode ser entendido como um “processo pelo qual se cria ou se modifica uma resposta a determinada situação, mediante a percepção ou o exercício de novas soluções” (Mabilde, 1991, p. 10). Por sua vez, processo evoca um fenômeno que se desenvolve no tempo, um conceito temporal, que engloba a situação de supervisão (conceito espacial), a qual inclui ainda a relação supervisor-supervisionado

(conceito estrutural). Além do tempo, existe a estrutura. Pode-se considerar que esta é composta de três elementos distintos, desenvolvidos em períodos subsequentes, os quais, não sendo estáticos, mesclam-se, alternam-se de forma dinâmica. São eles: escuta, conceituação e interpretação.

Escuta

Em trabalho anterior (Mabilde, 2009), desenvolvi um modelo de escuta em que, além do *objeto analítico*, se destacavam os *papéis* designados ao analista e ao paciente no discurso desse último, como forma de incrementar uma microscopia da realidade inconsciente. Esse esquema concordava com a proposição de Ferro (1999/2000) de uma escuta baseada na noção de *personagem*, no sentido narratológico, e nos papéis assumidos por ele a cada sessão. Essa escuta funcionaria como um meio de permitir à dupla analítica viver todas as histórias possíveis, e assim evitar as interpretações saturadas.

De início, a escuta analítica precisa desenvolver três funções adaptativas ao trabalho analítico. Grinberg (1975) foi o primeiro autor a buscar certa sistematização desse tópico, tendo denominado tais funções de:

- *Sintética*: escutar com atenção flutuante.
- *Integrativa*: inferir interpretações sobre o significado latente das comunicações do paciente, mas ainda sem formulá-las.
- *Sensitiva*: avaliar o grau de resistência, ansiedade e regressão do paciente, empatizando com ele.

Aos supervisores, cabem dois cuidados: servir de modelo de identificação e transmitir ensinamentos, diretos e conscientes (educação cognitiva) e/ou interacionais e inconscientes (educação interativa). Dessa forma, os supervisores conseguem manter a estrutura da supervisão e identificar/decodificar as vivências inconscientes do supervisionado.

Ao estudar as funções do supervisor, Szecsödy (1990a, 1990b) enfatiza cinco aspectos: gerir o processo de supervisão, atuar como modelo de identificação, ensinar procedimentos técnicos, transmitir conhecimentos teóricos, e representar a instituição à qual pertence.

Reside aí uma questão importante: a abordagem da contratransferência durante a supervisão. Tanto o exame da contratransferência quanto a adoção do modelo de aprendizado por identificação podem sofrer desvios ou distorções, como o uso maciço de identificação projetiva, baseado na fantasia onipotente do supervisionado de ter acesso às qualidades e habilidades do supervisor. Vollmer Filho e Pires (2006, 2008) estudam a perturbação do

processo supervisivo pelo uso maciço da identificação projetiva e classificam as distorções em dois tipos: distúrbios benignos e disruptivos.

Conceituação

No segundo período, revela-se crucial conceituar o que é escutado, a fim de destacar determinadas estruturas teóricas, que servirão de guias básicos para bem utilizar a escuta e preparar as interpretações pertinentes.

O que vale aqui é a teoria, a teoria da técnica psicanalítica, em especial alguns itens dela que são fundamentais para o processo de supervisão, como a capacidade de captar as reações transferenciais e contratransferenciais durante a hora de supervisão. No modelo multidirecional (evolução baseada nos modelos clássico, comunicativo e compreensivo), ampliam-se bastante as possibilidades de captar essas reações.

Cabe destacar ainda os conceitos de *timing*, natureza e dose das interpretações, assim como suas respostas correspondentes. Eles não devem ser formulados, mas compreendidos por meio da prática de autoprocessamento do supervisionado, com a devida ajuda do supervisor, o qual não se furtará de se antecipar às intervenções do supervisionado. Nesse sentido, os comentários do supervisor são feitos em termos adaptacionais/interacionais e têm um caráter *preditivo*. Por comentários adaptacionais/interacionais, entende-se aqui uma preocupação com os processos e as comunicações inconscientes e com sua devida decodificação, através de seus sinais iniciais, presentes no material transferencial e nos demais elementos (associações, sonhos, lapsos) do inconsciente dinâmico.

Mesmo quando o supervisor está usando o modelo padrão ou clássico, no qual ele ouve todo o material para depois intervir, é importante assinalar ao supervisionado quais os conceitos utilizados.

Interpretação

Reconhecer a dinâmica conflitiva e interpretá-la: eis a questão aqui. Conforme as respostas do paciente à interpretação, cabe ao supervisor mostrar como reconhecer a capacidade de *insight* e de elaboração do paciente.

Num trabalho sobre técnica da interpretação (Mabilde, 1998a), discuti as três técnicas de supervisão consagradas por Fleming e Benedek (1966) e uma quarta, que então propus em acréscimo a esse acervo. São elas:

- *Técnica demonstrativa*: há uma constante demonstração de técnicas interpretativas por parte do supervisor, indicando como ele faria seus entendimentos, intervenções e interpretações. O aprendizado está baseado na identificação do aluno com o supervisor, ainda que o primeiro não tenha consciência disso. O supervisor diz como interpretaria

cada situação, e o aluno passa a repeti-lo com o paciente. Essa técnica está centrada no paciente e no material produzido por ele.

- *Técnica corretiva*: embora se apoie na primeira, há o acréscimo de o supervisor apontar correções às intervenções do supervisionado, conjugando correções com associações que as sustentem. Nessa prática de ensino, a técnica centra-se no supervisionado, servindo o paciente e seu material como base para as correções do supervisor.
- *Técnica compreensiva*: ao conhecimento da dinâmica do caso, soma-se a própria experiência relacional de supervisão. O supervisor entra na experiência de aprendizagem do supervisionado (transferência e contratransferência) usando a si mesmo como instrumento intersubjetivo para desenvolver no aluno as funções analíticas. Isso significa adoção da teoria comunicativa, bem como atenção às transações entre supervisor e supervisionado e à estrutura da supervisão, incluindo a gestão da estrutura por parte do supervisor. Este já aborda os dois níveis essenciais à supervisão (cognitivo e interativo), procurando integrá-los de forma útil e não contraditória. Essa técnica centra-se na relação entre supervisor e supervisionado, bem mais do que no paciente, no supervisor ou mesmo na relação entre o supervisionado e o paciente.
- *Técnica da escuta multidirecionada*: minha proposta era ampliar a técnica anterior, por conceber uma dinâmica mais rica, favorecida pela inclusão de aspectos técnicos advindos da teoria da intersubjetividade ou, mais precisamente, do conceito de objeto analítico (Green, 1974/1988). Através da atenção flutuante, a técnica da escuta multidirecionada baseia-se na participação e na decodificação de todos os personagens imbricados na hora de supervisão. Aqui, portanto, a técnica não se dirige a um ou a outro participante, ou mesmo à dupla, mas a todos os presentes nessa prática, ainda que eventualmente não sejam conscientemente percebidos como tais. Nos termos de Green, trata-se do *terceiro da ausência*, o qual, como uma das figuras da terciridade, é constituído pelo fato de que qualquer relação dual traz em si um terceiro. É o paradoxo de uma presença ausente. Essa técnica não é diádica ou triádica, e sim poliádica, pois envolve mais personagens do que os existentes na técnica compreensiva. Além dos conhecidos envolvidos, é preciso levar em conta (para decodificar) outros supervisores do aluno, seu analista, os supervisores do supervisor, seu analista e a instituição.

Qualquer que seja a técnica adotada pelo supervisor, ele também adotará um critério de avaliação da supervisão e do supervisionado, uma vez que as

respostas originadas pelo processo serão representativas do maior ou menor aproveitamento da supervisão.

3. Teoria utilizada para entender e aplicar a técnica de supervisão

A teoria específica utilizada é a teoria psicanalítica. O recurso advém da personalidade total dos envolvidos, e o nível inconsciente da comunicação é o que mais interessa. Ocorre na supervisão um fenômeno similar àquele observado na sessão de análise: o que foi vivido antes se torna atual e presente, adquirindo novas dimensões semânticas e dinâmicas. O supervisionado repete ativamente o que recebeu passivamente. Ao falar, o terapeuta-supervisionado não é mais ele, e sim o paciente com quem está agora identificado.

Estudando a tipologia do pensamento, Johnson-Laird (1983) concluiu que quatro tipos de raciocínio seriam os mais relevantes para uma teoria da supervisão:

- *Pensamento indutivo*: processo inferencial, que expande o conhecimento em face da incerteza. Não é mais do que uma ilação. Difere do raciocínio dedutivo, já que neste a conclusão segue logicamente uma premissa apresentada, e naquele inferências são extraídas por generalizações, a partir de exemplos. Cabe ao supervisor alertar o supervisionado de que a principal causa de resposta contratransferencial ansiosa é a incerteza, cuja consequência direta é o bloqueio do pensamento indutivo.
- *Pensamento associativo*: processo de unir um pensamento a outro sem um objetivo consciente imediato, em contradição à experiência de procurar resolver problemas ou contar uma história. A natureza do pensamento associativo recebeu uma nova e revolucionária consideração no trabalho de Freud, que estendeu a investigação das conexões entre as associações conscientes e as inconscientes. É vital que o supervisor demonstre o valor do pensamento associativo através de exemplos e o valor das confirmações indiretas.
- *Pensamento criativo*: processo em que o supervisor procura medir a capacidade do supervisionado de trazer, para dentro da hora de supervisão, ideias, associações, referências e palpites relacionados ao material.
- *Pensamento autorreflexivo*: processo de usar a mente para observar funcionamentos do sujeito em relação a si mesmo. Por ocasião da hora supervisiva, tais funcionamentos tomam a forma de pensamentos,

sentimentos, fantasias, imagens e recordações, que então são trabalhados com o supervisor.

Ogden (2005) apresenta uma forma original de contextualizar teórica e praticamente a relação supervisiva. A experiência analítica de supervisão é concebida como uma forma guiada por sonhos (*guided dreaming*). O supervisor ajudaria o analista-supervisionado a sonhar aspectos da relação analítica que ele é incapaz de sonhar ou parcialmente capaz de sonhar.

Concomitantemente, é tarefa do par da supervisão inventar (*dream up*) o paciente, isto é, criar uma ficção, que é verdadeira apenas para a experiência emocional do supervisionado. Ogden está usando aqui o seu conceito de terceiro intersubjetivo, que se insere na psicanálise contemporânea, mais precisamente numa teoria psicanalítica da terceiridade, baseada no conceito de objeto analítico, de Green.

Cabe ao supervisor, portanto, explorar os sentimentos contratransferenciais do supervisionado, inclusive por meio da própria contratransferência do supervisor, a fim de demonstrar correlações possíveis com transferências dominantes em cada sessão.

4. Modelos básicos de supervisão psicanalítica

Langs (1994) descreve três modelos básicos de supervisão, vagamente definidos: clássico (*standard model*), comunicativo (*standard communicative model*) e do autoprocessoamento (*self-processing model*).

Atualmente, de acordo com certas ampliações, eu preferiria rebatizá-los de: clássico ou padrão, comunicativo ou psicodinâmico, do autoprocessoamento ou intersubjetivo, e multidirecionado ou do objeto analítico.

Modelo clássico ou padrão

Tem as seguintes características:

- Escolha livre do material de um ou mais pacientes.
- Uso de alguma teoria psicanalítica.
- Intervenções no final da hora de supervisão, centradas no paciente.
- Desconsideração das regras e da estrutura da terapia e da supervisão, bem como da relação entre supervisor e supervisionado.
- Grande dependência do bom senso e da flexibilidade.
- Deficiência em compreender a natureza inconsciente da relação terapêutica e em valorizar a interação da supervisão em si.

Modelo comunicativo ou psicodinâmico

Tem as seguintes características:

- O material clínico é apresentado através de notas processuais de cada sessão, de forma detalhada e na sequência em que aconteceu.
- As intervenções do supervisor se dão de momento em momento, e não só no final.
- A supervisão tem um *setting* e uma estrutura bem estabelecidos, embora só sejam usados em momentos de crise.
- A abordagem comunicativa é a teoria de fundo, ou seja, enfatizam-se a comunicação e o processamento inconsciente do tratamento e sua decodificação a partir de sinais iniciais (*trigger decoding*).
- A principal técnica é a compreensiva.
- A deficiência desse modelo está em não permitir a total expressão e integração da experiência inconsciente do supervisionado, do estabelecimento e da gestão da estrutura da supervisão e das intervenções do supervisor para com o supervisionado.

Modelo do autoprocessoamento ou intersubjetivo

Tem as seguintes características:

- Difere radicalmente dos dois anteriores, pois permite total expressão do material do paciente pelas notas processuais e do material pessoal do supervisionado.
- Possibilita dar toda a atenção às transações entre supervisor e supervisionado e à estrutura da supervisão, incluindo-se aí a gestão da estrutura por parte do supervisor.
- Propicia que o supervisionado, antes de apresentar material de casos com notas processuais, participe com exercícios de autoprocessoamento, os quais facilitam a revelação de sua própria experiência inconsciente de supervisão.
- Desenvolve e utiliza percepções decodificadas a partir de sinais iniciais, visto que se relacionam às respostas inconscientes do supervisionado, tanto às intervenções de ensino quanto às de gestão da estrutura.
- Aborda as duas características essenciais da supervisão: educação cognitiva (consciente), pelos ensinamentos diretos do supervisor, e

educação interativa (inconsciente), pela decodificação das experiências inconscientes.

- Esforça-se por juntar as experiências conscientes e inconscientes de um supervisionado nos dois níveis de experiência, de forma integrada, útil e não contraditória.
- Usa a técnica do autoprocessoamento ou intersubjetiva.

Modelo multidirecionado ou do objeto analítico

Tem as seguintes características:

- Utiliza todas as prerrogativas técnicas dos modelos anteriores.
- Adota predominantemente a técnica multidirecionada.
- Como amplia o espectro de elementos (objetos) constituintes de sua escuta, vale-se do conceito de objeto analítico (Green, 1974/1988) para qualificar, identificar e decodificar a experiência. Em psicanálise, a noção de terceiro ou terceiridade remonta a Freud e a seu indefectível complexo de Édipo. Klein deu sequência ao conceito por meio do terceiro da posição depressiva. Lacan o ampliou através do em nome do pai, e Winnicott pelo espaço e pelo objeto transicional. Coube a Green (1974/1988, 2002/2008) dar à noção de terceiridade a estrutura metapsicológica/psicopatológica pela qual a teoria freudiana recebe uma completa suplementação da tradição das relações de objeto, na construção de uma inovadora teoria da constituição subjetiva e de seus destinos. Em termos de teoria da técnica, a concepção de Green pode ser definida assim: “Na sessão analítica, o objeto analítico é como um terceiro objeto, produto da junção entre aqueles formados pelo analisando e pelo analista” (2002/2008, p. 251). Ogden (1994/1996) parte de Green para explicitar seu conceito de terceiro intersubjetivo, um elemento (objeto) que, ao mesmo tempo, constitui a dualidade e é constituído por ela.

5. Métodos de validação da supervisão

Todas as intervenções, formulações, discussões e técnicas utilizadas na supervisão terão que ser validadas como certas e úteis ou rejeitadas como incorretas ou inválidas, tanto as referentes ao supervisionado como as referentes ao supervisor.

As características dessa arquitetura mental mostram que a escolha da metodologia de validação situa-se entre um método de confirmação baseado em percepções conscientes e outro baseado em percepções inconscientes. Disso resulta que existe somente um método de avaliação confiável, e ele deve contar com as comunicações inconscientes decodificadas.

Validação aberta, direta ou consciente

A confirmação (validação) é geralmente uma questão de concordância direta do paciente. Algumas vezes há uma resposta confirmatória disfarçada, mas que se torna integralmente consciente, e cujo significado (relativamente) transparente é uma reação do sistema pré-consciente.

Nos modelos clássicos de análise e supervisão, ambas são tomadas como respostas confirmatórias às intervenções do terapeuta. Há uma verdade nisso. Afinal, a repressão ao sistema consciente foi modificada para que uma memória esquecida ressurgisse do inconsciente. Observando-se, porém, a associação seguinte, nota-se uma sequência sem um sentido adaptativo, deixando a desejar esse método dentro de uma crítica da validação.

Assim, o modelo não busca elementos que demonstrem respostas adaptativas específicas, nem se envolve na sua decodificação, do que decorrem omissões com graves consequências. Um exemplo comum desse problema: “Ah, de fato, o senhor tem razão, acho que esse sonho mostra como sinto inveja dos demais”, afirmação seguida de associações sobre um professor que costumava pressioná-lo a aceitar as coisas à maneira dele, embora frequentemente estivesse errado.

Validação fechada, indireta ou inconsciente

As imagens estudadas para a confirmação de um entendimento ou da falta dele estruturam-se como narrativas disfarçadas ou codificadas. Substancialmente, as histórias do paciente com sentido positivo são consideradas confirmatórias, enquanto aquelas com sentido negativo não o são.

Como regra, comentários e previsões do supervisor são testados no material do paciente subsequente à intervenção do supervisor, da mesma forma que a confirmação inconsciente (codificada) das intervenções do terapeuta é procurada no material do paciente em tratamento.

O tipo ideal de resposta confirmatória de um paciente envolve imagens codificadas de *pessoas com um bom funcionamento e que ajudam os outros* (validação interpessoal), além de narrativas cujos significados codificados acrescentam *novas perspectivas* à presente interpretação ou formulação (validação cognitiva). Esses tipos de validação codificados são os únicos confiáveis para uma supervisão efetiva.

6. Ilustração com base em material de supervisão

O supervisionado, Paulo, era muito inteligente. Eu havia notado isso em atividades variadas. Ele tinha por volta de 30 anos de idade. Um aspecto que eu ligeiramente ouvira falar é que ele teria uma personalidade complicada ou complexa, impressão que não tive em contatos anteriores.

Ele trouxe à supervisão um caso e, antes mesmo de ouvi-lo falar, julguei que o caso poderia ter indicação para análise, porém imaginei dificuldades no tratamento (*técnica multidirecionada*).

De fato, ao tomar contato com o material, constatei que Paulo já estava às voltas com a árdua tarefa de implantar o tratamento. Tratava-se de um paciente de sua idade, de difícil acesso e com uma situação de vida muito complicada. Mas, ratificando minha impressão anterior da capacidade intelectual do supervisionado, ele estabeleceu com perfeição o *setting* terapêutico, revelando acuidade ao decodificá-lo através de interpretações apropriadas.

Nesse primeiro período, Paulo também foi descrevendo João, seu paciente: alto, magro, de pele clara, olhos e cabelos escuros, transmitindo características de uma virilidade discreta. Também eram discretas suas queixas em relação a um tratamento anterior. Usava roupas elegantes e sem cores ousadas, parecendo uma pessoa equilibrada. Por estar muito ansioso e choroso, João falava sem parar. No entanto, como notei pelo material, Paulo não se afobou. Deu tempo e espaço para o paciente falar o quanto necessitasse, sem interrompê-lo, mostrando-se empático e paciente.

De minha parte, tratei de fazer o mesmo (*técnica compreensiva*) ao ouvir o material da supervisão, pois percebi uma idêntica ansiedade e urgência em falar por parte do supervisionado. Nesse ponto, passou a me ocorrer uma supervisão coletiva que eu fizera anos atrás (e que eu aguardava com grande expectativa), na qual o paciente simplesmente não falava. Quanto mais eu procurava estimular o paciente a falar, menos isso acontecia, o que se transformou numa situação embaraçosa para mim ante meus colegas e o professor da ocasião.

Pensei no tratamento de João e, uma vez que se tratava de um caso de supervisão, coloquei-me no lugar de Paulo, imaginando-o muito frustrado diante de qualquer reversão de expectativa proporcionada por João. Naturalmente, também lembrei que teria um trabalho difícil no *setting* supervisivo (*técnica multidirecionada*).

Transcorridos alguns meses, embora às vezes me parecesse enfraquecer a empatia de Paulo em relação a certas discordâncias de João, psicoterapia e supervisão pareciam andar bem. Em determinada sessão, João trouxe o seguinte sonho:

Eu estava dentro de um elevador onde havia lixo espalhado pelo chão. Eu sentia medo de alguém pensar que eu era o responsável pela sujeira. Nesse ponto, entra um ex-funcionário do meu pai, e eu temo que ele me critique pelo estado do elevador. Em seguida, sai um forte jato do lixo, que paralisa esse ex-empregado.

Paulo, na sessão com o paciente, interpretou o sonho: “*Você quer me paralisar e assim impedir que eu analise suas sujeiras*”. Na opinião de Paulo, João agia com pequenas discordâncias com o propósito de controlar (paralisar) o terapeuta. João imediatamente discordou da interpretação de Paulo sobre o sonho. A partir daí a psicoterapia se caracterizou por uma rápida e progressiva transferência negativa, que desembocou num impasse. Em outras palavras, virou um bate-boca sem fim, cada um procurando provar ao outro que estava certo.

Tentei mostrar a Paulo que algo teria que ser feito, pois, do contrário, o paciente abandonaria o tratamento. Provavelmente, continuei ponderando, o que ocorrera e vinha ocorrendo era uma inversão de prioridades e de *timing*. Nesse sentido, talvez fosse mais apropriado, a princípio, ver o sonho como expressão da ansiedade persecutória de João em relação às interpretações (jato = crítica) de Paulo (empregado do pai) do que propriamente como uma ação controladora do paciente (jato que paralisa o terapeuta). Esta visão poderia ser correta se apresentada em outro momento; no atual, estava incrementando a ansiedade e a resistência de João (*técnica corretiva*).

Disse-lhe ser possível que João tivesse uma personalidade controladora, mas confrontá-lo com isso nesse ponto (inicial) do tratamento parecia estar acima de suas possibilidades. Ademais, *vide* o impasse, era um fato concreto que os dois não estavam se entendendo. Como eu já percebera, nas sessões de supervisão, a forma impositiva de Paulo argumentar em favor do seu entendimento e em detrimento do meu, pareceu-me que ele vinha se sentindo irritado com o paciente. Sem se dar conta, pôs muita agressividade na interpretação dada ao sonho. Essa forma de interpretar foi particularmente sádica, pois, embora calmamente expressa, destacou as piores características do paciente (*técnica compreensiva*).

Tentei corrigir o rumo da psicoterapia, de uma forma ainda mais persuasiva, chamando a atenção de Paulo para a existência de um segundo nível da T/CT (além da evidente transferência paterna): pelo lado do paciente, havia a transferência com seu ex-terapeuta; pelo lado de Paulo, ele parecia identificado com o objeto sádico paterno, descarregando em João sua ira contra determinado professor com quem havia “brigado” (*técnica multidirecionada*).

Quanto a mim, pensei, eu precisava vencer certa paralisia e “limpar” o campo terapêutico e supervisivo, razão pela qual eu teria de ampliar meu debate com Paulo. Mas nada realmente mudava, pois Paulo não seguia o que

eu lhe apontava. O paciente mostrava-se frio e distante com ele, desdenhando de suas interpretações transferenciais. As sessões de supervisão, por sua vez, eram “quentes”, mas pareciam longe de atingir o objetivo de uma verdadeira mudança. E assim foram transcorrendo o tratamento e a supervisão.

Essa situação desembocou num momento ainda mais crítico por dois motivos: por um lado, era claro para mim que o paciente iria interromper o tratamento; por outro lado, ao não refletir sobre isso, Paulo também acabaria encerrando a supervisão. Embora eu o deixasse livre, procurei esclarecer que o problema narcisista que ele pretendia “derrubar” na estrutura de João talvez não lhe estivesse dando a oportunidade de explicar que o tal “lixo” em sua vida interior era expressão da falha de suas defesas obsessivas (anais) diante da opressão paterna. Não tendo outro recurso, atacava Paulo (pai) do mesmo modo que era atacado (*técnicas demonstrativa e corretiva*).

Nessa época, João trouxe outro sonho: “*Eu estava viajando para o exterior, e havia um rapaz de cabelos bem curtos que falava comigo. Eu o olhava e o achava parecido com um colega meu, que tentara suicídio*”. O efeito desse sonho foi devastador para Paulo, pois, pela primeira vez, deu-se conta de que o paciente não só abandonaria o tratamento (viagem para o exterior) como cogitava suicidar-se, vingando-se do terapeuta, deixando-o igualmente sem saída.

Como se pode imaginar, tratava-se de uma personalidade obsessiva (e não narcisista), que se defendia do ataque narcisista do terapeuta através da discussão interminável sobre a adequação da abordagem do sonho ou de outra qualquer. Nesse sentido, o paciente sentia o terapeuta como o próprio pai: inconveniente, teimoso, invejoso, alguém com quem não podia contar.

Foi um momento muito difícil na supervisão, pois o supervisionado entendeu que ele mesmo estava sendo teimoso, não enxergando a realidade. Mas, confiando em sua inteligência, sugeri a Paulo que seus problemas eram anteriores a João (com o ex-professor, com o pai) e à supervisão. Dessa vez, embora tenha se sentido criticado, ele compreendeu a situação (*técnica do autoprocessoamento ou intersubjetiva*).

Percebeu a gravidade do estado de João, ficou realmente preocupado com a fantasia suicida do paciente e conseguiu fazer uma interpretação relativa ao desamparo que João sentia (rapaz do ônibus), a seus sentimentos de castração (cabelos curtos), impostos por determinados percalços. E isso em vez de confrontá-lo com seu jeito arredo, agressivo e “sujo”.

Nas sessões seguintes, ficou claro o alívio do paciente, mostrado por meio de um material referente à ida dele a uma sessão de cinema, quando finalmente assistiu a um bom filme, um filme que lhe trouxe paz. Feita a interpretação por Paulo, contemplando o aspecto transferencial da comunicação, João se lembrou de seu último sonho: “*Começam a cair as folhas de outono. Podem manchar o chão. Aí alguém diz: ‘Não importa, já que o chão é de terra’*”.

7. Conclusões

O último sonho mencionado contribui para as considerações finais deste trabalho. Pelo lado do material clínico, permite-nos recordar um dos sonhos anteriores do paciente, no qual também havia a questão de sujar ou manchar o chão (lixo no chão do elevador). A diferença do segundo para o primeiro sonho reside na ausência de angústia persecutória ante a perspectiva de manchar o chão, bem como no fato de que o terapeuta (alguém) é visto como tolerante (“Não importa”).

Esse último sonho aponta para o começo da resolução do impasse terapêutico, para a possibilidade de solução da culpa persecutória e, assim, para uma conclusão bastante favorável do tratamento. A supervisão, encarada e instituída como processo, teve participação fundamental nisso, tanto ao detectar o problema havido na dupla terapeuta-paciente quanto ao corrigi-lo.

Com relação ao processo supervisivo, o material clínico revela aquilo que este trabalho pretendeu destacar em sua fundamentação teórica: a vitalidade adquirida pelo processo por meio de uma escuta tecnicamente bem equipada (multidirecionada etc.), assim como por meio de sua validação. Embora a validação da escuta venha por último, ela se sobrepõe, em importância, aos demais critérios operacionais, visto que sem sua aplicação o processo é falseado por silogismos repetidos.

De um ponto de vista geral, pode-se comprovar a eficácia da supervisão e encará-la como um dos mais valiosos instrumentos de ensino em psiquiatria e psicanálise, no que se refere à prática da psicoterapia analítica e da análise terapêutica.

O trabalho também buscou discutir a evolução da técnica da supervisão e os avanços relativos à estrutura (*setting*) da supervisão. Cabe registrar que a técnica da supervisão se sofisticou, tornou-se mais complexa e mais difícil de ser executada, uma vez que o supervisor tem que estar constantemente identificando, decodificando e articulando dados de fontes e naturezas variáveis e distintas.

No entanto, se a técnica ganhou em complexidade, ela também acrescentou ao seu acervo um número maior de elementos à disposição do supervisor, enriquecendo-o. É o caso da estrutura e de sua gestão, da comunicação inconsciente e de seus sinais, das transações entre supervisor e supervisionado, dos representantes objetivos extrasupervisão etc. O material clínico buscou mostrar na prática o que está caracterizado na teoria.

Validación de la escucha en la supervisión psicoanalítica

Resumen: Este trabajo analiza las implicaciones teóricas y prácticas que plantea el proceso de supervisión. Como tal, busca superar el punto muerto epistemológico planteado por el término supervisión y aclarar, desde la base conceptual y la experiencia del autor, como puede y debe ser validado este proceso. Para demostrar en la práctica los elementos estructurales y dinámicas que lo componen, el trabajo contiene material clínico de una sesión de supervisión, en el que la teoría y la técnica se unen como un corolario de sus objetivos.

Palabras clave: supervisión psicoanalítica, escucha analítica, técnica de la supervisión, enseñanza en el psicoanálisis

Validation of listening in psychoanalytic supervision

Abstract: This paper deals with the theoretical and practical implications of the supervisory process. As such, the purpose of this paper is not only to overcome the epistemological impasse that is posed by the term supervision, but also it is to clarify, by using conceptual bases and the author's experience, how this process could and should be validated. In order to demonstrate, in a practical way, the structural and dynamic elements of the process of supervision, the author brings some clinical material of a supervision in which theory and technique come together as a corollary of the purposes of his paper.

Keywords: psychoanalytic supervision, analytic listening, supervision technique, teaching in psychoanalysis

Rendre l'écoute valable en supervision psychanalytique

Résumé: Ce travail discute les implications théoriques et pratiques que suscite le processus de supervision. En tant que tel, non seulement il cherche à surpasser l'impasse épistémologique posé par le mot supervision, mais encore il s'applique à éclaircir – depuis les bases conceptuelles et l'expérience de l'auteur – comment est-il possible et comment faut-il valider ce processus. Pour démontrer, dans la pratique, les éléments structuraux et dynamiques qui la composent, l'étude contient le matériel clinique d'une séance de supervision, dans laquelle la théorie et la technique se joignent comme corolaire de leurs objectifs.

Mots-clés: supervision psychanalytique, écoute analytique, technique de supervision, enseignement en psychanalyse

Referências

- Ferro, A. (2000). Os personagens na literatura e na sala de análise. In A. Ferro, *A psicanálise como literatura e terapia* (M. Petriccioni, Trad., pp. 109-126). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1999)
- Fleming, J. & Benedek, T. (1966). *The psychoanalytic supervision*. New York: Grune & Stratton.
- Green A. (1988). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In A. Green, *Sobre a loucura pessoal* (C. A. Pavanelli, Trad., pp. 36-65). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1974)
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (A. M. R. Rivarola et al., Trads.). São Paulo; Rio de Janeiro: SBPSP; Imago. (Trabalho original publicado em 2002)
- Grinberg, L. (1975). *La supervisión psicoanalítica: teoría y práctica*. Buenos Aires: Paidós.
- Johnson-Laird, P. N. (1983). *Mental models: toward a cognitive science of language, inference and consciousness*. Cambridge: Harvard.
- Langs, R. (1994). *Doing supervision and being supervised*. London: Karnac.
- Mabilde, L. C. (1991). *Supervisão em psiquiatria e em psicoterapia analítica: teoria e técnica*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Mabilde, L. C. (1998a). *Ensino em psicoterapia: escuta multidirecionada*. Trabalho apresentado na 19.^a Jornada de Psiquiatria Dinâmica, Gramado.
- Mabilde, L. C. (1998b). *O ensino psicanalítico na SPPA: estudo sobre as condições atuais de seus professores*. Trabalho apresentado no 20.^o Congresso Brasileiro de Psicanálise, Brasília.
- Mabilde, L. C. (1998c). A questão do ensino psicanalítico na SPPA. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 5(3), 305-306.
- Mabilde, L. C. (1998d). Trocando de século e de modelo: contraponto à inércia do ensino psicanalítico. *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 2(1), 267-270.
- Mabilde, L. C. (2002). *Revisitando nossos critérios e procedimentos na área do ensino*. Trabalho apresentado à Comissão de Ensino do Instituto da SPPA.
- Mabilde, L. C. (2003). *O didata como analista e o candidato como paciente*. Trabalho apresentado no Pré-Congresso Didático do Congresso Brasileiro de Psicanálise, Recife.
- Mabilde, L. C. (2007). *Sobre critérios para avaliação final do candidato com base no trabalho clínico supervisionado*. Trabalho apresentado no Pré-Congresso Didático do Congresso Internacional de Psicanálise, Berlim.
- Mabilde, L. C. (2009). A função do pensar do analista no processo analítico: considerações sobre a escuta, a compreensão e a interpretação em análise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 16(3), 447-460.
- Mabilde, L. C., Berlim, G. I., Faria, C. G., Machado, P. M. & Pechansky, I. (2000). Prometeo y el destino del didacta. *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 4(2), 379-389.
- Mabilde, L. C., Berlim, G. I., Gus, M. & Nogueira, J. A. (2007). *Percurso rumo a um modelo atualizado de formação analítica na SPPA*. Trabalho apresentado no Pré-Congresso Didático do Congresso Brasileiro de Psicanálise, Porto Alegre.
- Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1994)
- Ogden, T. H. (2005). On psychoanalytic supervision. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86(5), 1265-1280.
- Szecsödy, I. (1990a). *The learning process in psychotherapy supervision*. Stockholm: Karolinska Institutet.

Validação da escuta em supervisão psicanalítica

Szecsödy I. (1990b). The significance and importance of supervision in psychotherapy training. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 53, 86-92.

Vollmer Filho, G. & Pires, A. C. J. (2006). *Campo supervisivo e identificação projetiva*. Texto não publicado.

Vollmer Filho, G. & Pires, A. C. J. (2008). *Distúrbios benignos e disruptivos do campo supervisorio*. Texto não publicado.

Recebido em 12/4/2017, aceito em 15/1/2018

Luiz Carlos Mabilde
Rua Tobias da Silva, 99/303
90570-020 Porto Alegre, RS
mabilde@terra.com.br

Fazendo supervisão¹

Um espaço compartilhado para pensar a clínica com pacientes de difícil acesso

Denise Salomão Goldfajn²
Bartholomeu de Aguiar Vieira³

Resumo: Neste artigo, os autores descrevem uma experiência de supervisão compartilhada oferecida pelo Laboratório de Pesquisas e Intervenções Psicanalíticas do Instituto de Psicologia da USP. A supervisão ocorre em grupo e baseia-se no modelo de investigação das teorias implícitas do psicanalista, que busca investigar como o encontro clínico é pensado pelo psicanalista e expandido pela discussão em grupo. O terapeuta apresenta o relato da sessão, e o grupo é convidado a associar livremente. A associação livre produzida nesse tipo de dispositivo é apreciada como capacidade de sonhar, ou possibilidade de perlaborar os conteúdos inconscientes e a afetação do par como elementos que circulam no campo transferencial e determinam o manejo clínico. Os autores apresentam a discussão de um caso clínico com um paciente de difícil acesso, buscando demonstrar como o dispositivo de supervisão compartilhada possibilita gestar a função psicanalítica dos participantes do grupo.

Palavras-chave: supervisão, metapsicologia do psicanalista, sonho, paciente de difícil acesso

- 1 Trabalho apresentado no 26.º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Fortaleza (CE), em novembro de 2017.
- 2 Pós-doutoranda em psicologia clínica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Psicanalista associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
- 3 Mestre em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

Introdução

Com base no trabalho realizado no Laboratório de Pesquisas e Intervenções Psicanalíticas (psIA), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), descrevemos uma experiência de supervisão clínica, com ênfase na elaboração da relação entre paciente e analista pensada a partir de uma dinâmica grupal. A adesão é voluntária, e a atividade é oferecida a alunos do IP que já tenham terminado sua supervisão curricular e a pesquisadores de pós-graduação que desejem ampliar sua experiência clínica. Os pacientes são provenientes da Clínica-Escola Durval Marcondes, da USP. Cabe ao psIA indicar um supervisor qualificado para responsabilizar-se pela condução do grupo. Pedese que cada participante traga, se possível, um relato escrito da sessão para ser discutido pelo grupo. Os participantes se alternam na apresentação dos casos, de acordo com suas necessidades. Solicita-se aos participantes que associem livremente sobre os relatos, buscando o que lhes chama a atenção na escuta do caso. Nesse processo, observa-se a criação de um dispositivo de supervisão que favorece uma aprendizagem compartilhada, em que a experiência que cada participante traz com seus pacientes pode ser aproveitada por todos.

O funcionamento do grupo de supervisão baseia-se na investigação sobre as teorias implícitas do analista. Joseph Sandler (1983) observa que os psicanalistas, sobretudo em supervisão, fazem uso de teorias oficiais e de teorias implícitas para construir o relato de cada sessão clínica. As teorias oficiais corresponderiam aos conceitos e teorias de autores consagrados no campo, e as teorias implícitas a como cada psicanalista utiliza as teorias oficiais, incluindo na construção do relato clínico elementos pré-conscientes e inconscientes da vivência do encontro com cada paciente. Para Sandler, é na clínica que as teorias psicanalíticas são testadas em seu valor heurístico. No entanto, diferentemente do modelo científico clássico, as teorias psicanalíticas não podem ser aplicadas de maneira literal, pois correm o risco de se tornar redutoras e de pouca eficácia, uma vez que dependem do contato singular entre paciente e analista.

De acordo com Sandler, a teoria oficial – por exemplo, os textos de Freud – serviria de estrutura, mas precisaria ser elástica, enriquecendo-se e construindo-se com a singularidade do encontro clínico. Nesse sentido, teorias como as de Winnicott e Bion seriam resultantes de teorias implícitas que foram sendo testadas na própria prática psicanalítica e na experimentação clínica, passando a ser consideradas teorias oficiais enquanto outras teorias implícitas eram geradas. Sandler afirma que é especialmente necessário estar atento às elasticidades teórico-clínicas entre as teorias oficiais e as teorias implícitas, que podem expandir ou limitar a compreensão do processo terapêutico,

pelos elementos transferenciais e contratransferenciais que surgem no contato afetivo com os pacientes.

Décadas antes, Ferenczi já apontava para a necessidade da elasticidade na clínica. No artigo “Elasticidade da técnica psicanalítica”, ele destaca a importância dos elementos sensíveis na clínica, o tato, a empatia, e descreve um terceiro elemento: “Levanto aqui um problema que nunca foi apresentado, o de uma eventual metapsicologia dos processos psíquicos do analista no decorrer da análise” (1928/1988, p. 310).

Sabemos que, a partir das ideias expostas por Ferenczi, um modelo único para a formação de psicanalistas começou a ser estabelecido. Popularizado como modelo Eitingon, a formação do psicanalista dependeria de dispositivos que constituiriam um tripé: o estudo teórico dos textos psicanalíticos, a análise pessoal do analista e a supervisão clínica. Se por um lado esses dispositivos colaboraram para uma ortodoxia formal, por outro lado estabeleceram a importância da afetação do psicanalista no processo de tratamento do paciente.

Gabbard (1995) sustenta que, com a expansão da compreensão dos processos emocionais vividos pelo analista (transferência e contratransferência), a supervisão clínica de base analítica não pode mais ser pensada apenas como uma atividade de transmissão do método clínico de uma geração para outra, pois seu valor vai além da difusão de aspectos formais da técnica. A supervisão passa a ser uma experiência do próprio método de investigação da construção de teorias, que no campo psicanalítico se inicia com o encontro entre o psicanalista e seu paciente e que, metodologicamente, se estende, ampliando os sentidos e os significados desse encontro.

Como vimos, Ferenczi inaugurou a ideia de investigar a metapsicologia dos processos psíquicos do analista no decorrer da análise do paciente, investigação essa que se tornou o dispositivo central para o psicanalista exercer seu ofício e o instrumento primordial para refletir sobre a metapsicologia do encontro entre paciente e analista.

Ogden (2005) simplifica a equação das metapsicologias de um e de outro (psicanalista e paciente) quando diz que fazer supervisão é uma forma de sonhar a sessão clínica. Para Ogden, o sonhar é um conceito radical na psicanálise, está na raiz de um método de descoberta, ou seja, de uma epistemologia propriamente psicanalítica. O sonhar é entendido como a forma de perlaborar os processos inconscientes e torná-los significativos através de mecanismos próprios, que só podem ser compreendidos relacionalmente. Segundo o autor:

Na tradição de Bion, entendo o sonhar como um trabalho psicológico inconsciente, feito individualmente (seja dormindo, seja em vigília) a partir da experiência emocional vivida. Nessa perspectiva, a experiência de supervisão é uma experiência

em que o supervisor tenta ajudar o supervisionando a sonhar com os elementos de sua experiência com o paciente que puderam ser apenas parcialmente sonhados (seus sonhos interrompidos) ou que foram totalmente impossíveis de sonhar (seus sonhos não sonhados). (p. 1266)

A experiência de supervisão ajuda o terapeuta a ampliar sua possibilidade de sonhar com o paciente, permitindo a ele que continue o processo imaginativo interrompido (*interrupted dreams*) ou não sonhado (*undreamt dreams*) no momento da sessão. Entendemos que o relato do caso clínico, em supervisão, não é somente fato nem somente ficção. Trata-se de uma construção narrativa que pode revelar uma multiplicidade de estados mentais, elementos emocionais e significados corporais, que se iniciam no encontro clínico, mas que continuam ativos na mente do analista e que alimentam a função psicanalítica dos participantes da supervisão.

A escuta no grupo de supervisão é em si um processo paralelo entre supervisionando e supervisor, e entre paciente e analista, no qual os “personagens” do relato clínico se enriquecem a partir dos elementos que mobilizam nos participantes da supervisão. Segundo Ferro (2009), os personagens que emergem na trama das sessões encenam a dinâmica entre os invariantes (elementos de estados mentais, corporais e emocionais que se mantêm inalterados em diversas configurações e narrativas) e o enredo articulado no material manifesto que se constitui em material de análise, tanto na relação terapêutica como no processo de supervisão.

Para que esse processo ocorra, é necessário criar um ambiente favorável, nem totalmente idealizado nem totalmente destituído da expectativa de que algo se produza nesse processo e amplie o campo de trabalho. A atenção é dada ao modelo de funcionamento do par, observando-se os momentos em que um encontro entre inconscientes irrompe e pode ser entendido pela dupla.

A supervisão clínica torna-se um espaço para o exercício reflexivo da própria subjetividade do analista. Cabe ao coordenador do grupo estabelecer um ambiente seguro e espontâneo para elaborar a sessão clínica. Ogden sugere que a escrita das sessões clínicas é uma forma de incentivar o analista a sonhar com o paciente.

Assim, entendemos a supervisão como um espaço compartilhado, em que o relato da sessão ganha matizes e dimensões que permitem que as teorias oficiais e implícitas sejam investigadas e expandidas pelo grupo de supervisão. Para demonstrar o caráter dinâmico desse processo, relatamos a seguir a evolução de um caso clínico acompanhado pelo grupo num período de dois anos. Nesse trabalho, o pensar compartilhado produzido pelo grupo nos levou a examinar e a elaborar a clínica com pacientes difíceis.

Os papéis no grupo de supervisão não obedecem a uma hierarquia horizontal rígida, supervisor-supervisionando. A assimetria é percebida entre os participantes pela diferença de tempo de clínica. Usamos aqui a figura da coordenadora do grupo (supervisora) e de um dos apresentadores de caso (supervisionando) apenas para estabelecer posições de contraste, proporcionando um diálogo entre como a informação do caso foi apresentada e como foi processada por esses dois participantes. Estilisticamente, buscamos mostrar o processo de supervisão como um diálogo em forma de jogral, um meio de expressão proveniente da Idade Média, utilizado em festejos populares como entretenimento e também como método de transmissão cultural.

Acreditamos que os elementos descritos até aqui serão reconhecidos no jogral a seguir.

Caso clínico

Supervisora

Neste tipo de supervisão, espera-se que a experiência de analista seja desenvolvida por meio do uso do grupo como suporte para a busca dos próprios recursos de teorização e experimentação clínica. Procura-se demonstrar que uma das funções da supervisão é gestar a função psicanalítica a partir do grupo de supervisão.

O analista em supervisão é alguém que tenta transformar sua compreensão com base na experiência de escutar o paciente, de narrar ao grupo e de escutar o que sua narrativa produz nos participantes do grupo. Assim, fazer supervisão é poder compartilhar e elaborar uma narrativa em transformação.

Supervisionando

Entendo o processo de supervisão como uma ocasião para desenvolver a experiência da prática clínica, o que se torna possível graças ao ato de compartilhar com colegas um relato de sessão. Pretendo demonstrar de que maneira um caso de difícil condução deu origem a reflexões que modificaram a dinâmica afetiva durante as sessões. Esse caso é pertinente enquanto disparador, pois envolve uma paciente com grande sofrimento psíquico e de difícil manejo.

S é uma mulher de mais de 40 anos, cuja apresentação poderia ser descrita como curiosa. Seu cabelo costuma estar bagunçado, suas roupas às vezes têm pequenos furos, e já a vi usando um relógio parado ou de cabeça para baixo. Seu olhar geralmente busca o contato visual direto e fixo, e sua fala, quase ininterrupta e raramente reflexiva, tende a assumir um caráter acusatório e difamador.

Sua busca inicial por análise foi feita sob a demanda de precisar que alguém a escutasse, pois para ela “*a vida é muito difícil e cheia de sofrimento*”. Contudo, desde a primeira conversa para o agendamento da entrevista, ainda ao telefone, S faz questão de deixar claro que ela não precisa de tratamento, mas que, como é de graça e ela não tem nada para fazer no horário, ela iria conversar comigo.

De acordo com a paciente, ela foi injustiçada e sofreu as mais duras privações desde a infância. Ainda bebê, foi para um abrigo, onde diz ter recebido bons cuidados. Embora sua mãe estivesse viva, ela era incapaz de cuidar dos filhos, pois vivia institucionalizada em razão de uma doença mental. Quando S saiu do abrigo, aos 18 anos, voltou a ter contato com a mãe, visitando-a ocasionalmente

Ao longo do tratamento, eu me surpreendo com sua funcionalidade, apesar das adversidades. No momento em que a conheci, a paciente mantinha um casamento, cuidava da educação do filho e fazia faculdade de direito. No entanto, todas essas atividades eram atravessadas pelo caos afetivo. Para S, o marido, que era estrangeiro, havia se casado com ela somente por necessitar de visto para permanecer no país. Ele se ausentava de casa por períodos prolongados. O filho é descrito como uma criança solitária na escola, com dificuldades de aprendizado e desenvolvimento. Já a faculdade de direito era vivida como um dos muitos campos de batalha em que S travava verdadeiras cruzadas, tanto contra os alunos quanto contra os professores.

Mostrava-se bastante agressiva em face da experiência com a alteridade. Fazia parecer que, diante de um mundo invejoso, a única defesa era o ataque. No entanto, seus movimentos eram sempre interpretados por ela como auto-defesas. Por exemplo, numa das sessões, S conta que descobriu uma propriedade da mãe, mulher que ela imagina já ter sido rica, mas cujas posses lhe foram tiradas por ser adoentada. Nessa situação, S luta na justiça para obter o direito de propriedade do terreno. Esse ato de justiça, que ela proclama fazer em nome da mãe, seria também um golpe de sorte para ela, que me diz haver, sob o solo da casa, muito ouro e petróleo.

Seus projetos irrealizáveis e suas fantasias de poder ilimitado ora me entristeciam, ora me irritavam, pois S não aceitava meu convite para que pensássemos juntos sobre o que tudo isso significava para ela. Qualquer tipo de intervenção era percebido como uma interrupção indevida. Fosse uma simples pergunta para melhor compreender o material, fosse uma interpretação, minhas falas eram sempre cortadas, ignoradas ou deturpadas. S me fazia pensar que precisava do dispositivo de escuta como um continente que suportasse e resistisse, impassível e imóvel, a todos os movimentos dela.

A transferência estabelecida ao longo do tratamento tinha uma particularidade interessante. Ao mesmo tempo, havia um desejo de dependência,

um anseio de ser escutada integralmente e uma total onipotência. Às vezes, eu tinha a impressão de que S não fazia nenhuma questão de estar ali comigo, e que minha presença não produzia nenhuma diferença no modo como ela experimentava as emoções decorrentes de suas histórias. Outras vezes, eu sentia que qualquer movimento meu a irritava sobremaneira, e que um dia inevitavelmente seria alvo de um de seus processos. Assim andava a contra-transferência nesses dias.

Estar com S era uma experiência complexa. Minha impressão geral era de que ela sofria gravemente pela forma como vivenciava a si mesma e aos outros. Por meio de uma ampla negação de qualquer possibilidade de sofrer, S se convenciu de viver com grandiosidade e de maneira autocentrada as experiências pelas quais passava. Durante as sessões, eu percebia que seus estados afetivos de desespero e caos provocavam uma experiência ambivalente em mim, ao mesmo tempo de acolhimento e de desafetação.

Supervisora

São várias as supervisões em que o colega nos conta suas peripécias com S, mostrando sempre essa mesma dinâmica. O personagem que ia se criando em nossa mente através de seu relato era claramente definido no espectro da literatura psicanalítica como paciente difícil (Ferenczi), esquizoide (Klein), *borderline* (Kernberg), narcísico (Kohut), não neurótico (Green). A descrição que ele nos dava indicava sua compreensão sobre a dinâmica e o diagnóstico da paciente. O manejo era a questão que mais emergia. Não importava o que ele dissesse ou não dissesse: nada modificava o processo analítico com S. O grupo se esforçava para dar sugestões, as quais o colega considerava que poderiam surtir efeito, mas ele retornava à supervisão relatando não perceber mudanças.

Se para o analista do caso nada do que ele dizia ou fazia modificava a dinâmica das sessões com a paciente, para o grupo de supervisão essa mesma problemática também se repetia. De todas as descrições possíveis para a situação analítica apresentada pelo supervisionando, me veio à mente aquela feita por Betty Joseph (1992) dos pacientes de difícil acesso, identificados pelo estilo comunicativo. Segundo a autora, na dinâmica com esse tipo de paciente, a cisão na personalidade é percebida pelo analista através da dificuldade do paciente em receber, do terapeuta, uma compreensão emocional verdadeira. Ele pode parecer cooperativo e envolvido na análise, mas o analista nota que mudanças psíquicas não ocorrem no contato com o paciente. É como se uma parte dele se mantivesse de fora, observando, sem se envolver na relação com o analista, tornando difícil para o paciente reagir às comunicações produzidas em análise. De acordo com Joseph, do ponto de vista do psicanalista, as sessões

com esses pacientes parecem não produzir nenhuma modulação emocional diferente para eles.

Isso me deu certa informação sobre outros “personagens” que estavam em cena: a inacessibilidade e a frustração. A experiência frustrante pela qual o colega passava com a paciente era não conseguir ter acesso a ela, não conseguir estabelecer um tipo de comunicação empática, por mais que tentasse.

Supervisionando

A contratransferência opera como um elemento diagnóstico nesse caso, pois a questão do negativo na paciente manifestava-se como vazio ou como nada. Segundo Green (1975), a resposta contratransferencial mais comum no atendimento desses casos é o analista sentir-se esvaziado de objetos, incapaz de pensar ou mesmo excluído da cena analítica.

O trabalho do negativo nessa situação se refere à operação da pulsão de morte, atualizada no mecanismo de cisão que o paciente-limite opera em sua relação com o objeto. Devido ao estatuto intrusivo dele, o paciente não tem outra saída a não ser se desvincular radicalmente, mas o efeito dessa atitude é um ataque à sua capacidade de pensar. Dito de outro modo, a cisão operacionalizada como modo de defesa pelo paciente é específica do caso de pacientes-limite. Ela tem o efeito disruptivo da pulsão de morte. O vínculo do sujeito ao objeto é desmantelado e vivido na forma de arquipélago. Tal relação produz um tipo de existência em que a capacidade de construir símbolos é bloqueada. Logo, o pensamento é paralisado.

Supervisora

Diante da “aula”, o grupo se cala, poucas ideias surgem. Uma pessoa no grupo expressa um sentimento de tristeza e cansaço ao se imaginar lidando com essa paciente. Terror e desejo de se desligar completamente da paciente pareciam predominar no grupo de supervisão. O colega luta para manter-se vivo e alerta, pesquisando e procurando aprender sobre o personagem que descreveu, usando recursos de fora da situação analítica. Em face da rigidez simbólica da paciente, o analista usa as próprias armas e se enche de teorias, protegendo-se de sua capacidade imaginativa e das emoções que a paciente lhe provocaria e que ele não gostaria de sentir. Sugiro ao colega que tente manter o relato mais próximo do que aconteceu ou não aconteceu na sessão e do que lhe ocorre espontaneamente, mesmo que possa lhe parecer estranho ou desconexo. Percebemos que a paciente vai sumindo da cena, e que o supervisionando ocupa esse espaço torturado pela preocupação de ser um bom analista para ela. A seguir, surge um novo personagem.

Supervisionando

S vive um medo constante de intrusão, o qual frequentemente emerge de seus relatos mais paranoides. Isso pode ser ilustrado por meio de uma situação típica: S entra com um processo judicial, dessa vez contra a faculdade. Ela me contava detalhes de como pretendia reverter a decisão de ter sido reprovada. No entanto, não lidava com o fato de ter obtido notas insuficientes em cinco matérias, o que justificaria repetir o ano. Para ela, uma perseguição do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) havia determinado o resultado negativo. Buscando ocupar o lugar de vítima, S na verdade valorizava o lugar de injustiçada, utilizando de forma estratégica essa postura. Era impossível aceitar o ocorrido, pois dizia ter um grande talento, beirando a genialidade. Seu saber seria mais do que suficiente para convencer qualquer um de sua causa, principalmente um juiz.

Ela falava consigo própria, o que fazia eu me sentir muito cansado. Ao me dar conta dessa sensação, associei, em minha mente, que era difícil prestar atenção na narrativa porque S temia entrar em contato com qualquer coisa que não corroborasse seu material. Eu pensava que me manifestar poderia ser insuportável para ela, acabando por produzir algum tipo de estilhaçamento. Pensava isso levando em consideração as grandes privações emocionais vividas por S na infância e ao longo da vida. Esses elementos, porém, pareciam ser usados como uma carta branca para ela sentir-se no direito de lidar com as pessoas com arrogância, desprezo e indiferença. Isso me impactou profundamente e produziu em mim uma distância anestesiada de seu relato, que se manifestou na forma de sono, material que levei para a supervisão.

Supervisora

O colega nos fala das formas como se distancia da paciente e de seu próprio mundo interno. Proponho a leitura, no grupo, do texto de Winnicott “O ódio na contratransferência” (1947/2000), como uma mudança na dinâmica grupal. A partir da leitura conjunta, discutimos as dificuldades para lidar com os sentimentos de ódio e frustração que emergem do contato com essa paciente. Vimos no texto de Winnicott que a natureza da carga emocional que recai sobre o analista em contato com esse tipo de paciente desperta reações afetivas de ódio e medo. Segundo o autor, o paciente psicótico está num estado de amor e ódio coincidentes, e espera que o analista se relacione dessa mesma forma com ele. “Nesse caso, se o analista demonstrar amor, ele certamente matará o paciente no mesmo instante” (p. 279). Entendemos que, se o analista não conseguir se dar conta da experiência brutal de amor e ódio coincidentes, ele não será capaz de manter o paciente em sua mente.

Acima de tudo, ele [o psicanalista] não deve negar o ódio que realmente existe dentro de si. O ódio, que é legítimo nesse contexto, deve ser percebido claramente, e mantido num lugar à parte para ser utilizado numa futura interpretação. (p. 279)

Assim, para que o analista faça bom uso de seu ódio, é necessário que ele o mantenha devidamente resguardado de enunciação, ou seja, de uso direto em interpretações ao paciente. Para isso, ele precisa estar em contato com a circulação desse sentimento dentro de si mesmo, ciente dela. O manejo clínico do analista implica sobreviver ao ódio, o dele e o do paciente.

O ódio passa a ser discutido como mais um personagem na relação analítica. Ele nos faz pensar sobre sua presença espectral na transferência e também sobre as qualidades assassinas que matam nossa capacidade onírica, presentes nas relações e no contato com nossos pacientes. Outros colegas do grupo contribuem com suas experiências. A leitura conjunta produz uma discussão que, longe de ser teórica, aviva a matriz clínica de cada um de nós, além de nos permitir pensar em algo que Winnicott descreveu como inevitável: a assustadora experiência do analista em contato com seu próprio ódio.

Idealizadamente, acreditamos poder alojar nossos pacientes longe de nossa destrutividade primitiva. Não se trata apenas de uma contratransferência negativa, mas de um processo de ajuste em experiências primitivas na díade mãe-bebê, em que reconhecer o ódio é necessário. Winnicott observa:

Creio que, na análise de psicóticos e nas últimas fases da análise de pacientes normais, o analista irá encontrar-se numa posição comparável à de uma mãe com um bebê recém-nascido. Numa regressão profunda, o paciente não tem como identificar-se com o analista ou apreciar seu ponto de vista, da mesma forma que um feto ou um bebê recém-nascido é incapaz de sentir simpatia pela mãe. (p. 279)

Discutimos que um modo de o analista se aproximar do paciente pode ser espelhar em si o mesmo sentimento de ódio que o paciente expressa. Essa possibilidade de experimentar protossentimentos é a forma como a identificação projetiva opera. Esse foi um momento em que vivemos, em supervisão, um entendimento teórico-clínico integrado.

Supervisionando

Era necessário conseguir tolerar o sentimento de ódio contra uma pessoa que vivia de forma tão impiedosa e árida a experiência com a alteridade. Tratava-se de um processo duplo: não retaliar a paciente e não produzir uma dinâmica de sadismo/masochismo. Essa possibilidade se tornou real quando se pôde reconhecer o ódio objetiva e adequadamente, como sugerido por Winnicott. Dito de outro modo, pude estar com a paciente quando

entrei em contato com seus atos enquanto necessidades fundamentais. Assim, adquirir convicção a respeito de seu estado regredido a partir do atravessamento de meu próprio ódio, capaz de produzir também em mim um mundo profundamente cindido, em que estava com a paciente e, ao mesmo tempo, não estava. Passei a compreender que faz parte do manejo clínico ser capaz de odiar objetivamente, como propõe Winnicott; criar uma condição verdadeira de reconhecer e guardar de forma útil tais elementos.

Discussão

A experiência clínica descrita por vários autores no contato com pacientes de difícil acesso, como sugere Winnicott, exige muito do analista, levando ao limite a prática de tolerância à frustração e ao ódio, que só pode ser encarada pelo analista como uma forma de desenvolver sua própria plasticidade psíquica e corporal. No entanto, parece haver nesse exercício algo que nutre o paciente e que, com tempo e paciência, provoca pequenas rupturas, cria acessos e transformações na dupla e, portanto, no paciente. O que buscamos demonstrar neste trabalho relaciona-se mais com o processo de supervisão, que facilita essa plasticidade, do que com a *performance* do analista e do grupo de supervisão.

O cuidado da escuta numa situação de supervisão incide sobre a escuta da sessão clínica narrada por um analista que apresenta seu relato. Sabendo que esse processo é atravessado por uma diversificada gama de elementos emocionais, provenientes do contexto derivado da sala de análise, da relação entre os participantes do grupo de supervisão e da própria análise do psicanalista, ressaltamos a atenção e o cuidado com a capacidade de mobilização afetiva do membro do grupo que apresenta um relato nesse tipo de dispositivo. É necessário escutar livremente, sem a preocupação prévia de um “saber-fazer”. A transmissão do manejo clínico emerge da possibilidade de perlaboração do psicanalista.

Sobre os elementos trabalhados na supervisão, destacam-se as ansiedades contratransferenciais, que requerem sutileza de abordagem, a qual deve ser cuidada pelo analista que supervisiona e coordena do grupo. Entendemos que, fundamentalmente, a tarefa do grupo de supervisão não é investigar ou interpretar os sentimentos do apresentador do caso, mas ajudá-lo a identificar tais manifestações, tornando-as disponíveis para compreender a relação que se estabelece particularmente entre um analista e seu paciente. É o que Ogden descreve como ajudar o psicanalista que está apresentando um caso a continuar sonhando o que foi interrompido ou não sonhado durante o contato com o paciente. Pensamos que descobrir os afetos e as reações do psicanalista

ao paciente é parte do processo, condição necessária, mas não suficiente. É preciso também que o psicanalista crie para si uma narrativa em que esses elementos tenham uma função de ampliação do campo de trabalho elaborativo.

Comparando modelos mais verticalizados ou didáticos e institucionais de supervisão com o dispositivo proposto, percebemos que as idealizações ou os receios de reprovação são elementos que podem inibir o relato livre da sessão e sua escrita, dificultando o acesso à imaginação do analista e afetando sua capacidade onírica. Propomos que o dispositivo em grupo pode ajudar nesse processo, ampliando as possibilidades discursivas. O modelo de supervisão em questão permite a circulação da palavra sobre o caso e evita cristalizações. Quanto às relações transferenciais nesse dispositivo, observamos que certa assimetria se mantém, pelas diferenças de experiência e tempo de clínica.

Destacamos a transferência fraterna estabelecida no grupo de pesquisa como uma das figurações transferenciais que facilitam a intimidade e a espontaneidade nesse espaço. Dito de outra forma, acreditamos que, através do grupo, cada analista pode instaurar um diálogo entre o investigador jovem e o jovem investigador, e entre o jovem analista em si e o analista amadurecido, por um amálgama de experiências que expandem a clinicidade de cada participante.

Assim, fazendo supervisão, nos inserimos num lugar diferente de um ideal de supervisão, marcado pela demanda e pelo desejo de uma didática explicativa ou por uma separação esquemática entre teoria e prática clínica. Trata-se de um processo de aprendizagem baseado numa dinâmica própria de autorização e reconhecimento, que visa tornar aquele analista o analista de seu paciente e, ao mesmo tempo, auxiliá-lo a reconhecer-se nesse processo.

Compreendemos o espaço de supervisão como um lugar de intimidade, confiança e respeito; um lugar em que emergem teorias oficiais e implícitas, encarnadas no relato clínico, circulando no exercício de um pensar compartilhado. Do mesmo modo que o centro de gravidade do processo de análise mudou ao longo dos anos, com ênfase nas comunicações, e não nas defesas, na dinâmica do par, e não no intrapsiquismo do paciente, gostaríamos de sugerir que isso também vem ocorrendo na supervisão: o estabelecimento de um laço e a possibilidade de compartilhar criativamente o trabalho clínico entre as posições de supervisor e supervisionando são os parâmetros que compõem um trabalho em conjunto, expressão que pode vir a substituir a noção de supervisão ainda em vigor.

Haciendo supervisión: un espacio compartido para pensar en la clínica con pacientes de difícil acceso

Resumen: En este artículo, describimos una experiencia de supervisión compartida ofrecida por el Laboratorio de Investigaciones e Intervenciones Psicoanalíticas

del Instituto de Psicología de la Universidad de São Paulo. La supervisión ocurre en grupo y se basa en el modelo de investigación de las teorías implícitas del psicoanalista, que busca investigar cómo el encuentro clínico es pensado por el psicoanalista y expandido por la discusión en grupo. El terapeuta presenta el relato de la sesión y el grupo es invitado a asociar libremente. La asociación libre producida en ese tipo de dispositivo es apreciada como capacidad de soñar, o posibilidad de perlaborar los contenidos inconscientes y la afectación del par como elementos que circulan en el campo transferencial y que determinan el manejo clínico. Presentamos la discusión de un caso clínico con un paciente de difícil acceso buscando demostrar cómo el dispositivo de supervisión compartida posibilita gestar la función psicoanalítica de los participantes del grupo.

Palabras clave: supervisión, metapsicología del analista, sueño, paciente de difícil acceso

Doing supervision: a shared space to reflect on the clinical practice with hard-to-reach patients

Abstract: In this article, we describe an experience of shared supervision offered by the Laboratory for Research and Psychoanalytic Interventions of the Institute of Psychology, University of São Paulo. The supervision happens in group and it is based on the investigative model of the psychoanalyst's implicit theories. This model seeks to investigate how the clinical encounter is thought by the psychoanalyst and how it is expanded by the group discussion. The therapist presents the session report and the group is invited to associate freely. The free association that is produced in this kind of apparatus (supervision) exercises the ability to dream and the possibility to elaborate over again (perlaboration) unconscious contents and the pair's affect. As elements that circulate in the field of transference, they guide the therapeutic work. Discussing a clinical case of a hard-to-reach patient is our attempt to demonstrate how the apparatus of group supervision permits the gestation of the psychoanalytic function of those who are part of the group.

Keywords: supervision, psychoanalyst's metapsychology, dream, hard-to-reach patient

Faire de la supervision: un espace partagé afin de penser la clinique de patients d'accès difficile

Résumé: Dans cet article, nous décrivons une expérience de supervision partagée, offerte par le Laboratoire de recherches et d'interventions psychanalytiques de l'Institut de psychologie de l'Université de São Paulo. La supervision a lieu en groupe et se base sur le modèle de recherche des théories implicites du psychanalyste, qui a pour but investiguer comment la séance clinique est envisagé par lui et élargie par

la discussion en groupe. Le thérapeute présente le récit de la séance et le groupe est invité à faire une libre association. L'association produite dans ce dispositif est saisie comme la capacité de rêver ou la possibilité de perlaborer les contenus inconscients et l'affectation du pair, en tant que des éléments qui circulent dans le champ transférentiel et qui déterminent le maniement clinique. Nous présentons la discussion d'un cas clinique d'un patient d'accès difficile, tout en cherchant de démontrer comment le dispositif de supervision partagée permet de préparer la gestation de la fonction psychanalytique des membres du groupe.

Mots-clés: supervision, métapsychologie du psychanalyste, rêve, patient d'accès difficile

Referências

- Ferenczi, S. (1988). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Escritos psicanalíticos* (J. Bastos & A. Telles, Trans.). Rio de Janeiro: Taurus. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferro, A. (2009). Transformações em sonho e personagens no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(2), 89-107.
- Gabbard, G. (1995). Countertransference: the emerging common ground. *The International Journal of Psychoanalysis*, 76(3), 475-485.
- Green, A. (1975). The analyst, symbolization and absence in the analytic setting (on changes in analytic practice and analytic experience). *The International Journal of Psychoanalysis*, 56, 1-22.
- Joseph, B. (1992). O paciente de difícil acesso. In M. Feldman & E. B. Spillius (Eds.), *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica* (B. H. Mandelbaum, Trad., pp. 85-96). Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. H. (2005). On psychoanalytic supervision. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86, 1265-1280.
- Sandler, J. (1983). Reflections on some relations between psychoanalytic concepts and psychoanalytic practice. *The International Journal of Psychoanalysis*, 64, 35-45.
- Winnicott, D. W. (2000). O ódio na contratransferência. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (D. Bogomoletz, Trad., pp. 277-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1947)

Recebido em 11/9/2018, aceito em 1/10/2018

Denise Salomão Goldfajn
Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1826, sala 813
01451-908 São Paulo, SP
dsgoldfajn@gmail.com

Bartholomeu de Aguiar Vieira
Rua Manoel Henrique Lopes, 55, ap. 4
05417-050 São Paulo, SP
bartholomeu.vieira@gmail.com

Indicação de tratamento em psicoterapia de família

Relato de uma experiência clínica

Maria Angélica de Campos¹
Rebeca Nonato Machado²

Resumo: Neste trabalho, as autoras investigam entrevistas preliminares com famílias, feitas numa clínica-escola, procurando analisar que fatores contribuem para a formulação de indicação de psicoterapia de família. Buscam avaliar os parâmetros para essa indicação e quais indicadores, presentes na queixa inicial, devem ser considerados. Com esse fim, apresentam como ilustração clínica um caso atendido na clínica-escola de uma universidade privada. O tratamento ocorreu durante oito meses, com supervisão semanal. As autoras perceberam que, em famílias cujos membros encontram-se emaranhados, a indicação de psicoterapia de família é fundamental. Em tais situações, os limites psíquicos permanecem mal definidos, produzindo rígidas alianças inconscientes, que impedem o desenvolvimento emocional dos membros. Além disso, a escuta lapidada pela experiência do profissional tem se mostrado um fator diferencial na compreensão de uma demanda intersubjetiva e do tipo de encaminhamento terapêutico.

Palavras-chave: família, indicação de tratamento, avaliação inicial, escuta, queixa

Ao investigar os parâmetros para a indicação de família, deparamo-nos com a necessidade de tecer algumas considerações sobre a origem do tratamento de família e seus desdobramentos. A evolução da psicoterapia de família se deu através de influências de diferentes áreas do conhecimento. A

- 1 Psicóloga clínica, especializada em terapia de família e casal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro associado da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ) de 1997 a 2007 e de 2010 a 2014.
- 2 Professora assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutora em psicologia clínica pela PUC-Rio. Professora do curso de especialização em psicoterapia de família e casal da PUC-Rio. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

origem dessa modalidade de tratamento é creditada ao grupo de pesquisas organizado por Gregory Bateson, em Palo Alto, Califórnia, com um projeto de estudos sobre a comunicação em famílias de pacientes esquizofrênicos (Moro & Lachal, 2008; Nichols & Schwartz, 2007). Historicamente, em razão de sua origem, o tratamento familiar ficou vinculado às instituições e ao enquadre da psiquiatria, no qual o sistema era assistido a partir de um projeto terapêutico mais amplo. Após avanços no desenvolvimento teórico e na observação clínica de pesquisas institucionais, a psicoterapia de família passou a ser considerada um recurso para o sofrimento intersubjetivo. Assim, legitimou-se a necessidade de pensar a demanda conjunta e a indicação de tratamento familiar.

Nossa proposta neste trabalho é refletir sobre o processo de indicação de tratamento em psicoterapia de família, avaliando os parâmetros para a formulação de encaminhamento, possibilitando maior eficácia ao tipo de tratamento que venha a ser proposto. Para isso, relatamos o caso clínico de uma família que buscou ajuda, como ilustração da importância do período de entrevistas e da avaliação da demanda familiar para o psicoterapeuta fazer uma indicação adequada de tratamento. Entendemos que o estudo é relevante por discutir a queixa inicial, a qual, no nível latente, apresenta as dinâmicas inconscientes existentes no contexto familiar.

Aparelho psíquico familiar e transmissão psíquica

O objeto de interesse da abordagem psicanalítica em psicoterapia de família é a constituição da dinâmica familiar via pactos inconscientes, além da maneira como são estabelecidas as trocas intersubjetivas entre seus membros. Desde o nascimento, o indivíduo está inserido num grupo cuja matriz básica é a família, situação primeira que o constitui como sujeito. As identificações ocorrem mesmo antes de a criança nascer. É como se ela já nascesse hipotecada, existindo uma agenda oculta na mente do pai e da mãe (Meyer, 2013). Portanto, o lugar que a criança vai ocupar na família já estaria assim predeterminado, a partir de um contrato implícito, um pacto inconsciente.

A transmissão psíquica entre gerações diz respeito à bagagem ancestral, advinda de antepassados, parentes diretos e colaterais de gerações anteriores que repercutem na constituição familiar e em sua dinâmica. Conforme assinala Kaës (2001), o sujeito estaria enredado numa trama, que o põe, antes mesmo de nascer, como sujeito herdeiro da intersubjetividade de seus antepassados. Desse modo, entendemos que o grupo precede o sujeito.

Segundo Ruiz (2000), não podemos pensar que o grupo é uma reunião trivial de indivíduos, pois eles estão organizados numa estrutura psíquica compartilhada, que os envolve numa trama de vínculos e elementos comuns.

A autora observa que o aparelho psíquico grupal está associado a organizadores intrapsíquicos e socioculturais. Os intrapsíquicos seriam a imagem do corpo, as fantasias originárias, os complexos e as imagos familiares, e a imagem do aparelho psíquico subjetivo. Os socioculturais dizem respeito à cultura em que os grupos estão inseridos, e funcionam como códigos socioculturais dos processos grupais; são as práticas e os sistemas sociais de representação, como os mitos, os ritos e as ideologias.

Ainda de acordo com Ruiz, o grupo é composto de um aparelho psíquico grupal, o qual é concebido por exercer uma tríplice função: “de vinculação, transmissão e transformação psíquica inconscientes” (2000, p. 18). O aparelho psíquico grupal funciona como uma membrana contentora dos conteúdos psíquicos do grupo.

Esse aparelho tem a função de continência, isto é, de conter e metabolizar as angústias arcaicas de todo lactante, possibilitando a construção de um mundo sólido e coerente, através do acolhimento das angústias do bebê. O aparelho psíquico familiar pode ser entendido como a matriz de todos os grupos secundários. Ruffiot (1981) respalda o protótipo do aparelho psíquico familiar na relação mãe-bebê, como proposta por Bion (1967/1994) em sua teoria do pensar. Ao apresentar essa teoria, Bion afirma que a identificação projetiva que se dá entre o bebê e a mãe é a primeira forma de comunicação entre humanos.

Referindo-se à proposta bioniana, Almeida-Prado (2000) observa que o bebê utiliza em seus primeiros momentos de vida o aparelho psíquico da mãe, que vai se constituir como uma prótese psíquica, permitindo que a criança desenvolva a capacidade de pensar os próprios pensamentos. A mãe serve de continente para as angústias do bebê, através de sua capacidade de sonhar, que é inconsciente e está submetida aos processos primários do pensamento. Também com base nas postulações de Bion, Cassorla afirma que a complexa função de continência, “chamada alfa, não se deixa dominar ou destruir, propiciando uma relação intersubjetiva criativamente transformadora” (2016, p. 108).

Ruiz (2000) mostra que todos carregam uma herança genealógica, a qual se torna a base da vida psíquica, devendo ser elaborada inconscientemente. Esse processo se dá no grupo familiar, pois é nele que se associam o legado geracional e o sentimento de pertença a uma filiação através dos processos identificatórios. O grupo familiar é considerado a matriz do trabalho de transmissão psíquica.

Segundo a mesma autora, podemos distinguir dois tipos de transmissão psíquica, interligados e complementares: intergeracional e transgeracional. O primeiro tipo refere-se à herança “positiva”, que corresponde à transmissão dos aspectos metabolizados da vida psíquica de uma geração para outra. Já o segundo tipo é uma modalidade “defeituosa” de transmissão, envolvendo os

objetos psíquicos de uma herança genealógica mais distante, na qual encontramos lacunas e vazios de transmissão. Inclui o que foi escondido ou calado pelos ancestrais, bloqueando os processos de transformação psíquica – por exemplo, doenças, transgressões familiares, vivências de humilhação e vergonha, assim como diversas formas de trauma.

Os legados familiares e culturais devem ser metabolizados e transformados. Esses legados são questionados em momentos que marcam mudanças de ciclo, como nascimentos, casamentos, separações e mortes. Em famílias adoecidas, o processo de transmissão encontra-se comprometido. No tratamento, por meio da dinâmica familiar, percebe-se a necessidade de um trabalho de entendimento e elaboração psíquica desse legado, que possibilite ressignificar a própria história. A partir desses pressupostos, a construção de uma psique grupal familiar se daria pela possibilidade de os membros da família formarem uma estrutura psíquica comum. Em psicoterapia de família é possível observar processos de indiferenciação atrelados às fantasias inconscientes do grupo, constituindo a dinâmica entre os membros.

As transmissões familiares são organizadoras primárias das relações familiares. Com base na teoria de relação objetal, Meyer (2013) propôs o conceito de *familidade* para se referir à parte da personalidade do indivíduo que vai se formar a partir das relações familiares. A familidade é uma identificação específica, sendo uma área da personalidade da pessoa construída no decorrer da vida em família, em suas experiências cotidianas. Essa área oferece o senso de pertencimento, o sentido de o sujeito *ser* daquela família e *ter* uma família. Portanto, o sentimento de pertença está calcado na origem da familidade. Eiguer (1985) afirma que esse sentimento é sustentado por sensações e percepções inconscientes sobre como funciona a família, constituindo um repertório dos conteúdos que devem ser acessados ou não. Isso porque, como já ressaltamos, existe um passado comum, lembranças, histórias e uma intercomunicação que perpassam aqueles que se identificam como pertencentes a uma mesma horda.

Para Meyer (2013), a familidade compõe uma parte da identidade do sujeito marcada pelo elemento *ser da família*, o qual é evocado de maneira específica quando o sujeito está no meio familiar. Esse aspecto, construído em grupo, não aparece na análise individual, pois só emerge no conjunto das relações familiares. Vem daí a grande diferença da psicoterapia de família. As identificações surgidas através da vida familiar são ativadas no meio específico que é o *setting* com o grupo todo. Trata-se assim da apresentação da “personalidade” da família.

Diante disso, no que diz respeito a essa prática clínica, o psicoterapeuta é aquele que entra como um terceiro, desorganizando o funcionamento familiar padrão. A partir das tentativas defensivas de reorganização da família,

o psicoterapeuta poderá enxergar e revelar os pactos inconscientes que os membros mantêm entre si. As famílias chegam ao tratamento com um sintoma que, muitas vezes, está colocado em determinado indivíduo do grupo familiar. Esse sujeito se torna o depositário do sofrimento familiar emergente, sendo identificado como o único doente a ser tratado.

Um dos objetivos iniciais do período de entrevistas é compreender se existe uma demanda familiar, se há conflitos e sofrimentos compartilhados. Ao observar uma demanda de tratamento comum, fundada em fantasias de colapso dos vínculos e em ansiedades diante da dor psíquica, o analista deve deslocar a queixa centrada no *paciente identificado* para o funcionamento como um todo, com base na compreensão da dinâmica familiar (Machado, Féres-Carneiro & Magalhães, 2011).

Processo de entrevistas preliminares com famílias

Quanto à indicação para a psicoterapia de família, Meyer (2013) afirma que a primeira pergunta a ser feita é por que em certos casos, em vez de tratar exclusivamente a pessoa que está sofrendo ou apresentando determinado problema, indica-se tratar a família em que o indivíduo está inserido. Usando como referencial a teoria psicanalítica, o autor diz que inicialmente o objetivo do tratamento era circunscrever o conflito intrapsíquico, estabelecendo a partir dessa premissa um modelo de funcionamento mental. O modo de trabalho era fundamentalmente a relação entre o analista e o paciente. No entanto, lentamente essa visão foi se alargando e novos horizontes foram surgindo. Segundo Meyer, o crédito desse movimento de abertura para a psicoterapia de família pode ser dado ao interesse pela psicoterapia de casal, pela análise de crianças e pela psicanálise de pacientes psicóticos.

No que se refere à família, cada membro é portador de queixas individuais, motivações particulares e expectativas próprias. Eguier (1985) observa que, do ponto de vista individual, a demanda de tratamento nunca é a mesma. Desse modo, é papel do psicoterapeuta promover a aproximação das demandas individuais e criar uma demanda familiar compartilhada, que compreenda a existência de um pedido conjunto de ajuda, quando ele aparece de forma latente no discurso manifesto (Machado, Féres-Carneiro, & Magalhães, 2011).

A partir da transformação de uma queixa inicial em uma demanda conjunta, a família pode começar a reconhecer a necessidade do atendimento, bem como suas expectativas acerca do tratamento. Somente após a etapa de avaliação é possível o acordo, a fim de estabelecer com a família as metas e a dinâmica dos encontros. A hipótese diagnóstica construída deve ser questionada e revisada ao longo do processo.

Já nas primeiras entrevistas, busca-se observar as manifestações inconscientes da família – as fantasias inconscientes comuns a todos os membros (Almeida-Prado, 2008). Por meio da escuta das questões intersubjetivas, avaliam-se os movimentos pulsionais comuns, a expressão emocional em interação familiar, as angústias, as representações de objeto que dão forma ao universo representacional do grupo, as atuações no aqui e agora da sessão, bem como os mecanismos de defesa predominantes. O trabalho em família possibilita o restabelecimento do equilíbrio dos investimentos libidinais, transformando as representações e elaborando as vivências emocionais pertencentes à identidade familiar.

Waddell (1994) afirma que ficou demonstrado nessa modalidade de tratamento que o funcionamento psíquico individual e o grupal não se separam facilmente. Observa-se que o conflito do grupo familiar pode ser depositado num membro específico, o qual, por questões que lhe são próprias, acaba por aceitá-lo (Almeida-Prado, 2008). Por outro lado, conflitos pessoais, intrapsíquicos, podem afetar toda a dinâmica grupal. A partir dessas considerações, podemos pensar, por exemplo, que a queixa centrada num filho talvez esconda, inconscientemente, um conflito do casal, ou o sofrimento de um de seus membros, ou ainda de toda a rede familiar, sobretudo no que diz respeito à transmissão psíquica familiar.

Caso clínico

Acreditamos que a escolha deste caso é propícia para a discussão proposta neste trabalho, no que se refere à demanda de tratamento e à avaliação da indicação de psicoterapia de família. O caso que apresentamos foi nomeado de Família Linguagem. É a psicoterapia de uma família atendida com a frequência de uma vez por semana, durante oito meses, em coterapia, ou seja, com dois psicoterapeutas concomitantemente, no serviço de psicologia aplicada (SPA) de uma universidade privada da Região Sudeste do Brasil. A família é constituída por uma mãe (Natália) de 49 anos, que trabalha como camelô, e seis filhos. Os dois primeiros, com 26 e 22 anos, são provenientes de uma primeira união conjugal, e os outros quatro, com 13, 10, 9 e 7 anos, são frutos da relação com o segundo marido, de quem Natália já está separada. A renda familiar é oriunda da Bolsa Família recebida do governo para os filhos mais novos, e do auxílio dos dois filhos mais velhos. Segundo a mãe, os ex-maridos também contribuem para o orçamento doméstico.

Para a descrição do caso, foram utilizados os relatórios clínicos elaborados pelas psicoterapeutas ao longo do tratamento, bem como as discussões realizadas em supervisão. As características do SPA enquanto clínica-escola

são inicialmente explicitadas para os pacientes, apresentando-se o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) na primeira entrevista, para a utilização dos dados referentes ao caso em ensino, pesquisa e publicação.

Uma vez esclarecida a preservação do sigilo em relação à identidade da família, o TCLE é assinado voluntariamente no início da psicoterapia. Neste texto, o nome dos participantes foi alterado para que sua identidade fosse preservada. Além disso, algumas informações foram omitidas com o objetivo de garantir as condições ético-profissionais.

É uma prática do serviço fazer uma triagem. A partir da primeira entrevista, depois de ouvir a queixa, os psicoterapeutas encaminham os entrevistados para o tratamento considerado mais adequado, objetivando o atendimento das questões identificadas. No caso citado, a mãe procurou ajuda para um dos filhos, o qual apresentava sérios problemas de linguagem e intensas dificuldades de aprendizagem, o que causava graves prejuízos psicossociais e escolares. Nós nos questionamos quem sofria e qual era a urgência.

A princípio, diante da queixa específica relacionada à dificuldade na fala, a equipe de supervisão refletiu sobre o que era mais indicado: o menino ser encaminhado para um tratamento neurológico/fonoaudiológico? Para uma psicoterapia infantil? Um tratamento em família era adequado? Afinal, vieram buscar ajuda em família, e isso precisava ser “escutado”.

Durante o período de seis entrevistas, às quais compareceram três crianças e a mãe, as psicoterapeutas perceberam, através da escuta atenta à dinâmica familiar e às questões da ordem do funcionamento intersubjetivo do grupo, que todos apresentavam o mesmo problema de linguagem e outras ansiedades comuns. Além disso, havia algo na dinâmica familiar, relativo às questões emocionais, que merecia mais investigação.

O longo período de avaliação permitiu notar que a impossibilidade de comunicação favorecia que os membros da família permanecessem fechados em si mesmos, formando uma membrana invisível que os separava da “comunicação” com o meio externo. Assim, eles teciam uma dinâmica familiar *emaranhada*, na qual todos se entendiam perfeitamente bem, criando a fantasia de prescindir da dependência relativa de vínculos externos. Esse fato, independentemente dos problemas cognitivos, já estava provocando grandes dificuldades afetivas e sociais. Com base nessas considerações, decidiu-se que a psicoterapia de família seria indicada. Também foi decidido encaminhá-los para a equipe de neuropsicologia do serviço, visando uma avaliação neuropsicológica e a construção de uma rede terapêutica que atendesse às diversas vulnerabilidades da Família Linguagem.

A Família Linguagem

Compareceram ao plantão de triagem a mãe, Natália, e três filhos, Janete (10), Mariana (9) e Marcos (7). De acordo com a mãe, a procura por atendimento se deu por recomendação do colégio de Marcos, pois ele apresentava intensas dificuldades de linguagem e de aprendizagem. Embora cursasse a segunda série, o menino não estava alfabetizado e não conseguia se comunicar adequadamente.

No passado, Janete apresentara dificuldades semelhantes, mas havia feito uma cirurgia nas amígdalas, motivo pelo qual, atualmente, conseguia se comunicar melhor. As três crianças faziam sessões de fonoaudiologia uma vez por semana, num instituto de neurologia especializado de uma universidade pública de referência. Em relação à aprendizagem, foi constatado que os três irmãos mais novos apresentavam *deficit* bastante severos. Cabe destacar que a mãe também não sabia ler nem escrever, e apresentava uma linguagem rudimentar.

Nesse primeiro contato, as psicoterapeutas confirmaram que os problemas na comunicação oral das crianças comprometiam de fato, tornando quase impossível entender o que falavam. No entanto, perceberam que a interação com elas era fácil, por serem bastante comunicativas e respeitosas com a mãe. Estavam muito excitadas e fascinadas com o *setting*, observavam o local de atendimento, queriam subir e descer as escadas, conhecer o banheiro, manusear o filtro de água eletrônico e as saídas de ar refrigerado.

Logo no início, a família parecia ter estabelecido uma transferência predominantemente positiva com as duas psicoterapeutas, o que facilitou muito a entrada delas nesse círculo familiar tão fechado. Uma das coterapeutas, de origem estrangeira, embora estivesse há tempos no Brasil, ainda tinha um sotaque bastante acentuado. Isso chamou a atenção de Marcos, o paciente identificado, que já na primeira entrevista, ao ouvir a voz dela, perguntou-lhe se ela falava diferente. Talvez, por meio dessa pergunta, Marcos criasse, na transferência, a esperança de encontrar alguém que falasse uma linguagem diferente, ajudando-os em seus conflitos emocionais.

Natália e os filhos faziam questão de dizer que gostavam muito uns dos outros e que a relação entre eles era muito boa. As psicoterapeutas buscaram avaliar a demanda familiar, mas a mãe frisava o fato de que procurava ajuda para a “linguagem” dos filhos. Mariana disse que era bastante “zoada” pelos colegas de escola devido à sua dificuldade em falar. Os relatos enviados pelos professores descreviam o envolvimento das crianças em brigas no colégio. A agressividade surgia quando algum colega debochava de um deles. Nesse momento, os irmãos se uniam para defender aquele que fora discriminado e partiam para a briga, no horário do recreio.

Com a observação de que havia sofrimento e ansiedades compartilhados, estabeleceu-se a psicoterapia de família. Ao longo do tratamento, foi possível perceber que as duas irmãs mostravam muita ansiedade e impaciência com a demora de Marcos para fazer qualquer tarefa. Por sua vez, Marcos ficava muito confuso quando elas tentavam ajudá-lo a terminar mais rapidamente os desenhos, as pinturas ou os jogos. As psicoterapeutas notaram que as irmãs o impediam de desenvolver seu pensamento e suas atividades. Isso configurava a dinâmica transferencial-contratransferencial. As psicoterapeutas estavam atentas quanto a não poder acelerar o ritmo da família. Deviam seguir ouvindo-os, tentando se conectar ao mundo próprio deles, buscando compreender o que eles tinham a *dizer* e que era difícil de ser expresso.

No decorrer das sessões foram ficando evidentes a sensação de abandono familiar, a vivência de marginalização e os lutos pouco elaborados. A saída abrupta do pai, quando Marcos tinha somente 3 meses de idade, foi sentida como um abandono por todos os membros da família. Na sessão em que a mãe contou sua dura história pessoal, os filhos ficaram mobilizados. Janete irrompeu num choro intenso, desencadeando um abraço familiar, declarações de amor à mãe e afirmações de que ela não os abandonou, ao contrário do pai. Diante disso, as psicoterapeutas observaram a fidelidade à mãe. Nesse clima afetivo era verbalizado por todos o juramento dos mosqueteiros: “Um por todos e todos por um”.

Os fragmentos da história da mãe descreviam um primeiro contato com o abandono. Ainda criança, com apenas 10 anos de idade, ela deixou os pais e os irmãos em sua pequena cidade de origem e foi morar na capital. Ela, a filha do meio, depois de sair da casa dos pais, raramente retornou para vê-los durante os nove anos em que morou com o casal que a “criou”.

Algo na narrativa da mãe parecia transmitir que havia uma lacuna em sua história. Ela não explicava claramente o motivo da saída da casa dos pais, ficando visivelmente desconfortável quando questionada a esse respeito pelas psicoterapeutas. Talvez, nem ela mesma entendesse seu destino, vivenciando esse fato como algo da ordem do irrepresentável. Conforme foi possível retomar a história familiar, várias vezes surgiram brincadeiras sobre algo que se encontrava escondido e conteúdos mantidos em segredo.

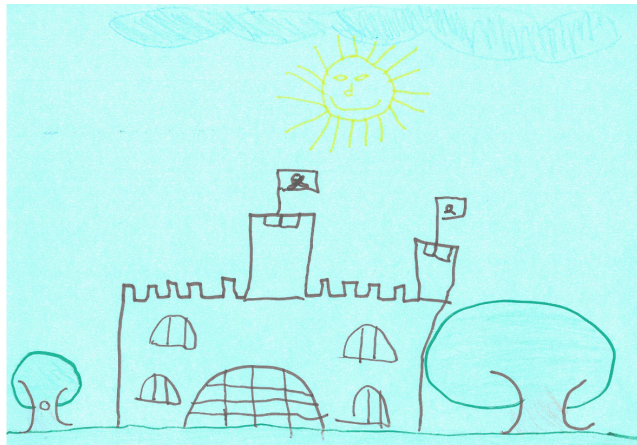
Numa sessão, por exemplo, em que as crianças brincavam espontaneamente, Mariana disse que Janete tinha um segredo. Rindo muito, perguntou se as psicoterapeutas contariam à mãe o segredo, caso ela dissesse o que era. Diante da afirmativa de que nada contariam, Mariana falou bem baixinho, perto do ouvido delas. Nesse instante, as psicoterapeutas perceberam, com espanto, que ficaram como aliadas num segredo, expresso de forma bastante clara e sem qualquer dificuldade na fala, fato que não havia ocorrido em nenhuma das sessões anteriores. Pensou-se na hipótese de que, quando os

segredos podiam ser revelados, a comunicação podia ser mais clara e explícita, resgatando-se o contato com o outro.

Em outra sessão, as crianças brincaram de teatrinho com bonecos de pano, surgindo também conteúdos relacionados a segredos familiares. Com muitos detalhes, Janete encenou a história de uma menina que havia sido criada por um casal do qual acreditava ser filha. No entanto, descobria depois que não eram seus pais verdadeiros, que havia sido deixada na porta da casa deles ao nascer.

Parecia que um pedaço da história ficava faltando, não podendo ser dita. A partir da compreensão da transmissão psíquica familiar, encontramos subsídios teóricos sobre a existência de acontecimentos na dinâmica do grupo da ordem dos *não ditos*, que podem atravessar gerações e afetar indivíduos das gerações seguintes. Tisseron (1997) observa que é possível filhos cujos pais sofreram traumatismos que não puderam ser elaborados desenvolverem dificuldades de pensamento e aprendizagem. O autor afirma que qualquer tipo de experiência traumatizante, sem possibilidade de elaboração psíquica, tem como consequência a clivagem, levando a uma divisão psíquica em que algo existirá no registro do *indizível*, constituindo uma pré-história pessoal para as gerações futuras.

Com a saída do pai de Marcos, Natália talvez tenha reatualizado a ameaça de não ter condições de manter os filhos consigo, assim como seus pais não puderam mantê-la com eles. Podemos considerar que o efeito das vivências repetidas de abandono, em relação aos pais, à família que a “criara” (sem matriculá-la numa escola), aos dois maridos, tenha contribuído para a constituição de uma rígida lealdade entre os filhos e a mãe, os quais viviam sob o mito familiar do um por todos e todos por um. Essa união defensiva se explicita no desenho de uma fortaleza feito por Janete durante uma sessão, usando o material que as psicoterapeutas levavam a todas as sessões.



Desenho feito por Janete, de 10 anos.

Considerando-se o desenho, pensou-se que Janete manifestava o fato de os membros da família viverem numa fortaleza fechada com portões de ferro, para mantê-los protegidos do meio externo, ameaçador e decepcionante. Ficavam entrincheirados, reforçando a fidelidade e o sentimento de pertencimento entre eles.

O questionamento que se impõe é: quanto o sintoma de não aprender da Família Linguagem, de não se alfabetizar e não falar de maneira clara, apresentava-se como uma solução de compromisso de mantê-los unidos e protegidos de um mundo externo decepcionante? Balint (2014) faz referência às linguagens codificadas e “quase secretas” dos grupos que exercem a mesma profissão, estudam no mesmo colégio ou frequentam o mesmo instituto analítico, e cita como exemplo as óperas cantadas de preferência na língua original, para que não percam a carga dramática.

Segundo Balint, os profissionais que se encontram às voltas com pacientes que ultrapassam a linguagem adulta convencional, passando para um registro da falha básica, precisam entender as comunicações não verbais. Nesse sentido, além de intérpretes e tradutores, eles necessitam ser informantes. Essas comunicações têm de ser traduzidas e informadas ao paciente, para que possam ser transformadas em linguagem adulta. O papel do psicoterapeuta assemelha-se ao de um “viajante visitando uma tribo primitiva, cuja língua ainda não foi estudada e cujos costumes não foram testemunhados e muito menos descritos em termos objetivos” (Balint, 2014, p. 106).

Essas formulações de Balint auxiliam na compreensão do caso apresentado. A princípio, as psicoterapeutas sentiam-se excluídas daquele encontro familiar, pois não entendiam o idioma falado por eles. No entanto, aos poucos e com a ajuda do fato de tratar-se de uma psicoterapia de família, em que todos os membros estavam presentes, puderam perceber e decifrar os “códigos secretos familiares”, tornando possível o tratamento.

Os profissionais da equipe de neuropsicologia, para a qual a família foi encaminhada visando uma avaliação neurológica, relataram surpresa ao constatar comportamentos individuais muito diferentes dos que eram observados no grupo familiar. Isso ratifica o quanto a proposta de um trabalho em família pode promover a possibilidade de trabalhar os aspectos ligados à familiaridade, apontada por Meyer (2013), favorecendo a compreensão de experiências traumáticas cumulativas e de suas ressonâncias nos demais membros do grupo.

Conforme mencionamos, ao longo do processo psicoterapêutico, evidenciavam-se as vivências de abandono. Como solução defensiva para a ansiedade de desamparo, a Família Linguagem tinha que viver sob o pacto do um por todos e todos por um. Contudo, essa estratégia falhava à medida que os filhos cresciam e precisavam desenvolver a individualização, a fim de criar recursos próprios, que lhes permitissem enfrentar os desafios que a vida impõe.

A família foi sentindo-se acolhida e, sobretudo, entrando em contato com as fantasias e ansiedades pertencentes ao aparelho psíquico grupal. Os filhos demonstraram isso quando começaram a manifestar queixas em relação à superproteção da mãe. As filhas mais velhas, principalmente, puderam expressar que se sentiam impedidas de vivenciar determinadas situações com mais liberdade. Natália as ouvia e, aos poucos, foi percebendo a sensação de solidão que a acompanhava. Ela conseguiu explicitar o quanto se sentia sozinha para cuidar dos filhos e protegê-los, criando a fantasia de que deveria estabelecer uma espécie de redoma para eles.

Já no final do sétimo mês, quando o tratamento estava na iminência de ser encerrado, devido à conclusão do curso por parte das psicoterapeutas, a família pôde considerar como estava enredada numa trama inconsciente de interdependência e de ameaça à sobrevivência. Diante dessa constatação, a mãe especialmente passou a falar ainda mais sobre seu medo em face do desamparo e sobre a projeção desse sentimento nos filhos. Preocupava-se com Marcos, que apresentava o problema mais grave de linguagem; numa eventual ausência dela ou das irmãs, ele não teria recursos para gerenciar a própria vida.

Tal percepção teve seu ápice quando, pela primeira vez, Natália sugeriu ao filho ir sozinho à padaria, na esquina da rua em que moravam. Apesar de todos os alertas da mãe, Marcos quase sofreu um acidente por distrair-se com um cachorro na rua. Natália ficou muito angustiada, relatando o fato numa das sessões finais do tratamento. No nível da relação transferencial, pensou-se que ela também relatava o quanto se via desamparada ao ser “deixada só” pelas psicoterapeutas.

Essa situação ofereceu a possibilidade de trabalhar tais medos e fantasias. Interpretou-se como, na fantasia de Natália e dos filhos, era assustador ter uma vida mental diferenciada, já que muitos acidentes poderiam acontecer. Assim, eles acreditavam ser melhor continuar atrelados uns aos outros, sem separação. Abordou-se também o fato de, por conta da aproximação do término do ano letivo, eles terem que enfrentar a separação com as psicoterapeutas, o que poderia estar causando neles uma ansiedade de abandono e reativando inseguranças diante da vida.

Indicou-se à família que, no ano seguinte, procurasse o SPA para dar continuidade ao tratamento com outra dupla de psicoterapeutas. No entanto, não se deixou de viver uma experiência de separação que, dessa vez, não configurava um abandono. Eles podiam falar claramente sobre os conflitos compartilhados envolvidos, recebendo continência e a possibilidade de pensar aquilo que era segredo, difícil de falar.

A ansiedade de separação diante da ameaça da continuidade de existir e do desamparo apresentou-se como um grande temor presente no aparelho familiar. Pensamos que ouvi-los em conjunto favoreceu esse entendimento e

permitiu ajudá-los nessa incipiente elaboração. Havia ainda muito trabalho a fazer com essa família, mas acreditamos que o acesso à *linguagem diferente e pouco clara* dos conteúdos inconscientes pôde ter início, bem como a experiência com um meio externo confiável e menos decepcionante.

Considerações finais

Partimos do questionamento das situações de sofrimento e das demandas em que a indicação de psicoterapia de família é apropriada. Verificamos que, em famílias que se mostram emaranhadas, como a do caso apresentado, o encaminhamento para um tratamento em família é bastante profícuo num primeiro momento. Nessas dinâmicas familiares, a interação intersubjetiva é estabelecida por limites psíquicos individuais mal definidos, encontrando-se os membros à mercê de pactos inconscientes rígidos e de ansiedades compartilhadas impeditivas do desenvolvimento emocional.

Entendemos que o período de entrevistas representa uma tarefa complexa, mobilizando dúvidas no psicoterapeuta sobre o tipo de encaminhamento mais adequado para aquele(s) que sofre(m). Sugerimos que cada caso deve ser pensado em sua singularidade, pois é assim que a demanda pode ser melhor compreendida. O tratamento só é possível através do encontro entre a mente do(s) paciente(s) e a do psicoterapeuta, os quais construirão juntos um campo analítico a partir da interação dessas mentes. Ferro (1995) observa que os pacientes desejam comunicar os estados emocionais que os perturbam, e necessitam da mente do psicoterapeuta para transformar tais estados em algo que possa ser entendido. A questão da demanda e do pedido de ajuda deve ser incluída na tarefa de transformar estados emocionais incompreensíveis. Na Família Linguagem, encontramos uma especificidade que nos permitiu pensar que o sofrimento explícito de *um* dos membros era vivido *por todos*: um por todos e todos por um.

Entendemos ainda que a escuta do profissional também é lapidada por seu percurso, e a formação teórica dessa escuta traz um diferencial no curso das entrevistas preliminares, até mesmo para a determinação do tipo de encaminhamento terapêutico. No tocante à formação do profissional, cumpre-nos salientar que a articulação da formação em psicanálise individual e em psicoterapia de família possibilitou uma escuta direcionada tanto para as questões inconscientes dos vínculos familiares quanto para os conflitos intrapsíquicos. A partir dessa articulação, foi possível observar o sistema como um todo, com suas fantasias compartilhadas inconscientes. Essa dupla formação, por vezes, pode ser vista como contraditória, mas foi um facilitador para pensar os

diferentes tipos de indicação, que visam atender às demandas emocionais da família e do sujeito, bem como a urgência do sofrimento.

Indicación de tratamiento en psicoterapia familiar: informe de una experiencia clínica

Resumen: El objetivo de este estudio fue investigar las entrevistas preliminares con familias en una clínica escuela, tratando de analizar qué factores contribuyen a la formulación de una indicación para una psicoterapia familiar. Buscamos evaluar los parámetros de esta indicación y qué indicadores, presentes en la queja inicial, deben ser considerados. Para ello, se presenta una ilustración clínica, a partir de un caso atendido en una clínica escuela de una universidad privada. El tratamiento se llevó a cabo durante ocho meses, con supervisión semanal. Nos dimos cuenta de que en las familias cuyos miembros están enredados, la indicación de psicoterapia familiar es fundamental. En tales situaciones, los límites psíquicos permanecen mal definidos, produciendo rígidas alianzas inconscientes que obstaculizan el desarrollo emocional de los miembros. Además, se ha demostrado que la escucha refinada por la experiencia profesional es un factor diferencial en la comprensión de una demanda intersubjetiva y el tipo de orientación terapéutica.

Palabras clave: familia, indicación de tratamiento, evaluación inicial, escucha, queja

Indication of treatment in family psychotherapy: a report of a clinical experience

Abstract: The purpose of this paper is to investigate the preliminary interviews with families in a clinical school. We attempt to examine which factors may contribute towards the formulation of the indication for family psychotherapy. Our intention is to evaluate the parameters of this indication and which indicators, among those that are present in the patient's initial complaint, should be considered. To this end, we present a clinical vignette from a case treated in the clinical school of a private university, i.e., an eight-month treatment with a weekly supervision. We have noticed that in families whose members are entangled, the indication of family psychotherapy is fundamental. In such situations, the psychic boundaries remain poorly defined, so that they produce rigid unconscious alliances that hinder the family members' emotional development. In addition, refined listening skills of an experienced professional has been shown to be a distinguishing characteristic to achieve a better understanding of an intersubjective demand and the type of therapeutic referral.

Keywords: family, indication of treatment, initial evaluation, listening, complaint

Indication de cure en psychothérapie familiale: récit d'une expérience clinique

Résumé: Ce travail a pour but l'investigation des entretiens préliminaires avec des familles, dans une clinique-école, en cherchant à analyser quels facteurs contribuent à la formulation d'une indication de psychothérapie de famille. Nous cherchons à estimer les paramètres dont il faut tenir compte et les indices présentes dans la plainte initiale qui doivent être considérés. Pour cela, nous présentons une illustration clinique issue d'un cas soigné dans une clinique-école d'une université privée. Le traitement a eu lieu pendant huit mois, ayant de la supervision hebdomadaire. Nous nous sommes rendu compte que dans des familles dont les membres se trouvent embrouillés, l'indication de psychothérapie de famille est fondamentale. Dans des tels situations, les limites psychiques restent mal définies, tout en produisant des alliances inconscientes rigides qui empêchent le développement émotionnel des membres. En plus, l'écoute lapidée par l'expérience professionnel se montre un facteur différentiel dans la compréhension d'une demande intersubjective et du type d'acheminement thérapeutique.

Mots-clés: famille, indication de soins, évaluation initiale, écoute, plainte

Referências

- Almeida-Prado, M. do C. C. (2000). *Destino e mito familiar: uma questão na família psicótica*. São Paulo: Vetor.
- Almeida-Prado, M. do C. C. (2008). O psicodiagnóstico da família a partir de uma escuta psicanalítica. In I. C. Gomes (Org.), *Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas* (pp. 73-81). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Balint, M. (2014). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão* (F. F. Settineri, Trad.). São Paulo: Zagadoni.
- Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts* (W. M. de M. Dantas, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Cassorla, R. M. S. (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher.
- Eiguer, A. (1985). *Um divã para a família* (L. M. V. Fischer, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista: da relação ao campo emocional* (M. Justum, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In R. Kaës, M. Enriquez, H. Faimberg, & J. J. Baranes, *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (C. Berliner, Trad., pp. 10-25). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, R. N., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2011). Entrevistas preliminares em psicoterapia de família: construção da demanda compartilhada. *Mal-estar e Subjetividade*, 11(2), 669-699. Recuperado em 24 out. 2018, de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Meyer, L. (2013). *Família: dinâmica e terapia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Moro, M. R. & Lachal, C. (2008). *As psicoterapias: modelos, métodos e indicações* (L. M. E. Orth, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos* (7.^a ed., M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Ruffiot, A. (1981). *La thérapie familiale analytique*. Paris: Dunod.
- Ruiz, O. C. (2000). *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Tisseron, S. (1997). El psiquismo ante la prueba de las generaciones. In S. Tisseron et al., *El psiquismo ante la prueba de las generaciones: clínica del fantasma* (M. Segoviano, Trad., pp. 11-33). Buenos Aires: Amorrortu.
- Waddell, M. (1994). A família e sua dinâmica. In Sally Box et al., *Psicoterapia com famílias: uma abordagem psicanalítica* (S. G. Bellegard, Trad., pp. 27-46). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em 17/5/2017, aceito em 28/8/2018

Maria Angélica de Campos
Avenida Rio Branco, 185, sala 2015
20040-802 Rio de Janeiro, RJ
angel_campos@uol.com.br

Rebeca Nonato Machado
Rua Xavier da Silveira, 50, ap. 404
22061-010 Rio de Janeiro, RJ
recanm@gmail.com

História de uma análise interrompida

Julio Hirschhorn Gheller¹

Resumo: A brusca interrupção de um processo analítico remete o autor a uma reflexão, em que constata indícios de hostilidade surgidos no vínculo com o paciente, ressaltando-se a importância do binômio inveja-gratidão. O analista correlaciona aspectos de inveja e ressentimento, experimentados pelo analisando, com o comprometimento da capacidade de sonhar a dois e o prejuízo para a evolução do trabalho. Aborda ainda a teorização sobre a função desobjetalizante como elemento essencial para uma compreensão atual do conceito de pulsão de morte.

Palavras-chave: conversando-como-sonhando, função desobjetalizante, inveja-gratidão, ressentimento, sonhar-acordado

Introdução

A pulsão de morte, via manifestações de destrutividade na relação analítica, é um tema frequente em minhas reflexões a partir da observação clínica. Entendo que tudo que acontece nas sessões pode ser examinado por esse prisma quando se vislumbram vestígios de ataques ao vínculo com o analista.

Por outro lado, sinais de vitalidade na relação aparecem se existe percepção de desenvolvimento por parte de ambos os membros do par analítico. A falta dessa percepção pode indicar situações de transferência negativa e descontrolo. Relato a experiência de um atendimento, articulando-a com a teoria.

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Antônio

Executivo de uma grande empresa, Antônio me procurou após romper o relacionamento com a namorada. Cláudia era uma moça com muitas das qualidades que ele sempre idealizara. Estava angustiado por ter perdido uma pessoa de tantas virtudes. Contudo, não suportou as exigências de assumir um compromisso de casamento, segundo os moldes tradicionais. Antônio tinha planos de se casar, mas não tão já. Dessa maneira, diante da cobrança por uma definição, instaurou-se um conflito de caráter ambivalente. Tinha medo de se comprometer, pois ficaria impedido de aproveitar a vida, divertir-se por mais algum tempo e conhecer outras mulheres. Perderia a oportunidade de encontrar alguém melhor do que Cláudia. Receava arrepender-se no futuro, em razão de uma decisão precipitada. Embora próximo da meia-idade, circulava com uma turma de amigos mais jovens.

Sempre impecavelmente trajado de terno e gravata, Antônio demonstrava, de início, bastante interesse nos nossos encontros. Um detalhe chamou a minha atenção, sem que eu o interpretasse de forma expressa: ele parecia bem à vontade, tratando-me logo pelo primeiro nome, com toda a naturalidade, como se fôssemos velhos conhecidos. Possivelmente, queria criar um relacionamento amistoso. Isso sugeria um traço sedutor, uma necessidade de me cativar com seu jeito extrovertido, para que formássemos uma boa dupla. O futuro diria algo mais a esse respeito. Aos poucos, fui notando que, dotado da típica mentalidade de homem de negócios, ele me contratara com a finalidade de lhe “entregar bons resultados”, conforme o jargão utilizado no mercado financeiro e no mundo corporativo. Para tanto, seria bom contar com minha simpatia, e lhe convinha o comportamento afável, mesmo que não inteiramente autêntico.

Era cortês, mas com o passar do tempo tornou-se patente seu distanciamento emocional. Eu jamais me tornaria alguém mais significativo para ele, uma vez que era tido como um simples prestador de serviços. Minha função era bem específica: propiciar esclarecimentos e orientações a respeito de suas questões. Num plano menos consciente, ele precisava que eu o ajudasse a apaziguar uma forte ansiedade, mesmo que não a admitisse com clareza. Não obstante, nem de longe estava contemplado o estabelecimento de uma ligação pessoal mais forte, ainda que os temas tratados implicassem exposição de sua intimidade. Entendo que, dessa maneira, já surgia um sério obstáculo para a análise. Sem uma boa dose de transferência positiva, o vínculo permaneceria frágil. Se o analista não chega a ser importante para o analisando, a chance de este introjetar a função psicanalítica se reduz. Utilizo como metáfora a ideia de que o paciente pode me receber na sala de visitas de sua casa mental, mas, se ele não me der acesso aos outros aposentos, pouco poderei fazer. A

analisabilidade ficará prejudicada pela dificuldade de entrar em contato com sonhos, fantasias, desejos e sentimentos encobertos no comportamento cotidiano, aquele mais apropriado aos relacionamentos sociais. Antônio se fixava na relação com Cláudia e nos problemas do trabalho (ele sonhava com uma promoção ao alto escalão). Esperava por opiniões, conselhos ou, até mesmo, soluções.

Quanto à questão amorosa, não foi difícil interpretar que, entre outros elementos, continuar procurando por alguém que ainda viesse a encantá-lo no futuro – uma mulher linda, refinada, tranquila, bem-humorada e elegante – indicava sua avidez, a incontrolável ambição de fazer o melhor negócio possível. Não conseguiu conviver bem com os momentos de irritação e tristeza de Cláudia, que se tornaram mais frequentes à medida que ele não definia o compromisso. Procurava obter a relação de custo-benefício mais favorável. Isso acontecia em todas as áreas. Frequentemente pretendia dar o mínimo possível, mas esperava receber o máximo em troca.

Em termos do contrato analítico, não titubeou em concordar com meus honorários. No entanto, nunca se lembrava de acertar na data combinada. Sempre havia uma razão para o atraso, atribuído à agenda cheia, que naturalmente o inclinava para outras prioridades. Agia como se não houvesse nenhum problema em atrasar meu pagamento. O fato de estar sempre ocupado com incumbências da empresa era, no seu entender, justificativa mais do que suficiente, já que, como fazia questão de ressaltar, também esquecia de saldar outras obrigações. Portanto, eu deveria me consolar com a ideia de que não havia nada de particular contra a minha pessoa. Faltava-lhe a sensibilidade para perceber que estava me tratando com descaso. Por ocasião das conversas sobre os atrasos de pagamento, seu tom de voz revelava impaciência. Não queria perder tempo com explicações desnecessárias. Preferia passar logo para os temas que lhe importavam. De certo modo, eu era comparado a qualquer firma – uma figura impessoal – cujo boleto de cobrança ficara, inadvertidamente, esquecido num canto de sua mesa. A pretensão de ser considerado de maneira diferenciada era mera ingenuidade da minha parte. A recusa em aprofundar esse assunto impedia o fluxo de associações que lhe permitiria uma compreensão mais abrangente de um modo utilitário de se relacionar.

Aos poucos, pudemos falar sobre sua família. Acreditava que os pais viviam um longo e tedioso matrimônio, visão que alimentava seu medo de se casar. Receava entrar numa situação sem saída. Ainda no que diz respeito aos pais, queixava-se de que tinham sido sempre muito exigentes e injustos com ele. A relação com o pai, duro e crítico, era especialmente difícil. Sua competência profissional era, invariavelmente, colocada em dúvida por ele, e isso contribuía para uma insegurança ainda presente nos momentos decisivos de importantes negociações, ocasiões em que se sentia posto à prova. Achava

que a irmã era a filha predileta, merecendo muito mais carinho e atenção da mãe. “Engolia” essa situação sem digeri-la devidamente, produzindo-se um ressentimento, que transportava para outras relações, nas quais se defendia mantendo uma distância protetora, a fim de não se decepcionar.

Foi me contando suas novas conquistas amorosas. Eram encontros fugazes, com pouco envolvimento de sua parte. Deixava escapar um tom de desprezo quando falava dessas mulheres – com ênfase em seus defeitos –, das quais procurava se livrar logo que possível. Nenhuma correspondia às suas expectativas. Do ponto de vista transferencial, isso já era um alerta do que viria a acontecer comigo.

Incomodado com os relacionamentos que não prosperavam e com o *stress* diário, foi ficando mais ansioso e desenvolveu um quadro de insônia. Aflito por resolver as questões que o angustiavam, queria uma solução rápida. Dormir mal arruinava seu desempenho no dia seguinte. Sem que eu soubesse, procurou médicos e começou a tomar remédios, que efetivamente o ajudaram. Fiquei sabendo dessas consultas *a posteriori*, meio que *en passant*. Tratava esse assunto como algo que não fosse da minha alçada e, portanto, não haveria motivos para comentá-lo. Era mais um sinal de que eu deveria aceitar um papel secundário em sua vida. Registre-se que comunicou as melhoras obtidas com as condutas médicas como que se comprazendo em salientar as limitações da psicanálise. O progressivo estreitamento de assuntos a explorar analiticamente restringia as funções para as quais eu poderia ser convocado e o levaria a constatar a minha dispensabilidade.

Por essa época, já ficava claro algum desinteresse. Reduziu a frequência de nossos encontros, supostamente por causa de sua agenda lotada. Além disso, começou a faltar bastante. Nem sempre explicava as faltas e, quando o fazia, costumava mencionar reuniões ou viagens de trabalho. Ao se dar conta, concretamente, de que eu cobrava honorários nas suas ausências, perguntou-me se poderia repor as sessões em que me informasse a falta com antecedência. Apostando na relação, concordei com reposições nessas circunstâncias. A essa altura, entretanto, o meu investimento era maior que o dele. Fui compreendendo uma dinâmica subjacente. O que de fato lhe importava era não ter que pagar quando se ausentasse. Perder a sessão não era tão relevante quanto desperdiçar o valor em dinheiro correspondente a ela. Esquivava-se de interpretações nessa direção, pois apontavam para um traço avaro e menos nobre, que não queria reconhecer. Um componente da situação era o de castigar, pelas faltas, o objeto/analista falho. Todavia, não se dispunha a fazer conjecturas e esboçar um significado para essa atitude tão evasiva.

Eu era, enfim, apenas um prestador de serviços, igual a tantos outros. Em consequência, ele negava aspectos emocionais derivados da transferência. Aquilo que a minha percepção contratransferencial captava perdia-se no

vazio, sendo refutado e desconsiderado. Antônio também atrasava bastante, parecendo querer ser esperado, talvez como prova de que eu permanecia interessado e disponível, cumprindo com o meu dever, mesmo que ele não estivesse tão vinculado. A hipótese, por mim levantada, de que esse comportamento pudesse estar relacionado a uma repetição de vivências antigas, como o desejo de ser ansiosa e amorosamente aguardado pelos primeiros objetos relacionais, caiu no mesmo vazio.

Esperar que fizesse uso de imaginação criativa era pouco promissor. Ele era essencialmente objetivo e pragmático. Não se interessava por arte e cultura. Não lia ficção, não ia a concertos, ao cinema, ao teatro ou a exposições. Quando muito, apreciava seriados policiais na tv. Sua leitura restringia-se a livros técnicos, relacionados à sua atividade profissional. As metáforas que o atingiam eram as que eu construía com modelos próprios do esporte: a competitividade da Fórmula 1, a importância da tática coletiva no basquete, o decisivo fator mental no tênis, a possibilidade de “se esconder” do jogo no extenso gramado de um campo de futebol. Eram ideias utilizáveis, que podiam ser aplicadas para enfrentar obstáculos e triunfar nos negócios. Nesse caso, ele se conectava um pouco mais, possibilitando um sonhar a dois.

Outro detalhe a registrar é que, via de regra, Antônio deixava o celular ligado para verificar mensagens, mesmo durante a sessão.

No final do primeiro ano de análise, resolveu reatar com Cláudia, que não saía de sua cabeça. A tentativa não deu certo. Os velhos desentendimentos voltaram a ocorrer. Ela estava mais convicta do que nunca quanto à ideia do casamento. Reafirmou as condições de que não abria mão: queria casar logo e engravidar em seguida. Ele, por sua vez, se deu conta de que já não sentia o mesmo carinho nem a atração dos primeiros tempos, e ficava incomodado com o conjunto de demandas que ela lhe apresentava. Na experiência pregressa, era comum que os relacionamentos de Antônio perdessem a graça imediatamente após a conquista. Cláudia tinha sido uma exceção, que resistiu por um tempo prolongado. No entanto, o desencontro entre os dois crescia de maneira progressiva. Ele se via pressionado, tendo que decidir o futuro. Sua ansiedade recrudesciu, evidenciando muita inquietação durante as sessões. Acabou por terminar o namoro definitivamente. Avaliou que já observara o suficiente para se certificar das poucas chances de êxito no casamento. Com a sensação de dever cumprido, e nitidamente aliviado, decidiu virar a página.

Era um indício de que o fim da nossa parceria também se aproximava. Afinal, a questão com Cláudia o trouxera até mim, e ele, de um jeito ou de outro, havia resolvido o problema.

Suponho que, por vezes, interpretações mais contundentes o tenham perturbado. Não descarto essa hipótese, uma vez que, à medida que ele se esquivava do contato, eu buscava, com formulações mais incisivas, trazê-lo

para uma conversa analítica efetiva. Como exemplo disso, relembro o dia em que, após mais um dos habituais atrasos de pagamento, indaguei se, inconscientemente, ele estaria querendo provocar um confronto que me induzisse a desistir de atendê-lo. Creio que ao analista é requerida uma precisão cirúrgica nas intervenções, algo que Bion (1970/1991) chamaria de *linguagem de êxito* (*language of achievement*). Através dessas falas, que acertam no alvo emocional, pontos essenciais, ainda mal reconhecidos pelo paciente, serão tocados. Ser incisivo, porém, implica riscos. O analista pode, às vezes, errar na dose, no *timing* ou no conteúdo da interpretação. Entretanto, se o vínculo for bom, o analisando terá a possibilidade de rejeitar tudo aquilo com que não concordar. Por outro lado, se a intervenção for enunciada de forma suficientemente branda e se fizer sentido para o paciente, o processo de elaboração terá a chance de se desenvolver. Falas edulcoradas não terão o necessário poder de penetração e consequente fertilização do mundo mental do analisando. Este, por sua vez, precisa alcançar a condição de saber tolerar os erros do analista e reconhecer o que de positivo vem obtendo. Isso se relaciona, fundamentalmente, à sua capacidade de sentir gratidão, que depende da elaboração do componente invejoso.

O lance final de destrutividade, como ataque ao vínculo analítico, ainda estava por vir. Antônio optou por terminar a análise, fazendo-o através de uma sintética mensagem no WhatsApp. A rigor, eu estava sumariamente “demitido”. Simples assim, uma vez que ele não estava enxergando em que mais eu poderia ajudá-lo. Respondi dizendo que acatava sua decisão, mas sugeri um último encontro. Seria esclarecedor se tivéssemos a oportunidade de conversar presencialmente. Eu o convidava para uma sessão de encerramento, uma espécie de balanço, com a avaliação de possíveis progressos e de assuntos que mereceriam ainda ser explorados num futuro ciclo analítico, quando ele estaria livre para procurar por mim ou por outro analista. Rapidamente, recusou a proposta.

Essa foi, sem dúvida, uma situação frustrante para mim. Lidar com o fim do processo, sem a possibilidade de um diálogo em contexto analítico, não foi fácil. Experimentei uma sensação de impotência diante de seu aparente desdém para comigo. Penso que sua decisão englobava ingredientes de variados matizes agressivos. Talvez ele quisesse evitar que uma manifestação violenta emergisse no contato com o analista; ou, quem sabe, julgasse desnecessário perder tempo numa nova conversa; ou ainda, tomado por ódio, desejasse demonstrar que não precisava de mim para mais nada. Eu me tornara um objeto falho, alguém a ser evitado. E ele não queria correr nem o mais leve risco de, num encontro ao vivo, questionar sua decisão. Precisava se esquecer de mim, apoiando-se na convicção de estar com toda a razão.

Correlações teórico-clínicas

O objeto é revelador das pulsões, pois, em certo sentido, é criado por elas, passando então a existir – mesmo que ele já esteja lá –, conforme a concepção de Winnicott do encontrar-criar (Green, 1988). Desde o nascimento, nos deparamos com a experiência das necessidades. O conflito entre pulsões de vida e de morte se instala precocemente. De acordo com Segal (1988), uma das possíveis atitudes do indivíduo é buscar a satisfação das necessidades: a sede de viver conduz à procura do objeto – reconhecendo que ele pode nos dar aquilo de que precisamos – e, depois, à preocupação e ao cuidado com ele. A outra atitude é atacar o objeto, negando que ele tenha o que queremos, bem como tentar destruir a parte do *self* que percebe as necessidades, podendo inclusive depreciar e desvalorizar as qualidades do objeto. Essa característica configura o sentimento de inveja.

Segundo Klein (1957/1991), a inveja seria a manifestação externa da pulsão de morte atacando as fontes de vida. Prosseguindo nessa linha de raciocínio, Segal observa que o objeto é admirado pelo que tem de bom, mas que é percebido como perturbador porque cria a necessidade daquilo que possui. Além disso, só ele detém o poder de anular a perturbação que desperta, apenas e tão somente se se dispuser a oferecer aquilo que o sujeito espera. No estado mental de domínio da pulsão de morte, a dependência do objeto causa ódio e inveja. Para se livrar dessa perturbação, o *self* pode preferir aniquilar o objeto – mais propriamente o investimento objetal – e recusar a noção da própria incompletude e falta, que só um outro poderia preencher. Em suma, existiria a crença de poder prescindir do outro, jamais precisar de alguém e ser autossuficiente. Em alguma medida, esse fenômeno pode ser visto no comportamento de Antônio, ao me dispensar e, mesmo antes, ao ressaltar, sem disfarçar um gozo triunfante, os benefícios obtidos com a medicação, minimizando o processamento de emoções promovido pela análise.

Green (2002/2008) postula a existência de um narcisismo negativo, com aspiração ao nível zero de tensão, para entender a pulsão de morte. Em termos relacionais, representaria a expressão de uma função desobjetalizante, em que o desinvestimento desfaz o que o investimento havia construído. Em 1988, Green propôs que a meta essencial das pulsões de vida seria garantir uma função objetalizante, que cria uma relação com o objeto através de um trabalho de investimento significativo. Em contrapartida, a meta da pulsão de morte seria promover uma função desobjetalizante, por meio do desligamento. A manifestação própria da destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento, que tende a tornar as relações com o objeto mais distantes, esvaziadas de colorido afetivo, cumprindo apenas demandas utilitárias e pontuais.

Essas características de desligamento e desinvestimento são, em parte, observáveis na evolução do processo analítico que apresentei. Eu deveria cumprir a função específica de atenuar a ansiedade e acabar com as dúvidas de Antônio. A hipótese que proponho é que, muito provavelmente, o objeto primordial não lhe propiciou o acolhimento necessário nem a sensação de que fosse especial. Dessa maneira, criou-se uma eterna descrença no outro, considerado sempre como potencialmente frustrante. Por conseguinte, ele estava fadado a repetir a vivência original de privação ou indiferença afetiva, o que acarreta carência, ressentimento e ódio. Confirmar comigo, via transferência, a insuficiência objetal era equivalente a comprovar uma espécie de profecia que precisava, continuamente, se realizar, sob a égide da compulsão à repetição. Tal qual a sigla CQD (como queríamos demonstrar), presente no final de um teorema matemático elucidado de forma adequada, Antônio também conseguiu, por fim, chegar à “desejada” conclusão de que eu era falho.

Quanto à transferência, Klein (1957/1991) enfatizava tratar-se de um fenômeno que não se restringe exclusivamente às referências diretas ao analista. Pode ser apreendida a partir da totalidade do material apresentado, uma vez que o analisando repete com o analista conflitos emocionais das primeiras relações. Relatos da vida cotidiana podem desvelar aspectos das ansiedades, defesas e fantasias suscitadas pela situação transferencial. Betty Joseph (1985/1990) desenvolveu o tema focalizando a transferência como situação total, em que alguma coisa está acontecendo o tempo todo. Portanto, a análise da transferência, por definição, incluiria tudo o que o paciente traz para a relação. Penso que mesmo acontecimentos externos às sessões podem ser abordados pelo vértice da transferência. As consultas com outros médicos – por algum tempo, nem sequer mencionadas – passavam por aí. O habitual retardo na efetivação do pagamento, os atrasos, as faltas (bem como o desinteresse em comentá-las e interpretá-las), os elogios à medicação, o celular ligado durante a sessão, os comentários depreciativos em relação às mulheres, as queixas quanto às exigências da namorada eram assuntos que sinalizavam possíveis derivados da transferência negativa.

Entendo que o persistente ressentimento de Antônio para com figuras do passado, introjetadas em seu mundo interno, se transfere para os relacionamentos do presente. A namorada que mais amou foi taxada de autoritária, sufocante e, até mesmo, interesseira. Preferiu abandoná-la, na esperança de encontrar a “mulher ideal”. O analista, provavelmente percebido como insuficiente e rude, também foi deixado para trás, sendo preterido pelas orientações médicas, pelo uso de psicofármacos e, talvez, pela busca de outro psicoterapeuta.

Uma questão importante que não pôde ser devidamente investigada se refere ao assim chamado *protesto masculino*, termo cunhado por Adler – citado

e discutido por Freud (1937/1975a) – e que trata da luta do homem contra sua atitude passiva diante de outro homem. Freud acreditava que a melhor denominação para essa configuração relacionada ao Édipo invertido seria *repúdio da feminilidade*. Por esse prisma, o paciente evitaria aceitar as interpretações do analista como uma recusa a submeter-se a um substituto paterno. Considerava Freud que tal elemento de oposição, relacionado à ansiedade de castração, produz uma das mais fortes resistências transferenciais. Desse modo, dificulta sobremaneira a capacidade de analisandos homens aceitarem que uma atitude passiva com outros homens, inclusive o analista, não significa necessariamente uma prova de castração. Nessa passagem do texto, Freud cita Ferenczi (1928/1992), cuja opinião era de que uma análise bem conduzida, com conhecimento e paciência por parte do analista, poderia chegar a um final natural, propiciando, no caso das mulheres, o domínio do desejo de um pênis e, no caso dos homens, o domínio da luta contra a passividade. Hoje em dia, tanto na forma como no conteúdo, essa ideia parece algo datada e sujeita a questionamento. Em 1937, Freud já duvidava que se pudesse alcançar êxito completo em tal objetivo. Entretanto, entendia que Ferenczi, no cerne de seu artigo, apontava para a importância do aprofundamento da análise, sem que se tentasse abreviá-la e terminá-la prematuramente. Antônio pouco avançou em assuntos relativos ao seu “protesto”. Não houve condições de receptividade para interpretações transferenciais nessa direção.

Devo sublinhar outra questão embutida nesse atendimento e que o tornou mais complicado. Segundo Maria Rita Kehl (2004), o indivíduo instalado na posição de ressentimento faz da análise um verdadeiro beco sem saída. As queixas ressentidas funcionam como barreiras, que se opõem à associação livre e impedem a implicação subjetiva do analisando no processo. O menino frustrado e carente de reconhecimento – um personagem central no mundo interno do adulto Antônio – rumina queixas e espera por triunfos que funcionem como compensação pelas injustiças sofridas. Julga ser merecedor de gratificações que o indenizem pelos sofrimentos passados. Essa era uma faceta ainda pouco explorada quando da interrupção do trabalho.

A ideia de *menino* foi desenvolvida por Minerbo (2016), que conceitua a criança-no-adulto como uma espécie de cicatriz viva da personalidade, cujas manifestações deverão ser compreendidas e interpretadas pelo adulto/analista. Penso que esse menino se apresenta de duas maneiras distintas, dependendo de a situação traumática revivida transferencialmente ter origem numa fase pré-simbólica, em que não existe a possibilidade de representação, ou de ser proveniente de uma fase posterior, já às voltas com as vicissitudes da travessia do Édipo, sendo então passível de representação. Para Minerbo, o material trazido pelo menino da primeira fase gera transferência psicótica ou narcísica, e pelo da segunda, transferência neurótica. Considero que essa

última, sendo originária do inconsciente recalçado, que engloba conteúdos já representados, poderá ser objeto de interpretação. Por outro lado, a assim chamada transferência psicótica origina-se de traços inscritos no inconsciente não recalçado e, conseqüentemente, não representado. Portanto, suscita um trabalho na linha de construção de sentido (Gheller, 2010). Durante a análise de um mesmo indivíduo, podemos entrar em contato com os dois tipos de transferência. Desde as formulações de Bion, sabemos que a parte psicótica e a parte não psicótica da personalidade coexistem, e que aquela está presente mesmo nas pessoas psicicamente mais sadias (Zimerman, 2004).

Freud (1937/1975b) propôs o conceito de construções, referindo-se à busca de um quadro dos anos esquecidos do paciente. A tarefa do analista seria reconstruir o não recordado a partir de vestígios, marcas deixadas para trás sem passar por simbolização, como se ele fosse um arqueólogo da mente. Em textos anteriores, já era possível depreender que Freud trabalhara com construções, como no caso do Homem dos Ratos (1909/1975d) e, mais detalhadamente, em “História de uma neurose infantil” (1918/1975c). Esse último artigo trata do Homem dos Lobos, um dos atendimentos mais elaborados pelo fundador da psicanálise, que acompanhou Sergei Pankejeff por mais de quatro anos num primeiro ciclo analítico, de janeiro de 1910 a junho de 1914. Freud conjecturou que ele teria presenciado o coito *a tergo* dos pais quando tinha 1 ano e meio de idade, ocasião em que o que viu não pôde ser assimilado e significado, dando origem aos sintomas de sua enfermidade. Partindo de um sonho com lobos e de diversas informações de Sergei a respeito de sua sexualidade infantil, Freud inventou, como afirmam Roudinesco e Plon (1997/1998), uma história de cena primária que serviria para uma compreensão mais profunda do quadro clínico. Anos depois, Sergei teve uma recaída, sendo atendido por Freud num curto espaço de tempo entre 1919 e 1920. Em 1926, após uma nova recaída, foi encaminhado para Ruth Brunswick. Posteriormente, Pankejeff escreveria suas memórias e desmentiria a hipótese de haver testemunhado a relação sexual dos pais. Isso seria impossível porque, na Rússia, onde vivia, crianças jamais dormiam no quarto do casal. Trata-se de um modelo de análise interminável, que contribui para a problematização do tema por parte de Freud (1937/1975a).

Apesar do desmentido do paciente, podemos admirar a intuição precursora de Freud, conceituando um novo e potente recurso analítico. Ele reforçava a importância da função do analista na tentativa de preencher lacunas do campo representacional do analisando por meio de construções. Se fizerem sentido para quem são dirigidas, elas poderão contribuir para a compreensão de vazios causados pela *Verwerfung*, a rejeição de significantes fundamentais para fora do universo simbólico do indivíduo. Esse mecanismo de defesa acarreta aspectos forcluídos da mente, lacunas e ausências de

sentido no psiquismo do sujeito, clamando por um interlocutor que ajude a preenchê-las (Gheller, 2014). O recurso é potente, mas comporta o grande risco de não ser aceito por indivíduos com um traço de personalidade similar ao de Antônio: desprezo pela “mera” subjetividade em favor da objetividade, que pede soluções rápidas e concretas, visando satisfazer exigências próprias de um pragmatismo imediatista.

Ao discorrer sobre sonhos não sonhados e gritos interrompidos, Ogden (2004) me proporcionou um novo *insight* a respeito da *reverie*, que seria um estado mental aberto a receber projeções. Eu já me percebia, quando em atenção flutuante, chegando a esse estado quase onírico, propício à produção de lembranças e imagens suscitadas pela escuta analítica. Num artigo posterior, Ogden (2007) descreveu uma peculiar espécie de interação analítica, que chamou de *conversando-como-sonhando*. É uma forma de sonhar-acordado a dois, favorecendo que sejam sonhadas experiências até então não sonhadas. O autor reconhece que tais conversas pareceriam, à primeira vista, não analíticas. Esclarece que são diálogos em que a dupla fala de coisas como livros, filmes, etimologia, determinado sabor de chocolate e assim por diante. Não são, todavia, falas comuns, pois assemelham-se a uma associação livre a dois. Permitem que o par analítico, até então incapaz de atingir o estado de sonhar junto – situação em que as associações livres do analisando fluem ao encontro da atenção flutuante e da *reverie* do analista, produzindo significados que se retroalimentam, numa espiral crescente de sentidos –, entre em sintonia e comece a fazê-lo. Com Antônio, houve uma notória dificuldade para criar esse tipo especial de conversa, intervenção com a qual Ogden distingue e assinala um aspecto que reputa essencial: cabe ao psicanalista inventar uma nova psicanálise para cada paciente.

Concluo então que, no tempo que me foi dado, lamentavelmente não tive condições – ou mesmo habilidade – para criar a análise que mobilizasse a capacidade de sonhar de Antônio.

Considerações finais

Elaborando este texto, recordei-me do comovente relato da psicanalista Susanne Chassay (2006). Baseava-se no atendimento de uma mulher com histórico de algumas tentativas de suicídio. Numa delas, enviou um *e-mail* de despedida para a analista, que teve a iniciativa de acionar o resgate policial a tempo de salvá-la. A análise pôde assim prosseguir. O destino, contudo, já estava traçado. Depois de cinco anos, a analisanda saiu de uma sessão e, dirigindo-se para a linha férrea próxima ao consultório, postou-se sobre os trilhos, à espera do trem que daria cabo de sua vida. O artigo da analista era

um esforço de elaboração do trauma sofrido, ao se ver atacada pela destrutividade extrema da mensagem contida no gesto derradeiro da paciente.

Guardadas as devidas proporções, o final do trabalho com Antônio também causou a dor de um rompimento de vínculo, em que o analista é atacado como insuficiente. Este texto visa elaborar o luto pela perda inerente à situação, e representa o que foi possível fazer, de forma construtiva, como reparação de danos ao narcisismo do analista. Faz parte do infundável trabalho da posição depressiva.

A ideia que defendo, valorizando a utilidade clínica do conceito de pulsão de morte, pelo menos em seu vértice metafórico, não implica o desconhecimento de que se trata de uma teoria bastante controversa, sendo contestada, desde o surgimento, por vários autores que merecem a nossa atenção. Para não deixar de problematizar a questão, permito-me uma digressão com o objetivo de destacar algumas contribuições recentes.

De Masi (2015), que entende ser esse conceito desnecessário para o exercício clínico, diferencia agressividade de destrutividade. Sugere que a primeira contempla a ambivalência, indicando a existência simultânea de amor e ódio ao mesmo objeto. Na segunda, haveria uma característica tendência antirrelacional, expressando uma catexia objetal não libidinal – com uma conotação de indiferença pelo outro –, derivada e desenvolvida a partir de situações traumáticas na infância.

Outro autor que desconstrói o conceito de pulsão de morte é Penot (2017), o qual discorda de Freud por englobar agressividade e desligamento no mesmo construto teórico. Aponta, inclusive, o essencial papel do desligamento no processo de subjetivação. Exemplifica com a participação dele em diversas operações fundamentais para o desenvolvimento subjetivo: a atividade sublimatória, com renúncia à descarga de prazer; o processo de luto, em oposição à fixação melancólica; e a própria análise, em cuja evolução o paciente vai se abrindo progressivamente para associações provenientes de seu inconsciente, a fim de depender menos das interpretações fornecidas pelo analista.

Numa linha convergente a Penot, acrescento o comentário de Garcia-Roza (1990) à afirmação de Lacan de que a pulsão de morte representaria a vontade de destruição, a vontade de criação a partir de nada, a vontade de recomeçar. Garcia-Roza diz que, se houvesse a ação exclusiva de Eros, unindo e mantendo as uniões, todas as diferenças se dissolveriam numa grande unidade final, o que significaria o desaparecimento do sujeito e do desejo, pois ambos só podem ser concebidos com base nas diferenças. Desse ponto de vista, o objetivo da pulsão de morte seria manter as forças disjuntivas que impedem a persistência perene dessas uniões. Ela responderia, então, pela fundamental constituição das diferenças.

Por fim, retorno ao meu tema para uma menção à análise do analista. Sujeito a receber projeções com uma considerável carga transferencial, que pode ser plena de componentes hostis, invejosos e destrutivos, cabe ao analista suportá-la e procurar fazer bom uso desses elementos. Bion afirmava que o encontro de duas personalidades provoca uma tempestade emocional. Assim, seria desejável que as duas partes decidissem “como tornar proveitoso um mau negócio”, título de seu artigo de 1979 (Zimerman, 2004). A constatação óbvia é que o “negócio” com Antônio não teve êxito.

Calejado pelo tempo e por diversos sofrimentos, Freud (1937/1975a) questionava o poder curativo da psicanálise, mas recomendava que os analistas se reanalisassem periodicamente. Tinha a percepção de que a análise é, a rigor, interminável. De fato, não funciona como uma vacina que propicia imunização vitalícia contra todo tipo de perturbação mental, em qualquer circunstância. Seu objetivo não é erradicar, por completo e em definitivo, paixões e conflitos, em busca de uma “normalidade” estatística ou padronizada. Podemos falar em término de um ciclo analítico, mas nada impede que os analistas se beneficiem de um novo processo em distintos momentos da vida, produzindo a renovação da função alfa. Conceituada por Bion, ela se encarrega de processar os elementos beta (emoções e impressões sensoriais brutas), transformando-os em elementos alfa, utilizáveis para pensar, simbolizar e sonhar. Desse modo, seria recarregado o acervo de representações do analista, bombardeado no cotidiano de seu ofício e necessitado de arejamento. Também seria reforçada a tolerância às frustrações, bem como o desenvolvimento de um narcisismo maduro, em que os fracassos analíticos pudessem ser razoavelmente assimilados.

Historia de un análisis interrumpido

Resumen: La interrupción brusca de un análisis remite al autor a una reflexión en la que constata indicios de hostilidad surgidos en el vínculo, señalando la importancia del binomio envidia-gratitud. El analista correlaciona aspectos de envidia y resentimiento, experimentados por el paciente, que compromete la capacidad de “soñar a dos” y el perjuicio para la evolución del trabajo. Aborda también la teorización sobre la función desobjetalizante como elemento esencial para una comprensión actual del concepto de pulsión de muerte.

Palabras clave: conversando-como-soñando, función desobjetalizante, envidia-gratitud, resentimiento, soñar-despierto

Story of an interrupted psychoanalysis

Abstract: The sudden interruption of a psychoanalytic process leads the author to this written reflection. He notices evidences of hostility which has arisen from his relationship with the patient. The author highlights the importance of the envy-gratitude binomial. He relates the feelings of envy and resentment the patient experiences to the hindering of their ability to “dream together”, and therefore, the hindering of the analytic work and its progress. The author deals with the theory of the *disobjectalizing* function as a vital element to today’s comprehension of the concept of death drive.

Keywords: talking-as-dreaming, disobjectalizing function, envy-gratitude, resentment, daydream

Histoire d’une psychothérapie interrompue

Résumé: La brusque interruption d’un processus analytique mène l’auteur à une réflexion où il constate des indices d’hostilité surgis dans le lien établi avec le patient, en soulignant l’importance du binôme envie-gratitude. L’analyste met en corrélation des aspects d’envie et de ressentiment éprouvés par l’analysant avec l’endommagement de la capacité de « rêver à deux » et la détérioration du travail. Il aborde encore la théorisation concernant la fonction désobjectalisante en tant qu’un élément essentiel pour une compréhension actuel du concept de la pulsion de mort.

Mots-clés: en-parlant-comme-en-rêvant, fonction désobjectalisante, envie-gratitude, ressentiment, rêver-éveillé

Referências

- Bion, W. R. (1991). Prelúdio ao que alcança ou ao que o substitui. In W. R. Bion, *Atenção e interpretação* (P. D. Corrêa, Trad., pp. 136-141). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Chassay, S. (2006). Death in the afternoon. *The International Journal of Psychoanalysis*, 87(1), 204-217.
- De Masi, F. (2015). Is the concept of the death drive still useful in the clinical field? *The International Journal of Psychoanalysis*, 96(2), 445-458.
- Ferenczi, S. (1992). O problema do fim da análise. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4, pp. 15-24). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1975a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1975b). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 289-304). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

História de uma análise interrompida

- Freud, S. (1975c). História de uma neurose infantil. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 11-151). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1975d). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 10, pp. 159-325). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Garcia-Roza, L. A. (1990). O mal radical em Freud. In L. A. Garcia-Roza, *O mal radical em Freud* (pp. 146-162). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gheller, J. H. (2010). Um *après-coup* do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(1), 61-72.
- Gheller, J. H. (2014). A vida escorre por entre os dedos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(2), 127-138.
- Green, A. (1988). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In A. Green et al., *A pulsão de morte* (C. Berliner, Trad., pp. 57-68). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)
- Green, A. (2008). O trabalho do negativo. In A. Green, *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (A. M. R. Rivarola et al., Trans., pp. 259-275). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 2002)
- Joseph, B. (1990). Transferência: a situação total. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje* (B. H. Mandelbaum, Trad., Vol. 2, pp. 76-88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1985)
- Kehl, M. R. (2004). O ressentimento na psicanálise. In M. R. Kehl, *Ressentimento* (pp. 33-80). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum, Trad., pp. 205-267). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Minerbo, M. (2016). Transferência. In M. Minerbo, *Diálogos sobre a clínica psicanalítica* (pp. 15-48). São Paulo: Blucher.
- Ogden, T. (2004). This art of psychoanalysis: dreaming undreamt dreams and interrupted cries. *The International Journal of Psychoanalysis*, 85(4), 857-877.
- Ogden, T. (2007). On talking-as-dreaming. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88(3), 575-589.
- Penot, B. (2017). The so-called death drive. *The International Journal of Psychoanalysis*, 98(2), 299-321.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). Pankejeff, Sergei Constantinovitch, (1887-1979), caso Homem dos Lobos. In E. Roudinesco & M. Plon, *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trans., pp. 564-567). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)
- Segal, H. (1988). Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In A. Green et al., *A pulsão de morte* (C. Berliner, Trad., pp. 31-43). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)
- Zimmerman, D. E. (2004). Um glossário dos termos de Bion. In D. E. Zimmerman, *Bion: da teoria à prática* (pp. 75-103). Porto Alegre: Artmed.

Julio Hirschhorn Gheller
Rua Havaí, 78
01259-000 São Paulo, SP
juliohg@uol.com.br

História da psicanálise

Entrevista¹

Renato Mezan

RBP: Esta entrevista faz parte de um projeto da Sociedade de criar um acervo histórico para consulta e pesquisa. Seria algo diferente da biblioteca que já temos, que além de livros possui uma grande quantidade de documentos, de diversos tipos.

RM: Bem, primeiro gostaria de agradecer à Marina Massi e a vocês a oportunidade de apresentar aos leitores da *Revista Brasileira de Psicanálise* algumas ideias sobre essa questão tão importante da história da Psicanálise. E também dizer que, até onde sei, o material de que vocês dispõem na sua biblioteca é de imenso valor. Um exemplo rápido: minha orientanda Izabel Madureira Marques estava interessada na obra pessoal de Ernest Jones, para além do que ele realizou como figura política e como biógrafo de Freud. Foi até a biblioteca, e lhe disseram que havia muito pouca coisa já catalogada. Conversa vai, conversa vem, a funcionária acabou se lembrando de que em algum lugar havia uma caixa marcada *Ernest Jones*. A Izabel foi atrás dela, e descobriu que continha simplesmente todos os livros dele, empoeirados, cheios de ácaros... [Risos.] Comprou uma máscara, foi folheando e fotocopiando o material, e acabou escrevendo o seu doutorado a partir desses documentos. Então, a ideia de organizar esse verdadeiro tesouro e colocá-lo à disposição de quem se interessar pelo passado da psicanálise merece todo o apoio.

RBP: O seu livro *O tronco e os ramos* é um trabalho sobre a história da psicanálise, e traz elementos importantes para pensar essa disciplina, que existe há mais de 100 anos. Como você vê o papel do estudo da história da psicanálise na formação psicanalítica? Partindo da metáfora do título do livro,

1 Entrevista realizada em 10/3/2018 no consultório de Renato Mezan.

qual seria a importância de conhecer a história, para compreender em que ramo nos situamos e como ele se articula com os outros?

RM: Para responder à sua pergunta, convém começar com o que eu entendo pela expressão *história da psicanálise*. Ela comporta duas grandes vertentes. A primeira é a história do movimento psicanalítico, das instituições, das pessoas, das biografias, das cisões, da expansão da psicanálise para fora do seu berço, que foi a Europa Central – o Império Austro-Húngaro e a Alemanha. A outra vertente é a história das ideias e das práticas que nelas se baseiam, ou seja, a evolução da teoria psicanalítica em Freud e nos seus sucessores, a utilização dela na clínica e na psicanálise aplicada, a influência que a psicanálise teve (e continua a ter) na cultura ocidental.

As duas, obviamente, se determinam reciprocamente: por exemplo, quando os psicanalistas europeus emigraram para os Estados Unidos por causa do nazismo – algo que pertence à primeira vertente – levaram consigo o seu modo de fazer análise. O que mais poderiam ter feito? Só que no novo ambiente esse “modo de fazer análise” se deparou com circunstâncias bem diversas das que eles conheciam, entre outras a existência de uma forte psicologia acadêmica de viés empirista. Foi preciso dialogar com ela, e um dos frutos desse diálogo é a psicologia do ego, elaborada por Hartmann, Kris e Loewenstein. Por outro lado, essa versão da psicanálise encontrou oposição de certos analistas, como Erich Fromm e Karen Horney, que acabaram saindo da IPA americana e criando sua própria instituição. Nos Estados Unidos, ela não teve grande influência, mas devido ao fato de Fromm ter se mudado para o México – elemento da vertente pessoas/instituições – nesse país o culturalismo é até hoje a tendência dominante entre os psicanalistas – elemento ligado à vertente ideias + práticas. E algo semelhante ocorreu em muitos outros casos; um dos que nos afetaram diretamente foi a expansão do kleinismo para a América Latina, onde teve grande sucesso entre 1950 e 1980, enquanto nos países de língua inglesa as doutrinas kleinianas permaneceram minoritárias.

Freud foi o primeiro a escrever uma “História do movimento psicanalítico”, já em 1914. Apesar de trazer muitas informações interessantes, esse texto tem um objetivo polêmico: justificar a expulsão dos heréticos Jung e Adler. A meu ver, porém, hoje em dia – após 100 anos de disputas teóricas e políticas entre os analistas – o exemplo de Freud não deve ser seguido. Ao contrário: é o oposto do que deve ser uma boa história da psicanálise, que não deve servir para dar razão àqueles que pensam que a sua clínica e a teoria que a sustentam são a “verdadeira” psicanálise. E, com isso, entro na questão levantada.

A formação de um psicanalista difere em muito da formação em outros ramos do conhecimento, porque não consiste apenas em absorver conhecimentos e aprender a utilizá-los na vida profissional. Não é nenhuma novidade

que, devido à análise pessoal e ao ambiente institucional em que ela transcorre, a experiência da formação pode desembocar numa crença quase religiosa em determinadas ideias, o que Piera Aulagnier não hesitou em comparar à alienação.² Digo bem: *pode*, e não *deve*: não é um “destino funesto”, mas no que chamo *era das escolas* (entre 1945 e meados da década de 1970) isso não foi nada raro, tanto no interior da IPA quanto em outras associações, como a fundada por Lacan.

Certamente não foi por acaso que a partir dos anos 1980 começaram a surgir histórias da psicanálise desvinculadas de preocupações apologéticas. Uma das melhores é a monumental *História da psicanálise na França*, de Élisabeth Roudinesco, um livro que me marcou muito e me deu o modelo do que deveria ser uma obra desse tipo. Para mim, que vinha da filosofia e estava familiarizado com a história dela, era incompreensível que a maioria dos analistas não se interessasse pelo passado da psicanálise, como se ela fosse toda no presente, um conjunto de teorias e práticas nascido pronto da cabeça do Zeus da sua corrente, fosse ele Melanie Klein, Bion, Lacan ou qualquer outro.

Quando se entra na faculdade de música, se estuda entre outras coisas a história da música. Independentemente de você ser um músico clássico ou popular, é preciso ter uma noção dos estilos, das técnicas de composição e de execução, de como a arte dos sons evoluiu até os dias de hoje. Tome o caso de Bach, que a meu ver está para a música ocidental como Freud está para a psicanálise. Por quê? Porque, embora ninguém mais escreva música como Bach, o *Cravo bem temperado* continua a ser hoje o que foi desde que ele o compôs, tanto um modelo do que se pode fazer com o sistema tonal quanto um conjunto de peças indispensável para quem toca instrumentos de teclado desenvolver a independência dos dedos e aprender o que ele chamava de *toque cantabile*, ou seja, aprender a pensar musicalmente. Bach é a base de tudo o que se fez depois dele, assim como Freud: ninguém mais analisa como Freud, mas as suas obras são um modelo do que se pode fazer com a teoria psicanalítica, e contêm inumeráveis exemplos de raciocínio clínico, de psicopatologia, de questões técnicas, que nos ensinam a pensar psicanaliticamente.

O mesmo se pode dizer das obras dos seus principais sucessores, e mais uma vez o caso da música pode servir de comparação. Depois de Bach, vieram Mozart, Beethoven, os românticos etc.; na psicanálise, os equivalentes deles são Abraham, Ferenczi, Klein, Bion, Lacan, os psicólogos do ego, os teóricos das relações de objeto, como Winnicott... Ler esses autores nos ensina como lidar com pacientes diferentes daqueles a partir de cujo tratamento Freud criou as bases da psicanálise. Mas o principal, do ponto de vista

2 Em *Les destins du plaisir* (Paris, PUF, 1979), e num artigo escrito com ácido sulfúrico, “Sociedades de psicanálise e psicanalistas de Sociedade”, in *Un interprète en quête de sens* (Paris, Ramsay, 1986, tradução brasileira publicada pela editora Escuta, 1990).

da nossa formação, é nos vacinar contra a ideia absurda de que a psicanálise é um bloco monolítico. Não é – e o extraordinário é que, sem coincidir *in toto* com o que Freud escreveu, os autores pós-freudianos continuaram o que ele começou e tanto desenvolveu.

É justamente por isso que se pode falar da história das ideias e das práticas psicanalíticas, num sentido forte: as teorias elaboradas por eles são ao mesmo tempo psicanalíticas, porque conservaram o essencial da herança freudiana, e não freudianas, porque introduziram concepções que não podem ser diretamente derivadas do que ele nos legou. Desde a morte de Freud, 80 anos atrás, a psicanálise não apenas se expandiu geograficamente, mas sobretudo científica e clinicamente, passando a poder compreender e tratar de organizações psíquicas para as quais – apesar de algumas indicações aqui e ali – o legado de Freud não é suficiente. Quem diz isso é André Green, um dos autores contemporâneos que mais longe foi na direção que estou caracterizando.

Quanto à vertente que poderíamos chamar de *factual* – a história das pessoas e das instituições – ela também é de grande interesse, quando mais não fosse porque conhecê-la é condição indispensável para não ficarmos atados ao “romance familiar” induzido pela maneira como nos formamos. Necessariamente, nossa análise pessoal e cada supervisão a que nos submetemos foram realizadas dentro de determinada orientação, já que ninguém é freudiano ao acordar, kleiniano depois do almoço e lacaniano à noite. Por mais que nosso analista e nossos supervisores não sejam adeptos da monocultura, que segundo Caio Prado Jr. é a base do subdesenvolvimento, a transferência e a angústia diante dos primeiros atendimentos nos levam a tentar operar como eles – o que mais poderia fazer um analista iniciante?

É só com o tempo que vamos aprendendo a falar com nossa própria voz – e, nesse processo, saber o que aconteceu antes de nós é de grande ajuda. Como se formou a instituição a que pertencemos? Quem foram os mestres dos nossos mestres? Por quais vicissitudes políticas, teóricas e clínicas essa instituição passou até chegar à sua conformação atual? Tudo isso só pode ser compreendido se tivermos acesso à história dela, e também à do restante do movimento analítico, de modo a poder contextualizá-la (e por consequência a nós mesmos) na grande corrente que começa com Freud, e que tanto se diversificou desde o tempo dele. É assim que se constrói nossa identidade de psicanalistas.

Nesse sentido, o que temos hoje – para além do que cada um fica sabendo em conversas particulares ou em palestras – são alguns bons livros sobre a história do movimento analítico, tanto no Brasil quanto em outros países. Para ficarmos no caso de São Paulo, há o de Roberto Yutaka sobre a IPA (*Álbum de família*) e a *História do Departamento de Psicanálise* do Sedes, escrita por

Roney e Monica Musatti Cytrynowicz. Talvez haja outros, por exemplo sobre o movimento lacaniano, mas não os conheço.

Em todo caso, o que não temos – e espero que um dia tenhamos – é uma história das ideias psicanalíticas no Brasil, que começasse com a recepção de Freud pelos psiquiatras aí por volta de 1900 e viesse até os dias de hoje. Isso requereria um esforço hercúleo, talvez coletivo – digamos um livro com capítulos sobre tal ou qual período, ou instituição, ou corrente teórica, cada um escrito por um autor, e um prefácio do organizador apresentando sinteticamente o conjunto da coisa.³ Para a primeira etapa dessa história, de 1900 até 1930 aproximadamente, já existe um trabalho, a excelente dissertação de mestrado em psicologia clínica defendida em 2013 por Josiane Cantos Machado: *A história da psicanálise no Brasil nas primeiras décadas do século xx*, disponível em PDF no portal da PUC-SP.

RBP: Você ressalta que é importante distinguir o saber da técnica e o saber da história das pessoas. Mas também é preciso aprofundar o conhecimento da relação entre esses saberes, não?

RM: Sem dúvida. E, para isso, o melhor seria estabelecer uma disciplina específica de história da psicanálise, com duração de alguns semestres, porque o material é tão extenso que não caberia apenas em um. Quanto ao conteúdo, me parece que deveria contemplar as duas vertentes de que falamos. Digamos que fossem seis semestres, algo como umas 150 aulas. Em cada uma, se poderia abordar um período específico do passado da psicanálise, por exemplo o que chamei de *era dos debates*, que vai de 1919 a 1939, isto é, do pós-Primeira Guerra Mundial até a emigração de Freud para a Inglaterra, que assinala o fim da predominância da psicanálise centro-europeia no movimento internacional. Começaria contextualizando a época – os anos 1920 e 1930, com as grandes mudanças políticas e culturais que ocorreram então. Em seguida, se focalizariam as teorias que foram sendo propostas por Abraham, Ferenczi e pela segunda geração de analistas, formada nos Institutos de Berlim, Viena, Budapeste e Londres, o surgimento da escola kleiniana etc. Nesse item, caberia estudar alguns textos desses autores, diretamente (lendo e discutindo os próprios, não só os resumos dos manuais), para entender a partir de quais questões clínicas eles foram levados a propor conceitos e hipóteses diferentes (e por vezes contrários) aos então vigentes. Por fim, haveria discussões a respeito da utilidade disso tudo para a prática atual – até que ponto nos servimos dessas noções, quais foram deixadas de lado e por que etc.

3 Um modelo para tal obra coletiva seria a *História da filosofia* coordenada por François Châtelet (Rio de Janeiro, Zahar, 1974).

Um ponto importante merece ser lembrado aqui: qualquer história, seja do que for, comporta um aspecto causal – isso provavelmente determinou aquilo, que por sua vez levou àquilo outro – mas também um elemento que talvez devamos creditar ao acaso. Quero ser claro: *acaso* aqui não significa sem razão – tudo o que existe tem uma ou várias causas – mas algo que poderia ter sido diferente do que foi. E por quê? Porque, na série de causas que determina esse fato, algo poderia ter sido diferente, ou não ter acontecido, produzindo portanto um resultado x em vez do resultado y que acabou ocorrendo.

Um exemplo ajuda a entender o que estou afirmando: na pesquisa que mencionei antes, a Izabel Madureira descobriu que Ernest Jones era um excelente patinador no gelo. Obviamente, isso não tem influência alguma sobre suas ideias como psicanalista, mas diz algo sobre a psicologia dele, e é o seguinte: Jones era um galês, membro de uma minoria que ainda hoje se ressentia de ter sido dominada pelos ingleses. Mas, como queria se integrar à maioria inglesa da Grã-Bretanha, isso lhe causava um problema de identidade (que a Izabel estuda em detalhe, e não vem ao caso agora), agravado pelo fato de ele ser mais baixo que a média dos homens daquela época. Entre as atitudes que ele tomou para lidar com essas questões narcísicas, em particular para ser aceito e respeitado na classe alta, à qual não pertencia por nascimento, nem por ter estudado em escolas de elite, está a escolha desse esporte, ou *hobby*, que na época estava em moda naquele meio. Até aí, nada de extraordinário. Ocorre que a patinação no gelo levou Jones a estabelecer vínculos de amizade com gente influente. Entre essas pessoas havia um cidadão que, na época em que ele estava tentando tirar Freud de Viena, ocupava um alto posto no Foreign Office. Está aí o fator acaso: se não tivesse um amigo no lugar certo e na hora certa, talvez os seus esforços para colocar a força do Império Britânico a favor da família Freud não tivessem alcançado êxito.

Entre os apoiadores de Freud nessa ocasião figuravam também Marie Bonaparte e William Bullitt, o coautor do livro inacabado sobre o presidente Wilson. Suponhamos que a princesa tivesse tido um infarto justo nesse momento, e/ou que Bullitt, agastado pelas divergências quanto às ideias de Freud sobre Jesus Cristo, não tivesse se empenhado tanto para mobilizar o governo Roosevelt em favor dele. Qualquer dessas circunstâncias, com ou sem o fator Jones patinador e bem relacionado, poderia ter levado Freud a ficar em Viena em vez de ir para Londres. As consequências disso não afetariam apenas a ele, mas a todo o movimento psicanalítico até hoje: por exemplo, não teriam ocorrido as Discussões Controversas na Sociedade Britânica, e Melanie Klein talvez tivesse reinado nela praticamente sem oposição; provavelmente Anna Freud teria ido para Auschwitz com as suas tias, e não existiria uma ala egopscologista na Inglaterra...

Tudo isso pode parecer muito distante da formação do analista, mas seria um grande equívoco pensar assim. No estudo sobre a “jovem homossexual” (1919), Freud pondera a respeito do papel de fatores desse tipo na vida das pessoas, e portanto também na causação das neuroses que as afetam. Diz ele que, partindo do presente, é em princípio possível reconstituir de modo razoavelmente provável a cadeia de fatores que gerou tal e tal organização defensiva, tais e tais sintomas etc. Mas o contrário não é possível: mesmo que conhecêssemos o suficiente sobre o ponto de partida – a constelação disposição constitucional + ambiente – disso não se poderia deduzir o futuro, pela boa e simples razão de que diante de tais ou quais circunstâncias o indivíduo poderia ter reagido de forma diversa do que fez, e conseqüentemente todo o resto da série teria sido afetado por esse fato. Bastaria a Sra. K não ter virado amante do pai de Dora, ou o Sr. K, indignado com os avanços do rival, desafiá-lo para um duelo e acertar o alvo...

Ou seja, há um fator aleatório (no sentido de não poder ser deduzido da cadeia causal) com o qual devemos contar no raciocínio clínico. A mim isso parece de importância considerável, por uma série de razões, entre as quais a de estabelecer que tipo de ciência é a psicanálise – mais próxima da história, da economia etc., do que das ciências naturais, pelo tipo de fenômenos que estuda e pelo aspecto probabilístico essencial nas teorias que formula.

RBP: Como pensar o que acontece na formação de uma instituição, nas escolhas, nas renúncias, nos movimentos que conversam com o saber e suas correlações? Há movimentos para dentro de um meio institucional, e também para fora: quem você aceita, quem limita, quem recusa, com quem se fazem alianças. Você não concorda que, quando se fala em história, é em geral de forma secundária, anedótica, e não como um debate entre saberes?

RM: Vamos por partes. Com a psicanálise, aprendemos a não achar que uma coisa anedótica não é importante. Aprendemos a prestar atenção exatamente no detalhe pitoresco, dissonante, na coisa curiosa, naquilo que faz ruído. Buscamos compreender o sentido disso, o que significa incluí-lo no conjunto do discurso do paciente como algo que tem significado e razões para ser assim e não de outro modo – ou seja, o que Freud dizia ser necessário para interpretar um sonho (“incluí-lo na cadeia de acontecimentos psíquicos como algo significativo”, capítulo 2 da *Traumdeutung*).

No caso da história da psicanálise, isso quer dizer levar em conta o lado factual – o que aconteceu com as pessoas, entre elas, nas instituições etc. – e procurar usar essas informações para compreender as linhas da grande história. O caso de Jones e da patinação é um ótimo exemplo disso, mas está longe de ser o único.

Concordo com você que, na nossa formação, deveríamos poder ter condições de situar a instituição a que pertencemos – seja ela qual for – dentro dessa grande história. A vantagem fundamental disso é que contribui para evitar uma adesão acrítica à visão que ela tem, oficialmente, de si mesma. Em geral, essa visão sugere (quando não afirma, ou mesmo impõe) a ideia de que ela é o único herdeiro legítimo do pai fundador, a portadora da “verdadeira” psicanálise. Isso já foi mais estridente e mais intolerante do que hoje em dia, mas penso que continua a existir. E penso também que conhecer a história dos demais “irmãos” que foram surgindo na família psicanalítica aumenta as chances de respeito recíproco e de diálogo entre todas as instituições.

Aqui talvez convenha lembrar uma experiência pessoal, que já contei em outras ocasiões. Eu comecei minha análise na França, com um analista da IPA (Claude Le Guen), e aqui a continuei com Vera Stela Telles, na época também da IPA. Havia diferenças enormes na forma como cada analista conduzia o trabalho, e a princípio isso me deixou perplexo: como modos tão diversos de ouvir e de interpretar podiam ser ambos psicanalíticos? O analista francês era muito mais silencioso, o que dava às suas escassas falas um peso muito grande. A transferência era interpretada, obviamente, mas de maneira menos explícita e detalhada que no estilo kleiniano então imperante aqui. O passado infantil, por sua vez, era bem mais valorizado do que pela Vera Stela, que se centrava no aqui e agora. Apareciam expressões que eu nunca tinha ouvido no divã do Le Guen, como “no nosso encontro”.

A princípio, eu pensei que se tratasse de diferenças individuais, pois eram pessoas diferentes, ou talvez devidas ao fato de ela ser também professora universitária (na USP) e uma reputada analista de crianças, e o Le Guen não ser nem uma coisa nem outra. O fato é que acabei me dando conta de que as razões do que me deixava atônito eram de outra ordem: deviam-se a concepções diferentes do que é o funcionamento psíquico e do que significa *interpretar*. E, por sua vez, o fato de que existiam concepções diferentes sobre elementos tão centrais da prática psicanalítica tinha raízes na maneira como a psicanálise havia se implantado na França e no Brasil – resumidamente, o papel respectivo de Freud (via Lacan) na psicanálise de lá, e da escola inglesa (principalmente Klein) na daqui.

Conseqüentemente, nas discussões entre analistas na IPA francesa apareciam temas que aqui não teriam como aparecer: por exemplo, quais os fundamentos da eficácia da fala do analista, assunto tratado ampla e profundamente pelo meu professor Conrad Stein. Não que isso não pudesse interessar aos paulistas – claro que sim – mas o problema tomava outra feição, justamente porque em Paris uma das características dessa fala do analista era ser concisa, alusiva, quase oracular, e aqui era exatamente o contrário.

Veja bem: não estou dizendo que uma forma de praticar a análise era melhor ou pior que a outra, mas sim que o ambiente em que se deu a formação dos meus dois analistas influía poderosamente na sua maneira de trabalhar. Por outro lado, talvez a forma menos explícita de interpretar a idealização inerente à transferência que predominava na França tenha algo a ver com o que mencionei antes, a saber, o risco de alienação que tanto preocupava os analistas. Um exemplo assombroso de que esse risco era bem real está num livro que muito me impressionou: *Um destino tão funesto*, de François Roustang. A tese dele é espantosa: é impossível que uma associação de psicanalistas escape desta armadilha – daí o título, inspirado num verso de Racine sobre a família da qual descendia Édipo – os assassinatos de filhos se repetindo de geração em geração. E por quê? Porque, segundo Roustang, a história da psicanálise é determinada pela sucessão de transferências inanalizadas e inanalizáveis que condena os “filhos” dos analistas didatas à eterna servidão. Ou seja, entre analistas é impossível uma associação civilizada e democrática.

Eu discordo desse absurdo em gênero, número e grau. Ele provém da experiência de Roustang – e de outros analistas da sua geração – com o autoritarismo de Lacan, e com a alergia dele a todo e qualquer pensamento independente por parte dos seus “alunos”, como os chamava. Mas de forma alguma é um destino inapelável. Considerá-lo assim resulta, também, de uma extrapolação equivocada da psicanálise para uma esfera na qual ela não pode ter pretensões absolutas, a saber, os fenômenos sociais. Em outros termos, para Roustang os únicos meios de explicar um fenômeno social (como o funcionamento de uma instituição, psicanalítica ou não) são os que a psicanálise nos oferece – o jogo das pulsões, defesas, angústias, fantasias etc. Ora, isso está completamente errado, porque uma instituição não é um indivíduo, e envolve outros aspectos, como o direito à divergência, formas aceitas de debate, de crítica, de alternância de poder, e assim por diante. Esse imperialismo epistemológico da psicanálise é outra coisa contra a qual o conhecimento da história pode nos vacinar: ela não explica tudo, nem tudo de tudo. Como na célebre tirada de Hamlet: “Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia.”

RBP: Por falar em filosofia, essa foi a sua formação original. Em que medida se pode dizer que ela contribuiu para a sua visão da história da psicanálise?

RM: Simplesmente, em tudo. Eu vim a me interessar pela psicanálise na faculdade – no Dante Alighieri, ela passava longe das aulas, mesmo no curso clássico, que eu frequentei. Nas aulas da Marilena Chauí, fiquei conhecendo a Miriam Chnaiderman e a mãe dela, a Regina, que as assistia junto com a filha.

Quando resolvi fazer o mestrado em filosofia – isso era em meados da década de 1970 – fui conversar com a Marilena, e para começar ela me deu uma bibliografia daquelas de três páginas. Nela figuravam as *Conferências de introdução à psicanálise*, que eu comecei a ler esperando o ônibus para voltar para casa, e que me deixaram simplesmente maravilhado. Aquilo podia ser tema de uma tese de mestrado? Foi o que perguntei à professora, e ela respondeu: “Por que não?”. O resultado foi o livro que depois saiu pela Perspectiva com o título *Freud: a trama dos conceitos*. Para escrever sobre um autor, filósofo ou não, exigia-se a leitura integral da sua obra, e eu não tinha condições de comprar a Standard Edition, que então estava chegando ao final. A Regina me emprestou todos os volumes, e por isso as citações de Freud no meu livro são todas da Standard.

Esse é outro exemplo do que falamos antes, o papel do acaso na vida de uma pessoa, e, se essa pessoa for um analista, na história da psicanálise. Não me parece pretensioso pensar que o meu interesse por esse tema faça parte da história da psicanálise em São Paulo, e portanto no Brasil, pois foi aqui que pude dar sequência a esse interesse, e, por ser professor no Sedes e na PUC, contribuir para que hoje em dia ela seja mais conhecida e estudada do que na época da minha formação. Volto a repetir: o acaso se dá no plano da existência pessoal dos indivíduos, não no dos fatores históricos em sentido amplo. Dito de outro modo: o que foi casual para mim – porque poderia não ter ocorrido – é que a Regina aparecesse na minha vida, me emprestasse os livros, e além disso tivesse seus próprios projetos na área da psicanálise, em função da sua biografia anterior.

Não é em absoluto casual, por outro lado, que esses projetos envolvessem a criação de um curso de psicanálise fora da IPA, nem que, graças à Madre Cristina e à biografia dela, somada às condições políticas de então (ditaduras no Brasil e na Argentina), justamente naquele momento chegassem ao Brasil muitos analistas argentinos, que aqui se exilaram devido à perseguição de que eram alvo no seu país. Esses fatos e processos são muito mais amplos do que nossas pessoas, e têm razões que continuariam a valer se nenhum de nós estivesse por perto.

O fato é que, ao voltar da França, fui conversar com a Regina sobre como continuar a minha análise aqui. Ela me recomendou a Vera, e, quando decidi abrir meu consultório, me indicou pacientes e se tornou minha supervisora. Por recomendação dela, a Suely Rolnik indicou meu nome para dar aulas na pós-graduação em psicologia clínica da PUC, onde então a psicanálise estava pouco presente. De novo o acaso: para poder ser contratado, era necessário ser doutor, e eu estava justamente por defender meu doutorado na filosofia da USP, que depois veio a ser o livro *Freud, pensador da cultura*. Se eu não o tivesse pronto, não teria podido atender a esse requisito, e possivelmente a vaga teria sido ocupada por outra pessoa. O que é casual, então, é

a *conjunção* de todos esses fatores, cada um deles inteiramente determinado por outros, em vários níveis e planos.

RBP: Não é justamente este o trabalho da história, explicar os vários eixos que estão interconectados?

RM: Exatamente. Se os argentinos não tivessem vindo para cá, a psicanálise brasileira não comportaria esse componente que veio pelo Sedes e pelos seus desdobramentos – uma ala com compromisso social maior, com interesse maior na atividade do analista *extramuros*, como dizia o Laplanche. Enquanto as Sociedades da IPA se limitavam essencialmente ao trabalho de consultório – a Clínica Social de Psicanálise do Rio era uma exceção que confirmava a regra – o pessoal do Sedes inventava coisas, e essa era uma faceta progressista no panorama da época.

Por exemplo, no governo Franco Montoro foi firmado um convênio entre o Sedes e a Secretaria Estadual da Saúde, com o objetivo de dar treinamento em saúde mental aos agentes do serviço público envolvidos no acolhimento e no tratamento de pessoas que o buscavam. Não havia ainda os Caps, o SUS estava engatinhando, e durante uns bons três ou quatro anos os professores do curso de psicanálise trabalharam com enfermeiros, atendentes etc., ajudando-os a entender melhor o que é o psiquismo, e portanto o que estavam fazendo nas equipes de cuidados das quais participavam.

A própria ideia de saúde mental nos chegou com os psicanalistas argentinos: vários deles haviam trabalhado no movimento de *salud mental* de lá, cujos determinantes não vêm agora ao caso, mas que certamente têm a ver com a história da Argentina – o papel dos sindicatos na prestação de serviços de saúde, elemento fundamental na estratégia tanto social quanto política do peronismo – e com a história da psicanálise na Argentina, da qual fazia parte a contestação do grupo Plataforma a certas posturas políticas da IPA. Essa contestação explodiu num congresso no início dos anos 1970, e está na base de uma grande reforma das estruturas de poder no interior da IPA como um todo, e das Sociedades locais também, inclusive em São Paulo.

RBP: Que hipótese você fazia para esse fechamento?

RM: Naquele momento, me parecia mais um efeito nocivo da falta de diálogo entre as diversas associações de psicanalistas, por sua vez derivada da convicção de cada uma de ser a portadora da única psicanálise legítima e verdadeira. E isso não era exclusivo da IPA: se os kleinianos consideravam Lacan um mero intelectualista, desprezando a colossal elaboração de 24 anos do Seminário, os partidários deste acusavam os kleinianos de terem ficado

presos ao imaginário e de serem conservadores, para não dizer reacionários, em matéria política.

Na verdade, o autoritarismo no interior das associações era a regra, tanto em assuntos políticos internos quanto no leque extremamente limitado de opiniões aceitas e permitidas. Tanto é que, em 1976, René Major criou em Paris um espaço em que fosse possível falar livremente de ideias novas – parece absurdo que isso tenha sido necessário numa corporação dedicada em princípio à investigação daquilo que nos escraviza na vida psíquica... Mas foi o que aconteceu, e *Confrontation* se tornou um sucesso estrondoso. Eu, que acabava de desembarcar lá, tive oportunidade de assistir a vários cursos e palestras dados por analistas dos quatro grupos então existentes, e todos eles diziam que só ali poderiam exprimir suas ideias sem medo de serem rechaçados como heréticos.

Por outro lado, e agora me referindo especificamente ao Brasil, o conservadorismo e a falta de participação na esfera pública não eram exclusivos dos psicanalistas da IPA: em sua grande maioria, a classe média e os profissionais de outras áreas tampouco se arriscavam a contestar o regime ditatorial. E, às vezes, havia colaboração direta com ele, como no caso escandaloso de Amílcar Lobo. Tanto a Sociedade do Rio de Janeiro quanto a IPA, na pessoa do seu então presidente Serge Lebovici, foram coniventes com o episódio, e procuraram acobertar Leão Cabernite, que era o analista didata de Lobo. Sabemos disso pelo livro *Não conte a ninguém*, de Helena Besserman Vianna: quando ela denunciou a história, foi repreendida pela Sociedade a que pertencia, e tendo viajado à França para buscar apoio, recebeu de Lebovici um telefonema no qual ele lhe pedia cautela, discrição... “N'en parlez à personne”, foi o que ele disse – daí o título do livro – porque a própria IPA iria tratar do assunto etc.

O fato de ter sido um incidente isolado não retira um grama da gravidade dele. A atitude dos poderes constituídos foi covarde, para não dizer cúmplice e indecente. Havia um candidato que participava das torturas impostas pelo regime aos dissidentes presos, e isso era simplesmente intolerável. Os colegas que apoiaram Helena – em especial Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas – foram expulsos da Sociedade do Rio de Janeiro, processaram a dita Sociedade, e acabaram reintegrados por ordem judicial.

RBP: É interessante observar a potência antidogmática que esse tipo de estudo tem. Você usa a metáfora do tronco e dos ramos para falar da história da psicanálise, e penso no papel do *terroir* no desenvolvimento das ideias, dependendo de como uma ideia floresce, ou não, aqui ou ali. Na formação, temos uma tradição de visitar os clássicos, mas é como se os estudos partissem do tronco para o ramo específico que está sendo enfocado, sem levar em consideração o todo. E isso que você está falando da história ajuda a fazer um recuo,

a ter essa noção da árvore, do todo. Há esse galho aqui porque as condições permitiram que aqui a psicanálise se desenvolvesse de uma forma, e em contrapartida os ramos de lá se desenvolveram de outra... O estudo da história da psicanálise permite que saíamos um pouco dessa ideologia da psicanálise, ou seja, que possamos pensá-la a partir da vertente, ou da matriz clínica, com a qual nos identificamos.

RM: Você está definindo isso de forma perfeita. Estamos sempre falando das pessoas e das instituições. É muito importante, pois hoje em dia, 35 anos depois, ainda perdura um pouco esse sentimento de que só existem Freud e nós, e o “resto” é desprezível.

RBP: Os impostores.

RBP: Como se fossem os filhos bastardos.

RM: Inclusive, em certa medida, no interior da própria IPA. Foi preciso um combate vigoroso por parte das Sociedades francesas para fazer aceitar o seu sistema de três sessões por semana na análise didática. O argumento da IPA era que a “verdadeira” psicanálise exigia quatro. Como quem discordava disso eram os franceses, que têm um papel importante na psicanálise mundial, e não os hondurenhos ou os albaneses, eles acabaram aceitando que a Guerra dos Cem Anos acabou, e engolindo a validade das três sessões. Foi uma vitória considerável, me parece, porque essa questão tinha virado um fetiche, uma reserva de mercado travestida de purismo. Se fosse para ser fiel à tradição, por que não impor análises de seis vezes por semana, como faziam Freud e os primeiros analistas? O fato é que a qualidade de uma análise não tem nada a ver com o modo como se distribuem as sessões semanais, o que também acabou sendo aceito – é o que se chama *análise condensada*, imposta em certos casos pelas condições geográficas e econômicas.

RBP: Porque alguém frequentar o consultório de um analista quatro vezes por semana não quer dizer que ele faz análise...

RM: Voltamos ao tema da idealização presente no nosso estilo de formação, que é um problema inescapável – o que não quer dizer, obviamente, que seja insolúvel. Mas é preciso pensar em soluções para ele, ou seja, em formas de processar os resíduos transferenciais que sobrevivem após o fim das sessões com o analista, seja ele didata ou não. Fiquemos no caso da análise de formação: no Quarto Grupo, existe uma prática chamada *análise quarta*, que consiste em que, uma vez terminada a análise, o candidato passe a ver outro analista

– o quarto, se contarmos ele próprio, seu analista e seu supervisor – para falar do seu processo analítico, durante ao menos um ano. O objetivo dessas sessões é exatamente permitir ao candidato detectar, e se possível superar, os resquícios de idealização que poderiam entrar sua criatividade como analista.

A utilidade desse procedimento fica evidente quando nos lembramos de certas situações ridículas devidas exatamente à identificação mal resolvida com o analista e a tudo o que esta envolve. Nos anos 1980, havia no Rio de Janeiro analistas lacanianos que faziam questão de atender usando gravata borboleta, como Lacan, e até fumar aqueles charutos tortos iguais aos dele. É o que Freud tinha em mente ao falar, na *Psicologia das massas e análise do ego*, de identificação no plano do ego, que leva o soldado a querer imitar os modismos do comandante, enquanto uma identificação no plano do ideal do ego o levaria a querer ser tão corajoso, ou tão bom atirador etc., quanto esse mesmo comandante.

A diversidade é um grande trunfo da psicanálise, não um obstáculo ao que quer que seja. E ela é fruto da história – de onde mais um argumento para estudá-la com cuidado. Em meados dos anos 1980, o reconhecimento dessa diversidade levou o então presidente da IPA, Robert Wallerstein, a levantar a questão de se havia *one psychoanalysis or many*, e, tendo optado pela segunda resposta, a incitar os analistas a buscar o *common ground*, o terreno comum, entre as diversas correntes ou tendências dentro da nossa disciplina. Isso foi muito importante, tanto para estimular o conhecimento das demais escolas psicanalíticas quanto porque para isso era preciso levar em conta como e por que elas se constituíram, ou seja, a história em sentido forte.

É verdade que, na proposta de Wallerstein, esse *common ground* se resumia às escolas de língua inglesa, deixando de lado o pensamento de Lacan. São os males da monocultura, no caso o monolinguismo – enquanto na França se estudam os autores ingleses, e em menor medida os americanos, os que só sabem inglês continuam a achar Lacan uma curiosidade etnológica, como os esquimós ou os apaches, que só pode interessar aos departamentos de literatura ou às feministas. Mas de qualquer modo era um avanço importante.

Aqui, mais uma vez, o exemplo da história de outras disciplinas indica o caminho a seguir. Poderíamos tomar o caso da história das ciências, mas não me parece o melhor, porque nela o passado tem interesse epistemológico, ou puramente histórico – quem hoje pensa a física como Galileu ou Newton, ou a medicina como Hipócrates e Galeno? O bom exemplo é o da história da filosofia, porque ela é, como dizia Merleau-Ponty, “toda no presente”. As ideias de Platão ou de Espinosa têm, para os filósofos de hoje, o mesmo valor que as do número mais recente de uma revista da área, porque tratam de questões humanas que permanecem no centro da reflexão

contemporânea, exatamente como as de Freud, Abraham, Ferenczi e outros mestres do passado da psicanálise.

O que me parece apropriado, se formos seguir esse exemplo, é ir do mais geral para o mais particular, começando pela época histórica em sentido geral e terminando em temas específicos ligados à clínica. Quando e onde este autor viveu? Quem eram seus mestres, seus colegas, seus adversários? Com quem ele discutia? Que questões estavam em debate? Que conceitos existiam para dar conta delas? No que consistem as inovações que ele propôs, a partir de quais problemas clínicos ou teóricos, como e por que foram eventualmente questionadas pelos contemporâneos?

Ou seja, começar por formar uma ideia geral do conjunto, como quando vamos para uma cidade que não conhecemos: arranjamos uma planta dela, verificamos onde estamos, quais são os pontos que nos interessa visitar, como chegar até eles etc. Não vamos conseguir conhecer a cidade como alguém que vive nela, mas ao pegarmos o avião teremos tido uma experiência razoável de como é. Traduzindo para o nosso caso: não vamos chegar a conhecer o autor em questão como alguém que segue o seu pensamento, mas teremos aprendido algo com ele – não somente o que pensa sobre tal ou qual tema, mas como chegou a essas ideias e qual é o possível alcance delas, o que a meu ver faz uma diferença para lá de considerável.

RBP: A ideia de mapa nos permite pensar na visão geral de uma cidade, que tem partes que não conhecemos, mas ficamos sabendo que existe um pedaço que não conhecemos, há um registro daquilo que não conhecemos.

RM: Exatamente.

RBP: Isso remete ao que falávamos no começo: temos que pensar na questão da história e da memória. Aqui está se falando do estudo da história, que vai do geral para o particular, diferentemente da nossa prática clínica, que parte do singular do paciente; de como estudar história pode ser uma grande ferida narcísica, como se eu me desse conta de que não sou o herdeiro direto, mas um pedaço aqui no meio de tanta coisa, e há tantas coisas que eu desconheço...

RBP: Um reles mortal.

RBP: Em relação a isso, eu sou mais um.

RM: O que você está sugerindo ajuda a explicar a resistência das pessoas a estudar a história da psicanálise, que tanto me chamava a atenção quando

comecei a me aventurar por essas searas. A familiaridade com a história da filosofia foi sem dúvida determinante para a atitude geral que me parecia recomendável. Se a diversidade na psicanálise envolve meia dúzia de tendências e alguns decênios, o equivalente na filosofia se refere a algumas dezenas de escolas e a 2.700 anos de reflexão, desde os pré-socráticos até os dias atuais. Como pretender que a minha variedade seja não apenas melhor que as outras, mas ainda a única “verdadeira” filosofia?

No caso dos meus colegas analistas, que por outro lado eu respeitava em tantos aspectos, essa atitude narcisista devia ter uma explicação. E a que encontrei era justamente ligada à esfera narcísica, sob a forma das identificações que estão na base das nossas convicções analíticas: mais do que mera ignorância ou prepotência, a desconfiança quanto à utilidade do estudo da história podia ser resultado do temor de que, ao conhecê-la melhor, essas identificações pudessem ser abaladas. Era, em suma, um reflexo defensivo, como escrevi num texto que se tornou o capítulo inicial de *O tronco e os ramos*, e que, numa homenagem ao Sartre da *Crítica da razão dialética*, intitulei “Questões de método na história da psicanálise”. A primeira versão dele saiu em 1985, e representava uma primeira tomada de posição diante dos desafios epistemológicos e metodológicos da empreitada em que eu estava me metendo.

O essencial dessa postura é que, como disse no início da entrevista, uma história da psicanálise não deve ter como objetivo a apologia de uma corrente, como se todo o passado dela conduzisse inevitavelmente a ela, primeiro porque isso não é verdade, e segundo porque ela deve visar exatamente ao oposto: despertar no leitor, se essa for a sua convicção, um germe de dúvida – será mesmo assim?

Insisto que essa convicção, tão frequente em certos círculos analíticos, não é fruto de nenhuma conspiração sombria para impedir os candidatos de pensar com a própria cabeça, mas um resultado do processo de formação, se nele não estiverem previstos antídotos eficazes contra ele. Esse resultado é potencializado pela maneira como trabalhamos, e isso desde os momentos iniciais, quando a ansiedade e o medo de errar nos levam a nos apoiarmos no que aprendemos no tripé formativo, e estamos preocupados demais em seguir os bons modelos.

RBP: Você falava da sua formação e de dois espaços na mesma cidade: formação na USP e em outros lugares em que você circulou, e o espaço da Sociedade. Que peso tem isso num conjunto maior, como a cidade, e, se tem, será que se pode pensar o fechamento como um traço das instituições psicanalíticas? Que particularidade isso teria em São Paulo? Sabemos que uma questão que perpassa isso é o preço que se pagava efetivamente pela formação.

RM: Primeiro, nem sempre a formação em São Paulo teve um caráter tão dogmático quanto nos anos 1960, 1970. Os pioneiros, como a D. Lygia, com sua experiência de educadora sanitária, a Virgínia Bicudo, que vinha da Escola de Sociologia e Política, um homem como o Theo Spanudis, colecionador de arte e tão culto, o próprio Durval Marcondes... A formação não era restrita a médicos e psicólogos, como em outros lugares do Brasil (Rio, Porto Alegre etc.). Eram pessoas que se tornaram psicanalistas a partir de uma curiosidade sobre o ser humano, que não nasceu só da sua própria neurose. Havia vozes dissonantes, digamos assim; uma delas era a do Isaías Melsohn.

Aos poucos, foi se consolidando a influência kleiniana, trazida pelos que estudaram em Londres no final dos anos 1940, início dos anos 1950. Isso, aliás, é uma questão interessantíssima: o que teria aproximado do grupo em torno de Melanie Klein os latino-americanos (porque não foram só os brasileiros: os argentinos e os uruguaios seguiram o mesmo caminho)? Tenho algumas hipóteses, mas elas ficam para outra conversa.

O fato é que era um grupo muito pequeno de pessoas, unidas por um propósito comum, e isso cria exatamente o tipo de *esprit de corps* do qual estávamos falando, a convicção de que estamos no rumo certo. Também há o fator juventude, ou pouca experiência: para que inventar modas, se a psicanálise que aprendemos já está tão aperfeiçoada? A atmosfera dogmática de Londres, dividida como estava a Sociedade Britânica nos grupos annafreudiano, kleiniano e Independente, também deve ter tido alguma importância nessa rigidez de espírito. Seja como for, com exceção do Isaías, e depois do Fabio Herrmann, em termos de pensamento original pouco se fez na Sociedade de São Paulo nas primeiras décadas da sua existência. Se quisermos usar a terminologia de Thomas Kuhn, os analistas dela faziam *ciência normal*, isto é, dentro do paradigma consensual, no caso o kleiniano.

Enquanto isso, na própria Sociedade Britânica as ideias iam evoluindo, em particular no Grupo Independente. Winnicott, por exemplo, escreve o seu artigo sobre o objeto transicional, que segundo Decio Gurfinkel (e também segundo André Green, que escreve sobre esse texto no livro *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*) tem um papel seminal no desenvolvimento não só das suas ideias, mas ainda de toda uma corrente que vai se preocupar com as organizações psíquicas não neuróticas.

O que o Decio traz sobre esse assunto no livro que dedicou às relações de objeto me parece interessantíssimo, porque mostra no detalhe como surge um conceito novo na nossa área. Winnicott cita o trabalho de um analista russo então vivendo nos Estados Unidos, chamado Moshe Wulff, que descreve alguns casos bem parecidos com os que o levaram a postular a existência

da área transicional e do objeto transicional.⁴ Wulff procura compreendê-los como exemplos de um “fetichismo infantil”; Winnicott não se convence com essa explicação, porque na teoria psicanalítica o fetichismo pressupõe a existência de um complexo de castração, e as crianças observadas por Wulff em Moscou ainda não haviam chegado a esse momento da evolução psíquica.

Winnicott situa o objeto transicional numa fase anterior, bem no início da vida, e portanto pode atribuir a ele, e posteriormente à área intermediária de ilusão na qual ele se constitui, uma função bem mais importante na organização psíquica da criança. Além disso, ao escolher este nome (área intermediária), faz referência a algo semelhante, que Freud havia descrito em “Recordar, repetir e elaborar”: o *Zwischenreich*, ou território intermediário, no qual se instala e se soluciona a neurose de transferência. Ou seja, inscreve a sua descoberta na história da psicanálise, o que no mínimo lança alguma dúvida sobre certas opiniões recentes do seu papel nessa história, segundo as quais ele teria sido o autor de uma concepção inteiramente nova e revolucionária do ser humano, que dispensaria o recurso à metapsicologia como linguagem conceitual para a nossa disciplina. O que é a área transicional, senão um conceito metapsicológico?

Estou trazendo esse exemplo porque me parece ilustrativo do que é a tarefa de escrever a história da psicanálise. Decio estuda o conceito que o interessa situando-o no contexto de um debate que então tinha lugar na Sociedade Britânica, entre Winnicott e Melanie Klein; lê com cuidado o texto que o introduz, vai atrás do que ele discute (o de Wulff), localiza o ponto de divergência com o autor que o precedeu, busca compreender os motivos que levaram esse último a interpretar o fenômeno nos termos em que o faz, assim como os motivos da crítica de Winnicott a essa interpretação... Lendo o seu livro, aprendemos muito mais do que isso: aprendemos a não acreditar em visões messiânicas, como a que transforma Winnicott num inovador absoluto, que se oporia por completo às doutrinas de Freud. Vacina da melhor qualidade contra o dogmatismo!

A tarefa de escrever essa história só pode ser coletiva. Cada autor, cada livro, cada artigo, coloca um tijolo nessa construção, tijolo cuja consistência pode e deve ser debatida pelos demais. Decio trabalhou com as escolas inglesas, eu mesmo tenho mais familiaridade com os franceses, outros a terão com o pensamento lacaniano ou bioniano.

4 “Fetishism and object-choice in early childhood” [Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância], precedido de uma excelente apresentação de Decio Gurfinkel, foi publicado no número 40 da revista *Percurso* (junho de 2008), e pode ser consultado no *site* da publicação: revistapercurso.uol.com.br.

RBP: Sempre se quer o argumento estratégico: quando se quer assassinar algo cientificamente na modernidade, é só dizer que tem um velho e um novo.

RM: Se quisermos um contraexemplo, posso citar uma coisa que me surpreendeu muito no excelente livro dos Symington sobre Bion, *The clinical thinking of Wilfred Bion*. Aprendi muito com ele, inclusive porque, além de discutir pormenorizadamente o que anuncia no título, contextualiza o pensamento maduro de Bion em relação ao de Melanie Klein, de quem ele foi um discípulo de carteirinha até os anos 1960. O próprio Bion, aliás, contribuiu para esclarecer as diferenças que a partir de então o opõem à sua ex-analista, num livro extraordinário que se chama *Repensando (Second thoughts)*, e que em português recebeu o título infeliz de *Estudos psicanalíticos revisados*. Pois bem: no prefácio, os autores escrevem uma coisa inacreditável, que me fez pensar numa frase semelhante de Charles Melman em relação a Lacan, e que testemunha o mesmo fanatismo que vemos no psicanalista francês. Comparem:

Melman: “Como a psicanálise nos foi transmitida? Por um acaso. Esse acaso se chama Jacques Lacan.”⁵

Symington: “Não hesitamos em considerar Bion como o mais profundo pensador da psicanálise – e isso não exclui Freud.”⁶

Essas hipérboles desnecessárias são exatamente aquilo que o conhecimento da história da psicanálise nos ajuda a evitar. No caso de Melman, a intenção publicitária em favor do lacanismo é evidente, mas falha pelo próprio exagero: a crer nela, se Mme. Lacan não tivesse dado à luz o seu ilustre filho, a psicanálise teria deixado de existir, porque segundo a versão lacaniana da sua história a herança freudiana foi desfigurada pelos sucessores (leia-se os malvados anglo-saxões, encastelados na IPA), a ponto de perder suas características essenciais, de onde a imperiosa necessidade de um resgate, operado pelo Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade etc. etc.

Ora, o que teria sido Lacan se não existissem as instituições psicanalíticas, entre as quais a Sociedade Francesa de Psicanálise, na qual ele se formou e da qual foi até presidente, se não existissem os psicanalistas alemães que cita e discute em detalhe na sua tese de doutorado (o Caso Aimée, 1932), se não existissem as teorias metapsicológicas, psicopatológicas e clínicas com as quais debateu e que lhe serviram – através das críticas que lhes endereçou – para construir suas próprias doutrinas? Melman faz dele um profeta surgido do nada, e ignora a lenta maturação que o conduziu até a formulação do seu sistema, que aliás ele não cessou de revisar enquanto viveu.

5 Cf. “Enfants de la psychanalyse” (*Ornicar?*, n. 16, 1978).

6 Cf. *The clinical thinking of Wilfred Bion* (London, New York, Routledge, 1996, p. xii).

O caso dos Symington é semelhante: para que distribuir medalhas de “profundidade analítica”, como se Bion pudesse ter chegado às suas ideias por iluminação divina e não *volviendo a pensar*, como é o título do seu livro em castelhano? *Volviendo a pensar* sobre o que, senão sobre o que acreditara ser verdadeiro até então? A originalidade e a importância da contribuição dele ressaltam ainda mais quando compreendemos a amplitude da sua reelaboração do pensamento kleiniano, sem o qual cabe duvidar que ela tivesse podido se constituir.

Não: não precisamos desse cheiro de incenso na nossa formação, nem na dos nossos estudantes, quer na universidade, quer nas instituições psicanalíticas. Com todo o respeito, é fora de propósito comparar o alcance da revolução freudiana na maneira como vemos hoje o ser humano com a novidade trazida por Bion a um campo no qual ele faz parte da terceira geração de cultivadores. Ela é significativa, sem dúvida, porém sem a existência desse campo, com tudo o que ele contém, não teria onde se fincar.

RBP: Você escreveu que Freud tinha falado do exército e da Igreja como organizações, e que se fosse hoje elealaria das sociedades de psicanálise e do partido comunista. Depois, disse que somos filhos de Freud, e que quem faz parte da esquerda política é filho de Marx. Esses problemas que estamos discutindo são problemas de quem tem um pai da envergadura de Freud ou de Marx?

RM: A frase não é minha, é do François Roustang. Quanto a ter pais dessa envergadura, é isso que faz a força – e por vezes algumas fraquezas – das comunidades baseadas no pensamento deles. Na minha maneira de ver, a história da psicanálise vem sendo globalmente muito fecunda. Acumulou-se um volume enorme de conhecimentos sobre como é a mente humana, sobre as variedades do sofrimento psíquico, e se desenvolveu uma ferramenta extremamente poderosa para lidar com elas. Pensemos em quantas pessoas se beneficiaram com a experiência de uma análise. Uma vez tentei fazer essa conta, levando em consideração quantos analistas já existiram e existem, quantos pacientes cada um poderia ter atendido... Cheguei a um resultado que me parece plausível (posso estar enganado, claro): cerca de 1 milhão, desde que Emmy von N. se deitou no divã e pediu que Freud a deixasse contar sua história sem ficar perguntando a toda hora de onde vinha cada sintoma – ou seja, desde que ela inventou a associação livre, e seu analista teve a humildade de acatar a sugestão, e a capacidade de a transformar no meio mais eficaz de acessar o inconsciente.

Contudo, mesmo esse número enorme é uma gota d’água no oceano da população mundial. A influência da psicanálise não se mede pelos pacientes

atendidos, mas pelo papel que ela teve no pensamento, nas artes, na maneira de educar as crianças, na percepção que temos de nós mesmos – e isso vale mesmo para quem jamais teve contato direto com um profissional ou com um escrito psi. Freud e suas descobertas entraram na corrente sanguínea da cultura ocidental, e, apesar das críticas que não cessam de surgir desde o início do século xx, penso que continuarão nela por muito tempo.

O inconsciente freudiano é um desses marcos no pensamento dos quais Merleau-Ponty falava num artigo intitulado “Em toda parte e nenhuma”, comparáveis às Ideias de Platão, ao silogismo de Aristóteles, ao *cogito* de Descartes, à dialética de Hegel. Veio para ficar, e não por acaso a revista *Time*, ao considerar quem devia ser escolhido como pessoa do século xx, incluiu na lista de candidatos o nome dele. Optaram por Einstein, mas, se fôssemos levar em conta não a ciência ou a grande política, nas quais o trabalho dele teve o impacto que se sabe, e sim a vida imediata das pessoas, a forma como vivenciam e compreendem a si mesmas, é bem possível que Freud levasse o galardão.

Nós somos herdeiros dessa tradição, e é apenas no interior dela que, como dizia Winnicott, podemos tentar ser originais. Mas isso só será possível se fizermos o esforço de nos orientar nela – se conhecermos o passado da psicanálise, e tirarmos dele as lições de sobriedade a que esse conhecimento nos convida. Não podemos saber para onde vamos, porém isso não nos impede de saber de onde viemos, e portanto em qual ponto da trajetória estamos nós e nossos colegas de outras instituições. Nestes tempos de fanatismo e de intolerância que vivemos, não me parece pouca coisa!

Projetos e pesquisas

Exílio na cidade

Algumas reflexões

Silvia Bracco¹

Resumo: Este artigo aborda questões que incluem fenômenos inconscientes presentes na cultura e atravessam os sujeitos vítimas da humilhação e desamparo social. Reflete sobre a contribuição que o psicanalista pode oferecer para estabelecer novas formas de compreensão dos fenômenos que nos cercam, ampliando a relação da psicanálise com as questões do mundo, seus limites e sobretudo sua potência. Pretende explorar esse tema, apoiado em uma situação ligada ao processo de reurbanização e realocação de populações que vivem em favelas na vizinhança do Ceagesp. Discute a lógica da exclusão e preconceito vigente, trabalhando com a ideia de invisibilidade, o terror da dessubjetivação e a angústia diante do estranho. O referencial teórico centrou-se nas ideias de Arendt, Gonçalves Filho e Debieux. Palavras-chave: clínica extensa, dessubjetivação, desigualdade social, humilhação, preconceito

Aqui estamos para falar de nossas clínicas, em nome também das instituições a que pertencemos; produzir reflexão a partir de uma análise que inclua os fenômenos inconscientes presentes na cultura e no social; pensar a saúde coletiva no coletivo, aquilo que é da ordem do espaço público. Gostaria de propor um tema que, a princípio, pode parecer curioso/estranho para uma discussão de saúde coletiva e psicanálise. Qual é a importância do envolvimento do psicanalista em debates como habitação?

Sabemos que a subjetividade se constrói na relação com o outro e com o mundo, o nós antecede o eu. Não há humanidade sem a possibilidade de trocas apoiadas na linguagem. O abandono, o descaso, a exclusão, a humilhação são destinos não humanos e provocam marcas profundas na subjetividade.

1 Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), coordenadora da área de saúde do Ateliescola Acaia e do setor de Parcerias e Convênios da Diretoria de Atendimento à Comunidade (DAC) da SBPSP.

Ao me debruçar na tarefa de escrever sobre esse tema, tive um sonho que me ajudou a pensar acerca de questões importantes. Nesse sonho, eu estava sendo assaltada por um ex-aluno do Acaia.² Muito alterado, ele me dizia que, se eu não lembrasse seu nome, iria me matar. Eu, em contrapartida, olhava para ele; não estava nervosa; recordava bem sua fisionomia, mas não seu nome. Eu dizia: “Sei quem você é, mas não consigo lembrar seu nome”. Inconformado, ele gritava: “Você tem que lembrar meu nome, Silvia!”. Ele lembrava o meu!

Há algum tempo, vivi um episódio com esse mesmo menino, que agora me volta em sonho. Num final de tarde, eu estava andando no Parque Villa-Lobos e escutei um grupo de crianças, que vinha de bicicleta atrás de mim, dizendo: “*Olha essa aí! Olha essa aí!*”. Claramente, eu seria mais uma das muitas pessoas que, com frequência, são roubadas por menores que vivem na vizinhança do bairro. Quando passaram à minha frente, arregalaram os olhos, evidentemente surpresos, e gritaram meu nome: “*Silvia!*”. Eu os saudei, ao mesmo tempo espantada e achando graça pelo inusitado da situação. Eram ex-alunos do Acaia, que frequentaram muitas vezes minha sala, a Oficina dos Sentimentos, espaço de atendimento que é aberto semanalmente para os alunos do Ateliê.

Penso que sonho e lembrança explicitam uma relação de permanente ameaça que existe entre nós, ou aquilo que representamos, eu e o menino sem nome. No sonho, ele me diz que, para eu viver em segurança, tenho que reconhecê-lo como sujeito. Ele enxerga em mim a ameaça dessubjetivante se for apenas um indesejável morador da favela. No parque, sou poupada porque tenho um nome, um rosto.

É uma ilusão acreditar que o sujeito pode alcançar estabilidade se não for amparado pelo ambiente e pelo campo cultural. Hannah Arendt (1958/2000) nos ensina que a condição humana só se define e é relevante se pertencemos a um mundo compartilhado por outros homens. Ela mostra que o totalitarismo e outras formas de exclusão da espécie humana destroem não só a esfera pública (jurídico-política), mas também o psiquismo, em sua capacidade de pensamento e simbolização. Para Arendt, a humilhação pode se definir a partir da ideia de exclusão de um campo inter-humano. Nenhuma vida humana é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos.

O que observamos na favela é que esse sentimento de pertencer ao mundo parece abalado em sua constituição; o anseio de encontrar um lugar num mundo compartilhado parece fraturado, prejudicando a constituição da própria identidade.

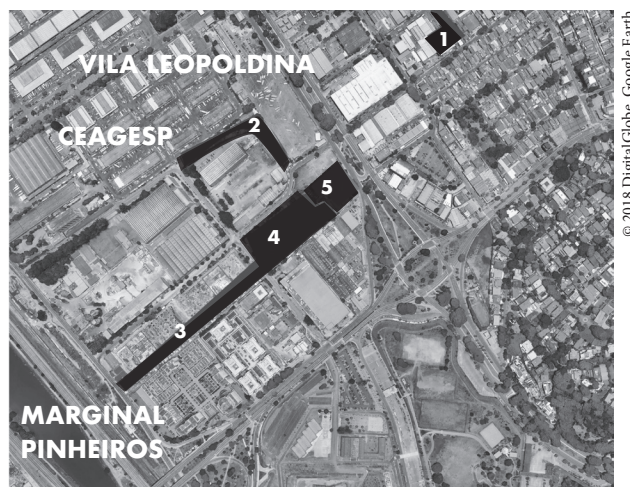
2 Entidade que atua, entre outras frentes, com a comunidade que vive nos arredores da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), em duas favelas e em um conjunto habitacional na zona oeste da cidade de São Paulo.

A violência econômica, a pobreza, nos remete a uma violência política. Gonçalves Filho (1995), apoiado nas ideias de Simone Weil, enfatiza não haver sofrimento proletário mais radical do que a humilhação, a matriz de todos, a perda social do direito à cidade, a impossibilidade de ser reconhecido como um igual. É importante ter claro o que está em jogo quando se fala de humilhação. O humilhado é bloqueado por muitos lados, mas sobretudo por dentro, em razão de um afeto pungente e desorganizador, que gera uma angústia que não pode ser nomeada. Gonçalves Filho abre uma importante discussão ao afirmar que

sofrimentos políticos não são enfrentados apenas psicologicamente, uma vez que são políticos. Mas não é bastante que sofrimentos políticos sejam politicamente enfrentados, uma vez que são sofrimentos. Digamos melhor: enfrentá-los politicamente inclui também enfrentá-los psicologicamente. A cura da humilhação social pede remédio por dois lados. Exige a participação no governo do trabalho e da cidade. Exige um trabalho interior, uma espécie de digestão, um trabalho que não é apenas pensar e não é solitário: é pensar sentindo e em companhia de alguém. (2004, p. 13)

Nesse sentido, é preciso incluir no conceito de saúde fatores que vão muito além da ausência de enfermidade, o que implica um posicionamento ético-político do psicanalista. Para discutir essas questões, vou me apoiar numa situação ligada à condição de moradia da comunidade com a qual trabalho há muitos anos no Acaia.

Que lugar é este?



Mapa da região retratada:

- (1) Instituto Acaia; (2) Favela do Nove; (3) Favela da Linha;
- (4) Conjunto Habitacional Cingapura; (5) 91.º Distrito Policial.

Os moradores das comunidades indicadas no mapa chegaram à região há mais de 50 anos, ocupando vagões de carga sobre um ramal ferroviário desativado. Naquela época, a Vila Leopoldina era um bairro essencialmente industrial, e a especulação imobiliária dos dias atuais ainda nem era sonhada.

Aproximadamente 5 mil pessoas vivem no local, em condições de grande vulnerabilidade social. Na vizinhança, porém, encontram-se o Shopping e o Parque Villa-Lobos, bem como os bairros de classe média alta City Boaçava e Alto de Pinheiros, explicitando a desigualdade de forma brutal. O intenso desenvolvimento imobiliário da região faz com que a ameaça de remoção dos moradores seja permanente, e põe lado a lado com a favela construções de elevado padrão, que evidenciam as fronteiras de classe em nosso país.

Não há nada que hostilize desta maneira: estar colado em tudo que lhe é negado. Mais que as segregações feitas entre centro e periferia, a que observamos aí ocorre muro a muro. De modo geral, a política urbana tem sido empurrar as populações faveladas para áreas periféricas da cidade.



Favela da Linha antes de uma obra de saneamento realizada pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp).



Favela da Linha após a realização da obra de saneamento.



Favela do Nove.



Um dos vários incêndios ocorridos na Favela do Nove.

Tomemos para reflexão um novo instrumento, o Projeto de Intervenção Urbana Vila Leopoldina – Villa-Lobos, criado pela Prefeitura de São Paulo. Embora ele procure ir contra a política mencionada, seus efeitos iniciais explicitam de modo claro a lógica de exclusão e preconceito que prevalece no sistema vigente. Tenho em mente que um processo de reurbanização e realocação de populações que vivem em favelas é bastante complexo e envolve múltiplos fatores, sobre os quais não poderia me estender. Contudo, tomo essa situação como um fragmento clínico, tentando compreender sentidos ocultos.

Uma empresa de capital privado está à frente de uma proposta para revitalizar determinada área de seu interesse, com ganhos de potencial construtivo e contrapartidas de interesse social no próprio bairro. Entre outras coisas, o projeto inclui o reassentamento dos moradores das favelas num lugar próximo de sua atual localização, que fica no coração da Vila Leopoldina, num terreno destinado, pelo último plano diretor da cidade, à construção de moradia popular. Como foi dito, essas famílias estão há muito tempo na região e mantêm ali laços afetivos, sociais e de trabalho.

Moradores que chegaram ao bairro anos depois, atraídos pelo *boom* imobiliário, têm se organizado através de uma associação e se dizem contrários à possível nova/antiga vizinhança. Seus argumentos, discutíveis, revelam medo e preconceito de ter que dividir seu espaço com os moradores das favelas. Individualmente, é muito provável que essas pessoas não sejam ou, pelo menos, não se reconheçam como racistas e preconceituosas; se questionadas, a maioria deve achar que a desigualdade, a miséria e a exclusão são um dos maiores problemas brasileiros. Ninguém vai assumir com todas as

letras que, na prática, as teorias não se sustentam. Tais pessoas sentem-se verdadeiramente ameaçadas por esse “invasor”, e se apoiam no imaginário de que, mantendo-os em seus guetos, “longe dali”, estarão salvas da violência e da própria miséria encarnada pelo outro.

Quando alguém assume que não quer um vizinho compartilhando o mesmo espaço público que o dele, quando se põe num lugar diferente, considerando o vizinho um cidadão de segunda ou de terceira classe, o que está implícito nesse discurso? O não reconhecimento de que ali, onde há um outro, há um semelhante. No sensível e contundente trabalho *Passagem para a Vila Joánisa: uma introdução ao problema da humilhação social*, Gonçalves Filho adverte: “O impedimento da humanidade, não a humanidade, é o que mete medo” (1995, p. 123).

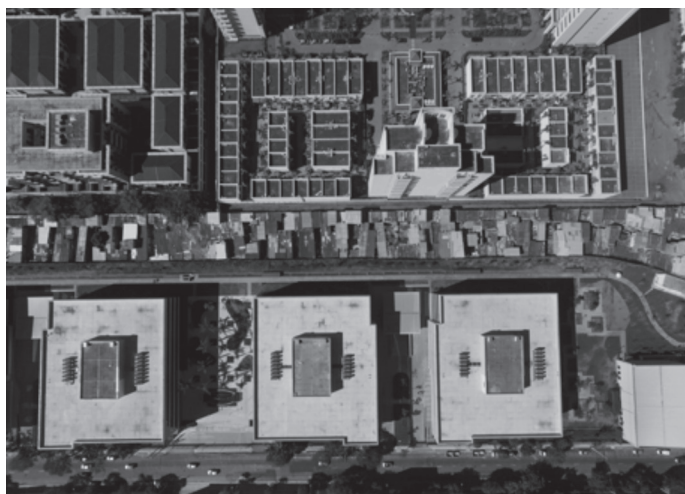


Foto aérea da Favela da Linha.



Foto da Favela da Linha vista da rua.

É mais fácil construir muros do que abrir portas

São muitos os muros que nos separam, mas as fotos apresentadas neste artigo mostram de modo contundente o que a cidade recusa. Através das imagens, vemos que ali vive gente. Não é fácil enxergar humanidade num ambiente desorganizado, sem horizonte, onde a luz do sol chega timidamente pelas frestas de precárias habitações, nos poucos metros da viela, hoje literalmente espremida entre os muros do poderio econômico da vizinhança e os da violência decorrente do tráfico, que tem o controle da favela.

Indo além, as fotos revelam um sintoma, um sintoma social, que pede escuta e sentido; evidenciam o que deveria permanecer oculto; levantam o não dito, uma parte da história que recalamos. No caso da disputa entre os moradores dos edifícios e os moradores da favela, há uma desqualificação dos favelados operada pelo imaginário social, que torna seu lugar invisível, des-subjetivante. Como no meu sonho, são os sem-nome, os sem-rostos, os sem-identidade, pertencentes a um grupo de miseráveis, que ameaçam a segurança da cidade, os valores vigentes, o *status quo*.

Rosa (2016) questiona: como se proteger da angústia de ter que lidar com aqueles que encarnam um resto sobre o qual não se quer saber? A autora fala da existência de um

pacto de silêncio do grupo social, a que pertencemos e do qual usufruímos. Tal usufruto supõe insistir em manter uma posição de inocência e ignorância sobre as determinações da miséria do outro e valer-se do discurso sobre igualdade entre os homens, quando, de fato, o que está posto é a sua exclusão; excluir e ao mesmo tempo usufruir do gozo da posição imaginária de estar do lado do bem, da lei. (p. 49)

É necessário compreender e nomear o que está em jogo, o que trabalha debaixo da superfície dos discursos e das práticas. “A escuta só se torna possível se é rompido o pacto do grupo social que os exclui. Fora disso, não há escuta, mas relação de subordinação entre classes ou grupos sociais” (p. 49).

O outro que eu não quero ver, que encarna o terror da dessubjetivação, lembra que eu mesmo posso ocupar esse lugar; porta aquilo que não tolero em mim, algo recusado na inscrição da própria identidade. Pontalis afirma que a angústia diante do estranho irrompe quando o outro é, ao mesmo tempo, parecido e diferente: “A imagem do semelhante, do duplo, é infinitamente mais perturbadora que a do outro” (1988, p. 36).

Trabalhar no território da extrema pobreza implica a construção de novos sentidos sobre certos restos. A especificidade da escuta e do método psicanalítico pode oferecer contornos, nomear experiências, tecer narrativas, numa abertura para o singular. A atenção ao sofrimento psíquico em situações

fora dos *settings* analíticos convencionais tem sido um dos eixos de trabalho da Diretoria de Atendimento à Comunidade (DAC) da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), que procura, por meio do debate e de ações em diferentes territórios, estabelecer novas formas de compreensão dos fenômenos que nos cercam, ampliar a relação da psicanálise com as questões do mundo, seus limites e sobretudo sua potência.

Outros caminhos: inclusão, reparação e arte



Oficina dos Sentimentos.

Queria que minha casa tivesse um portão.

(A, 8 anos)

Por que posso entrar nas casas para limpar, para cuidar das crianças, de um idoso, e não posso morar do seu lado?

(C, 51 anos)

Lá onde eu moro não é lugar de “vivente”. Tenho que fingir que não vejo muita coisa, ouvir gente ser morta, espancada na porta do seu barraco, e no dia seguinte, antes de pendurar a roupa, ir lá fora limpar o sangue.

(M), 45 anos)

O que um olhar atento pode depreender de tais imagens, anseios e indagações? O desejo de um dentro e fora; de segurança, proteção, dignidade e escolha; de um espaço público e um espaço privado, elementos que deveriam estar ao alcance de qualquer um. Crianças que, através do brincar, buscam entender os espaços, dar representação para a casa, lugar de referência, intimidade, acolhimento.

Encerro com fotos emblemáticas de outro muro, que busca romper sua função primeira (de separar) e trazer alguma luz para essa cisão. Meninos e

meninas do coletivo Xiloceasa, grupo formado por alunos e ex-alunos do Acaia, foram contratados para pintar o muro no local dos prováveis novos empreendimentos, e ali infiltrados, por meio de sua arte, tornam visíveis sentimentos de abandono, exclusão e luta. Quem por ali passa, não sai ileso. Apesar da consciência de que, para atravessar as fronteiras da desigualdade, muito precisa ser feito, sobretudo pelo poder público, esse muro carrega a marca humana. Esses jovens já ocupam um lugar bem diferente do menino do meu sonho.



Muros pintados pelo coletivo Xiloceasa.

Exilio en la ciudad: algunas reflexiones

Resumen: Este artículo aborda temas que incluyen fenómenos inconscientes que están presentes en la cultura y que atraviesan los sujetos víctimas de humillación y desamparo social. Reflexiona sobre la contribución que el psicoanalista puede ofrecer para establecer nuevas formas de comprensión de los fenómenos nos rodean, ampliando la relación del psicoanálisis con los temas del mundo, sus límites y, principalmente, su potencia. Pretende explorar este tema, basado en una situación relacionada con el proceso de reurbanización y reubicación de poblaciones que viven en favelas en los alrededores del Ceagesp. Discute la lógica de la exclusión y el prejuicio vigente, trabajando con la idea de la invisibilidad, el terror de la desubjetivación y la angustia ante lo extraño. La referencia teórica se basó en las ideas de Arendt, Gonçalves Filho y Debieux.

Palabras clave: clínica extensa, desubjetivación, desigualdad social, humillación, prejuicio

Exile in the city: some reflections

Abstract: This paper deals with issues that involve unconscious phenomena present in culture. These issues affect subjects who are victims of humiliation and social helplessness. The author writes her reflections on the contribution the psychoanalyst may bring by establishing new ways of understanding the phenomena that surround us and by expanding the relationship between Psychoanalysis and world's issues, as well as the limits and, especially, the potency of this relationship. This study is based on a situation related to the process of re-urbanization and the reallocation of people who live in slums in the surrounding areas of Ceagesp. The author discusses the logic behind the current exclusion and prejudice by working with the idea of invisibility, the extreme fear of desubjectivation, and the anguish at the stranger. Arendt's, Gonçalves Filho's, and Debieux's ideas are used as theoretical reference.

Keywords: extensive clinical practice, desubjectivation, social inequality, humiliation, prejudice

L'exile en ville: quelques réflexions

Résumé: Cet article évoque des questions qui comprennent des phénomènes inconscients présents dans la culture et qui passent par les sujets victimes de l'humiliation et du délaissement social. On réfléchit sur la contribution que le psychanalyste peut offrir pour établir de nouvelles façons de comprendre les phénomènes que nous entourent, en élargissant le rapport de la psychanalyse avec les questions du monde, ses limites et surtout sa puissance. On a l'intention d'explorer ce thème, appuyé sur un cas lié au processus de réurbanisation et réallocation de populations qui vivent dans des favelas aux voisinages de la Ceagesp – Compagnie d'Entrepôts

et Magasins Généraux de São Paulo. On discute la logique de l'exclusion et des préjugés en vigueur, en travaillant avec l'idée d'invisibilité, la terreur de la dessubjectivation et l'angoisse face à l'étrange. Le référentiel théorique est centré sur les idées d'Arendt, Gonçalves Filho et Debieux.

Mots-clés: clinique élargie, dessubjectivation, inégalité social, humiliation, préjugé

Referências

- Arendt, H. (2000). *A condição humana* (R. Raposo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1958)
- Gonçalves Filho, J. M. (1995). *Passagem para a Vila Joanisa: uma introdução ao problema da humilhação social*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gonçalves Filho, J. M. (2004). A invisibilidade pública. In F. B. da Costa, *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social* (pp. 9-47). São Paulo: Globo.
- Pontalis, J.-B. (1988). *Perder de vista: da fantasia de recuperação do objeto perdido* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta.

Recebido em 24/9/2018, aceito em 8/10/2018

Silvia Bracco

Rua Joaquim Antunes, 767/16, Pinheiros

05415-012 São Paulo, SP

sibracco@icloud.com

Resenhas



A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento

Autora: Miriam Debieux Rosa
Editora: Escuta; Fapesp, São Paulo, 2016, 200 p.

Resenhado por: Sandra Djambolakdjian Torossian¹

O livro *A clínica psicanalítica em face da dimensão do sofrimento* representa um marco brasileiro na psicanálise contemporânea. Ele defende uma psicanálise que acolhe a política, que se pensa e se constrói considerando a dimensão sociopolítica. Trata-se de levar à radicalidade a proposição freudiana de que toda psicologia é psicologia social.

Nessa proposição, Freud compreende o social como o outro integrado na vida anímica individual. O texto de Miriam, no entanto, sugere uma torção: não é somente o outro integrado à vida anímica individual, mas o sujeito constituindo-se na política – a política tomada a partir dos discursos constitutivos do sujeito, na qual a intervenção psicanalítica também deve se organizar. Elabora-se, assim, a perspectiva de uma psicanálise implicada com a dimensão coletiva do sofrimento.

Apresentado em três seções, com prefácio de Maria Rita Kehl, o livro tem como eixo condutor as intervenções psicanalíticas e seus impasses em contextos marcados por conflitos políticos e culturais. Traz ainda uma proposta diagnóstica que inclui não apenas a fantasmática do sujeito, mas também o campo do Outro.

Ao longo do livro, a partir de diferentes situações clínicas, que envolvem temas como exclusão social, pobreza, racismo, indiferença, humilhação, migração forçada e exílio, a autora ressalta um equívoco: o enredamento do sujeito na maquinaria do poder, quando o discurso social é oferecido como se fosse o discurso do Outro.

Os diversos cenários clínicos analisados revelam o sofrimento produzido pela posição sociopolítica do sujeito, na qual o campo simbólico foi

1 Doutora em psicologia, professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

obscurecido por personagens da cena social. São apresentadas, então, propostas que sustentam a intervenção, entre as quais a restituição de um campo mínimo de significantes referidos ao campo do Outro, o trabalho na articulação do singular no laço social e o rompimento com o discurso violento, mascarado como simbólico.

Na primeira parte do livro, a autora realiza um percurso da clínica psicanalítica em contextos de desamparo social e discursivo, a partir da escuta do não dito nos sintomas da infância e da resistência do analista na escuta de sujeitos excluídos pelo modelo neoliberal. Mostra também o trabalho analítico em situações traumáticas decorrentes de migrações forçadas.

Um ponto forte dessa seção é a consideração da resistência do analista na clínica do traumático, em situações de desamparo discursivo, que ocorrem quando os discursos sociais, travestidos de discurso do Outro, obturam a polissemia do significante e capturam o sujeito em suas malhas, em tempos de constituição (ou destituição) subjetiva. A resistência aqui poderá advir se o analista também se enredar nesse equívoco e produzir violência na transferência, causando o emudecimento do sujeito, em vez de sua fala, e a irrupção de violência. Segundo a autora, a escuta deverá ser orientada pela posição testemunhal e pelo resgate da memória.

As situações de migração forçada, provocadas por contextos de violência ou miséria, são apresentadas como campo fértil de análise da necessidade de resgatar as memórias e alinhavá-las numa história. Esse é o caso dos refugiados para os quais a dimensão do perdido e a dificuldade de se localizar no mundo assumem um lugar primordial e promovem efeitos de desenraizamento. Na clínica dessas situações, diante da potência enlouquecedora do traumático, não é suficiente o diagnóstico na direção das neuroses, psicoses ou perversões. É preciso estabelecer um semblante, recompor uma sustentação fantasmática mínima, o que se torna possível por meio da semblantização do real numa trama significativa.

Na segunda parte do livro, a autora considera as coordenadas presentes na cena política em que se processa a constituição subjetiva. Examina ainda situações-caso, como a toxicomania e a violência, referidas aos impasses do sujeito contemporâneo. Miriam tece uma proposta metodológica para a análise do vínculo entre o sujeito e os laços sociais, uma importante contribuição ao campo da psicanálise na articulação clínico-política e que suplementa o diagnóstico centrado no sujeito com um diagnóstico que inclui a cena social, o campo do Outro.

A proposta consiste em analisar os enunciados das enunciações da cena social sobre os referentes fundamentais da organização social e psíquica. Também, em elucidar o imaginário de diferentes grupos, os quais atribuem lugares muitas vezes rígidos e preconceituosos ao sujeito, quando o

denominam, por exemplo, de drogado, bandido ou doente. Seguindo a trilha indicada, uma parada se faz necessária para investigar as ilusões contemporâneas regidas pelo discurso neoliberal. Incluir o aspecto sociopolítico na escuta do não dito nos discursos do sujeito e sua força de determinação nos enunciados sociais torna-se fundamental.

Através dessas lentes analíticas, abordam-se a sociedade e suas transformações. Direcionando-se o olhar para o caso da criança e do adolescente, analisam-se a naturalização dos discursos sociais sobre eles e o modo como o declínio da imagem do pai os deixa vulneráveis a um discurso generalizante dessubjetivante.

Uma das teses apresentadas envolve o enfraquecimento do significante *pai* e a maneira como se dá sua substituição num embate relativo a qual será a instância a sustentar o lugar de representante do Outro. Nessa questão – política –, o discurso segregador costuma desvalorizar a posição da família em alguns grupos sociais. Por essa via, há rupturas na transmissão familiar, substituindo-se a singularização da criança por um discurso social genérico, que incide na constituição do laço social da criança e do jovem. Assim, em face de uma criança genérica, entram em ação discursos e práticas segregatórias.

O toxicômano é tomado como figura produzida pelo discurso social para induzir certo tipo de laço com o outro, no qual o objeto recalca a submissão ao Outro, prometendo um acesso privilegiado ao gozo, um gozo sem dívida, que organiza nosso sintoma social contemporâneo. A violência também ganha destaque na análise do campo social, fundamentalmente por sua característica de estar aparentemente desvinculada do discurso que a produz. Apresentando uma leitura do processo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do caso muçulmano, retirado dos escritos de Walter Benjamin e Giorgio Agamben, a autora aponta a fragilização do registro da experiência e sua incidência na lógica do poder, bem como as saídas possíveis por meio das redes sustentadas pelo desejo e pela construção do comum.

Ao tornar visíveis as relações de saber-poder nas quais se constroem nossos cenários espaçotemporais, não somente seremos capazes de compreender as condições que as suportam, mas abriremos um campo de possibilidades de invenção. Esses processos tornam-se necessários para criar mecanismos de pressão e enfrentamento à submissão ao poder soberano, através do resgate da experiência compartilhada.

Na terceira e última parte do livro, a autora problematiza a lógica da vitimização, pondo em questão o discurso jurídico e as políticas públicas, dirigindo o foco tanto para a individualização quanto para a cena violenta. Há um deslocamento necessário, que traz para a cena a responsabilidade, e não a criminalização. Aqui, o campo da experiência é a clínica e a política da adolescência, interrogada pelo ato infracional. Novamente, as saídas apontadas

incidem sobre a produção de um coletivo que sustente a possibilidade de responsabilização, a qual não recai somente sobre o indivíduo, exigindo antes o compromisso de todos.

O livro chega à conclusão retomando o conceito de psicanálise implicada, isto é, a escuta que considera os efeitos do desamparo discursivo na construção de estratégias e dispositivos relacionados à posição desejante dos sujeitos no laço com o outro, bem como as modalidades singulares e coletivas de enfrentamento dos processos de alienação social. Neste livro, temos um trabalho árduo e necessário de sustentação da clínica política no campo psicanalítico; um texto cuja leitura é indispensável para todos os psicanalistas implicados com seu tempo.

Sandra Djambolakdjian Torossian
Rua Mariante, 650, ap. 302
90430-180 Porto Alegre, RS
djambo.sandra@gmail.com



A disposição para o assombro

LEOPOLD NOSEK

**A DISPOSIÇÃO
PARA O
ASSOMBRO**

Autor: Leopold Nosek

Editora: Perspectiva, São Paulo, 2017, 398 p.

Resenhado por: Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho¹

Este livro de Leopold Nosek, Leo para os próximos, chega em momento mais que oportuno, por nos oferecer uma radiografia da intensa produção científica, cultural e ideológica de um dos mais prestigiados analistas de nosso meio.

Dentro do possível, tentarei abstrair-me de um longo convívio pessoal, para colocar-me diante desta obra como um mero leitor, que de saída estranhou o substantivo *disposição* do título, por evocar, além dos sentidos de vocação e propensão, as ideias de ordenação e determinação. Aceitando o desafio, presente na introdução, de abandonar-me a um movimento especulativo, cheguei a pensar que talvez o termo *anseio* atendesse melhor o espírito norteador desses *estudos indisciplinados* que o autor nos oferece de presente.

Destaco, em suas palavras iniciais, as desculpas por suas “repetições de estimação” e a necessária contextualização quanto a serem textos heterogêneos, já que fruto de convites ou oportunidades advindas das mais variadas esferas, no período entre 2009 e 2016. Com isso, naturalmente, poderemos usufruir não só de sua extensa experiência clínica, mas também de suas intervenções criativas, nos mundos cultural e institucional.

David Hume, o filósofo empirista, valeu-se do termo *conjunção constante* na discussão da causalidade e da inferência. Esse termo foi usado em psicanálise por Wilfred Bion, num sentido livre, para iluminar configurações que surgem contínua e/ou contiguamente. Ao longo de minha leitura, senti que vários elementos estavam constantemente conjugados em relação à configuração das cesuras criadas entre estados de mente, gerando cenários transitórios.

É assim, por exemplo, que podemos entender o “descanso” dos beduínos antes de entrar em casa, para dar tempo de que suas almas alcancem os corpos, que chegaram adiantados; ou então o estado mental referido por Proust para descrever a transição entre sono e vigília; ou mesmo a analogia estabelecida

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

por Lévinas da transição eu-outro com a cesura entre finito e infinito. Não por acaso, Nosek afirma: “Enfim, mais uma vez nos lançamos às transições – do território da palavra falada ao da palavra escrita e deste novamente ao da palavra falada” (p. 268). Em resumo, não creio que seus “ursinhos de estimação” sejam invocados só para aliviar sua solidão, mas principalmente por serem marcos topográficos a iluminar um trajeto construído na escuridão, em que surgem *insights* epifânicos, como a percepção de que “seria mais próprio definir a função da psicanálise na passagem da natureza para a cultura” (p. 287).

Numa dimensão que poderíamos chamar de *funcionalidade filológica*, nota-se a reiteração do uso de palavras apofáticas, ou seja, termos que negam uma afirmação para que, no espaço a ser criado, um significado adquira sua plena expressividade. É então que ficamos conhecendo a “solidão *in*-exorável dos artistas” (p. 137), que somos informados de “que na arte e na psicanálise a nomeação da autoria é *im*-prescindível” (p. 118), de que a ampulheta é uma “*im*-placável vitrine do destino” (p. 172) e de que, ao ouvir a *Sinfonia n.º 2*, de Schumann, “seremos reféns da *in*-venção grandiosa que é a ideia de redenção e da decepção *in*-escapável que ela engendra” (p. 302).

Aproveito a inspiração para assinalar que Nosek, ao contrário de muitos de nós freudianos nostálgicos, está sempre se revelando um freudiano (*in*)-pertinente, como ocorre em múltiplas passagens:

Com a psicanálise, temos, por exemplo, uma teoria da construção do pensamento, como quer Bion, ou da superação do traumático, como propõe Laplanche. Nos termos freudianos, sobretudo na segunda tópica, diríamos: onde ainda não há o espírito, que este possa existir; onde havia o informe, que possa haver forma. (p. 69)

Mas Leo é, acima de tudo, nosekiano, o que lhe permite formular com fluidez um pensamento-síntese de sua visão de mundo, em que estão articulados a informação midiática, a narrativa, a função onírica e o convívio promíscuo entre o reflexivo e o alienante:

Observo aqui o contraste entre a informação jornalística, que justapõe dados que não se diferenciam em sua intensidade emocional, e a narrativa, que nos impõe o esforço de seguir na experiência que ela traz. A informação tem início e fim, é completa, e ao contrário da narrativa não nos faz buscar sua continuidade. Também o sonho não encerra um sentido em si, não veicula uma informação em seu interior – é muito mais um sentido provisório que parte em busca do próprio sentido. Não nos indignamos quando vemos notícias de extrema gravidade justapostas a um gol no futebol. Aliás, esse é o esquema típico em que ser informado coincide com ser alienado. (p. 183)

Um verdadeiro psicanalista tem a metapsicologia circulando em seu sangue. É portanto gratificante nos depararmos com um autor que funciona como fonte seminal de enunciados metapsicológicos:

Os prisioneiros dos campos nazistas corriam risco de morte caso se alimentassem no imediato momento da sua libertação. Ou a liberdade deve ser proposta em quantidades homeopáticas, ou, então, deixar um cárcere implicará construir algum outro cuja evidência tentaremos ignorar. (p. 67)

Ou, evocando um enunciado de Agamben para ilustrar a angústia de Borges, que ansiava conhecer a escuridão de sua cegueira, mas estava imerso numa luz azul-acinzentada: “Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém do seu tempo” (p. 54).

Escolhi de propósito esses dois exemplos para demonstrar que a aura metapsicológica pode estar presente em qualquer setor da vida, desde que tenhamos olhos para enxergá-la, o famoso *the mind's eye* de Shakespeare. No entanto, durante o trabalho clínico, é legítimo que o psicanalista tenha um anseio metapsicológico, o qual, em última análise, nada mais é do que o anseio pelo assombro:

Esse traumático cotidiano das nossas salas exige uma reflexão própria, e fiquemos então apenas com a pergunta: o saber analítico, sua teoria, serão impossíveis? Em vez de conhecimentos capturados, creio que o que podemos pretender é o anseio pelo infinito do outro, é o anseio metafísico de Lévinas ou, no nosso caso, o *anseio metapsicológico* [itálico meu]. (p. 60)

A metapsicologia, e portanto a psicanálise, nunca se arvorou em solicitar diploma de cientificidade, apesar de alguns analistas e muitos não analistas insistirem em fazê-lo. Ela, no entanto, nunca se furtou a produzir indagações epistemológicas, fartamente aproveitadas pela religião, pela arte, pela filosofia, pela história, pela educação, pela mitologia e, ironia clandestina, pela própria ciência. Nesse setor, nosso livro é também muito pródigo:

Talvez se pudesse falar de modernidade como consciência da ruptura. Filha de seu tempo, a psicanálise compreende o sonho como unidade de contrários, isto é, temos aí novamente a ampliação conceitual e prática da apropriação da contradição. Veremos que a desalienação pode ocorrer mediante a apreensão da história de contradições. Autoconsciência de alguma forma se liga à pulsação de contrários e sua percepção. (p. 168)

Em certos enunciados, Nosek mescla a metapsicologia com a epistemologia para, apoiado nesse terreno, prenunciar futuros desenvolvimentos para a psicanálise:

Emerge daí um outro modo de se aproximar dos sonhos. Se antes eles não passavam de “via régia para o inconsciente”, como considerou Freud na primeira tópica, agora, com o inconsciente a ser construído, ... os sonhos, segundo Bion, com uma face voltada para o manifesto e a outra direcionada ao latente, criam simultaneamente o território do consciente e do que Freud chama, em *O ego e o id*, de inconsciente do ego. ... Aqui se anuncia uma terceira tópica, na qual caberia afirmar: onde havia ação, que possa haver o inconsciente. É nesse reino que ocorrerá a aventura psicanalítica – mas essa aventura se dará num espaço virtual e num tempo isento de linearidade. (pp. 266-267)

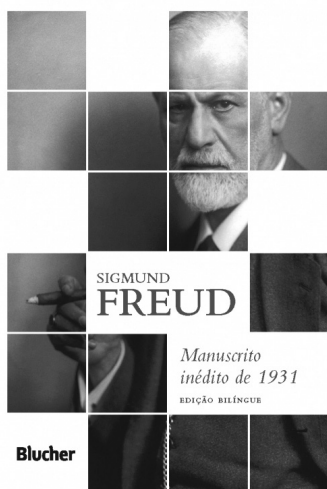
Emérito apreciador da arte, Nosek nos apresenta belas imagens da obra de Leonilson, só nos frustrando, involuntariamente, quando, ao se referir a Schumann e a Beethoven, não consegue a mágica de fazer acompanhar a dança da palavra com a música sublime.

Finalmente, vou me permitir uma indiscrição pessoal. Um tempo atrás, numa exposição em Paris sobre a amizade de Matisse com Picasso, deparei-me com uma frase estampada em letras garrafais: “Quando um de nós morrer, existirão muitas coisas que o outro não terá com quem conversar”. Confesso que pensei, de imediato, em meu convívio com Leo. Gostaria, então, de enumerar alguns pontos do aprendizado fraternal que eu, prazerosamente, hauri lendo este livro:

- a importância das obras de Emmanuel Lévinas e de Aby Warburg;
- a formulação de Hegel sobre o nascimento do eu;
- a ideia de Laplanche de que o traumático não elaborado marcaria o psiquismo como uma pseudopulsão;
- a belíssima descrição, na *Ilíada*, da importância dos cerimoniais de reverência e dor, essenciais à constituição do luto;
- a possibilidade de incluir o traumático e a coragem como elementos de psicanálise, na visão de Bion;
- a sugestão de que o fim da análise não passaria de uma “menopausa espiritual” (justa homenagem ao senso de humor do autor).

Daqui em diante, amigo leitor, deixo a enumeração por sua conta, desejando que possa aproveitar esta preciosidade tanto quanto eu.

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho
 Rua Helena, 170/123
 04552-050 São Paulo, SP
 mr.junqueira@uol.com.br



Manuscrito inédito de 1931

Autor: Sigmund Freud

Tradutora: Elsa Vera K. P. Susemihl

Editora: Blucher, São Paulo, 2017, 120 p.

Resenhado por: Daniel Delouya¹

A descoberta deste manuscrito foi recebida no mundo psicanalítico com certo alívio, restaurando a paz, como se fosse o encontro e a posse definitiva dos restos mortais, há muito tempo esperados, de um ente querido. O manuscrito corresponde ao primeiro dos 35 capítulos da segunda parte do livro *Thomas Woodrow Wilson: um estudo psicológico*, fruto da colaboração de Sigmund Freud com o jornalista e diplomata americano William C. Bullitt, entre 1930 e 1931. Quando esse livro foi publicado nos EUA e na Inglaterra, em 1966, levantaram-se suspeitas quanto à autenticidade da parte atribuída a Freud. A evasão de Bullitt em relação ao destino do manuscrito original de Freud, ao ser questionado em 1939 por Anna Freud, e sua recusa em deixá-la revisar a parte psicanalítica do livro, às vésperas da publicação, reforçaram as suspeitas ulteriores dos críticos do livro, que diziam se tratar de uma transcrição desastrosa (Erik Erikson), uma verdadeira adulteração (Mark Solms) do texto de Freud.

Em 2004, Paul Roazen, historiador da psicanálise, descobriu o manuscrito em meio a uma série de documentos de Bullitt depositada pela filha dele na biblioteca da Universidade de Yale. Após o anúncio e a análise do manuscrito e de seu contexto por Roazen, ele foi publicado em italiano, alemão e inglês nos anos de 2005 e 2006. De 2015 a 2017, surgiram edições comentadas em italiano, francês e, agora, português. As comparações entre o livro publicado e o manuscrito, feitas desde o achado do Roazen, mostram que as supressões e as atenuações grosseiras ou banalizadas do texto freudiano se devem a certa ingenuidade de Bullitt enquanto aluno iniciante e pueril (Erikson), assim como à sua sensibilidade religiosa e diplomática ante os leitores americanos

1 Membro efetivo com funções didáticas na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

interessados política e historicamente no presidente Wilson e em sua desastrosa atuação no palco internacional entre as duas guerras mundiais.

É difícil acreditar que Freud, com 74 anos, cairia num volátil flerte americano. Teria de haver nesse *affaire* algo do amor continental (contraste que Freud marca em 1915, em suas reflexões sobre a guerra). Freud conheceu Bullitt uma década antes, quando este acompanhou a esposa num tratamento analítico. Bullitt exerceu funções importantes como diplomata: participou da equipe americana na Conferência de Paz de Paris, em 1919, e manteve estreita relação com o braço direito do presidente Wilson, o coronel House; nesse mesmo ano, foi enviado a Moscou e esteve com Lênin, logo recomendando o reconhecimento do novo governo bolchevique; em 1934, foi o primeiro embaixador americano na União Soviética; em 1936, tornou-se embaixador em Paris, e essa função lhe possibilitou convencer o presidente Roosevelt a interceder pela liberação de Freud pelos nazistas.

A amizade com Freud se iniciou concomitantemente ao trágico Tratado de Versalhes, em que os EUA perderam a oportunidade de se valer de sua posição para pressionar os aliados e evitar a punição duríssima que impuseram aos impérios vencidos. A consequência dessa omissão foi terrível, levando provavelmente, 15 anos mais tarde, à ascensão do nazismo e ao desencadeamento de uma guerra mundial ainda mais destruidora. Bullitt atribuiu o fracasso do tratado à inépcia do presidente americano, que acabou cedendo aos aliados, incapaz de defender o próprio ideário. Durante as negociações, Bullitt acompanhou os estados neuróticos do presidente e seu desmoronamento mental e físico.

O diálogo entre Bullitt e Freud em torno do presidente e de sua atuação talvez tenha começado no calor dos acordos ou logo depois. Sabemos que Freud leu com interesse, no final de 1921, uma biografia de Wilson, *A história de um estilo*, escrita pelo jornalista William B. Hale, ex-amigo do presidente. Bullitt parece ter escrito uma peça sobre Wilson e a enviado a Freud na véspera de 1928. No início de 1929, Freud confessa ao amigo o grande prazer que teve em mergulhar na leitura dessa peça. Em maio de 1930, Bullitt visita Freud no sanatório em Berlim, onde estava sendo tratado de uma pneumonia. Durante o encontro, Bullitt menciona seu plano de escrever um livro sobre o Tratado de Versalhes. Freud fica muito animado com a notícia, seus olhos brilham, e propõe colaborar na preparação do capítulo sobre Wilson. Desse interesse, nasce a ideia de dedicar o livro, exclusivamente, ao estudo psicológico do presidente.

A oportunidade de realizar um estudo psicobiográfico de quem teve impacto sobre a história contemporânea não poderia escapar das mãos de Freud. O lugar do líder e o seu aporte na moldagem da alma, da história, foi o cerne da descoberta de Freud. A importância de Jacob Freud para Sigmund

Freud, de Moisés para o povo judaico, de Jesus para o Ocidente e do pai da horda para os povos e as religiões, na história e na construção psíquica da humanidade – não seria essa a descoberta que não cessa de ser desviada, denegada, recalçada e recusada pelos estudiosos da história?

Em *Moisés e o monoteísmo*, no tópico “O grande homem”, Freud escreve:

A tendência da época moderna é de relacionar os acontecimentos da história humana ... à influência decisiva das condições econômicas, à mudança da alimentação, aos avanços no uso de materiais e utensílios, às migrações ocasionadas pelo aumento da população e pela alteração do clima. (1939/2018, p. 148)

Negligencia-se o outro, o grande papel que desempenha para o sujeito. Que análise mereceria esse nome se não propiciasse o confronto do sujeito com sua história, a identificação dos líderes de sua infância, a relação com eles, a impressão que deixaram nele?

No intervalo entre a visita de Bullitt em maio e os encontros em outubro, de trabalho sobre o livro, Freud recebe, em 26 de julho, uma carta informando-o de ter ganhado o Prêmio Goethe, que seria entregue na cidade do grande poeta no dia do aniversário dele, 28 de agosto. O estado de saúde não lhe permite comparecer. Seu discurso, lido por Anna Freud, menciona a necessidade biográfica, de conhecer as circunstâncias de vida do grande homem. Se por um lado a necessidade biográfica nos aproxima humanamente desse homem, acrescenta-o aos nossos grandes (pais, professores, entre outros modelos), por outro, ao reduzir a distância que o separa de nós, promove um rebaixamento dele – ele não se saiu melhor do que nós. Nesse processo, lidamos com nossa ambivalência originária em relação aos grandes (Freud, 1930/2010c). Tudo isso diz respeito ao trabalho de luto, à confrontação com a nossa solidão, que encerra nosso crescimento na vida e na análise.

E quando se trata de um grande como o presidente Wilson, contra o qual se nutriu uma enorme antipatia pela dor e pela raiva “das consequências que sua intervenção havia engendrado em nossos destinos” (Freud, 1994, p. 365)? Aqui também o rebaixamento do grande homem exige o trabalho de luto, de aproximação, ainda mais penoso pelo desafio da elaboração de nossas onipotências e pela reconciliação com as limitações de “nosso” grande. No retrato psicológico de Wilson, caberia a Bullitt fornecer o material da “neurose infantil” do presidente, à qual se dedica a primeira parte do livro, assinada por ele, assim como de sua “neurose adulta”, com que teve contato direto. Freud forneceria os subsídios teórico-clínicos para a análise da “loucura do político”.

Wilson era filho de um pastor presbiteriano. Identificado fortemente, desde muito cedo, à figura de *pai incomparável*, ele se enche de soberba

e messianismo político, considerando-se literalmente eleito por Deus para a presidência dos EUA. Freud comenta:

Não sei como evitar o julgamento de que um homem capaz de tomar as miragens da religião tão literalmente, e que é tão seguro de sua intimidade particular com a divindade, seja inapto para se relacionar com os seres humanos comuns.
(1994, p. 365)

Segundo Bullitt, por trás de seus arroubos delirantes, Wilson permaneceu uma criança fanática, feminizada, semi-impotente, com sintomas que denotavam uma hemorragia melancólica associada à sua obsedante fixação ao pai. Freud, por sua vez, se mantém prudente na introdução, mostrando a linha contínua entre o sofrimento neurótico e a vida considerada normal. O manuscrito (adulterado), como dito, representa apenas o primeiro dos 35 capítulos da segunda parte do livro.

Uma vez que a modalidade do complexo do pai ocupa a cena central do interesse pelo presidente, Freud discorre num estilo livre, claro, e não obstante profundo – característico de sua escrita quando se dirige ao público geral –, sobre o complexo de Édipo e seus motores (pulsão sexual, impressões infantis, bissexualidade) e os destinos que toma na vida do sujeito (recalcamento, identificação e sublimação). Trata-se de uma das exposições mais eloquentes de Freud a respeito do tema. Ele volta a enfatizar que o complexo de Édipo se vale da elaboração econômica das disposições bissexuais, *après-coup*, ou seja, das impressões infantis criadas nas relações primárias com os objetos.

A libido, retida em sua estase narcísica primária, se dispõe passivamente às impressões (sedução) iniciais que os objetos efetuam sobre a criança. Num segundo momento, a atividade da libido surge, como que almejando retribuir a dádiva dos objetos, guiando-se por seus caminhos plasmados na criança. É nesse momento, e pelo objeto, que começa o despertar relativo das disposições bissexuais passivo/ativo: o substrato econômico bissexual, a disjunção parcial entre pulsões, obtém valores simbólicos e culturais dos gêneros masculino e feminino, que se supõe contidos nas mensagens provenientes dos objetos, endereçadas à criança. Dependendo de como o valor simbólico se configura no objeto, sua mensagem efetuará, no menino, em maior ou em menor grau, uma disjunção entre as pulsões e sua descarga para fora (agressividade explícita); na menina, a disjunção das pulsões tenderia a fixar a agressividade dentro, a serviço de uma submissão. Com a diferenciação do objeto, cinco tendências da libido – narcísica, passiva e ativa em relação ao pai, passiva e ativa em relação à mãe – entram em conflito, gerando um complexo, o edípico.

Aqui Freud detalha a economia da elaboração bissexual na estruturação do complexo de Édipo tal como exposta no terceiro capítulo do livro *O eu e o*

id (1923/2011a). A eclosão do conflito põe em evidência a castração, de forma que o complexo, agora de castração, fica em vias de encontrar seus destinos no recalçamento, na identificação e na sublimação. A complexidade na elaboração desses destinos é grande. Basta, no entanto, mencionar a ênfase de Freud sobre a identificação e a sublimação: a identificação molda o supereu e seu regime; a sublimação permeia a inserção social do sujeito entre os outros, pela atenuação das metas pulsionais e a substituição de seus objetos. O presidente Wilson é mencionado com a promessa de, por meio dele, demonstrar mais tarde o caso de uma identificação com o objeto perdido. Na sequência, surge a conhecida fórmula de Leonardo da Vinci de uma dupla identificação, em que o sujeito se coloca no lugar de um dos pais e investe determinado objeto, que ocupará o lugar que o sujeito gostaria de ter ocupado para esse adulto.

As últimas páginas do manuscrito atraíram atenção especial pela ideia da identificação com Jesus Cristo.

Essa identificação é, por assim dizer, um acontecimento que se dá com bastante regularidade na vida de um cristão e pode ser demonstrada em pessoas totalmente normais ... é capaz de uma façanha: a conciliação *como que por milagre* de dois desejos extremamente potentes e absolutamente antagônicos por meio da satisfação simultânea de ambos ... ser totalmente passivo e submisso em relação ao pai, e completamente feminino, e por outro lado ser totalmente masculino, poderoso e dominador como o próprio pai. (p. 79)

Cristo foi capaz de chegar a tal resolução do complexo de Édipo. Foi essa a razão da difusão do cristianismo, pois “*Cristo é justamente a conciliação mais perfeita de masculinidade e feminilidade* [itálico nosso]”, com o que garantiu à religião cristã uma longa existência, porque significa “uma salvação do conflito mais difícil” (p. 81). Que passagem mais impressionante! Se a crítica à religião, desde os textos de 1907-1913 até os de 1927-1938, é dirigida quase que exclusivamente ao cristianismo, justamente pela tendência de recusar a realidade da castração, surpreende essa nova afirmação de que a identificação com Cristo é a mais perfeita solução do complexo de Édipo. Para apreender e integrar essa nova formulação de Freud dentro da longa elaboração que ele dedica a Jesus Cristo e ao cristianismo desde 1911 (2010b), e sobretudo em 1938, seria preciso dispor de um espaço maior.

O judaísmo e o cristianismo se constituíram em relação ao assassinato do pai. No judaísmo, a distância entre o pai morto e seus filhos é intransponível. Somente o trabalho de luto garante a conquista da *Geistigkeit*, a intelectualidade (espiritualidade). Essa seria a matriz do regime ideal, e apenas um grupo escolhido, capaz de assumir a figura abstrata de Deus e renunciar a qualquer proximidade material com ele, sendo Deus reduzido a um puro

nome, seria digno de sustentar a religião como tal. Essa é uma exigência extremada e, segundo a elaboração do mito do assassinato do pai em *Totem e tabu* (1913/2012), ela é insustentável. Seria preciso liberar, de tempos em tempos, o trabalho de luto e imergir na mania da transgressão, da quebra dos ideais, no rito coletivo do assassinato do pai, devorando-o em refeição totêmica e assumindo seu lugar. Nessa materialização corporal, toma-se o lugar do pai todo-poderoso.

Freud estabelece uma relação entre a cerimônia de comunhão cristã e a refeição totêmica. A admissão do assassinato do pai (Deus) e a expiação da culpa dos irmãos no sacrifício do filho na cruz, deslocando o crime ao pecado original (a descoberta da sexualidade), na doutrina de Paulo de Tarso, rompem com a estreita verticalidade da religião judaica, humanizando-a em direção horizontal e levando-a para o derradeiro retrocesso politeísta e polimórfico, como vem atestando a história, o que Freud não deixa de explicitar em sua obra sobre Moisés.

Esse avanço na humanização do monoteísmo, com o aparecimento da religião do filho, o qual se torna Deus pela licença em se identificar com o pai tanto por uma via aferente (feminina, submissa) quanto por uma via eferente (masculina, ativa), aponta uma solução identificatória condizente com a vida no Ocidente. Entretanto, ela é economicamente vulnerável à regressão para uma ressexualização, podendo culminar em êxtase maníaca, apoderando-se do corpo de Deus, mas suprimindo uma parcela considerável da conquista cultural do regime do ideal e de todo o seu labor sublimatório. Por outro lado, a insistência no aporte mosaico, que assume a sublimação ao extremo, corre o risco de levar a uma dessexualização, ao desarranjo da junção entre as pulsões, como assinala *O eu e o id*, obrigando os sujeitos a buscar um remendo no masoquismo moral, na culpa e na punição inconscientes, como demonstra a história judaica.

Voltando ao manuscrito, parece que Freud estava preparando o terreno, como em outros ensaios, para adentrar o universo psíquico de Wilson e sua neurose. Provavelmente, ia mostrar que, no ex-presidente americano, a solução milagrosa da dupla identificação com Jesus sofre uma regressão, uma ressexualização da via aferente, como indica a relação de Wilson com seu “incomparável” pai. Luís Carlos Menezes desenvolve essa linha com finura no posfácio do manuscrito, a partir dos sintomas históricos que Wilson manifesta em meio às negociações do Tratado de Versalhes. Esse destino do masoquismo do eu, que Freud conjectura em 1924 (2011b), já é assinalado em “Batem numa criança” (1919/2010a).

O manuscrito aponta uma via de construção de Freud em torno de Wilson, interrompida, ao que tudo indica, por Bullitt. Este afirma, na introdução do livro, que a interrupção do projeto e seu abandono em 1932 se devem

à teimosia de ambos e às diferenças religiosas entre eles. Bullitt não concordou com os “acréscimos” de Freud. Somente com o exílio dele na Inglaterra houve acordo quanto à publicação da versão previamente alcançada. Para Freud, em certo momento, tratava-se apenas de uma introdução ao livro de Bullitt (assim anuncia ele no final da década de 1930 para seu amigo íntimo Stefan Zweig). Na correção do texto introdutório para o livro, Freud escreve: “No que diz respeito à parte analítica, o trabalho principal e a maioria das conclusões são de Bullitt, mas fiz tantos acréscimos e mudanças que posso compartilhar a responsabilidade pelo resultado” (citado por Solms, 2006, p. 1276).

Enfim, Bullitt impediu que um belo trabalho de Freud (mais um!) alcançasse seu termo. Entretanto, os dois textos originais – a introdução e o manuscrito – são certamente de imenso valor e beleza e devem ser integrados às próximas edições das obras completas editadas no Brasil.

Referências

- Freud, S. (1994). Introduction à S. Freud et W. C. Bullitt, *Thomas Woodrow Wilson*. In S. Freud, *Œuvres complètes* (J. Altounian et al., Trads., Vol. 18, pp. 365-372). Paris: PUF.
- Freud, S. (2010a). “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 293-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010b). “Grande é a Diana dos efésios!”. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 355-358). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010c). O Prêmio Goethe. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 355-364). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011a). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011b). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 184-202). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 13-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939)
- Solms, M. (2006). “Freud” and Bullitt: an unknown manuscript. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 54(4), 1263-1298.

Daniel Delouya

Rua Capote Valente, 439/104

05409-001 São Paulo, SP

danieldelouya@gmail.com



O homem subjugado

O dilema das masculinidades
no mundo contemporâneo

Autora: Malvina E. Muszkat

Editora: Summus, São Paulo, 2018, 176 p.

Resenhado por: Luciana Saddi¹

O livro *O homem subjugado*, da psicanalista Malvina E. Muszkat, surpreende ao questionar uma série de dogmas do feminismo e do senso comum, além de apresentar aspectos inusitados, insuspeitos e sofridos do homem agressor. A leitura do machismo proposta pela autora, leitura que perpassa todos os capítulos do livro, é criativa, interessante e – me parece – inovadora, pois transcende a mentalidade típica da sociedade patriarcal, que entende homens como algozes e mulheres como vítimas.

Indo contra a corrente, Muszkat, que já foi dirigente da ONG Pró-Mulher, Família e Cidadania, realiza grupos de atendimento e escuta não apenas com mulheres agredidas, mas também com agressores, os homens. Essa nova prática nasce da própria experiência de grupos terapêuticos com mulheres que padecem com a violência familiar, e – acredito – contraria a corrente feminista que entende os homens como abusadores naturais e as mulheres como vítimas inatas. No simples ato de realizar grupos terapêuticos para agressores, há uma boa dose de ruptura com o senso comum e, talvez, com algumas das mais preponderantes características da mentalidade patriarcal, a divisão por gênero (como se homens e mulheres fossem totalmente diferentes) e a lógica da prisão como punição.

Escutar agressores, compreender e validar seu sofrimento, questiona radicalmente tanto o princípio de que as mulheres são vítimas como a noção arraigada de que a punição prisional reeduca a sociedade. Os achados da autora levam-na a pensar que os homens agressores não se beneficiam tanto assim

1 Psicanalista e escritora. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autora dos livros *O amor leva a um liquidificador* (Casa do Psicólogo), *Perpétuo Socorro* (Jaboticaba), *Alcoolismo* (Blucher) e *Educação para a morte* (Patuá).

– como gostaríamos de acreditar – da sociedade patriarcal. Se não se beneficiam tanto disso, pode ser que também não sejam, ao agredir mulheres, merecedores somente de punição e desprezo. É possível que venham a merecer tratamento psíquico, cuidados psicológicos, para desenvolver outras formas de lidar com dificuldades, conflitos e faltas.

Da experiência do trabalho com homens agressores nasce uma teoria central na questão da violência de gênero, teoria que considera as consequências da sociedade patriarcal para ambos os sexos. Muszkat examina as subjetividades forjadas pelo patriarcalismo, e as expõe tanto no sentido das forças que submetem e agredem as mulheres como no das que conformam os homens a um modelo rígido, autoritário e feroz de reagir. Segundo a autora, homens reagem com violência quando sua autoridade é questionada e quando temem o aparecimento de aspectos vistos como femininos e ternos, que contestariam o que a sociedade patriarcal se habituou a definir como masculinidade.

Desmistificando a posição de vítima das mulheres, posição confirmada pelo feminismo mais convencional, a autora mostra que muitas mulheres, ao se frustrar com os homens, pois deles esperam o desempenho do papel tradicional que lhes foi outorgado pelo patriarcalismo, os provocariam de forma velada, apertando, cutucando o exato ponto, o da fraqueza, e causando uma reação em forma de força física e agressão, que confirmaria o suposto básico de machezas atribuído aos homens. Em cumplicidade inconsciente, ambos trabalhariam em prol da reafirmação do suposto naturalizado de que homens são machões e se utilizam da força. Esse é o ponto de ebulição de parte das agressões de gênero examinadas no livro. É no momento de ameaça do “macho” que a violência surge. À medida que os homens, no trabalho terapêutico de grupo, se reconhecem com medo das fraquezas e se percebem na obrigação insana e impossível de sustentar sempre a representação de força e virilidade a eles imposta pela sociedade patriarcal, sua violência decai. Eles se abrem para novas formas de relação, pondo em palavras o que antes era pura reação à ameaça.

No trabalho analítico da autora – ressaltado – são considerados casos de violência diversa, que vão do ataque verbal ao assassinato e que não dependem de estrato social, pois a experiência de Muszkat é bastante ampla e deveras longa no tempo. Segundo ela, até os homens mais violentos podem, no decorrer do trabalho, se envergonhar e se arrepender do uso de força contra as mulheres e, sobretudo, encontrar novas maneiras de comunicação.

Como consequência dessas descobertas, que desconstroem a demonização dos homens e a vitimização das mulheres, Muszkat questiona a eficiência da Lei Maria da Penha na proteção das mulheres. Afirma que, desde sua vigência, a violência contra a mulher aumentou exponencialmente, pois validou a tese convencional que põe homens de um lado e mulheres do outro,

creditando à sociedade patriarcal o prejuízo exclusivo das mulheres. A autora não questiona a necessidade da lei, mas coloca em dúvida sua eficiência como medida protetora para a mulher. Desse questionamento nasce uma genuína indagação sobre os efeitos da punição prisional e da judicialização como política pública. Se a punição, ou a ameaça de punição, contida na lei não diminui nem interrompe a violência contra a mulher – e os números brasileiros nesse quesito são desesperadores –, por que não atrelar a essa medida outras medidas, fora da lógica do encarceramento? Ela acredita que seria mais eficiente propor alternativas à pena prisional, dar outro tratamento para os homens, um tratamento que, em vez de reforçar ainda mais as demandas da sociedade patriarcal, desconstrua essas demandas, considerando as expectativas e as subjetividades forjadas no patriarcado como as geradoras de grande parte desse tipo de violência.

Os procedimentos adotados, o trabalho clínico descrito por Muszkat e seus resultados clínicos e teóricos são característicos do método psicanalítico: trazem à tona uma visão inusitada, um sentido insuspeito, fora do senso comum. Não é à toa que Herrmann (1979/2001) o denominou *método interpretativo por ruptura de campo*, pois há certa dose de violência, de perturbação, no aparecimento de algo novo, não apenas pela surpresa (por si só um tanto desestabilizadora), mas também pelo desequilíbrio do que já estava estabelecido. Esse desequilíbrio obriga-nos a um rearranjo e impõe uma nova ordem. Novos sentidos são disruptivos, costumam questionar crenças e sistemas arraigados, põem em dúvida e até mesmo suspendem o conhecimento anterior, que parecia sólido.

Ao longo do livro, a autora contraria algumas teses feministas, examina as consequências da sociedade patriarcal tanto para homens como para mulheres, discute a eficiência protetora da Lei Maria da Penha e vai muito além disso. Ela trata das principais questões da atualidade em torno do binômio homem/mulher; põe o leitor diante de um pensamento que articula e problematiza pontos levantados pelos estudiosos de gênero, do feminismo e das mudanças na sociedade patriarcal decorrentes dos movimentos de grupos minoritários; considera a evolução do pensamento sobre o gênero nas últimas décadas e também o questiona; investiga profundamente a construção das subjetividades; utiliza a neurociência e a antropologia como ferramentas para validar certas descobertas clínicas; e revisita alguns mitos.

Ao tecer uma narrativa fluente, Muszkat cria a impressão de que somos levados a um passeio pela história, pela religião, pela psicologia, pela psicanálise, pelas ciências sociais etc. Vale a pena destacar o tratamento dado à ternura no desenvolvimento dos meninos e na relação deles com a mãe, uma das mais belas passagens do livro, que confirma a arguta observação da autora e sua excelente capacidade de desconstruir preconceitos e dogmas.

Acredito que *O homem subjugado* seja destinado não apenas aos iniciantes em questões tão intrincadas e debatidas nos últimos tempos. Sua utilidade é maior. Caracteriza-se como sùmula do trabalho de toda uma vida voltada a pensar e a tratar os problemas de gênero, bem como a violência subjacente às relações familiares. Uma experiência com tal densidade deve ser bem conservada e passada adiante, pois costuma servir como farol para as futuras gerações.

Referências

Herrmann, F. (2001). *Andaimes do real: o método da psicanálise* (3.^a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1979)

Luciana Saddi
Praça Morungaba, 66
01450-090 São Paulo, SP
lusaddi@uol.com.br



Elogio dell'inconscio

Dodici argomenti in difesa della psicoanalisi¹

Autor: Massimo Recalcati
Editora: Bruno Mondadori, Milano,
2007, 140 p.

Resenhado por: Fabiano Veliq²

Massimo Recalcati é um ferrenho defensor da psicanálise e de sua atualidade para pensar os problemas contemporâneos. Em *Elogio dell'inconscio: dodici argomenti in difesa della psicoanalisi*, ele propõe 12 argumentos a favor da psicanálise, em resposta à conturbada obra *O livro negro da psicanálise*, organizado por Catherine Meyer, lançado em 2005 na França e em 2011 no Brasil. Em seu livro, Recalcati demonstra toda a sua paixão pela psicanálise e explicita como essa área do saber pode servir para abordar diversas questões do homem de hoje.

Com seus 12 argumentos, o autor procura fazer um percurso ascendente pela teoria psicanalítica, trabalhando primeiro o inconsciente como uma invenção freudiana. Segundo ele, Freud é quem inventa o inconsciente com uma razão e uma ética; com Freud, o inconsciente deixa de ser algo assimilado ao irracional, ao incompreensível, e passa a ser uma instância psíquica dotada de um sentido encoberto, que pode ser acessado pela análise.

O meu elogio do inconsciente pretende ser um elogio do inconsciente freudiano. O passo dado por Freud, com efeito, não tem antecedente, porque o inconsciente não vem pensado tanto como uma obscuridade inacessível da psique, como um subsolo da razão, mas como uma razão dotada de um rigor ético e de uma gramática própria. (p. 2)

Ao situar o inconsciente como uma nova razão, Freud empreende uma interessante inversão do Iluminismo. O eu deixa de ser senhor em sua própria casa, e outra razão exige ser escutada. O inconsciente inventado por Freud

1 *Elogio do inconsciente: doze argumentos em defesa da psicanálise.*

2 Doutor em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

faz nascer em nossa cultura o sujeito do desejo, que contraria a noção de um eu que controla todas as coisas – que é antes controlado por algo que não compreende. De centro da vida psíquica, o eu passa a ser uma simples parte, e isso representa uma grande ferida narcísica para o ser humano, provocada pela psicanálise.

A invenção do inconsciente propõe um redimensionamento da esfera da consciência. Os sonhos, os lapsos, os atos falhos passam a ter um sentido que antes lhes era negado. Se antes os sonhos eram vistos como uma mensagem dos deuses, agora são vistos como uma mensagem do próprio sujeito, que ele não deseja escutar e que, por isso, rejeita. Esse inconsciente não se mostra como uma instância estanque. É um inconsciente que trabalha e participa da vida do sujeito de forma ativa; é algo que anima a vida do sujeito e o põe em movimento. Nesse sentido, a invenção freudiana significa uma grande subversão para o sujeito.

O segundo argumento de Recalcati diz que o inconsciente não é fechado em si mesmo, mas é sempre algo que depende do outro. A constituição de minha própria imagem depende de um modelo externo a mim. A interioridade do sujeito é uma exterioridade interiorizada e, por isso, não se pode acusar o inconsciente de ser apenas uma instância mais íntima e inacessível, pois todo o sujeito é constituído a partir de relações externas que estabelece com o outro. Esse contato com o outro, da mesma forma que constitui o sujeito, leva-o a uma perda de gozo para que possa viver em comunidade. É isso que Freud chama de *mal-estar na civilização*.

O terceiro argumento sustenta que a psicanálise faz uma dura crítica ao princípio de identidade. Ao dizer que o eu não é mais senhor em sua própria casa, a psicanálise afirma que ele não é algo sólido, que é sempre atravessado pelo outro e que está sempre em processo de construção. Dessa forma, o eu se constitui um hóspede em sua própria casa.

Com essa proposta, a psicanálise produz uma crítica que se opõe a qualquer ênfase unilateral do homem, estimulando a tolerância e o respeito à razão do outro. Isso aponta na direção de que o sofrimento humano não viria de uma fragilidade do eu, mas de seu reforço excessivo. A ideia de um eu constituído mostra-se uma grande loucura para a psicanálise.

De acordo com Recalcati, a crença num eu sólido, sem um inconsciente, é totalitária e acentua o narcisismo do sujeito. Com isso, geram-se diversas doenças psíquicas. O excesso de defesa do sujeito acaba por tentar cancelar o sujeito do inconsciente. O sujeito rompe o contato com sua realidade interna, com seu desejo, e se solidifica sobre a ilusão de seu próprio eu. Para o autor, isso seria uma espécie de psicose branca e caracterizaria de forma significativa a sociedade contemporânea.

O quarto argumento mostra que a psicanálise propõe ao sujeito uma responsabilidade radical. Na medida em que obriga a um descentramento do eu, reduzindo a ambição narcísica de ser mestre na própria casa, ela sugere uma ética que não busca um fundamento universal, mas que é sempre singular e contingente ao sujeito. O que conta não é a adesão a uma lei transcendente e absoluta, mas a coerência com nosso desejo inconsciente. Dessa forma, a responsabilidade proposta pela psicanálise é uma responsabilidade radical do sujeito para consigo mesmo. Se não há um padrão a ser seguido, cada um se torna responsável diante do próprio desejo, não apenas em relação à sua consciência, mas também em relação a tudo o que o outro fez por ele.

O quinto argumento exalta o caráter indestrutível do desejo. Liga-se, assim, ao argumento anterior, pois a indestrutibilidade do desejo aponta para a responsabilidade radical a que o homem é convidado pela psicanálise. A única culpa que cabe ao sujeito é de se afastar do próprio desejo. Como o desejo sempre diz respeito à particularidade do sujeito, afastar-se dele significa afastar-se de si mesmo. Ao mostrar o caráter indestrutível do desejo, a psicanálise põe o homem novamente diante de si e o torna responsável.

O sexto argumento afirma que a psicanálise realiza uma crítica à ideologia da liberação contemporânea. Recalcati diz que o inconsciente freudiano exige a experiência do limite, isto é, da castração. Não existe sujeito que não seja castrado, pois é a castração que o coloca no campo da linguagem. Para alguém se constituir como sujeito, é necessário haver a experiência do limite. O inconsciente contrasta com a ideologia da liberação contemporânea, que não aceita o *não* como parte da vida. O imperativo contemporâneo do *dever gozar* estimula a queda da experiência do limite, levando o sujeito a um gozo cego, que destrói a vida e impede todo tipo de atividade sublimatória.

O sétimo argumento diz que, para a psicanálise, o inconsciente é algo que indica não apenas o passado, mas também o futuro. Mais que um simples voltar-se para trás, o ato de lembrar é uma construção do sujeito, o qual refaz seu passado a partir da memória. Segundo Recalcati, a própria noção de transferência aponta nessa direção, uma vez que nela o processo de rememoração remete à força criativa para formar um laço com o analista. Dessa forma, o analista se assemelha não a um arqueólogo, que procura verdades escondidas, mas a um químico, que busca compor algo novo com os diversos elementos de que dispõe, ou seja, com o que lhe é dado pelo paciente. Nesse sentido, para o autor, a análise produz o inconsciente.

O oitavo argumento é o de que a cura proposta pela psicanálise é diferente da cura de outras terapias. Para a psicanálise, a cura vem pela palavra, numa relação de transferência entre analista e paciente. Na época das terapias breves e orientadas para o bem-estar social, a psicanálise aparece como uma terapia fortemente crítica, um tratamento que visa não resolver um problema

pontual do sujeito ou fazê-lo adaptar-se a um quadro paradigmático de normalidade, mas levar o sujeito a reconciliar-se com seu desejo inconsciente.

O nono argumento declara que o sintoma aparece como defesa da particularidade, ou seja, como uma expressão da verdade do sujeito. De acordo com o autor, o sintoma tem sempre um caráter particular e não pode ser reduzido a uma simples anomalia patológica. Recalcati tece uma dura crítica às terapias cognitivo-comportamentais (TCCs): diz que elas trabalham com uma noção que reforça o eu, fazendo com que o inconsciente seja excluído do processo. Para o autor, em sua maioria, as TCCs buscam a adaptação do sujeito ao meio em que vive; mostram que o mal que o paciente sofre é apenas um erro na maneira como conduz seu pensamento; dessa forma, se ele reconduzir seu pensamento à direção correta, o sintoma desaparecerá e a cura virá.

A psicanálise, por sua vez, não vê o sintoma desse modo, mas como um elemento que revela algo do inconsciente do sujeito, algo que deve vir à tona no processo de análise – afinal, o pressuposto antropológico da psicanálise é bastante diferente do pressuposto adotado pelas TCCs.

O décimo argumento afirma a existência da pulsão de morte, ressaltando que o sintoma é uma formação de gozo e que a vida, ao contrário do tratamento dado pelas TCCs, não visaria o próprio bem. A noção de pulsão de morte é um tema muito caro ao autor, e ele procura desenvolvê-lo no livro *L'uomo senza inconscio* [O homem sem inconsciente] (2010), em que diz que nossa época se caracterizaria por um abandono do inconsciente simbólico e uma exaltação do inconsciente enquanto id ou pura pulsão de morte.

O inconsciente como lugar do desejo recalcado é o que foi elogiado por Recalcati nos argumentos anteriores; este outro inconsciente, como pulsão de morte, aparece como a grande novidade do pensamento freudiano. Com a noção de pulsão de morte, Freud isola um traço fundamental da natureza humana: o fato de que o ser humano não deseja o próprio bem; deseja antes gozar, mesmo que esse gozo conduza a algo para além do seu bem. É como que um impulso ao excesso, ao perigo, a ponto de querer gozar de qualquer forma, ainda que isso lhe custe a vida. É uma tendência a buscar o próprio mal, procurar o que pode conduzi-lo à destruição. O sujeito do inconsciente se revela aqui não como desejo, mas como vontade de gozo, para além do bem e do prazer. O sujeito se encontra contra si mesmo, contra a própria vida. Para Freud, a guerra ilustraria algo dessa pulsão de morte, algo que não se deixa governar pelo programa da civilização.

A pulsão de morte, segundo Freud, não só se caracteriza pela tendência à repetição como se liga de forma direta ao narcisismo. Uma vez que a pulsão de morte se desenvolve a partir da pulsão de autoconservação, ou pulsão do eu, surge a questão sobre o que une a autoconservação à autodestruição. “O extremo narcisismo, a defesa extrema da própria identidade, conduz à destruição da

vida”, diz Recalcati (p. 111). Desse modo, a doença não é fruto de um enfraquecimento da identidade do sujeito, mas de um reforço extremo dela.

O décimo primeiro argumento é um desdobramento do décimo e afirma que o centro de preocupação da psicanálise é não a retórica do bem-estar, mas o “pior” do sujeito. Com isso, ela se mostra uma dura crítica da sociedade atual. A psicanálise é uma clínica do pior (o pior do gozo), e não do bem-estar. Essa constatação leva o autor a postular duas vias principais para a clínica contemporânea.

A primeira é a via traumática do excesso, que se funda no quadro moderado pelo princípio do prazer e conduz o sujeito à própria destruição, como na toxicomania e na bulimia. A segunda é a via subtrativa, que se constitui por um retirar-se da vida, numa espécie de narcotização progressiva, como no caso da depressão e da anorexia grave. Segundo Recalcati, “adição e subtração, excesso e narcotização, indicam os dois polos de uma economia do gozo que define efetivamente o sujeito contemporâneo” (p. 118).

De acordo com o autor, o grande desafio para a psicanálise em nossa época é como tratar a pulsão de morte a fim de que ela permita ao sujeito inventar e criar, ou seja, como alcançar uma nova aliança entre a pulsão de morte e o desejo de forma que o impulso a um gozo mortífero diminua, sendo canalizado para uma realização positiva.

O décimo segundo e último argumento de Recalcati a favor da psicanálise diz que ela contribui muito para o discurso pedagógico-educativo, uma vez que estimula o sujeito a se conhecer perenemente, mesmo que o conhecimento completo de si nunca seja possível. A ignorância do sujeito diante de si mesmo é o grande motor da psicanálise, a qual convida o sujeito a produzir um novo saber acerca de si. Por isso, para o autor, a formação analítica está sempre sendo feita.

Fabiano Veliq

Rua Alcobaça, 132, bloco 2, ap. 302

31255-210 Belo Horizonte, MG

veliqs@gmail.com

Orientação aos colaboradores

I. Linha editorial. Informações gerais

A *Revista Brasileira de Psicanálise*, publicação oficial da Federação Brasileira de Psicanálise e filiada aos agrupamentos da Associação Psicanalítica Internacional, vem sendo editada regularmente desde 1967. Seu objetivo é divulgar o melhor da produção literária psicanalítica nacional, estimulando a reflexão e o debate e inserindo as questões pertinentes à psicanálise no contexto científico, cultural, social e político contemporâneo. As edições podem ser organizadas tematicamente. Cada número inclui artigos originais, entrevistas, tradução de trabalhos de autores estrangeiros e resenhas. Sua periodicidade é trimestral.

II. Submissão de manuscritos

Os artigos deverão ser limitados a 40 mil caracteres (com espaços) incluindo todos os resumos e palavras-chave (espanhol, inglês e francês); em caso de resenha, o texto deverá ter no máximo 15 mil caracteres (com espaços). Os textos devem ser encaminhados para a *Revista Brasileira de Psicanálise*, em arquivo eletrônico Word no formato *.doc ou *.docx, via e-mail para rbp@rbp.org.br.

III. Forma de apresentação do manuscrito

As normas da *Revista Brasileira de Psicanálise* baseiam-se nas normas da American Psychological Association (APA), no que diz respeito à apresentação das citações no texto e às referências bibliográficas. Elas estão disponíveis no site da *Revista* e são publicadas no último número de cada volume.

IV. Ética

- 1) A *Revista Brasileira de Psicanálise* reserva-se o direito de não tornar público os pareceres técnicos sobre os originais que lhes são enviados.
- 2) A *Revista Brasileira de Psicanálise* também se reserva ao direito de responsabilizar plenamente o autor quanto a possíveis plágios e suas consequências legais.
- 3) Cabe ao(s) autor(es) responsabilizar-se inteiramente pelas informações contidas em seu artigo, principalmente, quanto ao sigilo ético dos casos clínicos,

bem como pelas consequências legais deles decorrentes. Reafirmamos que a revista é indexada eletronicamente e o autor deve estar ciente que seu artigo pode ser livremente acessado via internet.

Assinaturas

Pedidos de assinatura e números avulsos:

- Assinatura individual
(compreende 4 exemplares, não inclui números especiais e monografias):
À vista: R\$ 230,00
ou
Parcelado: 2 pagamentos de R\$ 115,00
- Assinatura para o exterior (porte mínimo): US\$ 100,00
- Números avulsos: R\$ 65,00

Revista Brasileira de Psicanálise

Órgão Oficial da Federação Brasileira de Psicanálise

site: www.rbp.org.br

e-mail: rbp@rbp.org.br

Nome

Endereço.....CEP.....

Cidade.....Telefone.....E-mail.....

Indique com um x

Assinatura anual

Números avulsos 1 2 3 4 Ano:

Formas de pagamento:

1. Cheque nominal a:

Revista Brasileira de Psicanálise

Rua Sergipe, 475, sala 807, 8º andar

01243-001 São Paulo, SP

Tel.: 11 3661-9473

Enviar em um envelope junto com este cupom.

2. Ordem de pagamento para:

Revista Brasileira de Psicanálise – CNPJ: 42.282.996/0002-04

Bradesco – Banco Brasileiro de Descontos (Banco 237)

Agência: 0614-9 (Higienópolis)

Conta-corrente: 6250-2

Obs. 1: Em caso de ordem de pagamento, solicitamos o envio do comprovante de depósito para o email:
rbp@rbp.org.br

Obs. 2: Para a solicitação de números atrasados, comunique-se com a Secretaria da RBP no endereço acima.



Impresso na cidade de São Paulo, em outubro de 2018
pela Lis Gráfica e Editora
para a Federação Brasileira de Psicanálise